





Rondonia



Serie 5.^a

BRASILIANA
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Vol. 39

E. Roquette-Pinto

—

Rondonia

4.^a edição



Companhia Editora Nacional

S. PAULO - RIO DE JANEIRO - RECIFE - PORTO ALEGRE

1938

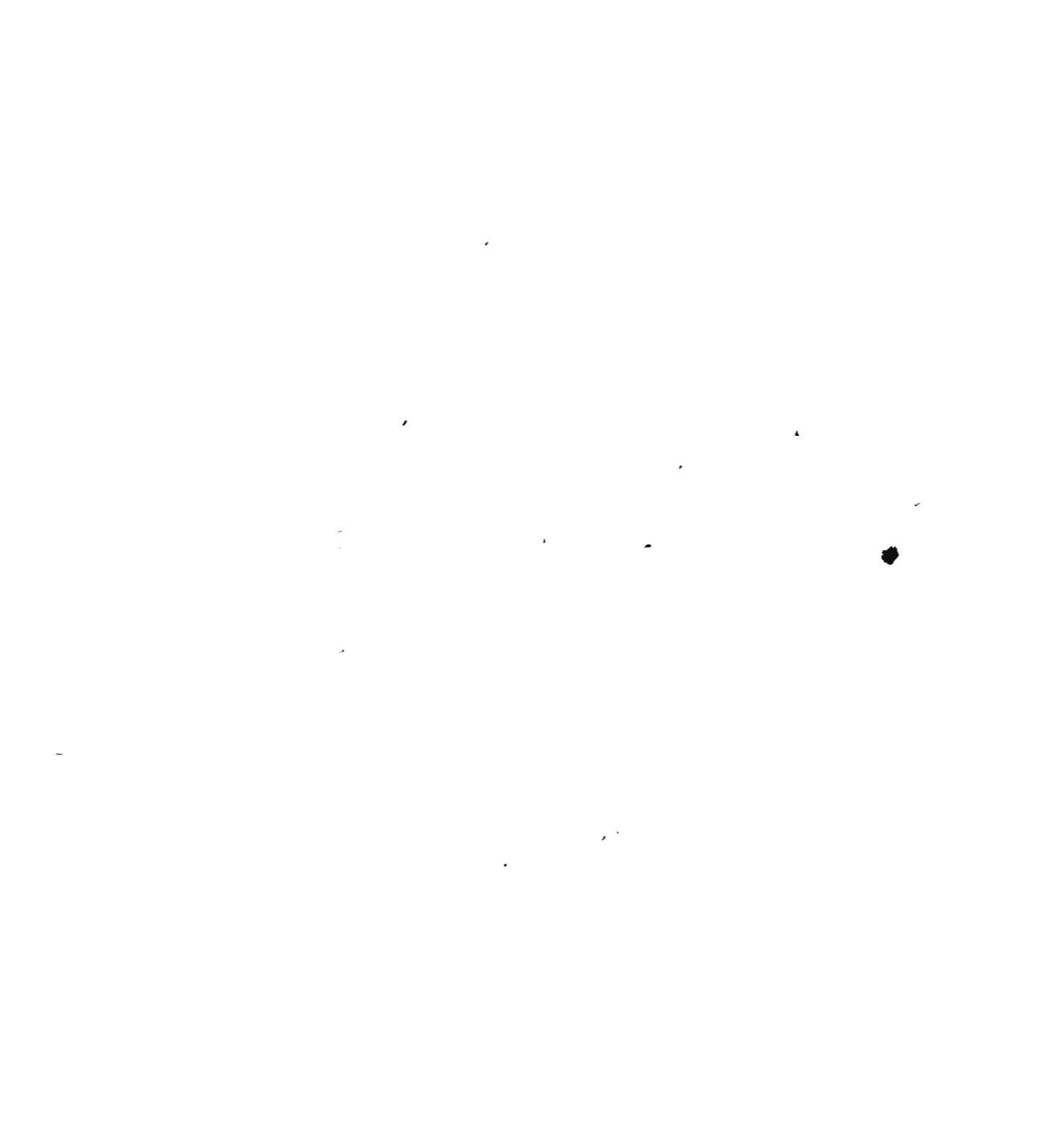
Do mesmo autor:

Nesta Série:

ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA BRASILIANA
Vol. 22

Edição da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
S. PAULO

*Possam os meus filhos, nestas paginas,
encontrar motivos para amar ainda mais
o Brasil e razões para bem servi-lo.*



Prefacio da quarta edição

Antonio Pyreneus de Sousa — meu guia dedicado na viagem de 1912, de que surgiu este livro, foi dos mais gloriosos soldados nos trabalhos titânicos de desbravamento e ocupação das terras dilatadas da RONDONIA. Morreu no Rio de Janeiro a 18 de Fevereiro de 1936. A noticia de seu falecimento mal appareceu nos diarios, em tres ou quatro linhas.

Só o "Jornal do Commercio" recordou, em frases concisas, a grande vida dedicada ao Brasil.

Sertanejo de Goyaz, estudante aplicado da velha escola militar da Praia Vermelha, logo no inicio da sua carreira de oficial de infantaria figurou entre os mais dedicados, capazes, bravos e serenos logares-tenentes de Rondon, que era Major de Engenheiros quando recebeu, em 4 de Março de 1907, a Comissão Construtora da Linha Telegrafica de Mato Grosso ao Amazonas. Antonio Pyreneus de Sousa, 2.º tenente, era escolhido pelo chefe a 11 do mesmo mês. A linha telegrafica — foi o pretexto. A obra de pesquisa e levantamento foi tudo. Theodoro Roosevelt dizia que a America, pode apresentar ao Mundo duas realizações ciclopicas: ao norte — O Canal do Panamá, ao sul, as conquistas geograficas de Rondon. Pyreneus teve, nessa construção, ao mesmo tempo scientifica, pratica e humanitaria, um posto honroso, que o chefe nunca deixou de assinalar e os companheiros sempre timbraram em admirar e louvar. Na Expedição ao Rio Madeira, Pyreneus foi o encarregado do serviço

de Acampamento e Transporte, Comandante do contingente militar. No Diário do Chefe o seu nome repon-ta a cada pagina; vae ao encontro dos indios bravios, de que ha noticias por perto; consegue pescado ou caça para a fome dos expedicionarios; é o enfermeiro cari-nhoso dos camaradas abatidos pela doença; volta para trabalhos complementares no terreno percorrido; numa das vezes, através da mata, sózinho, 8 leguas a pé, fa-minto e cançado. A 30 de Outubro de 1909 uma pira-nha, peixe voraz dos nossos rios, arranca-lhe, com as tesouras dos dentes, um pedaço da lingua. Quasi mor-reu, suffocado pelo sangue, escreveu Rondon no seu diario. Tal o militar, homem de ação, *sans peur et sans reproche*. . . Mas ha tambem, o geografo, que levantou alguns rios figurados nos mapas recentes.

Diz Rondon, no seu livro, que certa vez, para co-memorar serviços do digno official, mandou lavrar uma arvore no local da fazanha e nela fez esculpir o nome de Pyreneus. Assim vivem e morrem os herois. Os jornaes não lhe publicaram o retrato; mas o cerne, que a terra patria sustenta, ergue, no crescer da arvore, o seu nome.

Recebi de La Vitoria, a 25 de fevereiro de 1936, o seguinte telegrama: “Abraço-te comovido pelo teu gesto amigo junto ao tumulo do nosso saudoso inesque-cível Pyreneus, um dos bravos da epopéia dos sertões que crismaste com o nome de teu formozo livro. Guar-darei sua memoria como uma das reliquias da minha gratidão — General Rondon”.

É. Roquette-Pinto.

Rio, maio de 1938.

A quarta edição de RONDONIA aparece enriquecida de valiosas notas dos meus amigos Profs. Alberto José de Sampaio, Alvaro Ozorio de Almeida, Mello Leitão, Olympio da Fonseca Filho, Fabio Werneck e dos meus discipulos Profs. H. A. Torres e Raimundo Lopes. São todos credores dos agradecimentos que, de coração, aqui deixo consignados.

ROQUETTE-PINTO — 1938.



Prefacio da segunda edição

CONSAGRA o autor estas primeiras linhas da segunda edição da *Rondonia* aos que tiveram a bondade de se ocupar com a primeira:: fosse para alojá-la ou para apontar, de boa fé, os seus defeitos. Agradece de coração a uns e outros. E, como não pôde, nominalmente, citar cada qual, pede a todos que o considerem infinitamente reconhecido, pela atenção que concederam á "filha caprichosa" do seu entusiasmo.

Este livro, que teve a boa sorte que receber apoio dos maiores nomes da ciencia e das letras nacionais, e encontrou no estrangeiro acolhida muito honrosa, é filho de uma sincera dedicação.

Não foi escrito para satisfazer a preocupações literarias; nem traçado no aconchego de confortavel gabinete, entre outros livros, á luz carinhosa duma lampada, amortecida á feição das necessidades do trabalho...

Foi nascendo pelas quebradas húmidas das serras, pelos caminhos marulhentos dos rios, nos areas desolados.

Só por isso, quando por mais não fosse, mesmo sem levar em conta as imperfeições insanaveis da propria origem, deve ele contar, nas modestas paginas, erros e deficiencias.

Ainda mesmo desprezando o texto, restam os documentos graficos, que retratam os recantos naturais da terra da *Rondonia*, a vida dos seus homens primitivos e,

mais do que isso os resultados da obra fecunda dos sertanejos do Brasil, dirigidos pelo ideal feito homem. Acredita o autor que só assim pôde explicar o acolhimento recebido.

Se, como estudioso, as observações científicas que pôde realizar — quasi todas de grande alcance para o conhecimento da antropologia sul-americana — o encheram de alegria; brasileiro, deu-se por bem pago daqueles dias de privações e perigos, porque voltou da *Rondonia* com a alma refeita, confiante na sua gente, que alguns acreditam fraca e incapaz, porque é povo *magro e feio*...

São feios, efetivamente, aqueles sertanejos; muitos, além disso, vivem trabalhando, trabalhados pela doença.

Pequenos e magros, enfermos e inesteticos, fortes todavia, foram eles conquistando as terras asperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalíptico, amarrando os extremos da patria.

E' preciso ir lá para retemperar a confiança nos destinos da raça, e voltar desmentindo os pregoeiros da sua decadencia.

Não é, nem pôde ser nação involuida, a que tem meia duzia de filhos capazes de tais heroismos.

Como são pequeninas estas observações científicas, diante da grandeza da construção daquela gente!

Por isso, no laurel com que o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO honrou este trabalho, o autor vê menos um premio que um incentivo (1).

Do primeiro seria simples depositario, porque antes pertence aos que lhe abriram o caminho por onde

(1) A "Rondonia" recebeu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em julho de 1917, o Premio Pedro II, medalha de ouro, que foi na mesma ocasião distribuída a Capistrano de Abreu e a Basílio de Magalhães.

Essa medalha foi oferecida pelo Autor ao Museu Nacional.

passou para realizar seus estudos; do segundo, deve dizer que o guarda com alegria.

O pesado simbolo em que reluz um nome austero, ha de alentá-lo nas horas nevoentas. Amparado pelos seus mestres e concidadãos, espera não desatendê-lo jamais, em meio da modesta obra de ciencia a que se consagrou.

*

Ao Sr.Dr. Augusto Tavares de Lyra, espirito profundamente culto, conhecedor apurado da geografia e da historia do Brasil, cujo valor só os que não desanimam diante da sua modestia, conseguem descobrir, o autor agradece a assistencia que lhe prestou para que esta segunda edição viesse hoje á luz da publicidade.

Os desenhos que ilustram o texto foram feitos pelo Sr. Alberto Childe, do Museu Nacional.

*

Revista e retocada, esta edição não difere, essencialmente, da primeira. Agasalha materia pouco mais ampla.

Com as mesmas estampas, insere mais um mapa das fronteiras da *Rondonia*, desenhado no seculo XVIII, e algumas notas.

Haveria talvez documentos recentemente colhidos para aumentar, em certos pontos, os que se encontram aqui.

Entendeu, porém, o autor de conservar ao livro o seu feitio primitivo, por conter opiniões e idéas proprias.

Lentas hão de ser, sempre, as construções científicas em tal terreno; um trabalho destes é, afinal, apenas um capitulo da grande obra para a qual gerações sucessivas deverão concorrer.

*

As fotografias que se acham reproduzidas neste livro foram feitas pelo Autor.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

I

A CIENCIA vai transformando o mundo.

O paraíso, sonhado pela gente de outras idades, começa a definir-se aos olhos dos modernos, com as possibilidades que o passado apenas imaginava. O homem culto chegou a voar melhor do que as aves; nadar melhor do que os peixes; libertou-se do jugo da distancia e do tempo; realiza em um continente, o que concebeu em outro, alguns momentos antes; ouve a voz dos que morreram, conservada em laminas, com o seu timbre, e as inflexões da dor e da alegria; immortaliza-se, arquivando a palavra articulada, com todas as suas características, e as suas fórmulas e seus movimentos com todas as minúcias; e enquanto, magico inesgotavel, vai modificando a terra e lutando contra a fatalidade da morte, fazendo reviver as vozes que ela extinguiu, as formas que ela decompôs, o homem não consegue transformar-se a si mesmo, com igual vertiginosa rapidez.

*

Ele, que tem realizado tudo isso; que vive, hoje, em outro meio, permanece, afinal, quasi o mesmo primitivo, sentindo, pensando e agindo, muitas vezes, como seus antepassados das idades líticas. Salvo os tipos de escolha, que representam a humanidade do futuro, os homens cultos do Planeta são como indios de pele branca, cobertos por uma crosta, mais ou menos espessa, de verniz brilhante...

Se é que não irrogo injustiça aos selvagens, que nem palavra criaram para o altruismo, e, mais de uma vez, têm realizado, apesar de tudo, aquilo que eles não

sabem se chama — solidariedade humana — e que nós outros sabemos bem como se escreve e como se não pratica...

Um dia, quando nada mais houver a melhorar, o homem culto acabará, eu o creio, aperfeiçoando-se a si mesmo.

*

Por isso que o homem, no fundo, não varia, o verso de Pope exprime uma verdade:

The proper study of man is mankind.

*

Os índios da Serra do Norte, no Estado de Mato Grosso, representam talvez, neste momento, a mais interessante população selvagem do mundo.

Vivem, ainda hoje, em estado de acentuada inferioridade.

Foram surpreendidos em plena idade lítica; e, assim, foi encontrada uma civilização fóssil no coração da America do Sul.

Aqui, mais do que alhures, justifica-se a observação de Bastian, segundo a qual historia e pre-historia se confundem nas terras do Novo Mundo.

Os índios da Cordilheira do Norte viveram até agora completamente apartados do resto da população do Brasil; rodeados de outras tribus, durante seculos, fugiram ao contagio de usos e costumes dos seus vizinhos.

Estes empregam armas de fogo, ha mais de cinquenta anos; os índios da Serra do Norte ouviam as nossas, com todas as demonstrações de quem não está ainda bem acostumado ao seu estampido.

A pele do homem negro e a do branco, que todos os índios do Brasil conhecem, despertavam ainda, em muitos deles, grande surpresa, conforme testemunhámos.

*

No segundo capitulo deste trabalho, procurei demonstrar o gráu de ignorancia a que estavamos reduzidos, quanto ao conhecimento dessa vasta região do territorio patrio.

No seguinte, julguei imprescindivel indicar a maneira por que Rondon a entregou ao passo dos estudiosos.

*

A obra scientifica e social de Rondon não pode ser assás admirada; este livro dará pálida demonstração de tal asserto.

Em cinco anos de trabalho ele conquistou, pacificamente, alguns milhares de kms. quadrados, agora em condições de facil valorização. De cada indio, cuja ferocidade não era lenda vã, e cuja animosidade sacrificou tantos homens, fez um amigo.

Abriu á ciencia um campo enorme de verificações e descobertas; á industria, todas as riquezas de florestas seculares. Soube coroar sua atividade estendendo o fio telegrafico, que os Parecís chamam *lingua de Mariano*, em homenagem ao seu grande amigo, entre pontos extremos da sua patria que ligou por uma gigantesca estrada de rodagem.

E mostrou á Humanidade irmãos primitivos, que mais uma vez lhe recordam a modestia da sua origem.

*

Não me iludo sobre o valor e a extensão da colheita scientifica que realizei na Serra do Norte, nas terras da RONDONIA (2).

(2) Cf. E. Roquette-Pinto: *A Rondonia* — in "Revista do Brasil", São Paulo, 1916.

Inaugurando as conferências do Museu, em 1915, o autor propôs esse nome para designar a zona compreendida entre os rios Juruena e Madeira, cortada pela "Estrada Rondon". Os elementos geologicos, geograficos, botanicos, zoologicos, antropologicos e etnograficos que tal região tem fornecido, originaes e numerosos, justificam a criação dessa provincia antropogeografica. (Cf. Mapa).

Enquanto os índios se não afeiçoarem a nós, como *Nulêke* ao tenente Pyreneus de Souza (3); enquanto sua boa vontade se não transformar em confiança absoluta, e eles permanecerem pouco doces ás nossas pesquisas; enquanto não conhecermos a lingua deles, e eles a nossa, suficientemente, será talvez impossivel obter mais do que consignam os documentos aqui registados.

Seria rematada prova de incapacidade imaginar que se pode colher, de uma vez todos os segredos etnograficos de um tal povo.

Os Parecis foram descobertos em 1718. Foram visitados, desde então, continuamente, por sertanistas inteligentes, depois por naturalistas, e até por etnologos de valor.

Ha quasi dois seculos, vivem em comunhão estreita com os brasileiros de Mato-Grosso.

No entanto, só agora, por amizade de alguns velhos chefes influentes, poudé Rondon conseguir lendas, tradições e explicações do maior alcante.

*

Portanto, ficou ainda, na Serra do Norte, uma serie de questões que o tempo irá permitindo desvendar. Será isso contribuição dos que tiverem de zelar pelas construções da Comissão Rondon. Morando lá anos a fio, poderão ir arquivando os fatos que observarem de visu, á medida que forem aparecendo, ao acaso da vida dos índios. Hoje, anota-se um; passam-se dias e meses sem que o mesmo fenomeno se reproduza. Espera-se. Na ocasião em que ressurgé, continua-se a observação.

Para decifrar os enigmas de um povo selvagem é preciso o concurso de muitos observadores. E ha enigmas que ficarão eternamente na sombra.

(3) *Nulêke* é um rapaz Anunzê, amigo dedicadíssimo de Antonio Pyreneus de Souza.

Quando os indios, porém, souberem falar a nossa lingua, e algum de nós puder entender a lingua deles, já inumeros fenomenos primitivos da sua etnografia, usos, costumes, habitos, praticas, industrias, caracteristicos artisticos, religiosos, sociais, estarão deturpados pela intromissão de elementos estranhos, que os nossos fornecem continuamente.

Agora mesmo, os machados de pedra não existem mais na Serra do Norte; cada indio já possui machado de aço.

Riem-se até os Nambikuáras daquele veneravel instrumento que, ha dois ou tres anos, era elemento fundamental da sua vida, derrubando *mel* e fazendo *roçadas*.

*

Em minha excursão á RONDONIA, em 1912, procurei arquivar esses fenomenos que se vão sumindo vertiginosamente.

Tentei tirar um *instantaneo* da situação social, antropologica e etnografica, dos indios da Serra do Norte, antes que principiasse o trabalho de alteração que nossa cultura vai nela processando.

E' *prova fotografica*; quero deixá-la sem retoques: aí está.

E' um *cliché crú*. A's vezes, parece um pouco melhor porque me foi possivel emoldurá-lo num quadro mais agradável. Mas os traços do contorno, as minucias, as sombras, aqui estão tal qual os apanhei.

Um dia servirão, talvez, para recompor a historia desse povo, as indicações registadas neste livro.

Nesse tempo, já serão bem conhecidos sua lingua, suas lendas, sua arte e os segredos do seu fetichismo.

Quem sabe se, mais tarde, um filho da RONDONIA, bisneto de algum desses que deixei com saudade em

1912, educado por um sucessor do Mestre, se o houver capaz de recolher a herança, não folheará estas notas para ligá-las ao material conhecido e traçar, assim, a noticia completa do seu povo?

FEITA de traços vivos e característicos é a fisionomia geográfica de Mato-Grosso.

Numerosos cursos d'agua dominam o massiço de suas terras, que se dividem naturalmente em tres zonas.

Planicies pantanosas se dilatam pela porção meridional do estado, campos relvados, onde se adensam, neste momento, grandes manadas.

O planalto se esgueira e se intromete entre as cabeceiras numerosas dos rios, sêco, arido, cheio de plantas enfezadas e tristes; o planalto é o — chapadão.

Enfim, a região das montanhas do Norte é coberta de florestas colossais.

Todavia, margeando os grandes rios, ou adornando os mananciais, a mata, por toda parte, cresce e domina; conforta com sua sombra e seus frutos; espanta com suas fórmãs.

Quem atravessa Mato-Grosso nota que seus arriões orientados para o Norte, contribuintes do Amazonas, e os que se vão perder no Paraguai, nascem como irmãos gêmeos, lado a lado; entre uns e outros, não ha montanhas. Dir-se-ia que se afastam, cada qual para seu destino, pela razão de uma vontade individual.

Quem bebe, pela manhã, aguas que deveriam ir ter ao Atlantico meridional, á tarde pôde matar a sêde nas que são destinadas ao equatorial.

A comitiva almoça á beira de um regato filiado no Rio da Prata, e pôde sestar á margem de uma cabeceira da bacia do Amazonas.

Cerca de 18 kms. de chapadão arenoso bastam para separar a cabeceira de Aldeia Queimada, pertencen-

cente ao sistema platino, das nascentes do rio Verde, que faz parte do outro sistema.

Aqui são as aguas do Juruena, que se aproximam tanto das que procuram o Sipotuba; mas, perto da velha cidade do Diamantino, o terreno que separa o Paraguai do Arinos é ainda menor.

Quem diria, passando pela boca do Amazonas, que muitas daquelas aguas vêm do mesmo lugar onde brotam as que o Rio da Prata entrega ao oceano, cerca de sete mil kms. mais ao Sul?

Um dia, quando a carta daquele Estado fôr um esquema um pouco mais completo do que hoje, ha de ser possível, talvez, mostrar que o Brasil é mesmo uma ilha, como presumiram os descobridores.

Chegando a Mato-Grosso pelo caminho usual, não se comprehende porque assim foi batizada aquela terra, pois para ver mato-grosso, em Mato-Grosso, é preciso atingir latitudes baixas, onde a civilização vai aos poucos se infiltrando, pela coragem e pela firmeza dos sertanejos, aos quais recentemente a ciencia abriu, lá mesmo, novas entradas, caminhos novos e novas esperanças de trabalho e de vida.

*

Aquele territorio, tal qual se encontra nos seus limites politicos, foi, é bem certo, penetrado pelos portuguezes muito tempo antes de terem surgido ali os primeiros estabelecimentos de outra origem européa.

Por atender á justa observação do geografo Candido Mendes, é mister distinguir, ali, a parte conquistada pelos espanhóis, do lado occidental, da outra porção desbravada pelos neo-brasileiros de S. Paulo.

Foi caminho dos primeiros o Paraguai, cuja navegação é um tanto difficil para grandes barcos, e relativamente facil para canôas primitivas, e sobre cujas margens se ergueram, desde 1575, com Domingo Martinez Irala e Nuno Chaves, as feitorias castelhanas.

No entanto, a falta de minas de ouro e a hostilidade das tribus do alto Paraguai, região de grandes alagados, por seu turno tambem mui adversa, foram circunstancias que favoreceram o dominio portuguez, desanimando os sucessores de Irala e Chaves.

O caminho dos Paulistas foi mais arduo e, talvez por isso, deu-lhes posse menos precaria das terras que foram varando.

A conquista, deste lado, fez-se aos poucos.

Ao que se lê em certas cronicas, 15 anos mais ou menos depois do descobrimento, um certo Aleixo Garcia safu de S. Paulo, conseguiu atravessar Mato-Grosso, pela foz do Jaurú, para os Andes e os estabelecimentos espanhóis do Perú.

Se a data precisa da façanha permanece ainda sujeita a controversia, devemos, todavia, acreditar que bem cedo começou, por esse lado, a invasão branca daquelas terras.

Pelo ouro e pelo escravo lá se foram os bandos de S. Paulo, cujas incursões tomaram ambito maior depois de 1596, quando os padres da Companhia de Jesus receberam, pelo alvará de 26 de julho, o governo e a administração dos indios.

Pouco importa discutir aqui a interferencia dos padres, para apurar se, combatendo a escravização dos indios, desejavam o monopolio dos braços dos trabalhadores catecúmenos.

Basta registrar que o resultado dessa conduta dos Ignacianos foi animar a obra do descobrimento das grandes terras do Oeste.

Não podendo obrigar os indios da vizinhança, nem querendo pagar á Companhia, apoiada ao Rei, o tributo que esta lhes impunha, os Paulistas lançaram-se á aventura, para ir conquistar os infieis e os barbaros, obreiros que seriam de suas culturas e lavras.

Outras causas não teve o aumento da importação dos negros, começada em 1542, quando Duarte Coelho

pediu ao Rei D. João II que lhe “fizesse mercê de lhe dar licença e maneira de haver alguns escravos de Guiné”.

Longe de mim querer reeditar a historia daqueles bandos de gente ousada.

Um punhado de homens, perdidos na terra hostil; ambição, firmeza, coragem, fé, no coração de cada qual, douradas por muito heroismo; e, ás vezes, manchadas de sangue.

E, disso tudo, saíu brilho bastante para deixar á sombra os crimes contra a especie, que naquelas empresas se passaram.



Das *bandeiras*, que primeiro chegaram a Mato-Grosso, foi dirigida por Antonio Pires de Campos a que mais nos interessa.

Vão de 1718 a 1723 as notas desse sertanista, discipulo do seu pai, Manoel de Campos, a quem acompanhava já na idade de 14 anos, ás batidas do vale do Paranatinga.

Tambem, em 1719, Paschoal Moreira Cabral chegava ás regiões do Cuiabá, descobrindo o ouro do rio Coxipó.

A fama dessas minas, que um novo achado, em 1720, ainda incrementou, quando Miguel Sutil, antigo companheiro de Paschoal, recebeu de lavradores seus algumas oitavas de ouro, atraíu o desejo dos conquistadores vicentistas.

E, quando o ouro se fez escasso, começaram a subir pelo planalto dos Parecís, onde havia bastas nações de indios.

Datam desse tempo os primeiros conhecimentos definidos acerca daquele chapadão.

Mais tarde, o sertão de Cuiabá foi chamado — Mato-Grosso.

Quando?

Porque?

Fez parte da Capitania de S. Paulo, até 1748, o territorio de Mato-Grosso. Nesse ano, por Carta Regia de 9 de maio subiu áquela categoria.

Mas o proprio documento oficial não precisou bem os limites da nova provincia, "pela pouca noticia que ainda havia daqueles sertões" conforme nele se declara.

Ha, todavia, documentos de que a denominação de Mato-Grosso começou a ser empregada, em 1735, ao principiar o povoamento dos afluentes do Alto Paraguai, que têm as margens cobertas de espessas florestas até hoje, apesar da boa vontade com que os sertanejos procuram destruí-las pelo fogo.

No Livro 2.º da Provedoria da Fazenda Real de S. Paulo, em 1734, a fls. 26 v. ha uma ordem averbada, para se arrecadarem os dizimos que estavam devendo "os moradores ou assistentes na Sepetuva, Jaurú e mais sertões dos Parecizes".

Esta informação de Felipe José Nogueira Coelho, publicada na "Rev. do Instituto", em 1850, completa-se por outra, da mesma origem, segundo a qual, no mesmo livro, á pag. 33, ha um edital de 20 de janeiro de 1735, em que o *guarda-mór* regente diz "haver mandado o Sangento-Mór, Apolinario de Oliveira, fazer umas experiencias no Mato-Grosso dos Parecizes".

Que sorte de experiencias se fizeram, não nos adianta o cronista, e nem importa ao caso. Seriam *provas* de ouro.

Porém, fica bem claro que, por aquele tempo, apparecia, correntemente, o apelativo em estudo.

Outros contam a historia desse batismo geografico de maneira mais meuda.

Dizem que, em 1736, certo Luiz Rodolpho Villar fez partir de Cuiabá uma comitiva para explorar a "campanha dos Parecizes".

A tropa cortou rumo para o poente, e no fim de algum caminhar deu em "matos virgens de arvoredo

muito elevado, e foi apelidando Mato-Grosso", para usar dos proprios termos da "Noticia" de José Gonçalves da Fonseca.

O segundo documento confirma o primeiro; e, pois, foi em 1735-1736, que o nome actual surgiu, de uma vez, para crismar o Sertão de Cuiabá.

Notemos, porém, de passagem, que, pelo primeiro, o Mato-Grosso parece o das margens dos afluentes do Paraguai; e, ao que se lê no segundo, as grandes florestas achadas pela gente de Villar, estavam ao poente de Cuiabá, a alguns dias de marcha. Poderiam ser as primeiras matas da bacia do Juruena.

Seja como fôr, a descoberta desse mato é de 1736, e Antonio Pires, muitos anos antes, já tinha cruzado o chapadão que denominou: — "Reino dos Parecis".

*

Antonio Pires deve ser considerado o primeiro descobridor do Noroeste de Mato-Grosso.

Com segurança se pôde afirmar que ele cortou o chapadão no correr do seculo XVIII.

Falando daquelas paragens, e do que lá viu, primeiro descreve o Paraguai e seu formador — o Sipotuba (4) que chama Hisipotuba: "rematado esse rio de Hisipotuba se dá em chapadas mui grandes e dilatadas..."

Quem segue pela trilha de Rondon até áquele sertão onde, ha sete anos, se desdobra o espetaculo consolador de uma edificação titanica, realizada pela energia dos caboclos franzinos, apoiada no devotamento discreto, ignorado e fecundo de alguns tipos; quem vai hoje ás cabeceiras do Sipotuba verifica, tres seculos depois, a certeza do que disse Antonio Pires.

E' mesmo assim; o bandeirante de 1718 cortou o chapadão por onde hoje se distende o fio telegrafico.

(4) Sipotuba: Sipó-tuba: Cipoal.

Todavia, é quasi certo, não chegou ao Juruena. No "Reino dos Parecís" achou uma grande população.

As minucias, que recheiam a exposição do imortal sertanista, precisam de ser postas em destaque nestas notas.

Era grande o reino dos Parecís. As suas aguas todas, acreditava ele, corriam para o Norte. Os indios das chapadas, de numerosos, eram incontaveis; num dia de caminhada, atravessam-se 10 e 12 aldeias, algumas de 30 casas, de cerca de 40 passos de largura, "redondas de feitio de um forno, mui altas..."

Viviam de cultivar a terra para obter mandioca, milho e feijão, sem contar os ananases, que forneciam os seus vinhos.

Tambem cercavam o campo entre dois rios e nesse terreno armavam seus fôjos para apanhar veados (5), emas (6) e outras caças. A ema, ainda hoje, é a peça nacional das partidas venatorias dos indios Parecís.

Não era gente guerreira aquela; antes primava em defender o que era seu, do que em atacar o alheio.

Suas armas, além do arco, da flecha, e de "folhas largas" de "madeira muito rija", á maneira de espadas, eram lanças pequenas de que usavam para defender as portinholas de suas casas, aberturas tão reduzidas de tamanho "que para se entrar, diz Antonio Pires, era necessario ser de gatinhas".

No chapadão, hoje, em vez de arcos, os caçadores parecís manejam carabinas de repetição; nesse particular, afastam-se um tanto dos indios de Antonio Pires...

Idolos, encontrou-os ele tambem, guardados como ainda hoje, em casa especial onde só entravam varões.

Nem olhavam as mulheres para tais cabanas; esse costume se manteve. Nesses verdadeiros templos pa-

(5) Veado — *Dorcylaphus bezoarticus* L.

(6) Ema — *Rhea americana*, L.

recís — (Iamaká) — não mais residem os ídolos do século XVIII; guardam-se neles os instrumentos sagrados da tribo, cada qual filiado em uma função exorcística.

Hoje, porém, como outrora, as mulheres se livram de olhar a iamaká.

Minhas canastras onde, muito em segredo, eram conduzidos os instrumentos de música das coleções, conseguidas mercê do prestígio de Rondon, para o Museu Nacional, durante todo o tempo em que estiveram em território parecí, mereceram o mesmo respeito. De Utiariti, onde eu as obtive, até Aldeia Queimada, último ponto onde encontrei, na volta, índios dessa tribo, sofreu a bagagem vigilância apurada, para impedir que alguma pobre mulher visse as santas avenas...

Morre a mulher que põe os olhos em tais buzinas; e, se não falece, arranjam sempre, os sacerdotes do seu rito, meios e modos para que morra.

Esse, e outros costumes, tão radicados se apresentam que, lendo as páginas de 1723, parece que foram escritas há alguns dias.

O traje atual das mulheres não poderia ser descrito com mais certeza.

Da gracilidade de feições das Parecís também fala Antonio Pires com louvor bem merecido; que, em verdade, são das índias mais gentis.

E desde já se pôde adiantar que os caracteres antropológicos, observados durante os nossos estudos, separam francamente, um do outro, os tipos de Serra do Norte e do Chapadão.



O asserto de que as águas da chapada corriam para o Norte, leva a crer que o sertanista de 1723 chegou às nascentes dos formadores do Juruena.

Também é quasi certo que os índios da Serra do Norte, hoje alcunhados Nambikuáras pelos sertanejos,

já vagavam por essa cordilheira, pois que Antonio Pires refere a existencia de outras nações, mais afastadas do lado do Norte, "gente que não podia declarar porque lá não tinha chegado".

No entanto, menciona os indios Caviís, moradores nos vales dos rios que correm para o Septentrião.

Conta que, certa vez, já no fim das suas viagens, chegara a uma aldeia deserta, e aí pudera encontrar restos humanos apodrecendo dentro de alguns vasos, sobejos da antropofagia daqueles barbaros.

Parece-nos fóra de duvida que tais Caviís sejam os Kabixís, que se podem identificar a um certo grupo de indios da Serra do Norte. (Nambikuára — Uáindzü ou Uáintaçú), que desce pelo vale do Guaporé até á antiga Vila Bela (Mato-Grosso), de onde jamais se aproxima senão de animo hostil.

A identificação, que as notas de Rondon já haviam tornado mui plausivel, foi depois confirmada pela comparação do material etnografico procedente das duas origens.

Nas informações de Antonio Pires ha, porém, alguma coisa mais que é preciso examinar.

A descrição das habitações dos Parecís de 1723: "casas redondas do feitio de um forno, mui altas"... cujas portas "eram tão pequeninas que para se entrar era necessario ser de gatinhas"... quadra rigorosamente com as palhoças da Serra do Norte.

Hoje, não creio que existam casas parecís construidas daquele feitio; todas se parecem com o rancho dos nossos sertanejos.

Mas, as cabanas dos Nambikuáras, essas, sim, são redondas como um forno, altas, servidas por pequeninas aberturas que só atravessa quem estiver de gatinhas...

Seria pueril, só por isso, acreditar que os Nambikuáras da Serra do Norte representam um ramo da

nação Parecí, que se atrasou de seus parentes, a ponto de tornar-se irreconhecível, como parte da família.

Creio antes que o processo de edificação representa uma influencia importada.

E talvez nem isso.

Porque haviam de aprender a construir aquelas casas e não haviam de conhecer a rêde, que é movel indispensavel dos Parecís? .

Seja como fôr, em 1720, já se tinha vaga noticia da existencia de grande população india na Serra do Norte.

Importa, porém, muito, verificar se alguns viajantes que andaram pelas abas da Serra e pelo vale do Juruena, obtiveram noções mais precisas sobre os indios que os Parecís chamam Uaikoá-korê e os sertanejos preferem chamar Nambikuáras, nome, aliás, que estes não conhecem, apelido estranho absolutamente a seus dialetos. (Do tupí: *Nambi* — orelha; *Kuára* — furo).

Vinte anos depois daquela data, em que escrevia Antonio Pires sua "Breve Noticia", em 1746, o Arinos foi percorrido, desde suas cabeceiras até ao Pará pelo sargento-mór João de Souza Azevedo, numa viagem excepcional, cujo roteiro emociona pela sobriedade das suas expressões, nas passagens em que fala dos obstaculos transpostos.

Aí, nem uma só menção dos nossos indios.

Mais tarde, em 1757, correu em Cuiabá a noticia da descoberta de grandes minas de ouro na região situada entre o Juruena e o Jamarí; eram as *Minas de Urucumacuan*, cujo caminho nunca foi definido, e cuja exploração talvez seja ainda reservada para os nossos dias, uma vez que a ferocidade lendaria dos selvagens se diluiu ou se abrandou.

Todavia, em 1776, e depois em 1779, o capitão general João de Albuquerque Pereira de Mello e Caceres, verdadeiro homem de governo, mandou, ao que dizem, explorar as paragens onde o boato situava as referidas minas.

No arquivo do Instituto Historico existe um seu documento interessante, ainda inedito, que passo a transcrever (7):

“Illmo. e Exm. Sr. — Vendo eu que alem da decadencia actual das minas de Matto Grosso, experimentam os mineiros, e mais moradores desta Capitania a perda, e damno da fuga de muitos escravos que tranquillamente existiam aquilombados na escarpada extensa a Serra dos Parecís, derramados pelos terrenos de que nascem os rios Piolho (hoje denominado S. João), Galera, Sararé, Pindaituba e outros segundo huma constante noticia.

“Para aliviar pois estes damnos e felecitar a utilidade publica, chamei a 24 de Março deste anno, ao Juiz Presidente da Camara desta Villa Bella, e ao Vereador mais velho aos quaes lembrei, que huma das espessiaes obrigações das camaras, era ocorrer ás necessidades publicas e a actual falta de terras mineraes, e repetidas fugas de muitos escravos que se hiam aquilombar nas vizinhanças do Guaporé e dos arrayaes, contiguos á esta Capital, eram objectos que exigiam o promptissimo remedio da formação de huma bandeira que explorasse aqueles Certões com os dois ponderados uteis fins: e que para a sua despeza, convocando a Camara o Povo, se pedisse huma contribuição voluntaria aos moradores de Villa Bella, e dos seus Arrayaes, prometendo eu concorrer por parte da Fazenda Real, como effectivamente pratiquei, com a quinta parte da gente que se empregasse nesta diligencia armada e moniciada pela mesma Real Fazenda.

(7) Arch. do Conselho Ultramarino — Correspondência do governador de Mato-Grosso, 1777-1805. Codice 240, pag. 165.

“Em consequencia desta ordenada insinuação a Camara convocou o Povo, e pediu a contribuição, escreveu aos Commandantes dos Arrayacs para o mesmo fim, e todos de boa vontade concorreram para esta Bandeira; e se assentou que para o excedente da despeza se pozesse em cada arroba de carne, uma modica contribuição, visto dever ser a dita Bandeira de sufficiente força para atravessar sertões, em que habita muito gentio, e em que se gastariam muitos mezes.

“O que tudo efectuado, e dando eu as ordens que julguei necessarias para o bom exito desta Bandeira ao Commandante della, o Alferes de Dragões Francisco Pedro de Mello, actual Commandante da Nova Povoação de Cazalvasco, que por ser hum habil official de conhecido prestigio e actividade, o escolhi para esse fim, em beneficio publico, e da mesma Bandeira composta de quarenta e cinco pessoas, entrando neste numero o dito Commandante e hum soldado Dragão e seis Pedestres, moniciados e armados pela Real Fazenda, com as quaes mandei auxiliar esta Bandeira, a qual embarcando no Porto desta Villa Bella no dia 7 de maio do corrente anno e descendo pelo rio Guaporé, se recolheu em 18 de Novembro proximo passado.

“Das diligencias e indagações praticadas pela referida Bandeira nos terrenos sobreditos em toda a sua derrota, a qual vae debaixo do n. 1 no adjunto mappa que tenho a honra de pôr na Prezença de Vossa Excellencia resultou quanto Vossa Excellencia tambem poderá vêr na resumida copia, que fiz extrahir do diario da mesma diligencia, que igualmente ponho na Prezença de Vossa Excellencia debaixo do n. 2.

“E certificando o Commandante e mais pessoal d’aquella Bandeira, da bondade e grande produção das terras, sitas aonde se achou o quilombo do Piolho (8)

(8) Escravos aquilombados. — Era frequente a fuga de negros escravos para formar nucleos silvestres (quilombos). Martius sustentava mesmo que raras tribus de indios não haviam entrado em contacto com africanos.

e seus contornos, habitados na maior parte pelos indios e Caborés livres, na forma expressada no dito Diario, e que esta gente, e novos vassallos de Sua Magestade, instantemente suspiravam por continuarem a habitar n'aquelle Paiz, aonde tambem a maior parte tinham nascido, e se tinham criado, e informando-me ao mesmo tempo que n'aquellas vizinhanças, haviam algumas aldeias de Indios mansos, aos quaes se offereceram, reduzir á nossa sociedade os novos habitantes d'aquelle Quilombo (de que a maior parte foram baptisados aqui) e com muita facilidade pelos attractivos que tinham das dadivas que se lhes deram, para convidal-os a este fim.

“E ao mesmo passo por adiantar mais na vizinhança desta fronteira um estabelecimento que fosse aproximando a tão necessaria communicação por terra desta Capital para o Forte do Principe da Beira, descobrindo-se assim novas terras mineiras; por estas razões me deliberei a mandar todos os ditos Caborés (9), Indios e Pretos, que houve modo de se forrarem (sem os quaes os ditos Indios e Caborés não podiam presentemente passar; assim por serem alguns Caborés seus filhos como para lhes ensinar a cultivar as terras) para o mesmo lugar em que foram apprehendidos que ficará a trinta e tantas leguas á Norte desta Villa Bella dando-lhe ordem e auxilio para formarem huma Aldeia, que se ficará chamando Aldeia Carlota, em memoria da Nossa Serenissima Princeza e ao Rio antigamente denominado do Piolho, se lhe pôz o novo nome do Rio de São João.

“Tambem ponho na presença de Vossa Excellencia, que afim de se adquirirem mais exactos conhecimentos geographicos do nascimento e origens principaes dos Rios Galera, Sararé, Guaporé e Juruena, principal braço do Rio Tapajoz, e do terreno que media entre elles e mais terrenos adjacentes, me resolvi a man-

(9) Caborés: Mestiços (indio × negro).

dar executar esta Diligencia pelo Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco d'Almeida Serra, acompanhado do Ajudante d'Ordens d'este Governo, Victoriano Lopes de Macedo e do Professor Regio de Gramatica latina, Francisco José de Freitas, (por ser em tempo de férias) e de huma sufficiente escolta, tendo sahido d'esta Villa em direitura aos campos dos Parecís no dia 8 d'Agosto do anno proximo passado e depois de vencerem algumas molestias de que foram atacados, e as ordinarias e não pequenas difficuldades de semelhantes sertões, voltaram a ella em 20 de Setembro do mesmo anno, tendo feito a derrota que Vossa Excellencia verá no outro adjunto mappa n. 3, cuja derrota vae tambem marcada no mappa n. 2 com a letra B.

“Estimarei muito que tudo o referido mereça a approvação de Sua Magestade rogando á Vossa Excellencia haja de o fazer subir ao seu Real Conhecimento.

“Deus guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Villa Bella, 30 de Dezembro de 1795, Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Martinho de Mello digo Luiz Pinto Souza Coutinho. — *João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres*”.

•

“Diario da Diligencia que por ordem do Illustrissimo e Excellentissimo João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, Governador e Capitão General da Capitania de Mato-Grosso, se fez no anno de 1795, a fim de se destruirem varios Quilombos, e buscar alguns logares em que houvesse ouro.

“Sahio a referida Bandeira embarcando no Porto de Villa Bella no dia 7 de Maio de 1795, descendo pelo rio Guaporé.

“No dia 11 entrou pela foz do rio Branco, que desagúa no Guaporé, pela sua margem oriental ou direita logo abaixo da Ilha e Estirão da Pirará e superiormente ao lugar das Torres, rio de bastante agua e que

tendo perto da sua barra as margens pantanozas logo continua com terras firmes; e assim foi navegando sem novidade até o dia 17.

“No dia 17 pelo meio dia chegaram a huma terra firme na margem de Norte, ou esquerda do Rio, que mostrava porção de cascalho á flor d’agua; onde se fez huma prova de que se tirou cousa de 40 reis d’ouro não se chégando á pissarra por estar ainda mergulhada debaixo da enchente do rio; pouco acima deste lugar faz barra hum pequeno corrigo, onde se fizeram varias provas que deram igualmente pequena quantidade d’ouro, muito fino; e da mesma forma para o centro do Matto se fizeram outras provas que não mostraram ouro de conta faltando logo o cascalho. Varias escoltas foram por ambas as margens do Rio soccavando; e supposto acharem alguns faulhos d’ouro, não era constantemente, nem indicava ser de conta, mas só sim que aquellas terras são auríferas; nesta conformidade se foi marchando com escoltas por terra até o dia 20.

MAIO 20

“Em 20 chegaram a huma confluencia de dois braços em que o rio total se divide; o braço da esquerda por ser menor se mandou examinar e em meio dia que se navegou por elle se vio que não dava navegação para as canoas, tanto por ter muitas madeiras atravessadas e cahidas pelo alveo do Rio, como por ser de margens palodozas.

22

“Em 22 navegaram pelo braço da direita que é o principal alveo do Rio e pelas muitas tapagens que tinha que difficultava a sua navegação só descarregaram as canoas.

23

“Em 23 partiram as canoas de retirada para Villa Bella; e a Bandeira partio por terra, acompanhando a margem do Rio, que levava a sua mão esquerda; e assim foram cortando varios corrigos e soccavando-os, dos quaes uns não mostraram ouro algum, e outros com effeito o tinham, mas com minimas provas; e assim marcharam até o dia 5 de Junho com as mesmas indagações.

JUNHO 5

“Neste dia 5 atravessaram o rio com agua pelos peitos para a opposta margem, e andando mais meia légua a Les'Sud'Oeste subiram a hum alto e destacado morro, do qual viram terem penetrado muito para o centro das Serras dos Parecís, o que já haviam notado nos dois dias antecedentes pelas repetidas caxoeiras que formava o Rio e pelas muitas colinas que subiram com assaz inclinação do terreno; e com hum camarada que hia na Bandeira, preto já forro, e que fôra apprehendido ha muitos annos no Quilombo do Piolho, pela Bandeira que então fôra a esse fim; desconheceu este Rio Branco, affirmando em que o do antigo Quilombo estava mais a Sul, deixaram o mencionado rio Branco que hé de bastante agua e de media extensão: elle desde este lugar até á sua boca no Guaporé, tem, com pouca differença, 25 legoas de curso; e delle para cima inda corre, e continua com mais 15 de correnteza; elle forma grandes Ilhas, recebe muitos ribeirões e as suas margens e terrenos do centro são formados por densa e alta mattaria, e as suas terras fundaes, as melhores que se podem desejar para a cultura.

“Em 5 seguindo o rumo do Sul, com sete legoas de marcha por terreno aspero e de alta e fechada mattaria, em que atravessaram muitos corrigos, que foram provando, chegaram no dia 15 á margem do rio Piolho

assim antigamente denominado, a onde se fez pinguela para o atravessar o que se fez no seguinte dia.

16

“No dia 16 como se tinham visto fogos e rasto de gente, que se julgou ser de gentio se marchou com mais vagar e indagações tanto em muitos corrigos que cortaram, como notando os ditos rastos até o dia 18.

19

“Em 19 o Commandante e 39 pessoas mais armadas escoteiras continuaram a marchar seguindo os rastos e tendo andado meia legua encontraram de repente tres Indios, hum negro e hum Caboré que logo foram seguros escapando hum indio que fugio a correr, e seguindo-o da mesma forma, foram dar com curta carreira no seu Quilombo; a gente delle logo se poz em fugida, mas apezar disso foram seguidos e neste dia ficaram prezos alem dos tres negros, 32 pessoas mais entre homens, mulheres, rapazes e raparigas, dos quaes huns eram Indios, outros Caborés; faltando ainda segundo as informações que deram mais tres negros e 16 pessoas.

20

“Em 20 foram tres escoltas para o matto em busca das pessoas que faltavam, e de tarde se recolheram com 12.

AGOSTO 5

“Desde o dia 20 de Junho até 5 d'Agosto se demorou a Bandeira neste logar tanto para colherem as pessoas que faltavam do Quilombo, que se concentra-

ram pelos mattos vezinhos, a sua vivenda com o que multiplicaram e confundiram os rastos, como para examinar o terreno contiguo por mostrarem os corrigos vezinhos inda que pouco ouro, signaes que aquellas terras são auríferas.

“Igualmente mandou o Commandante huma escolta de 12 pessoas pela picada que haviam feito para examinar melhor o braço esquerdo, ou do Norte do Rio Branco; esta escolta depois de chegar ao dito braço penetrou sete legoas do seu certão de matto pantajozo por hirem chegados á sua margem, e vendo muitos signaes de gentio e numerosos fogos nas vizinhanças porque andavam, se retiraram com muitos dias de diligencias.

“O Commandante fez soccavar todos os corrigos na vizinhança do Quilombo; entre elles o de S. Pedro que lhe fica meia legoa ao Norte deu algumas mostras d’ouro; porém outro que chamaram de Sant’Anna que existe a Sul do mesmo Quilombo deu mostras d’ouro, que foram as maiores que se acharam em toda esta diligencia, e que dão esperanças de ali poder haver uteis descobertos. Em fim recolhida a gente toda do quilombo, montava a cincoenta e quatro pessoas como consta da relação junta, e tendo-se feito farinha de milho que ali acharam, não só para os dias em que se demorou a Bandeira, mas ainda para 20 dias de marcha, deixaram aquelle lugar.

“O Quilombo do Piolho que deu este nome ao rio em que está situado, foi atacado e destruido haverá 25 annos, pelo Sargento-Mór João Leme do Prado, onde apreendeu numerosa escravatura, ficando naquelle lugar ainda muitos escravos escondidos pelos mattos, que pela auzencia d’aquella Bandeira se tornaram a estabelecer nas vizinhanças do antigo lugar.

Destes escravos novamente aquilombados morreram muitos, huns de velhice e outros ás mãos do gentio Cabixês, com quem tinham continuada guerra, afim

de lhe furtarem as mulheres, das quaes houveram os filhos Caborés, que mostra a relação.

“Destes escravos só se acharam seis vivos prezen-
tamente, os quaes eram os regentes, padres, medicos,
pais e avós do pequeno povo que formava o actual Qui-
lombo, situado em hum bellissimo terreno muito supe-
rior, tanto na qualidade das terras, como nas altas e
frondosas mattarias, as excellentes, e actualmente cul-
tivadas margens dos rios Galéra, Sararé e Guaporé:
abundante de caça, e o rio de muito peixe, cujo rio
é da mesma grandeza do Rio Branco.

“A Bandeira achou no Quilombo grandes planta-
ções de milho, feijão, favas, mandiocas, manduin, ha-
tatas, caraz, e outras raizes, assim como muitas bana-
nas, ananazes, abobras, fumo, gallinhas e algodão (10)
de que faziam panos grossos e fortissimos com que se
cobriam.

16

“Reconhecidas, enfim, todas as vertentes deste Rio,
se poz a Bandeira em marcha no dia 6 d’Agosto já com-
posta da gente do Quilombo de cem pessoas; cortando
pelo alto do terreno paralelo ás serras e a rumo geral
de O. S. E., e cortando as cabeceiras de muitos corri-
gos, e ribeirões, que se foram soccavando com 20 le-
goas de vagarosa marcha, em razão das mulheres, e
crianças chegando no dia 27, depois de terem passado
num braço do Galéra a outro maior, o mais proximo e
o que fica ao Norte do Arrayal de S. Vicente, aonde
mandaram pedir soccorro; e o Commandante escreveu
a Sua Excellencia dando-lhe parte da diligencia, pedin-
do-lhe as ordens para a continuação della, e partici-
pando-lhe juntamente que nas differentes explorações
do dito Quilombo até aquella paragem do Galéra se
encontraram alguns rastos e ranchos que mostravam

(10) Talvez tenham partido daí os germens da agricultura nam-
bikuara.

serem de pretos fugidos, já abandonados que elle mandou queimar e que provavelmente se tinham retirado logo que lhes chegou a noticia da mesma Bandeira.

SETEMBRO 18

“Emfim com alguns dias de descanso e espera atravessaram o Rio Galéra, e com caminho de seis legoas a rumo do sul chegou a Bandeira toda, e a gente do Quilombo ao Arrayal de S. Vicente, e neste dia fez o Commandante entrega da gente do Quilombo ao pai-zano Geraldo Urtiz de Camargo para a conduzir a Villa Bella.

19

“Em 19 sahio do Arrayal de S. Vicente o dito Geraldo Urtiz, com a gente de que se encarregou para Villa Bella pela estrada chamada do Guilherme, chegando no dia 24 de Setembro a esta Capital com as pessoas da relação seguinte:

Relação dos pretos, Indios e Caborés de que se compunha o Quilombo do Piolho em que se deu no dia 19 de Junho de 1795:

Negros	6
Indios	8
Indias	19
Caborés	10
Caborés femeas	11
	<hr/>
Total	54

“Logo que esta gente chegou a Villa Bella, vendo sua Excellencia que todos os Caborés e Indios de maior idade sabiam alguma doutrina Christã que aprenderam com os negros, e que se instruíram suficientemente e com gosto nesta Capital onde se lhe acabou de ensinar, e ainda alguns Indios adultos, pois todos fallavam

Portuguez com a mesma intelligencia dos pretos de que aprenderam; e como todos estavam promptos para receber o baptismo, foi pessoalmente assestir a este sacramento, sendo padrinho d'alguns, assim como d'outros as principaes pessoas desta Villa, cuja funcção se celebrou no dia 6 d'Outubro, recebendo este sacramento todos os de menor idade e alguns maiores que estavam mais instruidos na Religião.

OUTUBRO 7

“Partindo todas as mencionadas 54 pessoas para a Nova Aldeia Carlota no dia 7 d'Outubro, em muitas canoas, em que levavam alem de mantimentos para muitos mezes, varios grãos e sementes para plantarem com ferramentas correspondentes, assim como porcos, patos e galinhas para creação. Estabelecimento de que se espera para o futuro prospera e publica utilidade.

*

“Continuação da diligencia que a Bandeira fez para a parte do Pindaituba, braço mais Oriental do Rio Sararé.

SETEMBRO 23

“Logo que o Alferes de Dragões, Francisco Pedro de Mello despediu do Arrayal de São Vicente ao pai-zano Geraldo Urtiz para Villa Bella a conduzir a gente que formava o Quilombo de Piolho; elle com a Bandeira tendo-se demorado no dito Arrayal dois dias, sahio d'elle; e pela estrada do Arrayal da Chapada chegou no dia 23 de Setembro á ponte do Sararé; a onde recebendo novas ordens de Sua Excellencia por mão do Capitão José Antonio Glz| Prego com hum soldado Dragão que foi agregado á Bandeira e dois escravos pretos que sabiam aonde existia, hum Quilombo nos

mattos da Pindaituba, por viverem n'elle quando foram prezos por seus senhores, nesta Villa a onde vinham não só a comprar, o que necessitavam, mais a convidar para fuga, e para o seu Quilombo outros alheios.

25

“Em 25 sahio a Bandeira deste lugar e marchando duas legoas e meia, encostados á Serra de Tarumá pela estrada que da ponte do Sararé vai para Lavrinha fiz pouso em um corrego sem agua.

26

“Do dia 26 para diante a rumo de Les’Nord’Este quarta de leste marchou 10 legoas, indo pousar em cada dia a seu corrego dos quaes alguns mostravam seus faulhos d’ouro; e no dia 30 fiz pouso em uns antigos ranchos de pretos fugidos.

OUTUBRO 1

“No dia 1 d’Outubro com legoa e meia de andamento ao mesmo rumo fiz pouso perto das margens do Pindaituba, onde acharam uma pinguela, e trilha que o atravessava para a parte do Sararé.

2

“Em 2 passando o Pindaituba parte do Norte, e marchando tres quartos de legoa ao mesmo rumo do Norte até hum corrego feio acharam nelle o Quilombo que buscavam dividido em dois quarteis hum composto de 11 casas e outro de 10, a 50 passos de distancia do primeiro.

“Os negros fugidos habitavam este Quilombo, o abandonaram logo que tiveram noticia desta Bandeira, indo formar outro no correjo da Mutuca, seis legoas a Norte do antigo, tambem dividido em dois Arrayaes tres legoas distante hum do outro; do primeiro era Capataz o negro Antonio Brandão com 14 negros, cinco escravos: e do segundo que formaram no principio d’Agosto deste anno, o outro Capataz era o escravo Joaquim Feliz com 13 negros e sete negras.

“A Bandeira chegou a este abandonado Quilombo pelas nove horas do dia, e andando os trilhadores a buscar os rastos que deixaram, appareceram descuidadamente tres negros que vinham buscar mantimentos para sua nova morada; delles só hum se poude prender fugindo os dois á carreira por entre o matto, e da mesma maneira os seguio a gente da Bandeira deixando ali os mantimentos e fattos com sufficiente guarda, cujo seguimento foi por três legoas a Norte, mas vindo a noite e com muita chuva aqui pousou a Bandeira sem abrigo algum nem sustento.

3

“Em 3 com mais tres legoas de marcha chegaram ao buscado Quilombo da Mutuca, que acharam abandonado pelo aviso dos dois negros fugidos.

“Em 4 seguiram os rastos dos fugidos, e com tres legoas de caminho a rumo Leste, chegaram ao segundo Quilombo de Joaquim Telles que tambem estava despejado.

5

“Em 5 mandou o commandante os dois Dragões que o acompanhavam com 31 pessoas em seguimento

dos pretos do Quilombo, pelo rasto que deixaram na sua fuga, e elle com o resto da Bandeira voltou atraz a unir-se com os que tinha deixado em guarda do fato e mantimento da Bandeira, e assim com pequenas marchas, veio retrocedendo e mandando fazer amiudadas averiguações por todos os corregos que passava e nos rastos dos negros de que aquelles mattos estavam cortados.

14

“Até que no dia 14 veio encontrar em caminho o Dragão Joaquim Alves Mizta, que apprehendeu seis negros e cinco negras do Quilombo, os quaes achou já arranchados em cinco pequenos ranchos perto das margens do Sararé, em que estavam tratando de huma negra que adoecera.

“Deste ataque ainda escaparam tres escravos que andavam fora á cassa; e segundo a informação que deram ainda faltavam 37 pessoas de todo o Quilombo 30 negros e 7 negras.

15

“Em 15 com os 12 escravos presos, isto é, os 11 do dia antecedente e mais hum que se apanhou no primeiro e abandonado Quilombo, veio a Bandeira a pou-sar no corrigo do Barreiro.

16

“Em 16 deu o Alferes Commandante parte á sua Excellencia da apprehensão destes 2 escravos pedindo mantimento e polvora e mais alguma gente para trocar por outra que estava molesta: e Sua Excellencia logo occorreu a tudo mandando recolher para esta Villa os mencionados escravos apprehendidos; os quaes chegaram a esta Villa no dia 21 d’Outubro. Logo que o Co-

mandante recebeu as ultimas ordens de Vossa Excelencia, e o soccorro que pedira fez varias escoltas que cortando aquelle aspero certão, coberto de densa e bella mataria, seguindo a multiplicidade de rastos de que estava cortado, e soffrendo o rigor do tempo, que já era chuvoso, foram apprehendidos em differentes dias e lugares mais alguns escravos que montavam a 11 negros e 7 negras que confessaram que o resto delles tinham atravessado o Sararé e passado para os Arrayaes. E emquanto se andava nesta laboriosa indagação mandou o Comandante examinar e provar muitos corregos em differentes lugares que deram signaes e amostras d'ouro e de que aquellas terras e vertentes da Pindaituba e suas immediações prometem sufficientes descobertas.

18

“Emfim no dia 18 de Novembro chegou a esta Villa o Alferes Commandante desta Bandeira com toda ella e os 18 escravos apprehendidos, dando fim a esta importante e laborioza diligencia, com seis mezes e meio de trabalho em que acharam muitas terras auríferas (supposto que de pouco conto) viram as mattarias excellentes formadas por madeiras de grande grossura e comprimento e preciosissimas para a construcção de canoas, e obras publicas e particulares. Colheram os 54 Indios e Caborés, de que Baptisados a maior parte, e acariciados, como fica referido foram fundar a Nova Aldeia Carlota; prometendo expontaneamente não só reduzirem á nossa amizade e communicação outras Aldeas de Indios Cabixês vezinhos daquelle lugar, mas a virem a esta villa tanto a commerciar como a trazerem boas mostras d'ouro que faça conta para atrahir aquele importante lugar alguns colonos portuguezes.

“Assim apprehendeu esta Bandeira os 30 escravos já referidos, queimando e destruindo-lhes os seus Quilombos e plantações de que resulta que dos outros que

escaparam se vão alguns diariamente entregar a seus senhores o que já fizeram sete e se esperava o resto fazer o mesmo: sendo outra consequencia desta diligencia o suspender á escravatura desta Villa e seus Arayaes as repetidas fugas que costumavam fazer; e achar-se os corrigos com ouro que ficam expressados neste Diario. — *Francisco Pedro de Mello*".

*

Se de tais excursões ninguem trouxe a certeza da existencia das jazidas de Urucumacuan, por meio delas se desvendaram um pouco os segredos geograficos do vale misterioso do Juruena. Infelizmente, não consegui saber quais foram os outros enviados de João de Albuquerque; como sempre acontece, o trabalho de exploração dos nossos matutos ficou anonimo. Ainda bem que se não perdeu.

Tanto assim que o padre Ayres, em 1817, menciona certos detalhes geograficos cuja exatidão nos surpreende.

*

Ayres do Casal não fala dos Nambikuáras nem dos Tapaniunas; atribue o nome de Juruena a uma tribu desse rio e cita nomes mui semelhantes aos que se encontram hoje naqueles sertões brutos.

"Os tamarés, diz ele, dominam as vizinhanças do Juina, primeiro ramo notavel dos que engrossam o Juruena pela sua margem occidental".

Depois cita os Sarumás, "um pouco mais ao Septentrião; e agora mesmo, em 1912, Rondon encontrou em plena idade da pedra um grupo que lhe deu o nome nacional de Salumás, vivendo, porém, em plena Serra do Norte, a mais de 200 kms. a Noroeste do ponto em que a linha telegrafica atravessa o Juruena.

Dos indios da Serra do Norte, havia, pois, desde o começo do seculo passado, noticias muito vagas, embora até certo ponto verdadeiras.

No entanto, em 1817, quando já se viajava, havia 15 anos, até ao Pará pelo caminho do Tapajóz, ainda pelo Juruena "não navegavam cristãos", ao que diz o padre Ayres, honestissimo informante.

Apesar dessas antigas e tenues noticias, tão nevoentas e tão incertas, o formador do Tapajóz ficou ainda sendo o rio misterioso, filho de uma zona imensa e agreste, habitada por gente intratavel que fugia, seculos a fio, ao comercio que se lhes tentou por muitas vezes ofertar.

*

As informações de que dispunhamos até 1909, sobre a etnografia da Cordilheira do Norte, não eram mais numerosas nem mais certas. As suas serranias e as suas correntes figuravam, nas cartas, traços e rabiscos desenhados por palpite; os nomes dos seus indios, escritos ao Deus dará.

*

Nambikuára — (Nhambiquara ou Nambicoara — Mambiuára?) — aparece, é bem verdade, em muitos escritos antigos e modernos; representâ, porém, denominação que se tem emprestado a povos diversissimos, alcunha totalmente estranha á lingua dos alcunhados.

Quantas tribus do Brasil, e mesmo da America do Sul, por terem seus filhos o costume de perfurar o lóbulo da orelha, não merecem esse nome nambikuára?

Pondo de parte as referencias que se não podem ajustar á população india da Serra do Norte, citações encontradas na — *Viagem do Bispo do Pará* —, frei João de S. José, em 1762, e mesmo as que se acham num artigo documentado de R. Schuller, publicado em

1912 — (outubro) — em “Pettermanns Mitteilungen-Globus”, porque dizem respeito a outros povos batizados por estranhos com aquele mesmo nome, tudo quanto se sabia até agora, da vida daqueles índios, soma muito pouca coisa.

Em diferentes monografias sobre Mato-Grosso — (Taunay, Caldas, G. Pimentel, Couto de Magalhães) — encontramos apenas o nome Nambikuára, atribuído aos índios em questão.

O nome só.

Deles, até 1909, é fóra de contestação que além do nome, e esse mesmo errado, mui pouco mais era suscitado.

As melhores noticias eram escassas e, além disso, pouco firmes.

Da expedição Langsdorff — (1825) — publicou o Dr. Karl von den Steinen, no vol. LXXV — 1889 — do *Globus*, desenhos de Hercules Florence, figurando uma cabana encontrada perto da junção do Arinos com o Juruena.

O aspeto geral da construção lembra a fórmula dominante na Serra do Norte; ha, porém, nesse desenho, uma canôa que prejudica, irremediavelmente, a identificação. Em toda a Serra do Norte as unicas embarcações que encontrei foram as da Comissão de Linhas Telegraficas.

No entanto, o desenhista Florence, em carta de seu punho (Rev. do Inst. Historico — vol. 38) fala dos Tapanhunas daquele sitio.

Milliet de Saint Adolphe, em 1845, refere sob o nome de Nambikuára noticias de outra gente, índios Apiakás, amaveis canoeiros do Arinos, conhecedores dos mais reconditos segredos das cabeceiras do Tapajós; cruelmente extintos a bala nestes ultimos 10 anos.

Mais do que isso alcançou conhecer dos índios que estudamos o Dr. Amedée Moure.

Em 1862, publicando uma monografia sobre os índios de Mato-Grosso, dedica um capítulo ás "tribus selvagens e antropofagas", que afirma serem dez.

Entre elas estão os Kabixís, os Nambikuáras e os Tapanhunas.

Aos Kabixís chama "implacable et barbare tribu, qui se cantonne au Nord de la Province", o que é verdade; mas acrescenta que a sua lingua é a quichúa, o que é redondamente falso.

Em seguida, Moure identifica os Nambikuáras aos Tapanhunas, o que me parece aceitavel.

Chandless em 1862, Barbosa Rodrigues em 1875, Pimenta Bueno em 1880, K. von den Steinen em 1888, Coudreau em 1897, Koch-Gruenberg em 1902, Clements Markham em 1910 e, já seguindo até certo ponto a Comissão Rondon, Max Schmidt em 1910, todos falam, ainda, incidentalmente, nos índios famosos.

Martius — (Beiträge, I, 208) — diz de tal povo: "Nada se sabe dos índios que têm nome tupi: Nambyuara, Namby-cuaras, Orelhudos. Vivem como outros muitos antropofagos: Tapaï-muacus e Temanangas, na região do Tapajóz, entre 8 e 10 graus. Natterer coloca os Nambi-uaras no rio Jaguarí (*sic*) um afluente occidental do Tapajóz".

Nem o comandante Bossi, viajando pelo planalto dos Parecís, em 1863, nem o padre Badariotti, que, em 1898, chegou ás cabeceiras do Rio Verde, nenhum dos dois colheu qualquer informação sobre eles; ambos narram passagens em que atribuem aos Tapanhunas ações que, hoje o sabemos, só poderiam ter sido praticadas pelos índios da Cordilheira do Norte, pertencentes ao grupo do Juruena.

Dos manuscritos do missionario José Maria de Macerata, que pode ler em Mato-Grosso, transcreve o marquês de Castelnau certas notas sobre a existencia de tribus espalhadas nas margens do Juruena, do Juína e até do Camararé.

Tudo aquilo, porém, não é bastante claro; e, além disso, as informações se misturam com histórias fabulosas de homens-símios, que desanimam o leitor.

Nominalmente, Castelnau se refere aos Nambikuáras, dizendo que vivem nas florestas centrais; e é tudo quanto se aproveita da sua contribuição.



Merecem, porém, uma referencia á parte as contribuições de Pimenta Bueno, K. von den Steinen e Koch-Gruenberg.

Pimenta Bueno, segundo o Relatório da Diretoria Geral dos Índios de Cuiabá, em 1848, colocava os Nambikuáras na confluencia do Arinos com o Rio do Peixe; avaliava o seu numero em cerca de 600. Pelo mesmo documento, seriam 800 os Tapanhunus.

Nele tambem se fala de certos índios Jacarés, das margens do Mamoré.

Na Serra do Norte foi achado um grupo — Uaindzú —, que alguns pronunciam — Uáintaçú; e na lingua dos Kokozú do Juruena, essa palavra significa, exactamente: Jacaré. Todavia, pode ser que nada tenham de afim.

Sabe-se que as designações nacionais derivadas da fauna local são correntes em todas as nossas provincias etnograficas, seja que representem alcunhas pejorativas dadas por inimigos, ou que possuam valor totémico.

Von den Steinen, em 1888, conseguiu apurar, por informações anonimas, que os índios da Serra do Norte viviam ainda na idade da pedra, absolutamente segregados.

Em 1902, na *Zeitschrift für Ethnologie* o Dr. Koch-Gruenberg, tratando dos índios Apiakás, menciona incidentalmente alguma coisa que vale a pena traduzir:

“Os Nambikuáras e os Tapaniunas, habitantes da região do Arinos, segundo as informações do indio apiaká Alfredo, fazem casas grandes de palha e têm flechas

de cambaiuva com ponta de taquara; são, desde tempos remotos, inimigos declarados dos Apiakás, assim como dos Munduruku.

“Os Nambikuára foram denominados “Apiakás bravos” por causa da semelhança dos dialetos que pertencem, ambos ao grupo tupi.

“Todavia, Coudreau hesitou em admitir parentesco tão proximo entre essas nações, pois que os Apiakás são canoeiros, enquanto os Nambikuáras, ao que dizem, não conhecem canôa e só viajam por terra”.

Nesta nota do Dr. Koch, ao lado de fatos exatíssimos, como o ultimo, ha grandes erros, qual a inclusão de tais indios no grupo dos tupis.

Os dialetos dos indios da Serra do Norte são radicalmente diferentes do tupi-guaraní.

A meu ver, só o dialeto dos Suiás, do Xingú, o dos Karajás do Araguaia e a lingua dos Kiriris, têm alguns radicais que, sem exagero, se podem aproximar dos nambikuáras, conforme se mostrará noutro capitulo.

*

Quanto aos Tapanhunas (11), é bem provavel que sejam os indios do Juruena, grupo nambikuára de pele muito escura.

Não creio que se os possa, sem grave leviandade, identificar aos Tapajóz ou Tapaióz, que deram o nome ao rio, e viviam no seculo XVII na parte baixa deste, gozando já de apreciavel cultura, quando os visitaram Pedro Teixeira em 1631, e o padre Acuña em 1639.

Tampouco julgo digna de consideração a opinião dos que fazem deles um *mocambo* de antigos escravos fugidos ás lavras de Mato-Grosso, vivendo isolados nas

(11) De *Tapuiuna* -- o barbaro negro (Theodoro Sampaio). A existencia de uma tribu de negros nunca passou de fato lendario, embora repetido por autores de nota. O nome deve ter sido aplicado, a titulo de alcunha pejorativa, a indios escuros de algum tributario da bacia do Juruena.

matas do Arinos; fantasia das muitas com que se costuma atravancar a etnografia do Brasil, para desespero dos que a estudam com sinceridade.

A existencia da navegação entre os Tapanhunas, todavia, afasta-os dos Indios da Serra do Norte; porque é certo que são canoeiros, segundo o testemunho do tenente Perrot, official brasileiro que seguiu na segunda expedição alemã ao Xingú, em 1888, grande conhecedor daquele sertão, e cujas informações foram recolhidas por D. Maria do Carmo Mello Rego, e, pela mesma notavel brasileira publicadas nos "Arquivos do Museu Nacional", em 1899.

*

De tudo isso, se conclue que antes das expedições brasileiras, de 1907 até hoje, não existiam senão vagas noticias sobre os indios da Cordilheira do Norte, a mais central das populações primitivas do continente Sul Americano; e tambem ficam apuradas as migalhas dos conhecimentos que possuimos sobre a bacia formidavel do Juruena.

O que se fez para conhecer esse pedaço do Brasil, de 1907 até agora, vai ser, sem seguida, referido, como o requer a inteligencia do assunto.

E vale a pena recordar de que maneira Rondon e seus companheiros, rasgando matas e semeando pousos, que serão povoações, cumpriram esse destino feliz, desbravando terras e amansando homens.

III

CANDIDO Mariano da Silva Rondon, oficial do Corpo de Engenharia Militar, em 1907, foi encarregado pelo Governo da Republica de ligar á Capital, pelo fio telegrafico, os territorios do Amazonas, do Acre, do Alto Purús e do Alto Juruá, por intermedio da Capital de Mato-Grosso, já em comunicação com o Rio de Janeiro.

Os pontos extremos da linha seriam Cuiabá e Santo Antonio do Madeira. O fio cruzaria o grande divisor das aguas platinas e amazonicas.

Para começar, resolveu explorar, de maneira completa, o grande sertão do Noroeste; e realizar essa primeira parte do seu programa em duas etapas: primeiro atingir o Juruena famoso; em seguida chegar ao Madeira. O Juruena seria um excelente ponto de referencia para a exploração do resto do territorio.



Em agosto de 1907 começaram os preparativos para a expedição, iniciada na vila de Brotas.

Os trabalhos foram distribuidos por quatro divisões; á primeira incumbia a exploração do terreno, ás outras, sucessivamente, o transporte do material, o serviço de acampamento e finalmente o comboio de abastecimento.

Rondon decidiu que, enquanto houvesse montarias, um batedor iria marcando o caminho, dando avisos convenientes por intermedio de uma corneta; pelo mesmo processo, o chefe da expedição determinava o rumo.

Um dos ajudantes de ordens levava medido o passo do animal, tomava as distancias com podómetros, fazia o levantamento expedito do caminho e cuidava da barometria.

O guia marcava o rumo nas arvores; um grupo de foiceiros e machadeiros abria a picada de dois metros de largura.



A marcha começava de madrugada e terminava ao meio dia, no lugar escolhido para o acampamento.

Os expedicionarios partiram de Diamantino, a 184 kms. N. N. O. de Cuiabá.

A 7 de setembro haviam atingido territorio dos Parecís, que lhes foram utilissimos para a descoberta do rio que desejavam.

A 19 chegavam á Aldeia Queimada e, logo depois, ás terras do chefe Parecí Uazákuriri-gaçü, que serviu de guia a essa expedição.

A 10 de outubro tocavam ao extremo da zona de distribuição desses indios; iam entrar em terras dos Nambikuáras. Estavam a 605 kms. a N. O. de Cuiabá.

As privações cresciam. Os viveres, cada dia, tornavam-se mais escassos. Apelaram para os recursos da mata; mel e palmito não faltavam.

No fim do mês de outubro apareciam sinais certos da presença dos Nambikuáras. No dia 14 tinham dado com uma ponte (pinguela desses selvagens) no rio Sauêuiná ou Papagaio, já na margem esquerda. Viram, alguns dias mais tarde, o primeiro Nambikuára.

Adiantando-se um pouco no rumo escolhido, divisaram, no meio do cerrado, um indio da lendaria tribu.

Rondon e um companheiro, para o não assustarem, permaneceram imoveis. Defronte do lugar em que estavam havia um *mel*; o indio chegou-se, descobriu a colmeia e preparou-se para abrí-la.

Depositou no chão o maço de flechas, o arco e uma cesta que trazia pendente ás costas. Tirou dela um

machado de pedra munido de cabo curto e começou a cortar. Dentro de algum tempo tinha feito um orifício por onde passou a mão, retirando o produto da colheita.

Mas o ruído dos foiceiros despertou a atenção do selvagem; e ele se retirou.

*

A expedição era vigiada.

Os índios não eram indiferentes á invasão de suas terras pela coluna Rondon.

Esperavam que chegasse ao Juruena para atacá-la.

A 20 de outubro de 1907, Rondon, o tenente Lyra e o fotografo Leduc atingiram a margem do suspirado rio.

Tinham feito 484 kms. a partir de Diamantino; com 135 outros, das variantes, a exploração abrangia 619 kms. percorridos em menos de dois meses (de 2 de setembro a 20 de outubro).

*

Precisamente quando o chefe da expedição via seus esforços recompensados, julgaram os Nambikuáras que era chegado o momento de significar-lhe, de modo explicito, que não devia contar com eles; e que não havia sido em vão que se lhes tinha criado, ao redor do nome, a sua fama de ferocidade.

A 22 de outubro a expedição levou até ao rio o acampamento.

Nesse dia Rondon foi atacado.

Por felicidade, escapou de morrer, na ponta de uma flecha que figura no Museu Nacional (N. 2.178).

Diante do estado de animo dos índios, tendo conseguido reconhecer o Juruena, resolveu proceder á retirada, evitando, assim, outros ataques que talvez fossem o inicio de uma opposição infinita.

O resultado dessa primeira expedição não poderia ter sido mais completo. A primeira parte do programa estava realizada.

*

No ano seguinte, em 1908, na segunda expedição, Rondon transpôs o Juruena. Entrou em pleno território dos Nambikuáras e dos Tapaniunas.

Atravessou o Juina, o Camararé e, seguindo sempre na direção N. N. O. descobriu mais dois rios, que denominou Nambikuára a 12 de outubro. Atingiu o coração da Serra do Norte. Os índios atacaram-no de novo, nas margens do Juruena; mas o seu modo de proceder, em resposta, aproveitando as oportunidades para demonstrar as mais pacíficas intenções, deixando no lugar da agressão presentes de machados e adornos, acabou vencendo a resistência dos selvagens.

*

Em 1909, a terceira expedição Rondon partiu do Juruena e varou inteiramente a mesopotâmia que se acha entre ele e o Madeira.

Começou a marcha a 2 de junho. A 11 de outubro estava a 18.º, 17', 7", O. do Rio de Janeiro, debaixo do paralelo de 11º, 49', 15", S., a 354 kms. do posto do Juruena. Aí descobriu mais um rio, que Rondon batizou com o nome de Pimenta Bueno, a quem a corografia de Mato-Grosso deve linhas magistrais.

Mas, no fim de setembro, já havia cruzado uma outra corrente que foi chamada Barão de Melgaço, em homenagem a Augusto Leverger, vulto não menor da nossa geografia.

Proximo desses rios, segundo Rondon, devem achar-se as celebres minas de "Urucumacuan", que citei noutro capítulo.

A 13 de dezembro de 1909, depois, de 1.297 kms. de marcha, a partir de Cuiabá, chegava às margens de

um rio que pensava ser o Jaci-paraná, onde deveria encontrar uma expedição enviada para esperá-lo. Mas, um erro existente nas melhores cartas tinha-o feito chegar ao Jamari, situado na posição em que elas colocam o Jaci-paraná.

A expedição de socorro, com que contava, achava-se pois, infelizmente, em outro rio.

Todavia já caminhava em zona de seringueiros: havia recursos.

A 25 de dezembro sulcava as aguas do rio Madeira.

Estava terminada a mais notavel das explorações geograficas realizadas nas terras da America, nestes ultimos 50 anos, e varado o mais occidental dos tres setores de territorio brasileiro ainda incognitos, restando agora apenas os que se balizam: Tapajoz-Xingú e Xingú-Araguaia, na cinta dos paralelos de 10 a 12 graus.

*

Em 1910 voltaram os indios a atacar o pessoal da Comissão Rondon.

Não longe do local em que haviam levado a efeito a agressão de 1907, feriram os Nambikuáras dois officiais. Porém, já em novembro do mesmo ano, os indios das aldeias do Juruena e do Juina chegavam á fala, em attitude de simpatia.

No Juruena e no posto de Campos Novos foram colhidos, pelo pessoal da linha telegrafica, os pequenos vocabularios que julguei dever enviar ao Congresso de Americanistas (XVIII) reunido em Londres, em 1912 (12) embora fazendo, prudentemente, algumas restrições á sua exatidão.

Daí por diante ficaram os nossos, senhores da Serra do Norte. Os indios acham-se, hoje, em continuo contacto com o pessoal da linha.

As relações continuam instaveis; é natural.

Em 1911, mataram gente nossa no rio Buriti; em 1912, no Urutáu; em 1913, logo depois de nos haver tratado da maneira amavel que se verá adiante, os indios dessa maloca, unidos a outros da vizinhança do Juina, trucidaram a guarnição desse posto, incendiaram os ranchos, destruíram a balsa.

E' provavel que ainda se verifiquem, nos anos proximos, fatos semelhantes.

Quís referir estas occurrencias para apresentar, com maxima lealdade, a situação actual daquela população india. Esses conflitos, que nascem por vezes de imprudencia, ousadias, ou mesmo excesso de confiança por parte dos nossos, ficam sempre circunscritos. São puramente locais e pessoais.

*

Seria pueril imaginar que as normas adotadas por Candido Rondon bastassem, por si sós, para abolir, inteiramente, os conflitos eventuais na Serra do Norte. Se assim fosse, deveríamos pôr em pratica o mesmo *segredo da concordia*, porventura encontrado, para evitar a violenta liquidação de contas pessoais no meio das nossas populações urbanas. . .

A verdade é que os Nambikuáras vivem hoje em paz conosco; nas ocasiões de penuria, em alguns postos da linha, eles repartem, irmãmente, com os *brasileiros*, a sua massa de mandioca e o mel delicioso das abelhas que moram nas suas matas.

IV

EM 1912, o caminho de ferro, que liga a margem esquerda do Paraguai ao litoral do Atlântico, não estava ainda terminado.

Atravessadas as terras de S. Paulo, onde sua construção fôra estorvada pelas violências dos Caing-gangs bravios, chegava ao território de Mato-Grosso; mas o transporte do meu material seria mui precário por esse caminho incompleto.

A' segurança de tudo quanto tinha de levar até á Serra do Norte, sacrifiquei o desejo de apreciar, pessoalmente, os frutos da campanha pacificadora daquelles selvagens, já concluída pelo "Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais".

Nos resultados da tarefa humanitária iludiu-se a expectativa dos melhores conhecedores daquela zona paulista; e se o Serviço não conseguiu, ao que se sabe, preencher a segunda parte do seu destino dicótomo, talvez a mais importante, do ponto de vista estritamente nacional, ao menos da primeira pode dizer-se que foi brilhante.

Estrangeiros em sua própria terra, continuam os trabalhadores rurais do interior do Brasil a viver nas condições desgraçadas de uma disfarçada servidão. Falhou a primeira tentativa séria de ampará-los; a idéia, o que é pior, ficou destarte comprometida.

O programa, tão excelentemente defendido, dispunha que a proteção aos índios seria o primeiro passo; o segundo, a localização dos sertanejos. A' luz dos resultados obtidos pode se, razoavelmente, preconizar a inversão dos seus termos: *localizar os sertanejos, para*

proteger os indios. Pois que, ao contrario dos vaticinios pessimistas, ficou provado que a localização dos trabalhadores é mais difficil do que a pacificação, tanto vale dizer proteção dos indigenas...

*

Posto de lado o caminho de ferro, foi preciso pagar ao rio da Prata o tributo secular de que nos achamos, agora, libertos.

Parti do Rio de Janeiro a 22 de julho.

*

Quando recebi, no Museu Nacional, o primeiro material procedente dos indios da Serra do Norte, fiquei surpreso.

Tudo aquilo, atestando cultura elementar, apresentava numerosos detalhes originaes.

As primeiras informações indicavam indios de costumes e usos diferentes de quantos haviam sido descritos naquelas paragens.

Era gente estranha, envolta em lendas misteriosas.

Trabalhei alguns meses, em 1910, junto a Candido Rondon; a poesia daquelas terras remotas infiltrou-se no pensamento.

Ouvir o mestre, era escutar a voz chamadora do sertão; sentir o rumorejo das florestas distantes.

Em 1911, quando ele foi, mais uma vez, para o reino encantado de cousas novas e recortado de asperas veredas, eu segui para a Europa.

A nossa vida é mesmo assim...

Crescemos, uns, qual arvore indivisa, levados pela força de um destino retilinio, como as palmeiras crescem; outros, com a vida ramificada pelos empuxos ambientes. Pretendemos. Tentamos. Retrocedemos. Afinal, caminhamos na diretriz primitivamente escolhida,

quando o tempo nos concede alcançar; crescemos com as lianas.

Em 1912 realizei, portanto, um sonho de estudioso; não me propús executar nenhuma exploração.



Antonio Pyreneus de Souza, natural de Goiás, companheiro de Rondon desde as suas primeiras conquistas das terras brutas de Mato-Grosso, sertanista como ninguém, seguia para Montevidéo a bordo do mesmo vapor que me conduzia.

O auxilio que me prestou esse camarada, forte e honesto, me obriga, para pôr minha gratidão na altura do seu devotamento, a consagrar-lhe, desde já, estas linhas do meu modesto livro de notas.

Pyreneus correu aquelas chapadas, aqueles cerrados, aquelas grotas de Goiás e Mato-Grosso; seu nome, é raro o sertanejo cuiabano que o não saiba. Do Paraguai ao Araguaia, o tenente Pyreneus frúe prestígio raro. Não ha tropeiro daquelas bandas que o não conheça e o não estime e o não respeite...



Manhã de julho, fria e nevoenta. Ao longe, emergiam das ondas mansas, os tetos das primeiras casas de Montevidéo, plantadas na colina em que foi construída a porção central da cidade.

Baço, entorpecido pelo inverno platino, o sol, de má vontade, esgueirava seus raios pelas frestas intermitentes das nuvens.

Rajadas vinham de mar alto, carga de baionetas invisíveis, lanhando a pele.



Filho do Brasil não se sente estrangeiro na vizinha patria gentil.

Ha, pelo menos, uma grande felicidade de que gozam todos os povos deste continente Sul-Americano: é que se entendem, mesmo falando cada qual o seu idioma.

Infelizmente, não somos ainda bem conhecidos uns dos outros. Apesar da identidade dos destinos das republicas americanas, inexplicavelmente, elas se isolam.

Quem conhece, no Brasil, os cientistas argentinos ou chilenos?

Quem conhece, na Argentina, os cientistas brasileiros?

Que jornais e livros brasileiros se acham á venda em Montevidéo ou Buenos Aires?

No entanto, corre em Montevidéo ouro brasileiro, que aqui ninguem mais vê.

Do *condor* chileno, de ouro quasi puro, mostraram-me um exemplar. Foi moeda infeliz, da qual raspavam um pouco de metal seus possuidores sucessivos, de sorte que, em alguns dias, os bancos só a recebiam a peso. Já não circula mais. Perdeu-se por ser demasiadamente rica...

O pequeno Museu de Montevidéo, alojado em uma ala do Teatro Solis, fez-me pensar.

De certo que me interessei pelas suas coleções de zoologia, onde o professor Arechavaleta deixou traços impereciveis; a sua série de peixes é valiosa.

Vi com prazer seu material etnografico.

Mas, foi o salão em que se acham os objetos historicos da Republica Oriental do Uruguai, a parte desse pequeno Museu que eu percorri com emoção.

*

Existe algo de ingenuo e grandioso, ao mesmo tempo, no orgulho nacional dos povos hispano-americanos.

Um general, que tomou parte numa guerrilha do tempo da independencia, hoje, aos olhos dos posteros é um herói consagrado.

O menor feito darmas daquela época tomou proporções inauditas.

Nota-se, por toda parte, tanto na Republica do Uruguai, quanto na Argentina, um calor de nacionalismo altamente benéfico.

Para os povos, como para os individuos, a auto-sugestão do valor proprio é uma força imensa, visto que o homem decreta a propria ruina no dia em que desanima.

Um povo que rememora seus heróis cultiva energias necessarias a seu viver futuro.

Heróis — e o conceito precisa ser definido, por seguro — são todos aqueles que produzem uma idéia, ou uma ação diretora; heróis, pela concepção de Carlyle. Heróis filosofos, heróis poetas, e heróis guerreiros tambem. . .

Porque “herói” não quer dizer valente; mesmo no conceito greco-romano quer dizer *divino*.

*

Nos países da America do Sul a desnacionalização é um problema sério.

A imigração, fator de progresso e de riqueza, traz consigo, todavia, o germen dessa perturbação politica.

A America do Norte teve a ventura de receber, durante muito tempo colonos de elite. Eram homens de carater nobre e altivo, que a procuravam para fugir a perseguições religiosas. Representavam o escól da população européa do seu tempo. Fugiam da patria para se entregar ás suas crenças. Huguenotes alemães, Puritanos ingleses, formaram o seletto nucleo imigratorio.

Mas as regiões da America do Sul não tiveram a mesma sorte.

Os contingentes portuguezs, espanhol, italiano, alemão, polaco, arabe, etc., da imigração sul-americana, não abandonaram a patria pelos mesmos motivos. . . salvo poucas exceções.

Huguenotes e Puritanos, ao deixarem a Europa, traziam já na mente o anelo de uma patria nova, onde florescesse a liberdade.

Com a imigração norte-americana veio a semente de uma nação; semente boa, além de tudo, escolhida pela perseguição politica praticada na terra de origem.

Nós outros, ao contrario, recebemos imigrantes que não vêm satisfazer aqui, na America do Sul, nenhuma preocupação moral.

Fazem lembrar garimpeiros; chegam apressados e labutam com afinco, para sair do meio no mais breve tempo possivel.

Os outros, os da Norte-America, tambem vieram ao Novo-Mundo buscar uma vida melhor; mas quiseram explorar a jazida como verdadeiros mineiros, sem aços-damentos, nutridos por grandes ideais.

Quando a America do Norte começou a receber levadas de gente semelhante á que, em geral, recebemos, já possuia uma feição nacional caracterizada; já era uma patria. E ninguem pôde contestar que o material, de que o nucleo daquela nação se formou, foi o melhor que a Europa produziu nos seculos XVII e XVIII.

O primeiro nucleo imigratorio que se levantou em 1618, no Massachusetts, era de um bando de Puritanos abastados, que fugiam á opressão religiosa dominante na Inglaterra. Não vinham tais homens á cata de riqueza, senão á procura de espaço.

O que apareceu no Brasil, logo depois de 1500, não foi de Puritanos...

Foi gente que tambem veio em procura da liberdade... ameaçada pela justiça publica.

Tudo isso mostra que o problema da nacionalização, aqui, é ainda mais difficil.

Nada se deve esquecer, do que possa concorrer para sua solução: despertar as boas tradições e mantê-las vivazes no seio dos grupos heterogenos e adventi-

cios; procurar, por todo meio, ligar os filhos de todos, que forem nascendo no Brasil.

Perdôa-se de boa vontade, por isso, a enfase, com que se escuta falar: *los Treinta e Tres...*

*

Montevidéo é uma cidade meiga, sossegada e agradável; a vizinhança de Buenos-Aires entorpece naturalmente o seu progresso, que se ha de desenvolver, a seu tempo, conforme temos o dever de desejar.

*

Ladario — é um velho vaporzito conhecido, e mal-sinado, por quantos tenham subido a Corumbá pela carreira fluvial mantida pela principal empresa de navegação brasileira.

Ladario foi construido em 1888. Deve ter feito uma figura brilhante no seu tempo, e suportado galhardamente o transito da época; hoje conduz, na sua decrepitude, o pavilhão do Brasil, desde o Rio da Prata até Mato-Grosso, humilhado, de momento a momento, pelos garbosos navios que as linhas de navegação argentina fazem disparar pelo rio afóra, como pequenos palacios encantados que as aguas arrastassem velozmente.

Ladario é brasileiro. A Constituição da Republica dispõe que a navegação de cabotagem seja feita por vapores brasileiros; portanto, *Ladario* é brasileiro. Mas, *Ladario* foi construido na Alemanha; gasta carvão da Inglaterra. Seu comandante é italiano, seu comissario é uruguaio; seus maquinistas são portuguezes; seus marinheiros, paraguaios.

São brasileiros seus passageiros: funcionarios e militares.

A bandeira brasileira que *Ladario*, ronzeiro e pachorrento, não tira do seu mastro, por força dos trata-

dos para a navegação do rio Paraguai, não é a que a Republica adotou. A bandeira do Brasil deve ter 21 estrelas, inclusive as do Cruzeiro; a do *Ladario* tem umas trinta e tantas estrelinhas (13).

Uma de mais, uma de menos...

*

Todo o canal praticavel do Rio da Prata é balizado por uma serie de boias iluminativas.

De vez em quando, na margem, vê-se uma aldeiola, ou mesmo uma cidade; encontram-se navios que descem para Buenos-Aires e Montevidéo.

A ilha de Martin Garcia, que se pintava no horizonte, avermelhado pelas aguas lamacentas, não podia ser passada sem evocações.

Rio da Prata, Paraná e Paraguai, como todos os grandes rios, são cheios de reminiscencias.

Dois terços da historia da humanidade desenrolaram-se á beira dos cursos dagua. Um rio caracteriza uma região melhor que uma montanha.

Quem poderá ver o Tejo sem emoção? E não falando do Tibre, pode se dizer que toda a historia da Europa, no seculo XVII, não poderia ter sido o que foi, sem a existencia do Reno.

Ao longo do caminho fluvial que eu percorria, surgiam as mais profundas sugestões historicas.

Passando *Martin Garcia*, entra-se a sulcar as aguas do Paraná.

Sempre a mesma paisagem, monotóna e triste.

Vilas e cidades argentinas, á noite, animam aquele quadro, pelo reflexo das suas luzes. Entre uma e outra, o campo, enorme e chato; borrões escuros, separando *pueblos*.

(13) O autor está convencido de que a nacionalização do Brasil é hoje problema capital. E, como o patriotismo é antes *sentido* do que *pensado*, os simbolos, que despertam na alma popular mais sentimentos do que pensamentos, devem ser cuidados com carinho.

O Paraná é tão largo que só se vê, por vezes, a mancha da povoação no quadro.

A 3 de outubro caminha o *Ladario* nas aguas do Paraguai.

Afinal, avista-se um pouco de mata.

Já se interrompe, aqui e ali, a serena planicie.

As estipes do carandá alteiam-se, numerosas, por todo o percurso do Paraguai. Sobem como todas as palmeiras, roliças e indivisas; mas as folhas, bem na ponta dos caules, é que surgem. Não ha, como em tantas outras palmas, aquele insensível preparar para a formação da verde corôa com que se toucam. O caule do carandá, quando atinge os primeiros laivos do azul do céu, explode em folhas.

E' a carnaúba do Norte do Brasil.

*

Nas margens, a vista ia se animando cada vez mais. Grandes figueiras pendiam mal-mortas, arrancadas pela ultima enxurrada, raizes expostas, como tentaculos de um polvo imovel, desecadas pelo vento e pelo sol; salgueiros aborrecidos, lamurientos, pareciam chorar para dentro do rio. Muitas gramineas: ubás (14) e bambús.

A largura moderada do Paraguai permite que, a bordo, se participe um pouco na vida das suas praias; vêem-se cabanas, e a gente se interessa pelos seus tristes habitantes.

Junto aos casebres em ruina, que pontilham as margens do rio todo, favorecendo-o com esse perfume humano de prazeres e dores, que uma velha morada sempre exala, amontoam-se grandes achas de lenho avermelhado escuro, de que se vêem carregados grandes barcos.

(14) *Ubá*, nome indigena de graminea de grande porte, assim: *Arundo donax*, L. exotica sub-espontanea, tambem chamada cana do reino. *Gynerium parviflorum* Nees, tambem chamada cana brava. — (A. J. S.).

E' a madeira do *Quebracho* (15).

Voejam sobre as aguas e sobre os campos, biguás (16), biguás-tingas (17), caracarás (18).

E as solenes formas hieraticas das cegonhas (19), e a brancura das garças (20), que parecem aves de algodão, transformam certos estirões do rio em paragens encantadas, magicos cenarios, onde Lohengrin poderia surgir...

*

Partindo de Montevidéo, os vapores brasileiros só param em Humaitá, primeiro porto da Republica do Paraguai, quando se sobe o rio.

Em vez de favorecerem o intercambio do Brasil com sua vizinha, funcionarios brasileiros e argentinos andaram escogitando meios de prejudicá-lo. Os vapores brasileiros tocavam, ha algum tempo, nos portos argentinos, que se escalam pelo Paraná; os argentinos subiam até Corumbá.

Já em 1912, os magnificos barcos argentinos ficavam em Assunção; e os navios brasileiros seguiam, sem escala, nem mesmo para refazer algumas provisões.

*

(15) *Quebracho* — nome de arvores do genero *Schnopsis*, da fam. das *Anacardiaceas*, assim:

Quebracho blanco, da Argentina: *Schnopsis Lorentzii*.

Quebracho colorado, do Paraguai: *S. Balansae*.

No Brasil, temos *S. brasiliensis*, vulgo "braúna", seg. Loeffgren. (A. J. S.).

Essa *anacardiacea* presta-se admiravelmente á construção e fornece excelente material tanico para o preparo dos couros.

Nesse trecho do Paraguai os vapores são invadidos por nuvens de *Cullcinas*.

(16) Biguá — *Carbo vigua*, Vieill.

(17) Biguá-tinga — *Plotus anhinga*, L.

(18) Carácará — *Milvago chlmachima*, Vieill.

(19) Cegonha — *Tuxenura maguari*, Gm.

(20) Garça — Grande, branca — *Herodias egretta*, Gm.; pequena, branca — *Leucopholx candidissima*, Gm.

Humaitá suscita, no coração dos brasileiros, uma onda de piedade pela pequena republica guaraní, que deveria hoje ser um dos mais interessantes países da Terra.

As ruínas da catedral, tal qual ficaram depois de 1868, lá se encontram invadidas pelas arvores piedosas, que parecem desejar cobrir de sombra aquela ferida aberta pelo odio humano, e provocada pelo orgulho.

As avezinhas tecem seus ninhos nas paredes do templo despedaçado, restos de uma luta talvez inevitável, de que os vencedores deviam ter saído sinceramente mais tristes que envaidecidos.

No Museu Nacional do Rio de Janeiro existem duas colunas da catedral de Humaitá, trofeus de vitória que um povo catolico recebeu das mãos de seus guerreiros... (21).

As brechas de onde saíram lá estão. O patrimonio nacional nada perderia, restituindo a seu lugar esses despojos de uma guerra, que o Governo do Brasil declarou fazer pessoalmente ao ditador do Paraguai.

Ha, por toda a nossa historia, traços que só nos reconfortam sem nos entristecer. Oxalá deixassemos dormir em nossa lembrança agradecida, discretamente, os grandes feitos em que nossos maiores aniquilaram um povo pequeno e valente, filho legitimo da mesma terra da America.

*

A temperatura subia á medida que nos dirigiamos para latitudes mais septentrionais.

Em Asuncion fazia calor torrido.

A cidade santa dos fieis soldados de Solano Lopez, que se deixavam matar nos mais terriveis encontros de

(21) Em 1910 todos os objetos historicos encontrados no Palacio Imperial foram reunidos em uma sala, aberta ao publico. A essa dependencia chamou-se Sala Pedro II. Esse material foi incorporado ao do Museu Historico, na ocasião da sua fundação em 1922.

1865 com incrível ousadia, porque acreditavam na propria ressurreição acolá, é construída numa curva do rio, ampla e bonita.

Morna cidade, toda envolta em tristeza e poesia, cheirando a misterio.

A vida corre ali monotona e pacifica... enquanto uma revolução não a sacode.

Porque o flagelo das ambições individuais, de que sofrem todas as nações da America do Sul, mais ou menos intensamente, encontrou, no país, um meio ótimo ao seu desenvolvimento, graças ao ardor combativo dos seus filhos, nos quais o sangue guaraní nutre a alma fogosa da Espanha, retemperada por novos atributos.

A politica pessoal, quer dizer, a que não é politica, aliás tal qual a conhecemos no Brasil, empolga a todos, no Paraguai.

Señoritas, que viajavam a bordo, sustentavam, contra as proprias irmãs, as qualidades dos chefes de partidos antagonicos.

Em todo caso, ha sinceridade nesse apoio pessoal prestado aos cabeças politicos.

Não é por interesse imediato que as familias se sacrificam pelos decaídos...

*

Nas ruas, no mercado, no famoso mercado de Asuncion, tão pitoresco e desaceiado, predominam mulheres. Poucos homens, na cidade, porque as guerras civis ceifam os rapazes daquela terra bela e desgraçada.

As paraguaias são robustas, avermelhadas, morenas, de face quadrangular, malares salientes, olhos grandes, negros, obliquos, longamente ciliados, cabelos negro-carvão, labios carnudos, nariz grosso e relativamente pequeno.

Saúde e força.

Sempre sugando grossos charutos rusticos, falando com voz cantada idioma meio guaraní, meio espanhol,

mascateiam pelas ruas, no mercado, a bordo, grosseira cerâmica e rendas maravilhosas, que parecem tecer em segredo com os mais delicados raios do sol.

Nhanduti (22), a renda nacional, tem o valor de uma obra de arte pura. Exprime, ao mesmo tempo, a alma caprichosa e paciente daquelas mulheres, e traduz todo o seu sonhar incontido.

Nela se adivinham ousadias e jactancias do humor castelhano, juntas á doçura sempre tímida das virgens indianas.

Na sua simplicidade, parece que a renda se formou por si mesma de fôcos de espuma branca; ou então, que as rendeiras gentis copiaram seus motivos das teias, que as aranhas distendem nas clareiras das matas.

Porque só o que é livremente concebido no seio da natureza, pôde ser, ao mesmo tempo, simples e maravilhoso; só o que é feito assim consegue despertar a emoção estetica por meio de tão modestos processos.

Um pedaço de renda é um trapo; no entanto, o *nhanduti* das paraguaias guarda, nos seus motivos delicados, a alma do seu berço encantador.



Guaniú-jaman — é o nome dos anéis conjugados, *puzzle* bem conhecido, que Asuncion fabrica de ouro bom, com muito carinho (23).



(22) *Nanduti*: a tela de aranha. Do tupi: *Nandú* — a corredora (aranha), *ti* — renda, tela (Theodoro Sampaio).

Veja-se Nota sobre o *Nanduti* do Paraguai — E. Roquette-Pinto — Bol. do Mus. Nac., tomo III, fasc. I, 1927.

(23) A respeito desse nome forneceu-me o Sr. professor Basilio de Magalhães a seguinte nota: "*Anel* — traduz-se para o abanhê por — *cuã-iru*. Este vocabulo compõe-se dos termos *cuã*, "dedo" e *iru*, "companheiro", "o que anda junto com". Para designar os anéis conjugados — ao mais complexo dos quais se dá no Paraguai a denominação espanhola de *Sete ramales*, "sete ramais" — adiciona-se á expressão *cuã-iru* o substantivo castelhano *ramale*, quer assim mesmo pronunciado, quer substituído o *l* por *r*, dando as formas *cuã-iru ramale* e *cuã-iru ramare*".

Em Asuncion, a regra é dormir a sesta.

"Só os brasileiros e os cães andam na rua ao meio dia", diz o povo.

Ninguém suponha, no proloquio, um desejo de nos ofender; houve, talvez, outrora.

"Casa tua filha com o filho do teu vizinho", aconselha a experiencia popular; e o Brasil, cada vez que manda um vaso de guerra ao Paraguai, casa alguns dos seus filhos com filhas do vizinho...



Paraguai, afinal, é nome que se não sabe, com segurança, de onde vem.

Uns pensam que a designação deriva de indios que outrora habitavam a margem oriental do rio; era a nação Paiaguá: *Paraguai* = rio dos Paiaguás (24).

Póde a verdade, todavia, estar com os outros, os que aceitam para o nome a significação de: rio das palmeiras: *Paraguá* = corôa de palmas; I, U ou Y = agua ou rio.

Grandes bosques de palmeiras cobrem, realmente, as suas margens.

Os *carandasais* (25), naquela região, têm a mesma valia característica dos *pinheirais* (26) do Sul do Brasil.



A flora paraguaia é muito rica, semelhante á do Brasil e interessante, quanto á nomenclatura guaraní das especies que o povo distingue.

(24) *Paraguai*: De *Paraguá*-I. Em tupi — *Rio dos Papagalos* (Theodoro Sampaio). E' interpretação preferível.

(Apud Martius e Baptista Caetano).

No mesmo sentido conclue Manoel Dominguez — "La Revista Americana" — Agosto de 1933.

A variante Paraná deu nome ao principal afluente do Turi (R. Lopes).

(25) Carandá — *Copernicia australis*.

(26) Pinheiro — *Araucaria brasiliana*.

Comparar a terminologia botânica e zoológica dos antigos conhecedores da língua, os dedicados padres da Companhia de Jesus, com a que é hoje corrente na boca dos paraguaios, é conseguir dados para apreciar algumas modificações sofridas pelo idioma aborígene, durante tantos séculos de contacto com o castelhano.

Quando duas línguas se encontram, num mesmo ponto, não se fundem inteiramente; nem domina, definitivamente, a que se acha mais identificada com o meio cósmico.



O quebracho e a herva-mate, *cad* (27) dos guaranis, fornecem á republica duas grandes fontes de receita.

Na porção oriental do Paraguai, calcula-se em 1.500 kms.2 a área occupada pelos herbais.



Durante a guerra de 1865 foram precioso recurso os grandes palmares; das nozes e dos palmitos nutriu-se, durante tempo, grande parte da população.



A fauna da pequena republica tem grande semelhança com a do Brasil. Valeria a pena lembrar aqui algumas espécies, só para mostrar a sobrevivencia das denominações guaranis.

Seria repetir coisas sabidas.

Urucureá, porém, não escapa á citação, porque dessa coruja (28) faziam os padres de antanho remédio contra a embriaguez. Aos indios bebados davam aguardente misturada com o caldo dessa ave triste.

(27) Herva-Mate: *Cad*, no tupi — a planta, a herva (Theodoro Sampaio). — *Ilex paraguayensis*, St. Hil., da fam. das Aquifoliaceas.

(28) Coruja do campo — *Speottilo canicularia grillaria*, Temn.

Tambem não passa o *Bem-te-vi* (29) sem uma nota.

Hoje o denominam *pitogüe*; nos tempos da conquista era chamado *pitagáá* (estrangeiro). Porque foi pelo seu canto, diziam os índios, que se tornou conhecida no país dos guaraní a chegada dos homens brancos de Espanha.

Lendas e fabulas, sobre a fauna paraguaia, são numerosas.

No tempo desgraçado em que o país sufocava nas garras de José Gaspar de Francia, sinal certo de fuzilamento proximo, conforme acreditava o povo, era o esvoaçar de uma chavarria (30) (Chajá), por sobre a morada do ditador, ás horas do escurecer. Essa ave é a mesma *anhupóca* ou *anhúma* (31) de Mato-Grosso.

Os nomes de lugares, de plantas e de animais, pelo Brasil afóra, foram se originando de grande numero de idiomas indigenas; falta-lhes, por isso, uniformidade. No Paraguai, o guaraní dominou quasi exclusivamente. Não foi, porém, só por causa desse dominio que a terminologia popular resultou homogenea; o Paraguai recebeu poucos negros.

Os que lá foram introduzidos formaram as povoações de Tabapi, Emboscada e Areguá; e desde 1843 começaram a ser libertados por uma lei de *ventre livre* promulgada por Carlos Lopez, onde se dizia que os filhos das escravas seriam chamados *Libertos de la Republica del Paraguai*. E, a 2 de outubro de 1869, para sempre foi extinta a escravidão. Os negros importados

(29) Bem-te-vi — *Pitangus sulfuratus*, L.

(30) Chavarria (chajá) — *Chauna cristata*, Sivalins.

(31) A especie amazonica é *Pallamedea cornuta*.

eram destinados aos serviços domesticos; nunca tiveram papel de relevo na economia nacional. Mesmo porque a mineração, industria ávida de gente escrava, no tempo antigo, penosa occupação, cheia de trabalhos, nunca ali foi ponto de concentração de actividades extremadas. Quando muito, citam-se, nesse particular, os *barreros* de sal gema, jazidas de Lameré Luque, Ipané, bastante exploradas antes da guerra.

Em 1853, no arsenal de Asuncion, fabricaram-se alguns canhões, com ferro das jazidas de Quiquió, San Miguel, Caapucú; e, no mesmo arsenal, fundiram-se os sinos de algumas igrejas para fazer canhões empregados na guerra contra a Triplice Aliança.

El Cristiano e *el Niño* eram duas peças famosas naquele tempo.

*

No estado amorfo em que se encontra, a população do Paraguai impõe, todavia, uma questão altamente interessante á curiosidade dos etnologos.

No Brasil, o indio, na concorrência, tem sido sumariamente liquidado; não contribuiu, senão através de seus descendentes, caboclos sertanejos, para a etnogenia do país. No Paraguai, o elemento aborigene compôs a massa popular.

Durante a guerra, a lingua guaraní era idioma oficialmente usado no exercito. Ordens do dia, informações, tudo nela se redigia.

Mas, a etnografia indigena paraguaia distingue outros contingentes valiosos, de lingua diversa.

Entre o Paraguai e o Paraná espalhavam-se outras grandes tribus.

Porque se fez predomínio exclusivo dos guaranis e do seu idioma?

Vale a pena verificar as razões desse fato; recordá-las é contemplar a eclosão de uma nacionalidade. O Paraguai, a guerra contra a Triplice Aliança o demons-

trou, era em 1865, habitado por um só povo; povo atrasado, se quiserem, porém, perfeitamente nacionalizado. Tão nacionalizado que para muita gente, era povo de fanáticos.

Em 1905, também os russos chamavam *fanáticos* os japoneses, que o patriotismo impelia nos campos da Mandchuria.

A guerra, entre outras coisas, destruiu o espirito nacional que os ditadores, infelizmente, não souberam dirigir, e antes exploraram em proveito do seu egoismo.



O Paraguai é filho da Companhia de Jesus. O predomínio guaraní foi consolidado pela propaganda dos padres; a lingua foi perpetuada pelo seu carinho. Não fossem eles, o idioma não estaria hoje tão falado.



A navegação do Paraguai, durante a vasante, é precaria e perigosa. Felizmente que, por ser mui tortuoso, a baixa das aguas se processa lentamente.

Acima de Asuncion começam a aparecer os *Chamacocos*. São, quasi todos, vaqueiros das estancias paraguaias e argentinas.

Das ribas abruptas, cobertas de gramineas e palmeiras, avermelhadas de barro, partem pequeninas canoas em que navegam, o torso nú e reluzente, musculos refesos, os indios daquela nação. Deixam as choças, á direita ou á esquerda do rio, e vêm gritar, ao lado dos vapores:

— “Eh! Eh! Bolacha! Bolacha!”



Ao entardecer de 7 de agosto, passamos pela foz do rio Apa, onde existe um posto aduaneiro do Brasil.

Entramos, pois, em aguas nossas, porquanto o rio fórma a divisa entre o Brasil e o Paraguai, expressa no tratado de 9 de janeiro de 1882, assinado, por nossa parte, pela Princesa Izabel, a Redentora.

Ladario parou alguns instantes, para receber um guarda que o deveria acompanhar até Corumbá.

Dois cabanas e um mastro: o posto aduaneiro.

*

Ao longo do rio escalam-se os *saladeros*, que são as nossas *Xarqueadas* rio-grandenses.

Detritos da ingrata industria, lançados a mancheia para dentro da corrente, infeccionam-lhe a agua, apesar das beneficis piranhas (32), cuja voracidade encontra pasto nos remansos, á beira dos quais se erguem os matadouros.

Promove-se, destarte, o pioramento das condições higienicas de todo aquele vale, já por si infestado de paludismo.

Cada vez que o vapor encosta á barranca, para receber um volume ou deixar um passageiro, a partir de Asuncion, vê-se gente magra e abatida, pele côr de óca amarela, ventre enorme, esplenomegálico, escleróticas ictericas, organismos trabalhados pela doença.

*

“Porto Murtinho” será daqui a pouco, cidade ativa e buliçosa. E’ o escoadouro de uma grande região meridional de Mato- Grosso; acha-se quasi na fronteira. Desce daí todo o mate da Companhia Laranjeira. Mate brasileiro, preparado e empacotado em Buenos-Aires. Mais um tributo pago á gentil vizinha...

*

(32) Piranha — *Pygocentrus paraya*, Cuv.

No "Fecho dos Morros", picos-sentinelas que a natureza levantou nas duas margens do Paraguai, demora o Forte Coimbra, que lembra Ricardo Franco, o grande cosmógrafo português do século XVIII.

Apoia-se na margem direita, dependurado na aba da colina.

Tem ar melancólico de velho castelo, com ameias e baluartes; o Forte Coimbra foi um forte.

São de suas paredes uma voz evocadora e possante, falando das lutas de outros séculos, entre os competidores na conquista da terra, contra os antigos senhores dessas varzeas, contra a gente e contra o meio...

Dois ou três canhões sonolentos, sobre rodas escandalosamente impróprias á montanha em que moram, olham o rio como quietos cães de guarda.

Em baixo, á direita, como se fosse a ponte levadiça do mesmo antigo castelo, adianta-se um cais de madeira; defronte dele, uma casinha coberta de folhas de zinco, aberta para uma varanda pela qual se estorcem caules delgados e folhudos.

Depois de uma fila de palhoças claudicantes, a capoeira ressecada, envolvendo aquele quadro num véu de angustia.

Todos os cerros parecem polvilhados de cinsas. É uma paisagem petrificada, imota pela calmaria, sem vida manifesta. Cactus e bromélias surgem, aqui e ali, da superfície calcarea daqueles morrotes.

É no céu, muito azul e muito límpido, que, então; o olhar repousa, cansado da tristeza do lugar, que só as chuvas vestem de folhas.

Ha dois officiaes no Forte: o commandante e seu ajudante.

O medico embarcou a bordo do vapor que nos conduzia; passou a enfermaria militar ao farmaceutico...

Corumbá domina as planícies da margem esquerda do Paraguai.

Cidade velha, costumes velhos.

No mesmo dia em que cheguei a Corumbá partia uma lancha para S. Luiz de Cáceres, lugar do meu destino; era preciso, pois, transbordar, sem demora, todo o material que levava.

Perdido o *Etruria*, seria forçado a esperar cerca de 15 dias por outro barco. Surgiu uma dificuldade. O guarda da alfandega, embarcado no *Ladario*, não quis permitir a retirada dos meus volumes marcados: "Museu Nacional".

"Museu Nacional"! Marca suspeita! O digno funcionario não tinha a minima noção do que fosse um Museu. Quanto mais lho explicava, tanto mais ele descreia...

Era meio-dia. O *Etruria* deveria partir á boca da noite; o guarda zeloso pediu a opinião de outros, e todos, na mais santa ingenuidade, resolveram a suspeição daquela minha tralhoadá.

Em Corumbá, como no Paraguai, o sono da sésta é um habito geral; para ganhar 15 dias de viagem resolvi fazer perder, ao inspetor da severa aduana, alguns minutos de sono...

*

Ruas abrasadas de sol, ermas e faiscentes.

La bater numa porta, quando vejo vir, serena e fragil, uma velhinha magra, encanecida e morena, protegida por larga umbrela de cabo grosso, que os dedos mal sustinham.

Pedi-lhe que tivesse a bondade de me informar onde morava o inspetor da alfandega.

"Conheço o inspetor, maõ não sei onde ele está assistindo... não sei dizer..."

E foi andando pela rua erma e torrida.

Uma visão. “Onde ele está assistindo”, a velhinha dizia como a gente antiga do Brasil.

Falava a lingua dos poetas mineiros do tempo da Inconfidencia:

Eu Marilia, não sou nenhum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado.
Tenho proprio casal e nelle assisto...

Aquele simples verbo exalava o perfume arcaico dos tempos coloniais. Tinha encontrado, numa das mais centrais cidades da America do Sul, uma expressão genuinamente lusitana, de que a imensa maioria dos brasileiros não usa mais.

Numa cidade litoreana, fóra as que se acham mui proximas de Portugal, seria hoje quasi escandaloso empregar *assistir* por *habitar* ou *morar*.

“A menina nasceu em fracas palhas” — “E’ preciso guardar a boca” — “Ha meses que lhe não vem o costume” — “O que lhe hei de dar a comer?” — são expressões genuinamente portuguezas, que tenho recolhido da boca de pessoas recém-chegadas; modos de dizer que o Brasil já não conhece.

Ha brasileiros mais ciosos de bem falar o portugês que os proprios donos da lingua; como se a lingua brasileira já não fosse um dialeto portugês deturpado e acrecido.

“O nosso orgulho maximo, escreveu Euclides da Cunha, devera consistir em que ao portugês lhe custasse o traduzir-nos, lendo-nos na mesma lingua”.

Esse trabalho de emancipação, processa-se, todavia; a diferenciação da lingua brasileira vai sendo acelerada por multiplos fatores tendentes a perturbar o idioma originario.

A gente de Corumbá espanta as trevas de suas noites com luz elétrica; mata a sede com água suja do rio. Goza do superfluo; não tem o indispensável. O atraso de sua higiene enverniza-se com aquele luxo.

Quão mais adiantado me pareceria Corumbá se bebesse água captada e canalizada das fontes do Urucú, ainda que se iluminasse, modestamente, a petróleo!



Arabes, sírios e turcos mascateiam por toda parte. Internam-se, catando fregueses, em todos os cantos.

Dos milheiros deles, que o Brasil recebe anualmente, não se tira talvez uma centena de produtores.

Não existem aqui trabalhadores rurais turcos; e todavia, não ha elemento estrangeiro mais espalhado pela superfície do país.

No coração de Mato-Grosso, na Amazonia, em Minas Gerais, na Capital da Republica, vivem grandes massas de mercadores *turcos*. Embora, pelas condições do seu mistér habitual, sejam obrigados a entrar em relação com os brasileiros, vivem, de fato, perfeitamente segregados na sua raça, nas suas normas, no seu feitio. Ninguém sabe ao certo como se chamam, de onde são, que religião professam. Vivem lá entre si, ignorados quasi pelos brasileiros. Onde ha um mais rico, mais inteligente, ou mais instruido, grupam-se em torno dele; e, quando esse "leader" adquire certa influencia no país, começa a dirigir, inteiramente, o nucleo de compatriotas.

Seria injusto negar os serviços elementares que prestam esses mascates ás populações do interior. E' uma imigração que cumpre, na hora atual, missão de utilidade; não tem trazido, porém, consigo, nenhum germen de progresso.

A região dos arredores de Corumbá, defronte da cidade, é toda de origem aluvial; calcareos predominam na margem direita do rio.

A esquerda é baixa, pantanosa; tem feição de uma esponja atravessada pelo Paraguai.

As rochas eruptivas de que se vale a arquitetura, só existem á distancia de algumas leguas. Mesmo a areia para construção vem de S. Luiz de Cáceres, com tres dias de viagem, ao preço de 50\$ a barçaça, ou da Lagoa Gaíva.

E' admiravel que, numa formação calcarea de tal sorte, se não conheça numero maior de cavernas; devem existir outras, além da Gruta do Inferno.

A espeleologia brasileira, inaugurada por Alexandre Rodrigues Ferreira quando reconheceu a "Gruta do Inferno" (33) nas vizinhanças do Forte Coimbra, reserva ainda, aos estudiosos, segredos e surpresas maiores, talvez do que as desvendadas.

A "Gruta do Inferno" tem sido muito visitada. Curiosidade ociosa: até agora, ao que sei, ninguém ainda lá procedeu a escavações e pesquisas.

Pondo de parte as espeluncas do vale do rio das Velhas (34), de Maracá (35), de Iporanga (36), que outras têm sido revolvidas por gente capaz?

Quem já escavou conscienciosamente as cavernas do Alto Uruguai?



Consagro esta nota a uma observação puramente medica, realizada, infelizmente, de modo imperfeito.

(33) *Gruta do Inferno*. Foi Ricardo Franco quem batizou essa caverna, em 1786. Alexandre Rodrigues Ferreira visitou-a em 1791. Em verdade, são duas as grutas. Segundo a memoria de João Severiano da Fonseca (Rev. do Inst., vol. IV) medem 50 palmos de comprimento por 25 de largura.

(34) Em 1926 o Museu resolveu-prosseguir as pesquisas iniciadas por Lund na Lagoa Santa. Já se realizaram tres excursões ao vale do Rio das Velhas. Esses estudos estão em marcha.

(35) No Rio Maracá Quiana Brasileira.

(36) No vale do Rio Ribeira de Iguape.

Não poderia afirmar se se tratava de fôrma benigna de polinevrite alimentar, ou mesmo leve polinevrite beriberica; seja como fôr, observei durante a viagem, a bordo do *Ladario*, casos de dormencia prolongada dos artelhos em diversos passageiros.

Essa modificação da sensibilidade aparece principalmente nos grandes artelhos, que se tornam quasi insensíveis, embora conservem todos os movimentos. Localização semelhante á da *pódagra*.

Nenhuma outra desordem objetiva ou subjetiva, a não ser a diminuição de alguns reflexos superficiais.

Não me arrisco a conjeturas sobre tais casos, todavia bem verificados. Cito-os aqui para atrair sobre o assunto a atenção dos medicos que vivem por lá.



Partimos de Corumbá á meia-noite; noite de luar e... mosquitos.

O mosquito de rêde é suplicio benfazejo, naquele calôr; e a rêde, cama suportavel naquele meio.

Não vale fazer o mosquito de gaz leve, crivosa; não ha que deixar espaço á entrada do inimigo; deve ser de "algodãozinho", de malhas bem cerradas.

A temperatura, dentro de tal saco, não é, evidentemente, agradável; todavia, é aceita de bôa cara, porque, sem a proteção daquele pano, não se dorme.

Aliás, o aparelho tem outra valia. Nos lugares onde vivem anofelinos, precisamente á noite, as femeas inoculam o germe do paludismo; e o mosquito, portanto, é grande profilatico.



O *mosquiteiro*, largamente usado no interior, tem a fôrma geral de um fuso. Suas extremidades terminam nos punhos da rêde; da parte média desce, como a ve-

sicula umbilical de um peixe recém-nascido, o seu bojo fechado, ao nível do chão, por duas abas que se cruzam.

Um cordel mantém o plano superior acima de quem dorme; e, algumas varetas, cortadas na ocasião de armá-lo, distendem horizontalmente o pano.

*

Além de Corumbá, o Paraguai corre, tortuoso e risonho, entre campinas e bosques. Suas margens cobrem-se de florestas, quando não se apagam para dar lugar ás lagôas. De longe em longe, o tufo de flores violáceas de um piuva rompe o verdor sombrio da vegetação.

*

Piuva (37) — é nome que os cuiabanos dão ao Ipê — que anima os tons da mata durante a floração.

*

A 10 de agosto passámos em Porto S. João, da fazenda Santa Cruz. A fazenda conta cerca de 10.000 cabeças de gado, ao que informam vaqueiros. Uma das maiores.

No dia seguinte transpunhamos a povoação de Amolar; ao meio-dia o termometro marcava 38°, á sombra.

Ao longo da margem direita via-se uma cadeia de montanhas esbatidas no horizonte. Não eram simples colinas sem importancia. Pelas cartas usuais não foi possível identificá-la.

Ai de quem se deixar levar pelas cartas atuais!

*

(37) *Piuva* ou *peuva*, nome de arvores dos generos *Tecoma* e *Jacaranda* da fam. das *Bignoniaceas*, assim: *Peuva* da mata ou *parapará* na Amazonia: *Jacaranda copala*, D. Don. *Peuva* do campo: ha uma *peuva* amarela (*Tecoma ochracea*, Mart.) e uma *peuva* roxa ou preta (*T. ipê*, Mart.).

O nome *piuva* ou *peuva* é uma corruptela de *ipê-uva*, pelo menos em alguns casos. (A. J. S.).

Abaixo da Lagôa Gaíva, a navegação do Paraguai é dificultosa, pela angustia do rio. Além disso, durante as cheias, destacam-se das barrancas numerosas ilhotas verdejantes, que perturbam profundamente a topografia do alveo; os melhores pilotos se embaraçam, muitas vezes, para decidir onde passa o canal navegavel por entre esses, *camalotes*, verdadeiros mururés (38) do Paraguai, resultantes da erosão processada pelas aguas.

Urticaceas, leguminosas, gramineas dominam nesse trecho.

A volta do *Caracarazinho* foi percorrida em 26 minutos. E, durante esse tempo, não fizemos mais de uns 20 metros de caminho util.

*

Enquanto o vapor sóbe a corrente, vão passando, como no pano de fundo de um cenario de magia, arvores folhudas, onde, confiantes, livres e ageis, casais de macacos (39), atores inconcientes, exibem o seu papel.

A onça (40) gosta daqueles campos em que a presa é facil.

*

Uma tarde, a luz se diluia nas primeiras sombras, enquanto as cigarras cantavam (41).

O Paraguai era um cadarço azul, que a helice esgarçava em flócos de espuma branca.

(38) *Mururés*. — No Maranhão, aplica-se a denominação aos camalotes caracterizados por *Elchornia* sp., mas sob a forma *mururús* (mururys no cronista José de Moraes).

Tambem se diz mururé (no Maranhão e no Pará) uma arvore de terra firme, de latex medicinal, anti-sifilitico, dito "mercurio vegetal". (*Brosimops acutifolia*, Hub. (Ducke), *Moraceae* (segundo nos indicou o prof. A. J. de Sampaio).

De um modo geral, nos dictionarios do tupi, as formas originarias desses nomes têm o sentido de "Humilde" e outros, sem correspondencias sistematicas. (R. Lopes).

(39) Macacos — *Cebus* e *Ateles* sp.

(40) Onça — *Felis onsa*.

(41) Cigarras — *Pidicina mannifera* e *Tympanoterpes gigas*.

Ruidos da mata, imprecisos, ousados ou tímidos; ruidos certos do motor, compassados e monótonos.

Subito um fragor de galhos que se partiam, folhas secas crepitantes, um grande grito de animal ferido. . .

Toda a gente correu para o mesmo bordo do *Etruria*; e a onça, mal divisada, sumiu-se pela ramaria a dentro. Rapida cena característica daquele ambiente: os rumores de um motor, filho da mais apurada cultura científica e o rugir das onças dominavam.

*

Os índios Guatós caçam com afinco, os grandes gatos, cujo couro vendem por bom preço aos viajantes.

Um couro de onça vale mais de 100\$; e, quando passas as lanchas, os caçadores vêm, de canôa, oferecer os produtos de sua industria predileta.

*

Assim que o dia começa, aparecem nos banhados por onde a vista se derrama, entre as florestas, nos grandes campos ribeirinhos, manadas de veados que brincam de orelha sempre alerta, em cambalhotas nervosas.

As tahans, *anhúmas* (42) (em Mato-Grosso), são sempre os mesmos esposos, ternos amantes, modelos de bem casados. Distendem o vôo pesado, elevando a custo a corpulencia, e vão pousar além, sempre juntos, repetindo no percurso o seu dueto de amor, em que ele a chama: *Tahán!*

E ela responde: *Tahin!*

*

Entrámos, a 12 de agosto, na zona habitada pelos indios Guatós, visitados recentemente pelo Dr. Max Schmidt, do Museu de Berlim (43).

A ribanceira, aqui e ali, apresenta-se desnudada, limpa, pela frequencia do pé humano. Domina, no lugar, a ramaria de uma figueira: é um *porto de guató*.

Arvores caidas, com o desbarrancamento da ultima enxurrada, preparam-se para partir, ao arbitrio da corrente, ao Deus dará das aguas, rio abaixo; e as folhas soltam-se uma a uma, como se fossem lagrimas da planta chorando a despedida...

*

As margens, pouco além da ribanceira, pontilham-se de manchas escuras: são ranchos daqueles indios, valentes canoeiros que têm, na historia do Brasil um lugar bem merecido.

*

Joaquim é um indio cego.

Vive sentado debaixo de uma figueira, ao lado da cabana, rolando, na direção do rio, os olhos extintos.

Mora ali, no *aterrado*, ponto firme no meio do pantanal, só com a sua guató que o alimenta e protege, velha companheira corajosa da sua triste escuridão.

Ela colhe, naquela terra, os frutos que cultiva para manter seu lar. E, perdido no recanto agreste, rodeado de fêras e perigos, o drama de amor e de piedade desenrola-se ha alguns anos.

E' um poema de bondade, que a natureza feminina compõe, no amago da mata, com todo o encanto da beleza primitiva e toda a santa poesia de uma dedicação sem esperança...

*

(43) Max Schmidt — "Indianer-Studien in Zentral Brasilien" — Berlin, 1905.

A' noitinha, a agua toma nuanças violetas e verdoengas.

Bugios (44) cinzentos e peludos com bugias negras, aconchegam-se nas ramarias.

E, como o rio não é largo, quem passa, goza dos minimos detalhes da vida intima daqueles casais de macacos, que se preparam para dormir.

Veadinhos assustados cabriteiam pelos pantanais, procurando moitas onde passar a noite.

*

A meio caminho de Corumbá-Cáceres acha-se Porto Descalvado, onde existem usinas da Companhia Cibills que prepara extrato de carne.

Possue grandes manadas, em campos que vão dos pantanos de Mato-Grosso á fronteira da Bolivia.

O gado da Cibills é arisco; segundo dizem os vaqueiros de Porto Descalvado, é abatido a tiro de espingarda. Aliás, é por processo semelhante, que se resolvem as questões, nas regiões fronteiriças.

— *A lei aqui é o artigo 44, paragrafo 32.*

O artigo 44 é o calibre da clavina Winchester, paragrafo 32 — corresponde ao cano das pistolas de repetição...

*

Dos bandidos da fronteira sofre muito a companhia; de vizinhos, fazendeiros do Jaurú, não padece menos.

Genesio, um dos nossos tropeiros, fôra vaqueiro no Jaurú. Contava que seu patrão dizia habitualmente, mandando arrebanhar gado alheio para seu campo:

— “Quem achar boi gordo pôde tocar p’ra cá, que é meu; ferro que eu respeito é só a magreza...”

(44) Trata-se de *Cebideos* (*Alouatta caraya*, Humb.) mais conhecidos sob o nome de *guaribas* ou *macacos roncadores*. A diferença do pelágio, nos dois sexos, é muito acentuada; dir-se-iam duas espécies.

A's onças pagam as manadas pesado imposto de carne viva.

Da mesma empresa roubam também os caçadores de garças, que devastam rios e lagôas.

Em Corumbá, 1 kg. de plumas vale mais de 1:000\$000 e cada garça fornece apenas algumas gramas.

*

Mulher que quasi chora vendo, presa num viveiro, uma ave bem tratada, calma e contente, adorna sua beleza com o sofrimento e a vida de uma porção de garças...

Se vissem, voando pelo azul, aqueles flócos brancos, quantas vaidosas teriam remorso de suas *aigrettes*? Quantas não prezarão ainda mais o adorno, só porque custa a vida feliz das garças brancas?

*

A *péste de cadeiras* — tripanosomiase fatal aos equinos, em 1911, matou 600 cavalos da Cibills. Em porto S. João, ainda mais.

*

“A onça, contam vaqueiros, não ataca homem barbado. Também não se atira a gente que dorme no mosquito, porque não sabe de que lado está a cabeça!...”

“Mais de um, dormindo no campo, tem sido visitado, alta noite, pela onça, cujos fios de bigode aspero chegaram a atravessar o pano do mosquito...”

E, sinceramente, repetiam:

“A onça não bole com a gente debaixo do mosquito.”

*

A 13 de agosto encalhou o *Etruria* nos baixios do *Passo Presidente*. Perdemos aí o dia. Para safar a lancha, a manobra usual é lançar ferro á distancia de uns 20 metros e fazer girar o guincho, enrolando o cabo que a vai arrastando.

Enfileirados em bancos de areia, ao longe, batalhões de guarás (45) vermelhos como grandes manchas de sangue desbotado, assistiam ao rude trabalho da tripulação.

Passo Presidente merece o qualificativo; é o mais difficil da navegação do alto Paraguai, entre Corumbá e S. Luiz.

*

Em pé, na prôa, automato como um boneco, com a cabeça metida num funil de feltro, que foi chapéu, calças arregaçadas ao joelho, numa orla grossa debruada pela côr amarelada das ceroulas, de onde pende um cadarço barrento, um caboclo espadaúdo vai sondando a profundidade do rio, nos passos que a vassante arruína.

Finca a vara medida, gemendo; e, atento, crava o olhar nas divisões e grita:

- Seis! escasso!
- Sete! na marca!
- Oito! folgado!

Grita cantando, plangente, como se a vara fosse um violão, ou mesmo um *cotcho* (46); o Sol, fosse a Lua das *serenatas*, e ele estivesse, ali, a suspirar num descante. . .

(45) Guará — *Tudocnus rubel*. L.

(46) Voz *cuiabana* do vocabulo côcho. E' uma viola sertaneja feita a facção, com duas ou quatro cordas de tripa ou de fibra de palmeira, arrançadas com o material da região. Em certos *desafios* o *cotcho* é acompanhado pelo *ganzá*, especie de matraca ou reco-reco. De todos esses instrumentos ha exemplares na coleção de Etnografia Sertaneja do Museu Nacional.

No ar parado do meio-dia, quando o rio fásca e as cigarras estridúlam nas ribanceiras, esvoaça, de vez em quando, a voz do caboclo da prôa, avisando o piloto das oscilações do canal praticavel, cuja profundidade se exprime aos palmos:

- Nove! escasso!
- Oito! folgado!
- Seis! na marca!

*

O combustivel, a bordo, é lenha.

Em vez de ser pau atôa, é lenha de angico e de aroeira; é *madeira de lei*.

O milheiro de achas, na barranca, no mato, é vendido a 40\$000; em Amolar vale 100\$000; em Corumbá ainda mais.

A combustão dessa lenha produz calor que basta para fundir as grelhas das fornalhas, segundo informam pessoas entendidas.

*

Pela foz do Jaurú passámos, á boca da noite. O Paraguai, nesse trecho é matoso, mais estreito e mais fundo.

Cópas de arvores folhudas e ramosas se debruçam sobre a corrente, por efeito do heliotropismo; pois que o rio é um largo feixe de raios luminosos cortando a escuridão da floresta.

A' noite, de vez em quando, entravam por debaixo da tolda da lancha, como braços fantasticos, grandes galhos da margem proxima. Era, então, um fragor apavorante de coisas mil-partidas, como a descarga de metralhadoras imprevistas. O vapor oscilava, diminuia sensivelmente a marcha e desviava-se do rumo, detido pelos obstaculos, que a escuridão escondia.

dera aos olhos, pequeninos e argutos, do piloto Salvador. Gritos de gente que dormia, dependurada nas rêdes fustigadas pelas varas do mato; gritos dos vigias, mando de ordens, manobras...

A lancha parava.

Alguns arranhões nos passageiros, fraturas em sa-liencias do barco; o convez inundado de folhas e paus, mensageiros da floresta dando boas vindas á gente intrusa.

*

S. Luiz de Cáceres, como Corumbá, é construída sobre uma das margens do Paraguai; a outra estende-se deserta, baixa e alagadiça.

Corumbá trepa, margem direita acima; S. Luiz espraia-se pelo planalto modesto da esquerda. A mata, a mata viçosa do Paraguai, interrompe-se nas cercanias de Cáceres. Quando muito, capoeiras e cerradões. A cidade e seus arredores foram erguidas em uma mancha calcareossilicosa no lençol argiloso, humido, aluvial, de toda a região.

Núa, sem a proteção das arvores, sofre, no estio, os rigores do Sol; a poeira fina, subtil, levanta-se em nuvens, ao menor sopro, e invade as vias respiratorias.

*

Quando chove surge o tijuco, pastoso, exuberante, tomando as ruas, aliás bem traçadas, alinhadas em tabuleiro.

*

Houve ha tempos, em S. Luiz, uma *Rua das Cabeças*.

Pòrque *Rua das Cabeças*?

Não ha, perto, nenhum massiço de rocha eruptiva de onde se possa retirar pedra para construção ou

calçamento. Ensaíram a pavimentação com *pedra canga* (47), a *tapanhoacanga* dos mineiros.

Mas, esse mineiro de ferro é fragil demais para isso, embora sirva para construção; existe, em S. Luiz, o esqueleto de uma igreja onde largas nodoas chocolate denunciam placas de *pedra canga*.

Pois, á mingua de melhor material, lembrou-se alguém de recamar a rua, na frente de casa, para poder transitar durante a estação das chuvas, dos cranios dos bovinos, que a cidade ia devorando. Outros seguiram seu exemplo; surgiu a *Rua das Cabeças*...

*

Água de Cáceres é a do Paraguai, ou a dos al-gibes, abertos na vizinhança das fossas, condição de insalubridade garantida.

*

S. Luiz vive exportando poáia e borracha, creando algum boi nos pastos do pantanal, que o tempo das chuvas ericha de gramineas e ciperaceas. Na sêca, a criação passa fome; fóra do pantanal não ha pastagens.

Exporta muita borracha, principalmente depois que a Comissão Rondon quebrou o encanto das paragens onde melhor vêgeta a seringueira.

Outrora S. Luiz de Cáceres foi Vila Maria, em homenagem á triste rainha. Vivia do ouro de seus garimpos. Tem hoje a cidade duas casas de sobrado; as outras, são rez-do-chão, cobertas de telha vã, ventiladas, como convem ao clima.

*

A enfermaria militar de Cáceres regorgitava de doentes atacados pela *ferida brava*. A' distinta amabi-

(47) *Pedra canga* ou *tapanhoacanga*. Do tupi: cabeça de negro. E' um conglomerado argil-ferruginoso formado por fragmentos de *itabrito*.

lidade do Dr. Jesuino Maciel, devo ter podido examinar muitos casos.

*

Ferida brava (48) não é ferida; é ulcera. Todos os doentes vêm do sertão bruto; é mal das regiões da vertente amazonica.

A's vezes, começa como um furunculo; outras, enxerta-se numa verdadeira ferida, escoriação aberta pelos espinhos da mata, picada de mosquito ou carrapato. Depois cresce; quasi indolor, torpida, vermelha, sangrando pouco, redonda, limitada por uma borda espessa, orla saliente e sêca, mereja liquido, ora sanioso, ora claro, linfatico, inodoro. Pouco pús. Mais frequentemente localizam-se as ulceras nos membros e na cabeça. O tronco é quasi sempre poupado. Observei alguns casos em que se assestavam na região dorso-lombar; algumas vezes, na raiz nasal.

Entre muitos que examinei, cerca de 100, não vi uma só localização mucosa, na boca ou no nariz.

Em certos individuos, a ulcera fica solitaria durante muito tempo; depois surgem outras, proximas ou afastadas da primeira. O doente que mais tinha apresentava 17 *feridas bravas*, espalhadas pelo corpo.

(48) Sob a denominação de *ferida brava*, se designam no interior do Brasil pelo menos tres entidades morbidas diversas: a leishmaniose tegumentar americana, a ulcera fagedenica tropical e a ecthima.

A leishmaniose tegumentar americana se manifesta por lesões cutaneas predominando nas partes descobertas e lesões das mucosas da boca, do nariz, do laringe e do faringe; seu agente etiologico é a *leishmania brasiliensis* de Gaspar Viana, transmitida de homem a homem por dipteros psicodideos do genero *Ilebotamus*.

A ulcera fagedenica tropical, observada quasi exclusivamente nos membros inferiores, se distingue de todas as outras ulcerações pelo abundante exsudato purulento, viscoso e brilhante, que recobre a lesão; é talvez produzida por uma simbiose fusco-espirilar que nos casos não tratados da doença constantemente se observa.

A ecthima, forma mais grave das infecções impetiginoides da pele, se recobre de espessa crosta que não existe geralmente nas infecções precedentemente referidas; tambem dessas se distingue por acometer com frequencia partes cobertas do corpo; como agente etriologico reconhece amostras pouco virulentas de estreptocócos.

Quando são cauterizadas tomam aspeto diferente: rodeiam-se de uma orla mais grossa, dura, exuberante. Costumavam os trabalhadores queimá-las com a solução de sulfato de cobre usada nas pilhas electricas do telegrafo.

As *feridas bravas* levam tempo a sarar. Meses e meses, a fio, ficam cravadas na pele, como pequenas crateras de vulcão, sem atar nem desatar, atormentando os miseros doentes.

Na região em que se acham não se nota reacção inflammatoria.

A maior, que tive ocasião de ver, media cerca de seis centímetros de diametro.

*

Procurei, com muito interesse, verificar a existencia da *ferida brava* entre os indios. Ela não os molesta. Não vi um só Parecí ou Nambikuára atingido pelo mal; nem soube de algum que fosse atacado. A doença deixa sempre uma grande cicatriz rugosa e indelevel, arredondada, que não passaria despercebida no corpo de um indio.

*

Depois que começaram a vir do acampamento tropeiros e trabalhadores atacados, os quais fazem estadio em Tapirapuan, no alto Sipotuba, um *arrieiro* que nunca havia atingido a bacia do Juruena foi infetado. Teve uma ulcera na raiz nasal.

A *ferida brava* deve ser transmissivel. No entanto, o contagio é bem precario, pois que uma verdadeira multidão de infetados existia em Cáceres e Tapirapuan sem que o mal se propagasse.

*

Sobre a *ferida brava*, João Cavalcante, fazendeiro no Sipotuba, em Porto dos Bugres, deu-me interessante informação, que não devo deixar de transcrever.

Havia alguns anos, *indo tirar seringa*, nas cabeceiras do Papagaio, afluente do Juruena, volta com uma das tais *feridas* no dorso do pé esquerdo.

Depois de muito tempo, cansado de drogas e mézinhos, resolveu pulverizar, na cavidade da úlcera, um pouco de tartaro emético.

E' sabido a importancia que o tartaro tem, no sertão, na terapeutica de todos os males; sobrevivencia de uma antiga opinião medica; lá, o emético é panacéa.



Fig. 1 — "Plancha" do rio Sipotuba.

(Segundo croquis do Autor)

Cavalcante sofreu dores horriveis mas sarou depressa.

Quando parti para Mato-Grosso, já se tinha ensaiado com o melhor sucesso, o tratamento das ulceras leishmaniosicas de Baurú pelas injeções endo-venosas daquele sal.

*

Apressêi a partida de Cáceres. Na plancha *Esperança*, que os bons officios do tenente Boanerges e do Sr. Leopoldo Ambrosio conseguiram pôr á nossa disposição, fizemos embàrcar o material.

Seguimos por terra, para chegar mais depressa a Tapirapuan, para onde Rondon nos marcára um encontro.

*

A *plancha* é o barco regional.

Sua prôa é chanfrada, larga, sem roda. Na pôpa, depois do leme, um fogão de ferro sobre uma caixa de terra. O leme perfura a embarcação, á maneira do uso egipcio.

Toda a porção mediana é coberta por um toldo de tabuas, de teto chato, aberto para os lados em quatro janelas amplas, por onde entra a carga.

Dentro, um forte cheiro nauseante; em cima do teto, entre outras coisas, mantas de *carne de vento*, especie de xarque usado na viagem.

Os bordos da *plancha* são largos e salientes; formam o *pisa-pé*.

A *zinga* tem quasi seis metros de comprimento (5m.70); termina em cône, numa ponta; e, na outra, acaba em gancho.

Para descer o rio, a *plancha* dispensa esforço; um *plancheiro* bom, com a mão no leme, fôge dos baixíos e das pedras, deixa o barco escorregar pela agua abaixo, enquanto os zingadores dormitam.

Para subir, varejam os zingadores. Quatro de cada bordo, aos pares, mergulham nagua a ponta da vara, físgam o fundo, e vão marchando de prôa á pôpa, compassadamente, fazendo ressoar o — *pisa-pé* —, gritando de vez em quando:

— *Eta, madeira! Tchâ!*

De longe, ouvem-se os ruidos da subida de uma *plancha*: um choque claro, longo, das varas contra os bordos; seguido de outros, curtos e soturnos, que são ruidos do *pisa-pé*.

Nos segmentos do rio em que o fundo não pôde ser atingido pela *zinga*, encostam a *plancha* a uma das

margens, e vão alando a embarcação, prendendo nos ramos o gancho da vara.

*

A' noite, embica-se a plancha para a ribanceira, no pouso escolhido. Armam-se as rêdes.

E as grandes arvores do lugar, aluidas pelas enxurradas, deixam-se cair, ás vezes, sobre os imprudentes acampamentos...

PARTIMOS de S. Luiz para Tapirapuan, ao findar do mês de agosto.

O caminho, que liga á velha cidade o posto de abastecimento da Comissão Rondon, vai margeando o Paraguai até ao "Passo do Barranco".

Anda-se por cima do pantanal (49) sêco. Areia e tabatinga; poeira fina.

Nos cerrados, cajueiros (50) em flôr, iluminando a tristeza da flôra.

Em alguns lugares, encontram-se grandes excavações redondas, como se fossem úlceras da terra, de onde retiram argila, para os adobes empregados nas construções.

Ha, nesses pontos, verdadeiras manchas de argila plastica.

*

No mesmo dia da partida armámos nossas rêdes á margem direita do Sipotuba, debaixo de uma figueira enorme, na fazenda do Porto do Campo.

Atravessado o Paraguai, no Passo do Barranco, tínhamos caminhado ao longo daquele rio, que é, na verdade, braço formador destoutro.

(49) O pantanal de Mato-Grosso não corresponde ao conceito vulgar de pantano; tambem os campos inundaveis de Marajó e do Maranhão, ficam em geral, completamente secos na estiagem e são em parte arenosos; sobre a formação destes, v. R. Lopes, "Entre a Amazonia e o Sertão", Boletim do Museu Nacional, 1930.

(50) O cajueiro verdadeiro ou da praia (*Anacardium occidentale*, L.) é encontrado em Mato-Grosso nas proximidades de habitação humana e por isso considerado como introduzido.

O cajueiro dos campos é o cajú-i ou cajú rasteiro (*Anacardium nanum*, St.-Hil.); na mata: *Anacardium giganteum* Hanc., grande arvore florestal, empregada em canôas. — (A. J. S.).

As terras do vale do Sipotuba são entremeadas de *campos e cerrados*.

Nos campos, que a invernia transforma em lagôas, ha boas pastagens, de que limitados rebanhos se utilizam.

Na estação das sêcas, verdadeiras lagôas, em compensação, quasi desaparecem; e a fauna lacustre, sofrendo os rigores dessa incerteza, modifica seus hábitos.

Jacarés (51), privados da agua dos lagos, arquejantes, saíam pelo campo, procurando os veadinhos que vinham matar a sede.



Em uma das manchas de campo, depois de um lance de *cerradão*, a certa distancia do caminho, despreocupado, pastava um lindo cervo (52).

Parámos todos, para gozar daquela cena primitiva. Ao lado, uma pôça dagua lodacenta, resto da grande lagôa que as chuvas do verão haviam de encher de novo.

Pé ante pé, lento, arrastando-se subrepticamente, saía dagua um hidrosaurio esfaimado e traiçoeiro, procurando atingir o cervo.

Fazia um passo curto e, quasi no mesmo lugar, ficava imóvel, como se fosse um jacaré de bronze, iluminado pelo sol; depois de alguns instantes, continuava a marcha imperceptivel.

E' assim que atacam as presas distraídas.

Dentro de algum tempo teria agarrado o veadinho pelas pernas, arrastando-o para a pôça dagua suja...

Interrompemos, sem remorsos, a triste operação.



Já pela noite cerrada, começou a abrandar o calor fortissimo daquele primeiro dia de marcha. O rio, ao luar marulhava, sugerindo o sono.

(51) Jacaré — *Caiman sclerops*.

(52) Cervo — *Dorcelaphus dichotomus*, (Hl.).

Do outro lado da corrente, os sons confusos da floresta levantam-se em surdina, para compor a serenata.

Frio, pela madrugada; na manhã seguinte, o sol rompia agressivo, despejando ondas de luz e calor por cima das matas, dos cerrados. As oscilações diárias da temperatura atmosférica, naquela estação, seguiam tal norma.

*

Quem toma banho no Sipotuba compreende a razão pela qual as planchas levam 12 dias para subir, até Tapirapuan, e descem em 48 horas; o rio tem águas claríssimas, fundo pedregoso e fortíssima correnteza.

A parte inferior do seu curso, porém, é cavada em terrenos de baixo nível.

Durante seu trajeto, aí, não recebe um só contribuinte de importância.

O volume de suas águas cresce, ainda assim, pelas torrentes anônimas que o alimentam dos dois lados. Na primeira porção do seu percurso, juntam-se-lhe seus verdadeiros afluentes.

*

A lepra não é frequente naquelas bandas, ao contrário do que supunha. Em Cáceres vi dois leprosos: em Porto do Campo existe uma família de morféticos. Convem notar, todavia, que a população regional é muito escassa; não acredito que S. Luiz de Cáceres tenha os 15.000 habitantes que lhe dão. Aliás, as notas censitárias de que dispomos são precárias demais, para servirem a qualquer estimativa dessa ordem.

*

Em *Porto dos Bugres* passámos para a margem esquerda do rio Sipotuba.

De Bugres a Tapirapuan vão 15 leguas. O Pyreneus julgou prudente iniciarmos essa marcha durante

a noite, para não sacrificarmos os nossos animais, visto que o caminho é dos piores.

Partiríamos de madrugada para vencer, mais suavemente, o grande *Sapezal* (53).

*

Reconheço que são, aparentemente, ociosos alguns detalhes desta narração, que, afinal, nada apresentam de maravilhoso. Todavia, escrevo para documentar e divulgar; escrevo desejando arquivar e servir.

Ha minucias aborrecidas para quem toma de um livro afim de se recrear, ou para quem procura apenas uma nota.

O mesmo leitor, em outras circunstancias, daria uma fortuna para conhecer essas pequenas coisas. A mais corriqueira informação pôde servir a outrem de modo indizível. Vale pela experiencia que encerra, trabalho que poupa, tranquilidade que proporciona, habilitando outro transeunte a prever uma série de condições.

Tive a felicidade de achar um guia experimentado; outros não a terão. Que aproveitem as informações aqui registadas...

*

João Cavalcante é sertanejo inteligente e bondoso. Fiz-lhe algumas perguntas; respondeu com clareza.

O saber da gente matuta tem sabor especial. Quando nos contam coisas e fatos, não se prendem a teorias e liames de que se acham embaraçados os letrados. Na sua voz, é ainda a propria Natureza quem fala; ganhamos escutando-a.

Disse-me que a *matá da poáia* (54), outrora, ia da sua casa a Tapirapuan, 15 leguas a fio, estendendo-

(53) Sapé — *Imperata brasillensis* e *I. caudata*.

(54) Poáia — *Uragoga ipecacuanha*, Baill. E' a poaia verdadeira. O nome vulgar é atribuido a plantas diversas (A. J. S.).

se entre o Paraguai e o Sipotuba. Grande parte dela é hoje o desolado *Sapezal*, campo de ciperaceas, onde se acham espetados, negros como varões de ferro, os caules carbonizados das grandes arvores, que as queimadas não puderam derrubar.

*

Não ha muitos anos, os indios Parecís das cabeceiras do Juba, do Cabaçal e do Jaurú frequentavam *Porto dos Bugres* para negociar com a gente de Cáceres.

*

Nessa noite que passámos no Porto dos Bugres, produziu-se um incidente banal, que desejo narrar porque dá amostra do meio em que vivem aqueles sertanejos.

Armáramos as rêdes debaixo de algumas laranjeiras, ao lado do rancho de nosso hospedeiro. Respirando o ar que descia das arvores em flôr, conversavamos baixinho.

Noite de luar incerto.

De repente ouviu-se, no outro lado do rio, a voz mordente de um suino erguer-se na escuridão, num grito de desespero.

— A onça! A onça! gritou Cavalcante aparecendo, mal distinto, na porta da sua casa de folhagem.

— Está parecendo *sucurí* (55), disse um *camarada*, erguendo-se na rêde, preguiçoso.

— Esse rio tem muita *sucurrí*...

Onça, ou *sucurí*, atacava o chiqueiro a menos de cem metros da habitação.

Cavalcante, seus homens e os nossos correram para o lugar onde a voz da vitima se perdia, deslizando numa escala cromatica descendente...

(55) *Sucurí* — *Eunectes murinus*. É o maior dos ofidios. Vive à beira d'agua.

As crianças da casa, pobres filhos da floresta, levantaram-se das suas pequeninas rêdes, despertadas pela gritaria dos bichos e dos homens:

— E' a onça? E' a onça? Fecha a porta! choringavam, nervosas e tremulas.

A porta!

Era um rancho de pau a pique, coberto de palmas de *acuri* (56), as paredes, em palissada, permitiriam a passagem de um casal de onças...

Todavia, tinha uma porta; e era bom abrigo para formar o carater dos pequeninos brasileiros.

Tive piedade daquelas crianças, acordadas no meio da noite pela onça; pensei nos petizes das cidades, que tremem de medo e arregalam de pavor, quando ouvem falar das onças fabulosas.

Invejêi as crianças pelos meus filhos; serão verdadeiros homens os que vão crescendo assim, endurecidos pelo contacto íntimo com as asperezas da criação.



De Porto dos Bugres, através do *Sapezal*, corre a estrada, aberta pela Comissão Rondon, para abastecer seu deposito.

O *sapezal* se interrompe, nas *cabeceiras*, para dar lugar á vegetação que costuma coroar as nascentes; na fonte do *Jacarézinho*, a 30 kms. de Bugres, vicejavam cedros (57), perobas (58), garapas, faveiras, algodão da mata (59), guarirobas (60), buritis (61), uauassú (62), amostras do que o fogo andou, por largo tempo, devorando.



(56) *Acuri* — nome peculiar ás palmeiras *Attalea princeps*, Mart. e *A. phalerata*, Mart.

(57) Cedro — *Cedrela* sp.

(58) *Peroba* — *Aspidosperma* sp.

(59) Algodão — *Gossypium* sp.

(60) Guariroba — *Cocos comosa*.

(61) Buriti — *Mauritia flexuosa*, no N. de Mato-Grosso; *M. vinifera*, no Centro e no Sul.

(62) Uauassú. — *Orbignya spectosa*,

Plena região da poáia.

Mato-Grosso é, ainda hoje, o maior fornecedor da rubiaceae, cuja extração é trabalho ingrato, exigindo muita atenção dos que desejam encontrar a herva e fugir das cobras. Dizem os matutos:

— *O poaiêiro carece de ter boa vista... vai andando no mato de cabeça abanando, só mexendo com os olhos... senão, arranca, mas é nada! A poáia arruina a vista.*

Nas costas, levam os poaiêiros um matirí de em-bira, para o qual vão jogando as raízes arrancadas; chegando ao rancho, poem-nas a secar ao sol.

*

Vive no vale de Sipotuba uma avezinha do tamanho do sabiá, plumagem côm de folhas sêcas, que assobia como se fosse uma pessoa. Os matutos chamam-na de *poaiêiro* e não a matam. Dizem que outrora, no tempo da grande floresta, quando cantava num lugar, os *arrancadores* corriam para aquele sitio, certos de farta colheita.

O *poaiêiro* (63) era auxiliar de mão cheia. O fogo, destruindo a mata, diminuiu a poáia, e quebrou o encanto salutar da avezinha.

*

Todavia, foram os arrancadores os maiores culpados do incendio das florestas dali. Acreditavam que limpando o sólo pelo fogo, livrando-se, por meio dele, das *imundicies* que atormentavam os mateiros: abelhas, mosquitos, maribondos, formigas, poderiam colher mais facilmente a raiz cubiçada. Mas a poáia não medra fóra da proteção da mata.

Destruíram a morada, esperando conservar o morador; mais uma vez o homem, por ignorancia e ambição, matou uma galinha de ovos de ouro...

*

Partindo de S. Luiz de Cáceres contam-se as seguintes etapas, de acôrdo com a marcha que fizemos:

S. Luiz — Barranco	3 leguas
Barranco — Porto do Campo	5 „
Porto do Campo — Porto dos Bugres	3 „
Porto dos Bugres — Manoel Benedito	11 „
Manoel Benedito — Tapirapuan	5 „
De Cáceres a Tapirapuan	2 a 3 dias

*

Partem de Tapirapuan (64) as tropas de abastecimento, conduzindo generos e material para o acampamento de Rondon, situado a cerca de 100 leguas. O nome daquele lugar é ainda lembrança das *bandeiras*, cravada no sertão longinquo.

O serviço de transporte foi admiravelmente bem organizado, sendo o caminho, de Tapirapuan ao acampamento, dividido em secções; Tapirapuan-Juruena, Juruena-Campos Novos, Campos Novos-José Bonifacio, onde estava a construção em 1912.

*

Desde o começo da viagem começámos a fazer profilaxia anti-malarica pelo mosquiteiro e pela quinina; nunca usamos mais de 30 centigramas de cloridrato de

(64) *Tapirapuan*: Do tupi: *Ita-pirapuan* — pedra de arraisa (pedra redonda). Segundo Martius será *rapira-apuan* — boi redondo.

quinina por dia. O tenente Pyreneus, antigo impaludado, tomava uma grama. Da nossa comitiva, composta de seis homens: Amaro Fonseca, José Opilio Joaquim Trindade, João Mineiro, Genesio, Antonio, indio Parecí, dois, apenas, foram atacados: um no Juruena, e outro em Campos Novos. Acesso benignos em ambos.

O posto de Juruena é fóco dos mais serios, tanto de paludismo quanto de beriberi.



Em Tapirapuan examinei muitos enfermos da Comissão: miocardite beriberica, caquexia paludica, ulceras leishmaniosicas, anquilostomiase.



Fui tambem consultado por um indio chiquitiano, José Bugrinho, vaqueiro da Comissão. Formára-se-lhe um grande abcesso na axila esquerda. Puncionára a coleção com um pau ponteagudo; sofria consequencias infecciosas da intervenção. Indaguei porque não tinha usado a faca de preferencia, para executar a operação; respondeu-me que *o ferro arruina as postemas...*



O beriberi, embora endemico em certos lugares, não aparece com a mesma intensidade todos os anos. Ha *anos de beriberi*. Os antigos cuiabanos ainda o chamam de *perneira*.



Rondon deixou-nos em Tapirapuan aos 2 de setembro. Sempre animado pela mesma fé, e disposto aos mesmos sacrificios, seguiu para a Capital da Republica a serviço da sua obra.



Ha homens que diminuem á medida que deles nos aproximamos; outros, de longe, brilham como estrelas e quando nos chegamos, vemos que são mundos, ainda maiores de sentimento e de carater.

*

Minha bagagem constava de 16 volumes, tendo sido arrumada de maneira que nenhum *costado* tivesse mais de 35 kgs.

*

O boi é o cargueiro de lá (65).

Vieram da invernada fortes garrotes, ainda chucros. Com uma sovelá, Genesio perfurou o septo nasal de cada qual, passando pelo orificio um anel de couro, preso á sôga que descia das guampas.

Bufando, e lambendo a ferida fresca, passaram a noite amarrados á estaca, mugindo, de vez em quando, furiosos e impacientes.

No dia seguinte foram *encangalhados*.

Encangalhar um boi chucro é operação acidentada.

Revestidos das albardas primitivas, de pau, couro crú e palha ajustada em pequenos feixes pelo lado de dentro, saltam os garrotes, pulam, esperneiam, atiram-se ás arvores, rojam-se ao chão, até que os arreios se desfaçam aos pedaços.

Vão os vaqueiros, então, caçar pelo campo as peças disseminadas durante a formidável reação. *Encangalham* de novo o animal. Tudo recomeça. No fim de muitas horas submetem-se, acalmam-se. Então recebem a carga. Assim se inicia a viagem, para pousar pouco além; porque, no primeiro dia, já é grande coisa fazer os garrotes caminhar alguns kms.

(65) No Maranhão chama-se *bol-cavalo* ao bol de cangalha (v. R. Lopes, "O Torção Maranhense", pag. 93).

Quando disparam pelo campo afóra, pisam, na corrida, sobre a corda que lhes pende das narinas e moderam a fuga; a corda é um *freio automatico*, invenção de vaqueiros. . .

*

Uma tropa de muares conduzia o material; 15 bois levavam generos e brindes para os indios: facas, machados, linhas, contas, perolas de vidro, e algumas centenas de caixas de fosforos, que são, bem como o machado de ferro, no mais valioso donativo que alguém possa fazer a um nambikuára. Em Tapirapuan enrolámos certa quantidade de cigarros em papel de jornal; o tenente Pyrineus sabia, por experiencia propria, ser o envoltorio preferido. . .

*

De Tapirapuan ao Salto da Felicidade, onde cruzámos o Sipotuba para ganhar o planalto parecí, desdobra-se uma das melhores estradas carrossaveis do sertão brasileiro. São 24 kms. iniciais da larga via de comunicação, aberta entre as duas bacias extremas, através do grande divisor.

*

O fruto do jequitibá (66), que os indios Parecis denominam *Fátenôchini*, é precisamente o mesmo usado pelo^s indios do Araguaia (Karajás) como forninho.

Fáte' — macaco; *nôchini* — pilão. *Fátenôchini* — pilão de macaco.

*

Guairô (67) — dos Parecis, *uacuan* — dos Cuibanos, a mais amavel das palmeirinhas do campo, é a *guariroba* do sertão goiano.

(66) Jequitibá — *Carntiana brasiliensis*.

(67) Guairô — Vide nota n. 60. Naquela região cresce pouco. Em outros lugares atinge grande altura. Dai a confusão de alguns observadores apressados.

Seu fruto, nóz piriforme, tem a mucilagem da *baba de boi*.

Embalsama o ar com cheiro híbrido de manga e ananás.

Quem passa, atraído pela modestia de sua estipe, preso ao perfume, aproxima-se; e como si desejasse fazer as honras do sertão ao visitante, arqueada ao peso dos cachos, ela oferta os frutos.

Em geral as palmeiras, como as outras mães-árvores, ou talvez ainda mais, erguem para o ceu, bem longe dos homens, os filhos cubiçados. Ha luta para conseguí-los.

A guairô, pequena, delgada, elastica, tal si fôra um feixe de molas de aço, permite que o homem se aproveite de uma das mais suaves produções daquela terra, sem mais esforço, erguendo o braço.

*

Cajueiros, sem conta, abertos em flôr, fazem companhia ás uacuans.

Meia legua aquem do Salto da Felicidade ouve-se o ronco das aguas. Todavia, parece uma corredeira de forte declive; é antes uma cachoeira, onde a rocha fórma terraços.

*

No passo do Salto, as margens do Sipotuba são altas, de terras silico-argilosas.

Borboletas brancas, amarelas, verdes, como pedacinhos de papel de côr, juntavam-se em multidão para beber na orla do rio, matizando tapete ondeante, á sombra de grandes arvores.

Napeocles Jucunda, Hub., é muito abundante naquêle vale; passeia, em longas filas, pelas clareiras das matas.

*

Conheci, no Salto, um dos melhores companheiros de Rondon. Deixo aqui estas linhas para prestar homenagem a um tipo acabado de sertanista, que levou a vida inteira rompendo matas e levantando postes telegraficos, até cair na Serra do Norte, quando a construção monumental quasi estava terminada. O capitão Cardoso tombou na primeira trincheira daquela grande luta; morreu no acampamento, quando a linha telegrafica chegava ás ultimas etapas.

A terra da promessa raramente recebe o piso de quem a viu primeiro...

*

Contava Cardoso que, durante a construção das linhas telegraficas nas terras dos Borôros, e mesmo dos Parecís era comum, no começo, cortarem os indios os postes, supondo que havia colmeia no topo; porque encostavam o ouvido nos moirões, e percebiam o zumbido caracteristico da passagem do vento e da indução, semelhante ao das abelhas...

*

E' interessante notar a distribuição geografica, regional, dos *borrachudos*, dipteros que formam colonias isoladas.

Em Tapirapuan quasi não existem; são abundantes no Salto. Ambas, localidades da margem do Sipotuba.

Parece-me, todavia que sua presença se relaciona com a existencia de algumas especies vegetais que lhes dão abrigo, ou que lhes auxiliam, de algum modo, a existencia; talvez certas bromelias, nas quais, em 1878, Fritz Müller descreveu fauna caracteristica.

*

Do Salto, a estrada caminha para N. O. através de uma grande mata, para chegar ao sopé do planalto dos Parecís.

Vi, pela primeira vez, o mamão (68) frutificando em plena floresta, ao lado de plantas bravas; como um príncipe modesto que estivesse, incognito, a gozar o espectáculo de uma luta, alistado nas fileiras dos combatentes, emparelhado com gente de toda casta. . .



As *sapopembas* (69) (ou *sapopemas*) amplas, escavadas, abrigos naturais, cavernas de madeira que as arvores constroem, enchem-se, ás vezes, de terra das enxurradas e as sementes, caíndo nesses canteiros do Curupira, brotam em ervas, arbustos e cipós, como filhos adotivos dos gigantes.



A foz do rio Formoso, no Sipotuba, pôde ser atingida, entrando-se pela mata do Salto, a Sudoeste da estrada.



De bananeiras (70), nada. Pacóvas (71), de porte mediocre.



(68) Mamão — *Carica papaya*, L. — Caricaceae. — Marcgrave encontrou a especie nas matas brasileiras. Martius, ao contrario do que afirma A. de Candolle menciona o seu nome e dá-lhe etimologia tupi (Beitraege, II, 399).

(69) *Sapopembas*. Do tupi: 'Sepó - apeba — raiz chata (Martius). Nome indigena das raizes tabulares, de muitas arvores cujas raizes se dilatam na base; são achatadas lateralmente para o efelto de maior base da arvore. (A. J. S.).

(70) Bananeira. — *Musa paradisiaca*, L. e *M. sapientum*. L. — Musaceae.

Humboldt procurou sustentar a origem americana dessa planta. Hoje, botanicos e etnologos estão de acordo admitindo que a patria da especie tenha sido o Velho Mundo. Dessa consideração deriva a importancia que pode ter a bananeira para caracterizar o grau de segregação de uma tribu.

(71) *Pacova*: o nome pacová é das Zingiberaceae: *Renealunia exaltata* e *Alpinia nutans*; chama-se pacova sororoca á musacea *Ravenala gulanensis*, de lugares humidos das matas.

Ha tambem especie de *Heliconia* com esse nome vulgar, assim *H. psittacorum*, vulgo pacová catanga.

A *mulateira* (72), de cerne durissimo, quebradora de machados, e a *goiabeira do mato*, mirtacea gigantesca, são rivais do jatobá, naquela justa de ramos e de folhas.

As lagôas da costa do Atlantico, no Rio Grande do Sul, ensinaram-me, em 1906, a admirar as aves do Brasil; as florestas de Mato-Grosso abriram-me o mundo dos insetos. Si quisesse um titulo sensacional para estas notas, tomaria este, perfeitamente verdadeiro: Visita aos Indios do País dos Insetos...

*

Antes de começar a subir o planalto dos Parecís, pousámos no rancho do km. 50 da estrada do Juruena, destinada a ser uma *veia mestra* da circulação dos sertões, por onde hão de passar boiadas para o Norte e tropas com borracha para o sul.

Inicia-se no — 50 — uma das piores marchas. Fizemos uma *madrugada*.

Sóbe o caminho abruptamente; depois de alguns kms. dá no Chapadão dos Parecís, mar de areia desolador, grande mancha de deserto.

Quatro leguas vão do 50 até Aldeia Queimada, posto comandado, naquela ocasião, pelo tenente Emanuel do Amarante. São todas de areia, fofa, em subidas e descidas, em rampas de alta porcentagem, sem nascentes dagua, e sem sombras.

*

Luiz d'Alincourt, aliás, escrevia outrora:

"A famosa cordilheira dos Parecís tira o nome da mesma nação de Indios Parecís, que a povoão, e que existe hoje muí diminuta..."

"A sumidade destas serras é formada por largos campos, de cuja superficie se levantão altos, e compridos combros de arêa, á maneira das ondas do oceano

(72) *Mulateira*. — E' uma *Leguminosa*.

quando está cavado; arêa balofa, e mui solta, que muito fatiga os viajantes, e animaes que por ali transitam: estes campos não offerecem pastagens, e só nelles apparece certa qualidade de arbusto çurto e de folhas muito asperas”.

*

Pau santo (73) (*aláua* dos Parecís), muricí (74), vegetação mesquinha, de casca grossa, galhos em contorsões, como si estivessem sofrendo.

*

Karêke (75) brota da areia como um tufo de esperanças; é o indaiazinho do campo, palma acaule, recurso dos tropeiros sedentos.

Ela esconde na areia a penca de coquinhos; quem sabe achá-la, quebra a nóz e encontra uma gota dagua fresca.

Karêke é nome parecí.

*

Ao longo do caminho, caveiras e caveiras de cargueiros, mortos de fadiga e fome, ao volver do Norte.

Quando um animal *afrouxa*, dividem os tropeiros a carga pelos outros, si possível, ou a abandonam. Depois, por piedade, tiram do infeliz a albarda, e a depositam na estrada. O boi, exausto, com fome e com sêde, resignado, vendo partir a tropa dos companheiros tropegos, sem forças para seguí-la, ali fica, junto do unico objeto que conhece naquele areial; e morre de inanição, deitado a fio comprido, ao lado do instrumento fiel do seu martirio, entregue á fatalidade do destino.

(73) *Pau santo* — no campo é *Kielmeyra corlacea*, Mart., *guttifera*; na mata é *Bulnesia Sarmientii*, Lor., *Zygophyllacea*, de que no Paraguaal fazem os artisticos vasos de chimarrão, segundo Hoëhne. (A. J. S.).

(74) *Murici* — nome de varias maipighiaceas, em especial *Byrsosima verbascifolia*.

(75) *Karêke* — *Attalea exigua*?

VI

OS Parecís que examinámos achavam-se em *Aldeia Queimada*, em *Utiariti* e no *Timalatiá*; naquele lugar, estavam localizados os dos grupos *Kozarini* e *Kaxiniti* do rio Verde e das cabeceiras do Júba, do Cabaçal, do Jaurú e do Guaporé.

Em *Utiariti*, e no Salto do *Timalatiá* viviam os do grupo *Uaimaré*. Todavia, em *Aldeia Queimada* pudemos trabalhar com índios deste grupo: *Utiariti*, em 1912, era, pelos esforços do tenente Emanuel do Amarante, um grande centro parecí. A antiga povoação incendiada ia renascendo em novo molde.

*

Pele — de côr amarelo-cuprica, escura nos *Kozárinis*; amarelo claro nos *Uaimarés*. Lisa, ou pouco enrugada. Sistema glandular cutâneo, pouco desenvolvido. O colorido epidermico é bem expresso na tabela organizada de colaboração com o Sr. A. Childe, no Museu Nacional. Levei diferentes esboços, para comparar com a côr da pele dos índios; deles resultou essa escala.

A tabela atualmente usada em nosso laboratório, corresponde, segundo ensaios realizados em muitos indivíduos de diferentes tribus, ás tonalidades gerais dominantes nos aborígenes do Brasil.

Já tivemos oportunidade de experimentá-la em indivíduos das tribus: Parecí, Nambikuára da Serra do Norte, Terena, Chiquitiana, Borôro, Cherente, Guaraní, Chamacôco, Kaxinauá e Bakairí, examinados no Museu ou alhures.

Em nossa tabela dermocromica, a pele dos Parecís termo médio, corresponde aos graus mais claros: n. 1-5, nas regiões em que as condições mesologicas não influíram profundamente.

Pelos — retos e duros.



Para caracterizar o tipo antropologico mais geral, recorri ao *retrato falado*, metodo Bertillon. Não empreguei a *fotografia metrica*, pela dificuldade de transportar o material indispensavel á pratica daquele metodo.

As notações do retrato falado, e as mensurações foram efetuadas de acôrdo com as fichas individuais usadas no Museu. (76).

O tipo parecí, que aparece aqui, é simples recomposição, feita á custa do material que o maravilhoso metodo analisou e arquivou em Mato-Grosso. A grande vantagem dessa maneira de proceder, é permitir a caracterização dos tipos antropologicos encontrados, ao abrigo de qualquer incerta apreciação individual.

Para facilitar a leitura e o entendimento das notas que se vão seguir, tanto as relativas aos Parecís quanto as que dizem respeito aos indios da Serra do Norte, julgo de bom aviso resumir os dados fundamentais do processo, inicialmente aplicado á identificação judiciaria e hoje acolhido, com merecida consideração, entre os da antropologia etnica; mórmente depois dos resultados que forneceu a Chervin, encarregado do material antro-

(76) A primeira ficha antropometrica foi organizada no Museu Nacional em 1910, obedecendo ao criterio das normas preconizadas por Broca.

A tecnica de Broca, com ligeiras alterações foi consagrada como metodo internacional por ocasião do Congresso de Arqueologia e Antropologia Prehistoricas reunido em Geneve em 1912. Ficaram então unificados os processos de mensuração sobre o vivo.

De acôrdo com essas resoluções estabeleceu-se a segunda ficha antropometrica do Museu Nacional.

Organizaram-se, em seguida, novas fichas que estão descritas no vol. III, fasc. 3, do Boletim do Museu Nacional.

O tomo IX, fasc. 2, de 1933, expõe algumas alterações que foram introduzidas no ultimo tipo de ficha adotado.

pologico da Missão de Crequi Monfort-Sénéchal de la Granje, na Bolívia, em 1903 (77).

*

No *retrato falado*, os traços principais da cabeça humana são registados por notação convencional. Cada figura é decomposta em seus elementos fundamentais; da comparação entre os dados obtidos surge, espontaneamente, um certo tipo. É o que se deseja em antropologia.

Deixando de lado traços que aproveitam á identificação pessoal, mas que pouco servem á antropologia étnica por isso que neles se manifestam fórmulas pessoais muito nítidas, basta considerar os caracteres da *fronte*, do *nariz*, e da *orelha*, regiões da cabeça por onde mais se diferenciam os tipos, órgãos que sofrem acentuadas influencias ancestrais.

*

As bases do método remontam ao século XV; o *retrato falado* funda-se em processo de notação morfológica proposto por Leonardo da Vinci, em 1452, conforme verificámos. O próprio Bertillon, autor do processo, talvez não tivesse conhecimento do que escreveu Da Vinci, quatro séculos antes, em um dos capítulos da sua obra fundamental, onde, ao lado de utilíssimos conselhos, e considerações valiosas sobre a análise das formas humanas ensina um:

Modo di tener a mente la forma d'un vulto.

Acham-se ali, bem definidos, os fundamentos da técnica interessante, bases que raramente se tem atribuído ao soberano artista, conforme o exige a justa apreciação histórica do caso (78).

(77) Chervin — "Anthropologie Bolivienne" — Paris, 1908.

(78) Pico Cavalleri (apud Tomellini Luigi — "Manuale di Polizia Giudiziaría" — Milano, 1912) faz justiça a Da Vinci.

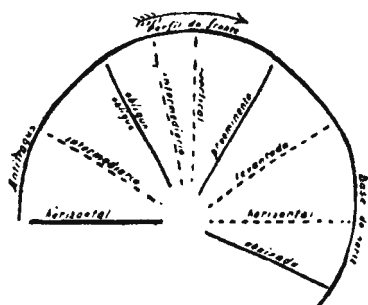


Fig. 2 — Esquema dos diversos qualificativos de inclinação observados no perfil humano — (Bertillon).

A regra essencial do processo moderno, tal qual a formulou Bertillon, é separar *fôrma* e *dimensão*, na análise do órgão.

As dimensões são caracterizadas, convencionalmente, pelos qualificativos: *pequeno*, *médio* e *grande*, que representam valores relativos, baseados na lei de Quetelet.

Esse princípio rege o conjunto biológico, quan-

to á morfologia: afirma que os *sêres oscilam entre um maximo e um minimo, encontrando-se nessa distancia, as fôrmas intermediarias, tanto mais numerosas quanto mais proximas da média, tanto mais raras quanto mais afastadas.*

Mau grado as criticas que lhe têm sido feitas, ele continua a servir de base a toda a sistematica biologica moderna.

Todavia, *pequeno* e *grande* ainda comportam varios graus que, na pratica, devem ser levados em conta. Sua notação, rapida e suficiente, é realizada correntemente, no *retrato falado* por meio de sete sinais, que correspondem a outras tantas dimensões.

Pequeno — p p (p)

Médio — m

Grande — g g (g)

O traço aumenta, e o parentesis diminue o valor do sinal (Bertillon).

*

A fôrma de um órgão dado é caracterizada segundo a *figura normal*, determinada pela equivalencia

das tres regiões superpostas do rosto: região *frontal*, região *nasal*, região *bucal*.

A primeira, que prefiro denominar *segmento cerebral* do rosto, estende-se da linha de implantação dos cabelos, na frente, até a raiz do nariz; a segunda forma o *segmento respiratorio*, vai da raiz á base do nariz; a terceira é o *segmento digestivo*, porção infra-nasal da face.

Fronte, *nariz*, e *orelha* são as partes da cabeça que oferecem caracteres diferenciais mais importantes.

*

Na frente, consideram-se a *altura*, a *inclinação* e a *largura*.

*

O nariz é examinado quanto á *profundidade da sua raiz*, *dorso*, *base*, *altura*, *saliencia* e *largura*.

*

A orelha — (pavilhão da orelha) — tem morfologia complexa que o esquema junto explica melhor que uma descrição.

*

Os Parecís são índios de tipo delicado, aspecto simpatico. Têm mãos e pés muito pequenos. Olhos pequenos, castanho-escuros, n. 3 da escala de Martin (de Zurich) muito pouco obliquos.

Pelo nariz, convexo, muito se assemelham a certo tipo de peles-vermelhas norte americanos.

O tronco é quadrangular, a depressão lombar insignificante. Nas mulheres, os seios são grandemente separados e, em geral, bem pequenos e firmes.

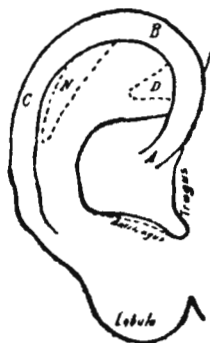


Fig. 3 — Nomenclatura do pavilhão da orelha. A — Origem da helix. B — Helix superior, C — Helix posterior, D — Fosseta digital, N — Fosseta navicular.

A queda prematura dos incisivos medianos é fato interessante que pude verificar, e documentar em diversas fotografias.

O tipo geral destes indios é *brachyskéle*.

Os caracteres que permitem considerá-lo dessa maneira são: busto longo, membros inferiores curtos, circunferencia toracica maior que a metade da altura, cotovelos mais altos que a cicatriz umbilical, grande abertura inferior á altura, estatura essencial (Collignon) maior que a metade da altura.

Pelas proporções do corpo acham-se, destarte, muito proximos da raça mongolica.

O metodo de Manouvrier, baseado no estabelecimento do *canon* antropologico real, pela comparação das proporções reciprocas dos segmentos somaticos, infirma pois, até certo ponto, a teoria de Ehrenreich, segundo a qual os nossos indios, em geral, são mongolicos pelos caracteres da cabeça e caucasicos pelos do corpo.



O numero de crianças, entre eles, é grande; nossos documentos fotograficos provam-no sobejamente.

As mulheres amamentam os filhos até idade relativamente avançada.

Não tive noticia de nenhum caso de degeneração fisica ou psiquica; nenhuma doença nervosa, nenhum mal venereo. Paludismo cronico em muitos indios; bronquites e inflamações das vias aereas superiores mui frequentes, tributo pago á poeira do chapadão.

O numero de individuos de idade avançada pareceu-me restrito; algumas velhas e poucos velhos.



Apesar de haver pequena discordancia entre as nossas mensurações e as da segunda expedição von den Steinen, (1888), diferença minima, que atribuo á in-

fluencia de indios de um dos grupos, que o antropologo alemão não mediu, todavia, nos caracteres descritivos, minhas notas confirmam as dele.

Na descrição de Karl von de Steinen, a pele dos Parecís tem colorido semelhante ao grau 33 da escala de Radde, tendo sido suas pesquisas realizadas sobre nove homens e tres mulheres da região de Diamantino. Um dos homens e as tres mulheres tinham cabelos ondulados.

Face alta, fronte baixa, iris escura, fenda palpebral horizontal, nariz de raiz delgada e dorso convexo; altura pequena, lembrando a dos Bakairís, septo nasal e lobulos das orelhas artificialmente perfurados, são os traços gerais dos Parecís, segundo von den Steinen.



As fichas antropometricas do Museu acham-se documentadas pelas impressões digitais dos individuos examinados (79). As formulas dos cinco indios, cujas dimensões se acham no quadro anexo *in-fine*, são as seguintes:

HOMENS

Ficha n. 1	{	V — 1343
	}	V — 4442
Ficha n. 2	{	E — 3333
	}	I — 2244
Ficha n. 3	{	V — 4444
	}	V — 4444
Ficha n. 4	{	E — 3343
	}	I — 2242
Ficha n. 5	{	V — 3333
	}	V — 2222

(79) *Impressões digitais dos selvagens.*

A respeito dessas observações publicou o dr. Galdino Ramos, notavel conhecedor da dactiloscopia, uma interessante monografia (Manãos, 1918), em que discute com brilho algumas das conclusões do autor. Galton chamou *tipo primario, ao arco*, por ser encontrado mais vezes

MULHERES

Ficha n. 1	{	V — 1343
		A — 4442
Ficha n. 2	{	A — 3113
		I — 1112
Ficha n. 3	{	E — 2333
		V — 4442

As formulas estão expressas pela notação de Vucetich. Nota-se um predomínio acentuado das fôrmas complexas, nas impressões masculinas (verticilo); enquanto que, nas impressões femininas, os tipos simples aparecem com maior frequencia (arco). Essa desproporção não teria valor algum si fosse verificada, apenas, nas oito fichas aqui transcritas; porém, o material de que dispomos é bem maior, quanto á dactiloscopia, e não desmente a proporcionalidade.

*

Conhecendo as pesquisas de Forgeot, sobre a determinação da idade provavel do individuo pelo exame das impressões digitais, procurei verificar si suas médias combinavam com a idade provavel dos meus indios. Efetivamente assim aconteceu; de acôrdo com a sua observação uma linha de 0.005, perpendicular ás cristas papilares, no adulto, secciona cerca de 10 linhas. Nos primeiros anos de vida, o numero de cristas papilares, existentes na mesma extensão (cinco milímetros), é muito maior.

A perpendicular corta, então, 18 a 20 linhas.

*

nos dedos dos grandes macacos (antropoides). Féret e Forgeot acharam esse mesmo tipo, com muita frequencia, nos epiléticos e degenerados. Galdino Ramos, em 1905, contestou aquela predominancia e formulou uma teoria para explicar a complexidade das figuras das impressões. Para ele "a complexidade daqueles desenhos parece estar na dependencia do trabalho funcional". No material recolhido entre os indios da RONDONIA, Galdino Ramos encontrou provas daquela sua teoria, exposta e documentada com raro talento.

Em Aldeia Queimada, localizadas pelo tenente Emanuel do Amarante, viviam muitas familias parecís, dos rios Cabaçal, Júba, Jaurú, Verde, Sacre, Papagaio, representantes dos grupos maiores da grande tribu.

O que de mais exato se conhece atualmente em relação a esse povo, acha-se no *Relatorio* de Rondon (80). Todavia, mesmo para completar algumas daquelas notas, julguei acertado não desprezar dados que se me ofereceram no meio parecí. Além das observações antropologicas, indicadas acima, obtive informações etnograficas, temas musicais, lendas, cantigas, que registei no fonografo Edison, *filmes* documentando cenas industriais: preparo da mandioca, fiação, tecelagem, etc.

Tendo entre os nossos tropeiros um indio parecí, Antonio Parecí, muito estimado entre os seus, e conhecedor perfeito de sua gente, tambem o submeti a indagações prudentes e metodicas, obtendo algo. Em Aldeia Queimada, depois em Utiariti e no Timalatiá, conferi, palavra por palavra o *vocabulario* de Rondon, ao qual apenas juntei uma dezena de termos. E' um lexico fiel e rico.

O material etnografico descrito, ou figurado aqui, faz parte das coleções pertencentes ao Museu Nacional do Rio de Janeiro.

*

Parecí não é nome nacional; a si mesmo, eles se denominam *Ariti* e só usam daquele apelativo quando estão conosco.

A tribu acha-se dividida em grupos, que falam a mesma lingua e têm os mesmos hábitos. As informações que hoje possuímos acerca desta nação, precisam bem a existencia de tres nucleos aritís: *Uaimarés*, *Ka-*

(80) Rondon — Comissão de Linhas Estrategicas e Telegraficas de Mato-Grosso ao Amazonas. Anexo n. 5. Etnografia.

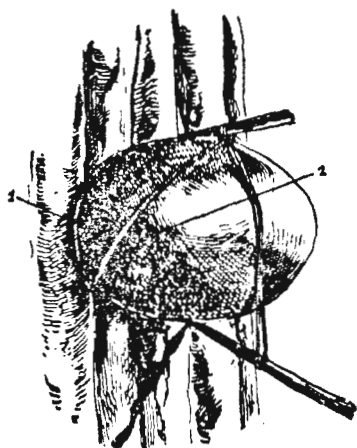


Fig. 4 — Colmeia dos Parecis. (Abelha *jati*). 1 — Orifício por onde entram as abelhas. 2 — Orifício por onde os índios extraem o mel (81).

xinitts e *Kazárinis*. Os *Kozárinis* são também denominados, pelos outros, *Kabixís*. Mas esse nome é apenas alcunha pejorativa; os verdadeiros *Kabixís* são índios da Serra do Norte, que descem para o vale do Guaporé, chegando á cidade de Mato-Grosso, onde cometem depredações.

Toda a tribo vive espalhada pelas cabeceiras dos tributários do Paraguai, do Juruena, do Guaporé, e no planalto do seu nome; o chapadão triste, arenoso e inhospito, é a patria parecí.

Ha cerca de 200 anos vive a velha nação em contacto com os brancos; quasi todos os seus filhos falam, ou entendem, nossa lingua.

Cada aldeia é sujeita á jurisdição de um chefe temporal (*Amúri*), e outro espiritual (*Utiariti*). Em alguns casos o mesmo individuo desempenha ambas as funções; é chefe e sacerdote. Um chefe geral dos parecis não existe. Ha, porém, alguns amúris influentes

(81) Os Parecis colocam dentro de uma grande cabaça um enxame da *Jati*. Obturam a abertura da colmeia, deixando, apenas, um pertuito de que os insetos fazem porta. Depois, perfuram a cabaça num ponto escolhido e tapam com cera a abertura. Logo que as abelhas têm fabricado mel bastante, rompem os índios esse tapume de cera e, sem mais incomodo, furtam o liquido delicioso, enquanto, na colmeia, o melifício continúa.

Só conhecendo bem os hábitos das nossas abelhas, poderiam ter chegado a essa apicultura apurada. Em geral as abelhas do Brasil fazem favos irregulares, incertos, anarquicos...

Só a *Jati* (*Ja-ti* — a branca), entre tantas (*Trigona jati*), reúne os seus favos em disposição regular, em dados pontos e assim permite o bom exito do estratagema parecí.

em larga zona; Mathias Tôldirí, guia e amigo do coronel Rondon, tinha prestigio mui dilatado entre os da tribu.

O amúri é sempre obedecido; o utiarití, sempre respeitado.

Sacerdote e medico, o utiarití vai perdendo muito do seu antigo prestigio, á medida que mais intimamente se vão estabelecendo as relações dos indios com os civilizados.

A ele, no entanto, cabe guardar na memoria as lendas do povo, algumas das quais, colhidas pelo coronel Rondon, vão transcritas mais além; ele é quem pratica uma especie de batismo, cerimonia de apresentação social, que celebram os Parecís; realiza uma sorte de casamento, com ritual bem determinado; corta o pau *Iôhôô*, interessante fetiche até agora não descrito; dá inicio aos canticos, religiosos ou não: guarda as flautas sagradas (*Jararácas*).

Atualmente não existe ritual pra a consagração sacerdotal; o futuro utiarití instrue-se nas canções e nas lendas, assim como nos processos terapeuticos, á medida que vai crescendo, mercê principalmente da sua inteligencia. A idade do candidato não parece influir para sua escolha; Luiz Cintra, amúri do rio Verde, não tinha mais de 30 anos.

*

A familia, entre eles, é poligamica, embora muitos homens já se contentem com uma esposa. Sukiú-Azárê, indio do Jaurú, tinha tres mulheres.

Casam-se jovens; alguns criam meninas, desde tenra

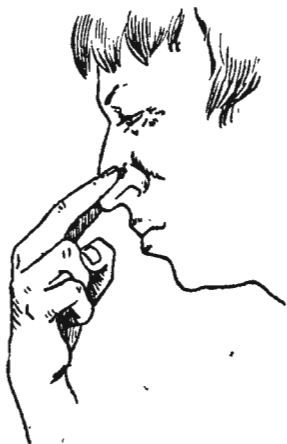


Fig. 5 — Indio Pareci assoando-se.

idade para depositá-las quando atingirem á puberdade, aos 12 anos.

Tratam as mulheres com certo desprezo; em Aldeia Queimada, apesar dos conselhos que recebiam em contrario, só consentiam que elas comessem, quando já estavam absolutamente saciados. Segregam-nas das cerimoniaes do seu culto; escondem dos seus olhares os instrumentos sagrados da tribo, afirmando que morre a mulher que os vê; não lhes permitem dansar e cantar em sua companhia.

Elas se occupam em trabalhos de toda sorte: socam o milho, plantam, fiam, lavam a roupa, cozinham, tratam dos filhos.

Em geral, são garridas. Pentes e cosmeticos são dos mais apreciados presentes que se possam fazer á india parécí.

*

Homens e mulheres andam vestidos; mas, nas horas de calor, é frequente despirem a roupa e envergarem o *imití* de algodão, especie de cinta que será descrita adiante.

Não dispensam pulseiras de algodão e perneiras de borracha de mangabeira; mas seus enfeites de penas já pertencem ao passado.

Gostam do vidrilho. Em sinal de contentamento, as indias se pintam com urucú, pontilhando a face e o corpo.

Certo vestuário, que as mulheres confeccionam com pano obtido dos civilizados, é característico: especie de saíote passado acima dos seios.

*

As armas de que usam são as nossas. Atiram bem. Ha, porém, um caso especial, hibrido, que consiste no emprego simultaneo de velho esculo venatório, tra-

dicional, feito de folhagens, e dos fuzis modernos de repetição.

Escondidos por esse anteparo de verdura, caçam, a tiro, ema, veado, sariema (82).

Por meio do fogo costumam também matar algumas espécies: ateam labaredes no cerrado, de maneira a rodear certa area; quando a caça foge ás chamas, atacam-na.

*

Constróem casas grandes, com teto diedro (83), cobertas de palmas, munidas de portas pequenas. Trinta, quarenta e mais pessoas, dormem numa palhoça.

Ao centro, um esteio alto e forte. A' noite armam rêdes, em raio, desse esteio para os caibros laterais; entre uma rêde e outra, pequena fogueira, cujo clarão enrubece o interior da cabana.

*

Kêtêrôkô é nome parecí de Aldeia Queimada. Ao lado das casas da Comissão Rondon, os indios levantaram sua grande palhoça; lá trabalham as mulheres e vão dormir os homens que prestam algum serviço á linha telegrafica.

(82) Sariema — *Microdactylus cristatus*, L.

(83) Nordenskjöld ("Comparative Ethnographical Studies" — Vol. III, pag. 23 e seguintes) considera como genuinamente americana sómente a casa de forma redonda ou oval. Embora admitindo a possibilidade de formação da casa quadrada de aguas, pela simples aposição de dois protectores contra vento (windscreen) do tipo Atsahaca, não acredita que tal se tivesse dado sem a influencia directa dos brancos.

No entanto, no trabalho citado, vol. II, afirma a origem indigena dos celeiros retangulares sobre estaca dos Chané e Chiriguano.

Certas regiões, pelo material fornecido para construção e por outras condições naturais devem ter dado surto á manifestação de casas quadradas. Assim, as casas sobre estacas esposam geralmente tal forma Cf. Vidal Lablache — "Géographie Humaine").

Para distribuição geografica de casas quadradas, veja-se também P. W. Schmidt — "Kulturkreise und Kulturschichten in Sued-America". — Zeitschrift fuer Ethnologie, 1913 (H. A. T.).

Nosso tropeiro Antonio Parecí, *Iamalurê* — para seus patricios, não poude resistir á tentação: dormiu com sua gente. Fomos, alta noite, visitar a cabana; entramos subrepticamente e ficamos a um canto.

A luz das fogueiras, subindo por entre as macas, trançadas de linhas vermelhas ou amarelas, iluminava os corpos nus, estendidos transversalmente. Numa rêde, uma familia inteira resonava: pai, mãe e dois filhos, todos muito abraçados. Mais além, uma criança choramingava, ao lado de uma india moça que a balouçava nos braços, cantando:

Ená-môkôcê-cê-maká

Ená-môkôcê-ce-maká

(Menino dorme na rêde...)

E si a criança é de sexo feminino cantam:

Uirô-môkôcê cê-maká...

(Menina dorme na rêde...)

*

O *Iôhôhô* é fetiche que os Pareçis ainda conservam muito escondido.

Nada mais que uma vara nodosa, guardada religiosamente, a titulo de amuleto protetor, durante anos e anos. Quando muito velha, e carcomida pelos insetos, queimam-na e cortam outra; mas a procura de um novo *Iôhôhô* é acompanhada de certas cerimoniaes. Enquanto o buscam na mata, e durante o trajeto até á aldeia, o *utiarití*, e mais um companheiro, vão cantando sempre, em voz muito alta, monotonamente, duas notas em som *filado* (Fonograma 14.598).

A esse *duo*, chamam *grito do Nokauixitá*; as mulheres não o devem ouvir.

*

Para satisfazer ao meu pedido, Luiz Cintra promoveu um grande *kaulonená*, onde se celebrou a morte de um veado, bebendo *oloniti* (*).

A' noite recolheram as mulheres á choupana e vieram, diante do nosso rancho, armados de jararácas, cantar e dansar festejando a caçada, ao redor de uma grande cabaça onde jazia, em postas, um cervo moqueado.

E, assim, consegui apanhar no fonógrafo a musica das principais cantigas parecís: *Ualalôcê*, *Teirú*, *Ceriritá*, etc. (Fonogramas ns. 14.594 e 14.595).

UALALÔCÊ (Fonograma 14.594)

Akutiá-han, nohin ôkôrê
 Ukuman uizoná nêtêu
 Niáhaká nohin-ê Kamalalô
 Motiá saiá Arití okanatiô
 Ukuialauá Kamalalô
 Kozákitá kôlôhôn unitá nêtêu
 Niahaká akaterê Kerarê.

ESTRIBILHO

Ha! Ha! Noáianauê! Uh!

(*) *Oloniti* — é aguardente feita de milho.

A análise desta bebida, realizada no laboratório de Química Analítica do Museu, pelo sr. professor Alfredo Andrade, deu o seguinte resultado:

Análise n. 18:	
Densidade a 15°	1.007,5
Acidez por litro em Na HO	118 cc.
Acidez por litro em acido acetico	7,080 gr.
Alcool % em volume	2° 2
Alcool % em peso	1.780 gr.
Extrato a 100°	3,084 em gram.
Substancias reductoras calculadas em glicose	0,325 em gram.
Sais fixos (cinzas)	0,120 em gram.

Caracteres gerais. — Líquido opalino, com reflexos amarelados, muito espumoso, cheiro especial. Este líquido sobrenada em abundante deposito de detritos de milho e enorme profusão de fermentos diversos.

O *ualalôcê* narra episódio da vida da índia Kamalalô. Indo passear á floresta viu um homem trepado num pé de tarumã; supondo que fosse um índio, disse-lhe:
— Arití, dá-me uma fruta de tarumã? (84).



Fig. 6 — *Hezô-Hezô* — Instrumento sagrado dos Parecis.

E o homem respondeu:

— Kamalalô pensa que eu sou Arití. Eu sou *pai do mato*...

*

TEIRU'

Uaiê autiá harenezê
Zalôkarê uêrêrêtô
Amôkutiá tanôhaná
Nii-itá tiáhazakó
Tahãrê-kalôrê maucê
Uaiuazarê-uaitekô.

O *teirú* celebra a morte do cacique de Uaiuazarê-uaitekô, assassinado acidentalmente por Zalokarê. Tahãrê-Kalôrê, que presenciou o fato, compôs o *teirú* para comemorá-lo.

IATOKÊ (Fonograma 14.605)

Natiô atiô Kamáizokolá
Natiô atiô ualokoná atiô
Natiô Kamáizokilá
Nêê-êná êma makoé etá
Nêê-êná Kamáizokolá,
Oné nauê kotá zanezá
Nêê atiô Kamáizokolá.

O *iatokê* celebra o *salto* do rio Juruena, que os Parecís, numa antiga luta, conquistaram aos Uaikoa-korê. Kamáizokolá é o nome do referido salto:

Meu nôme é Kamáizokolá
 Eu sou o mesmo ualokoná
 Meu nome é Kamáizokolá
 Nenhum homem poderá banhar-se aqui.
 Eu sou Kamáizokolá.
 Este rio bom é o maior de todos.
 Meu nome é Kamáizokolá



Fig. 7 — *Tiritaman* — Instrumento sagrado dos Parecís.

*

Tres lendas, que o coronel Rondon colhêra, alguns anos antes, foram igualmente registadas em cilindros fonograficos; infelizmente, esse material danificou-se durante a viagem. Vale a pena transcrever, todavia, o argumento das novelas, que apresentam alto valor etnografico.

LENDA DA ORIGEM DOS HOMENS

Enôrê, o Ente Supremo, apareceu em A'tiu (Saku-riuíná, Ponte de Pedra). Cortou um páu; esculpiu nele uma figura humana e fincou-o no solo. Depois cortou uma varinha e deu pancadas nele; o pau virou homem. Procedeu do mesmo modo com outro fragmento de madeira; surgiu a mulher. Este casal primitivo teve um filho, que foi *Zalúîê* e uma filha, *Hôhólaiâlô*. Mais tarde teve outros dois filhos: *Kamáikôrê* e *Uháiuarirú*.

Enôrê chamou *Zalúîê* e *Kamáikôrê* e perguntou-lhes o que desejavam, na partilha que ia realizar dos

bens da terra. *Zalúîê* não quis espingarda, nem boi, nem cavalo; a primeira por ser pesada, os últimos porque sujam o terreiro das casas; escolheu o arco, a flecha e as coisas parecis. *Kamâikôrê* ficou possuidor dos outros dons de *Enôrê* e foi mais feliz; dominou o mundo e seus filhos prosperaram.

LENDA DO MILHO (85)

Um grande chefe parecí, dos primeiros tempos da tribo, *Ainotarê*, sentindo que a morte se aproximava, chamou seu filho *Kaleitôê*, e lhe ordenou que o enterrasse no meio da roça, assim que seus dias terminassem.

Avisou que, tres dias depois da inumação, brotaria de sua cova uma planta que algum tempo depois re-bentaria em sementes.

Disse que as não comessem; guardassem-nas para a replanta, e a tribo ganharia um recurso precioso.

Assim se fez; e o milho apareceu entre eles.

LENDA DA MANDIOCA (86)

Zatiamare e sua mulher, *Kôkôtêrô* tiveram um casal de filhos: um menino, *Zôkôôiê* e uma menina, *Atiôlô*. O pai amava o filho e desprezava a filha. Si ela o chamava, ele lhe respondia por meio de assobios, nunca lhe dirigia a palavra.

Desgostosa, *Atiôlô* pediu á sua mãe que a enter-rasse viva, visto como assim seria util aos seus. Depois de longa resistencia ao estranho desejo, *Kôkôtêrô* acabou cedendo aos rogos da filha, e enterrou-a no

(85) Estas lendas lembram os mitos dos herôes *civilizadores*, qual o de Sumé entre Tupinambás (cf. Métraux, "La Religion des Tupinambá" — Paris, 1928).

(86) E' versão mais pura da "Lenda de Mani", divulgada por Couto de Magalhães em "O Selvagem", sob forma modificada por influencia cristã, tambem evidente na da lenda de "Enoré" e em versão tambem das origens, que ouvimos do Gurupi; é sempre um ponto de inter-rogação, o limite das crenças primitivas. (R. L.).

meio do cerrado, onde ela não pôde resistir, por causa do calor; rogou que a levasse para o campo, em que também não se sentiu bem. Mais uma vez suplicou a *Kokôtêrô* que a mudasse para outra cova, aberta na mata; e aí achou-se á vontade. Então, pediu á sua mãe que se retirasse, recomendando-lhe não volvesse os olhos quando ela gritasse.



Fig. 8 — *Zoratealó* — Instrumento sagrado dos Parecis.

Depois de muito tempo gritou; *Kokôtêrô* voltou-se, rapidamente. Viu, no lugar em que enterrara a filha, um arbusto muito alto, que logo se tornou rasteiro assim que ela se aproximou. Tratou da sepultura. Limpou o sólo. A plantinha foi se mostrando cada vez mais viçosa. Mais tarde, *Kokôtêrô* arrancou do solo a raiz da planta: era a mandioca. O casal chamou-a: *Ojakôrê*; os Parecis depois, deram-lhe o nome de *Kêté*.

*

A lingua desses índios acha-se hoje documentada em lexico abundante, que Rondon enriqueceu prodigiosamente nos ultimos oito anos, durante os quais tem sido a pessoa mais influente do meio parecí.

Soma consideravel de pequenos textos, conseguidos no convivio de muitos meses com alguns índios inteligentes, permitiu-lhe reunir material linguistico de primeira ordem, publicado ha pouco, em anexo, no grande relatorio geral dos seus trabalhos realizados em Mato Grosso, de 1907 até agora.

*

Existe grande dificuldade para boa tradução dos textos. Os índios dão o significado dos vocabulos com

bastante precisão; mas o valor das frases sofre, consideravelmente na versão que efetuam, a pedido, do parecí para o português. Aparecem, continuamente, termos, palavras, radicais, que eles mesmos não sabem dizer donde vieram, todas as vezes que se manda um parecí traduzir uma frase brasileira para seu idioma.

*

Para conseguir destacar *pronomes* pessoais, escolhi pequenas locuções brasileiras que fiz traduzir por diversos índios, comparando. O resultado foi o seguinte, que transcrevo do meu caderno, tal qual:

Eu estou com fome — *Nônatitá*.
 Você está com fome — *Hinatitá*.
 Nós estamos com fome — *Uinatitá*.
 Eles estão com fome — *Natidhitá*.

*

Dessas fórmulas construídas, podemos apanhar não só a parte pronominal: Eu, *Nô*; Você (Tu, Vós), *Hi*; Nós, *Ui*; Eles, *Natí* (?); como também isolar uma forma verbal: *Natitá*, ou *ahitá* (?) = ter fome, com fome.

*

Esses pronomes todavia nem sempre se apresentam do mesmo modo, na organização da frase; acham-se:

Eu: *Nô*, *Natü*, *Nozáni*.
 Tu, Você, Vós: *Içô*.
 Ele: *Içoká*.
 Nós: *Uaiá*.

*

Você é bom: *Içô uaiê.*

Eu vou perto: *Nozáni naritá.*

(Eu perto).

Nós vamos tomar banho: *Uaiá akuahan.*

(Nós banhos).

*

Os trechos musicais incluídos neste livro foram transcritos de fonogramas existentes no Museu Nacional, colhidos durante a viagem, sendo o trabalho rea-



Fig. 9 — *Hera-hera-hun* — Instrumento sagrado dos Parecís.

lizado pelo Sr. professor Astolfo Tavares; á sua assistencia, dedicada e proba, devo a maior parte das notas referentes aos instrumentos parecís.

*

Deixando de lado a flauta nasal (*Tsin-hall*), instrumento pouco exato, encontramos entre os Parecís algumas flautas e uma buzina, com embocadura de piston, que dá som cavernoso.

As flautas estão em *si*; meio tom abaixo do *diapason normal*. Formam tres grupos naturais: *grave*, *médio* e *agudo*, constituindo o que os compositores chamam uma *familia*, como por exemplo, nos instrumentos de corda: contra-baixo, violoncelo e violino.

A embocadura de todas é semelhante á do *flageolet*. Têm quatro orificios. O comprimento varia.

Com os orificios livres, cada qual dá um acórho de *mi menor*, tom relativo de *sol maior*: *mi²*, *sol²*, *si²*.

*

Com o primeiro orifício obturado, todas as flautas dão o acórdo de *ré maior*:

$ré^2, fá^{2\sharp}, lá^2$



O tom de *sol maior* é muito favorecido pelas notas fornecidas pelos tres grupos:

Grupo grave: $si^1, ré^2$

Grupo médio: $si^1, ré^2, fá^{2\sharp}, sol^2$

Grupo agudo: $ré^2, sol^2, si^2$



O tom *si menor* (relativo de *ré maior*) é muito praticavel no 1.º e no 2.º grupos, pois que esses dão facilmente as notas do seu acórde:

Grupo grave: $si^2, ré^2, fá^{2\sharp}, si^2$

Grupo médio: $si^2, ré^2, fá^{2\sharp}$



O grupo grave favorece o acórde de *lá maior*, cujas notas facilmente nele se obtêm: $lá^2, do^{2\sharp}, mi^2$.



Os tons mais empregados na sua musica são: *sol maior, mi menor, ré maior, si menor, lá maior*. Os tons maiores, como se vê, seguem-se em *quintas justas*.

A escala completa fornecida pelas flautas parecis é, pois:

$Lá^1, Si^1, Dó^{2\sharp}, Ré^2, Mi^2, Fá^{2\sharp}, Sol^2, Lá^2, Si^2$.

Não foram encontrados o *dó natural* nem o si^b . Esta ultima nota póde ser obtida, em certos casos, com os instrumentos agudos.



Cada grupo fornece um segmento da escala total;

Grupo grave: $lá^1$, si^1 , $dó^2\sharp$, $rê^2$, mi^2

Grupo médio: si^1 , $rê^2$, mi^2 , $fá^2\sharp$, sol^2

Grupo agudo: $rê^2$, $fá^2$, sol^2 , $lá^2$, si^2 .

Em $rê^2$ ficam os tres grupos *unissonos*; o 2.º grupo salta do si^1 para o $rê^2$ (3.ª menor) deixando de dar o $dó^2$. O 3.º grupo salta igualmente uma 3.ª menor: entre re^2 e $fá^2$.

Além desses grandes intervalos, verdadeiros hiatos na escala, acham-se ainda intervalos anômalos; tais são, no grupo médio, o intervalo de 2.ª maior entre mi^2 e $fá^2\sharp$, que na escala natural é intervalo de 2.ª menor (mi^2 a $fá^2$). No 1.º grupo dá-se o mesmo entre si^1 e $dó^2\sharp$.

*

O ritmo da musica parecí, em regra, segue os compassos *binario* e *ternario*. Ha tambem, nos fonogramas colhidos, *compassos alternados*, cuja regularidade de não é conservada em todo o trecho.

O fonograma 14.605 oferece um bom exemplo dessa alternancia; é um trecho em *mi menor*, que se inicia por tres compassos binarios e logo passa ao compasso ternario, caindo de novo no primeiro, para repetir a mesma sucessão, até ao fim.

O fonograma 14.602 é de um côro em *lá maior* muito original quanto á melodia e surpreendente quanto ao ritmo. E' incerto. Aproxima-se do 5/4, que é mantido durante os tres primeiros compassos: af, quebra-se, caindo o côro, ora no compasso binario, ora no ternario. A transcrição deste fonograma foi feita em compasso de 3/4, para facilitar a leitura.

Notam-se em alguns fonogramas, movimentos *sin-copados* bem claros. Tais são os de numeros 14.594 e 14.595, onde se encontra, pronunciadamente, o tempo de *bolero*, em 3/8.

*

Os instrumentos tipos são:

Grupo grave: *Zoratealô* (11.218)

Grupo médio: *Teirú* (11.220)

Grupo agudo: *Zahôlôcê* (11.224).

*

Entre as peças etnográficas da coleção parecí (coleção Rondon) do Museu, algumas merecem especial citação.



Fig. 10 — *Kllá-Koccti* — Ornato nasal dos Indios Parecis.

Zaiakúti (87) — Escudo de caçada (11.260 e 11.261 Col. Mus. Nac.); é formado por um arcabouço de varas flexíveis mantidas por meio de tiras de urubamba ou mesmo de arame. Tem cerca de um metro de altura e 0,40 de largura. Si a vegetação não auxiliasse o disfarce, seria fraco protetor, dispondo de área tão escassa.

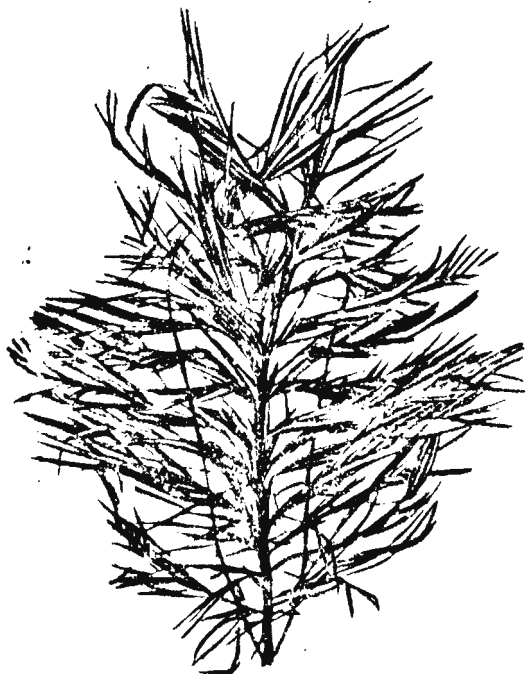
Variá-matalô — E' vaso de barro mal cozido, estilo arcaico no dizer dos próprios Parecís.

Em relevo, ha uma figura em cujo interior quatro estrelas parecem representar olhos, nariz, boca, de uma face humana estilizada pelo processo dos ceramistas primitivos. Circunferencia maxima do vaso — 0,71 (11.263 Col. Mus. Nac.).

Matokocê (11.247 Col. Mus. Nac.) — E' cabaça com desenhos geometricos (triangulos) e figuras de aves (garças); pintura em negro. Uma onça caçando uma ema, um lindo tamanduá bandeira (88), alguns

(87) Vide estampa fora do texto.

(88) Tamanduá bandeira — *Myrmecophaga jubata*.



"Zatakúll" — Escudo venatorio dos Indios Parecis.

pacús (89), são admiráveis motivos ornamentais de outra (11.252 Col. Mus. Nac.).

Ixiçá (11.245 Col. Mus. Nac.) — Cúia pintada de preta pela face interna. Sem desenho. O laço é fixado, no *rostrum* da cúia, por meio do breu da almecega (90).

Hôôzi — Cesta ornamental usada, outróra, para carregar, a tiracolo, fumo, carne, etc., durante certas dansas (11.272 Col. Mus. Nac.).

Kohôn-kixí — Cesta de carga (2.549 Col. Mus. Nac.) trançada em taquára. Altura, 0,34; circunferen-

(89) Pacú — *Myletes edulis*.

(90) Almecega — *Prottum* sp.

cia maxima 0,73. Esta peça pertence á *Coleção Guido* (91), oferecida ao Museu pela Sra. D. Maria do Carmo de Mello Rego.

Maká — Rêde de dormir. Em geral, feita de algodão (11.296 Col. Mus. Nac.) — tinto em vermelho, amarelo ou alaranjado. Tecem-na também de fibras de tucum (92) (2.225 Col. Mus. Nac.), empregando tecnica simples: um fio muito longo, passado da direita para a esquerda, cerca de 1.700 vezes, fórma a urdidura da rêde. Espaçados, a distancias variaveis, alguns fios, perpendiculares aos primeiros, dão resistencia ao aparelho e formam a trama, conforme se vê na estampa.

Konokod — Faixa para a cintura ou para a cabeça (11.281 Col. Mus. Nac.). — E' tecido admiravelmente bem executado, com fios coloridos, em que desenhos geometricos predominam. Para obtêr, nesses desenhos, os traços de côr, o processo é também muito simples.

Passam, com agulha, um fio que leva ora para o segundo plano, ora para o primeiro, a linha escolhida. Tendo, por exemplo, a urdidura fios amarelos e vermelhos, si deseja o tecelão um ponto vermelho passa o fio, que faz a trama, por baixo de um fio vermelho, recalçando um fio amarelo; si quer um ponto amarelo, recalca para o segundo plano os fios vermelhos da trama e torna saliente um amarelo.

Assim também são tecidos o *Imiti* (11.275 Col. Mus. Nac.), cinta ou saiote curto usado por homens e mulheres, ainda hoje, nos dias de calor; a *Kalauati*, (11.283 Col. Mus. Nac.) — liga humeral; a *Ta-hiti* — liga tibiotarsica.

(91) Guido era um pequenino Bororo que foi adotado pela sra. d. Maria do Carmo Mello Rego, esposa do Presidente da Provincia de Mato-Grosso. Depois da morte do indiozinho toda a sua indumentaria indigena e outros documentos referentes á propria criança foram recolhidos no Museu Nacional. — Vide M. do C. Mello Rego — "Paginas de Dor" — Rio, 1895.

(92) Tucun — *Astrocaryum sp.*

Para tecer essas peças empregam agulhas, *Kaminhin* — finas e longas (0m.41) de madeira vermelha ou de *airi* (93) — (11.266 Col. Mus. Nac.). As rêdes são tecidas com agulhas maiores, largas e longas, *Umatitocê* — (11.270 Col. Mus. Nac.).

Tiirú — Fusos, ora são de madeira — (2.172 Col. Mus. Nac.), ora de taquara (94), com peso feito de barro (13.567 Col. Mus. Nac.), ou de um fruto de palmeira — (11.274 Col. Mus. Nac.).

Matiri — São os sacos de palha, sorte de grandes bornais — (2.649 Col. Mus. Nac.).

Kuai — Abano — é trançado de maneira original. Tomam folíolos de bacaba (95), destacados do pecíolo da folha. Fixam uma porção deles na metade de uma haste de madeira, medindo cerca de 0,40 centímetros, fazendo uma alça que deixa livre a respectiva extremidade, a qual, depois de trançada aos outros, vai se fixar na outra metade da mesma haste, por meio de um trançado de taquara.

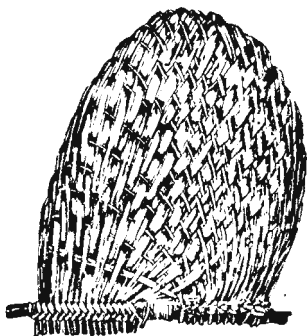


Fig. 11 — *Kuai* — Abano dos Parecís.

A forma geral do abano parecí é semelhante á de uma asa de lepidoptero (11.805 Col. Mus. Nac.).

Paneiros — (11.185 Col. Mus. Nac.) — *To-heri*, e peneiras — (11.191 Col. Mus. Nac.) — *Atoá*, são igualmente trançadas em palha e em taquara.

De fibras de tucum e de outras palmeiras fiam excelentes cordas (11.277 Col. Mus. Nac.) — *Makáno*

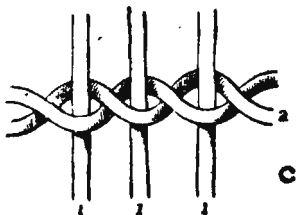
(93) Airi — *Astrocaryum* sp.

(94) Taquara — *Arthrostyldium* sp.

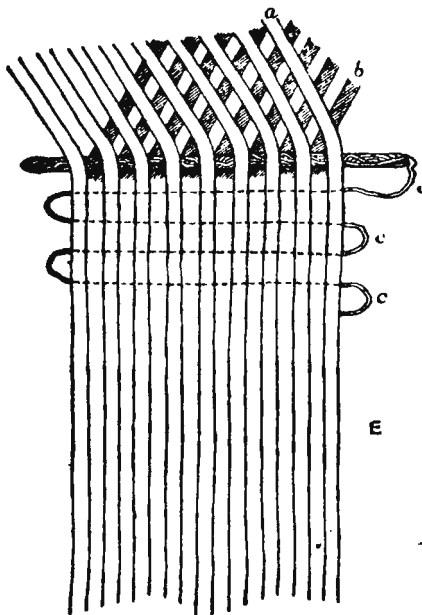
(95) Bacaba — *Oenocarpus bacaba* e *O. distichuc*.



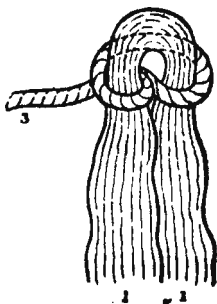
D



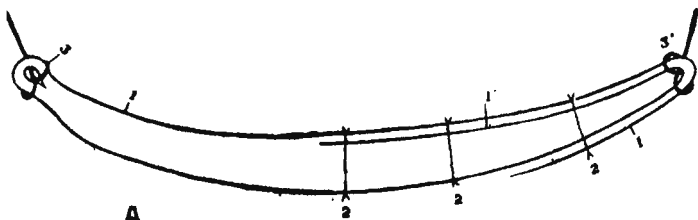
C



E



B



A

INDIOS PARECIS

A. B. C. — Trançado de uma rêde. (Esquema).
 D. E. — Trama de tecido. (Esquema).

— torcendo os fios sobre a coxa, debaixo da mão espalmada.

Hoje não usam mais enfeites de penas, semelhantes aos que fabricaram especialmente, em Utiariti, para o Museu Nacional.

Kiliá kociti — E' a pena que outróra passavam através do septo nasal — (11.306 Col. Mus. Nac.).

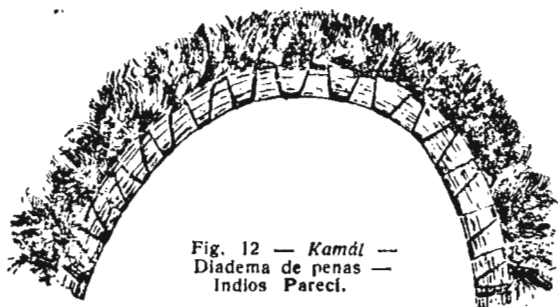


Fig. 12 — *Kamái* —
Diadema de penas —
Indios Parecí.

Kamái-hin-hokô — E' diadema de penas de tucano (96) (11.310 Col. Mus. Nac.), antigamente usado em homenagem ao sol; tem fórmula semi-circular saindo as penas da circunferencia, como si fossem os raios do astro simbolizado.

Tambem não usam mais *Zaôlo* — (11.309 Col. Mus. Nac.) — penacho que se colocava verticalmente na região occipital. De frutos sêcos do *piqui* (97) fazem chocalhos — *Zuzá* — que atam aos tornozelos, como guizos, para dansar — (11.264 Col. Mus. Nac.).

Da borracha da mangabeira fabricam ligas tibiais *Tahiti* (11.313 Col. Mus. Nac.), e bolas com que jogam. o *Mataná-Ariti*, *Head-ball*, na justa expressão de Roosevelt (11.311 Col. Mus. Nac.). Nesse jogo, dividem-se os rapazes em dois campos e cada qual procura man-

(96) Tucano — *Ramphastos toco*, *R. arlei* e outras especies do mesmo genero.

(97) Piqui — *Caryocar brasiliensis*.

dar a bola ao contrario, impelindo-a por uma cabeçada...

Ulaçü — E' cabaça-maracá, hoje esquecida (11.246 Col. Mus. Nac.).

Instrumentos de musica são *Tsin-hali* — ocarina feita com dois discos de cabaça, que tocam com o ar expirado por uma das narinas, obturada a outra para aumentar a pressão — (11.234 Col. Mus. Nac.); *Hezô-hezô* — grande trombeta, com embocadura de



Fig. 13 — *Ualalocê* — Instrumento sagrado dos Parecís.

piston, possuindo uma formidavel caixa de resonancia feita de uma cabaça — (11.215 Col. Mus. Nac.), ou mesmo desprovida de pavilhão — (11.216 Col. Mus. Nac.); *Tiriaman*, instrumento jocoso feito de um meritalo de taquarussú, adrede rachado, dentro do qual os indios gargalham durante algumas dansas.

Certos instrumentos que, musicalmente, pertencem a tipos já especificados, recebem nomes particulares pela applicação que se lhes dá nas cerimoniaes do culto. São ornamentados de diversa maneira.

Ualalocê (11.223 Col. Mus. Nac.) — Entre o primeiro orificio e o segundo possui uma serie de sete losangos e, ao redor do quarto orificio, tem um circulo feito de pontos isolados. Este ultimo tipo de ornamentação sagrada, a proposito do qual os Parecís não gostam de falar, é de regra no *Herá-herahün* — (11.228 Col. Mus. Nac.). Um dos instrumentos sagrados tem figura antropomorfa gravada na superficie: é um *Zaholocê* — (11.227 Col. Mus. Nac.).

Para se pintarem, quando estão contentes, alguns parecís empregam a *Ahitê* — (11.315 Col. Mus. Nac.) — pasta de cêra e pó de sementes de urucú.

O arco — *Korê-okô* — (11.184 Col. Mus. Nac.); flechas — *Korê* — (11.178 Col. Mus. Nac.); flechas para apanhar aves — *Korêkakaod-nihaká* — (11.177 Col. Mus. Nac.), são armas só usadas pelos Parecís do extremo Oeste.



Os Aritís acham-se em adiantado grau de diferenciação cultural; mórmente os do distrito de Diamantino, por onde passa a linha telegrafica, exatamente aqueles que foram examinados em 1888, por von den Steinen.

Naquele tempo, segundo diz o notavel etnologo, faziam comercio de fumo torcido e aromatizado com urubamba, peneiras, rêdes, penas, mandioca (98), algodão, cará (99), batatas, ipéca (100), com as populações de S. Luiz de Cáceres e Diamantino. A rêde dos Parecís era de algodão e as dos chamados Kabixís (Parecís-Kozárinis) eram de tucum. As ligas de borracha de mangabeira (101) eram reservadas para as mulheres; usavam os homens ligas de algodão. Tatuavam-se nos braços e nas coxas, desenhando arcos, com tinta de genipapo (102), por meio de um espinho de gravatá (103). Usavam um protetor genital: *daiha-sô*. Seus trançados eram semelhantes aos dos Aruaks, das Guianas. Hoje, a influencia dos tecidos civilizados é manifesta nas obras parecís. Rêdes, tecidos e vasos, eram fabricados pelas mulheres; os homens trabalhavam em peneiras e trançados. As mulheres plantavam nas *derrubadas*, á maneira do que se faz entre os

(98) Mandioca — *Manihot utilissima*.

(99) Cará — *Dioscorea sp.*

(100) Ipeca — Vide nota n.º 54.

(101) Mangabeira — *Hancornia spectiosa* de Gomez (1812) ou *Ribeira Sorbills* de Arruda Camara, em homenagem ao Padre João Ribeiro, um dos martyres da revolução nacionalista de 1817.

(102) Genipapo — *Genipa americana*.

(103) Gravatá — nome de varias bromeliaceas.

nossos sertanejos, quando toda a familia toma parte no serviço.

Já naquele ano eram monógamos.

Por ocasião do nascimento de uma criança, ambos os progenitores jejuavam, até á queda do cordão umbilical. Aos tres anos era o pequeno batizado, recebendo o nome de um dos avós.

Os mortos inhumavam-se dentro de casa, posta a cabeça para o lado de léste (104). Durante os seis primeiros dias depois do falecimento, os parentes proximos jejuavam tambem. Acreditavam, então, que, si o morto não ressuscitasse, depois desse periodo, é que tinha conseguido entrar no céu.

No setimo dia bebiam o sumo do *kaiterú*, misturado com urucú (105), no meio de grandes e solenes festas. Então, como agora, o *Utiariti* era o padre-medico; soprava fumaça sobre os enfermos, para afastar a doença, ensinava aos jovens que lhe deviam succeder naquele mister.

Da sua teogonia pouco resta. Em 1888, acreditavam que o sol era uma corôa de penas vermelhas, pertencente a *Molihuturé*, especie de Apolo parecí... O astro só aparecia pelo consentimento do seu proprietario. A lua era uma corôa de penas de mutum-pinima (106), de que era dono *Kaimaré*.

Suas fases explicavam-se por um processo de que ha certas reminiscencias ainda hoje: animais diversos occultam ora parte, ora toda a superficie do planeta...

(104) Os Urubús, ao que me informaram no Gurupí, colocam para o nascente os pés do cadaver. E', allás, frequente, sob formas diversas, nos primitivos e nos antigos, a "orientação ritual" (R. L.).

(105) Urucú — *Bixa orellana*.

(106) Mutum-pinima — *Crax pinima*, Pelz.

VII

SEMPRE cruzando chapadões arenosos, onde a sariema grita e o eco não responde, as tucúras (107) toldam o ar, dificultando o caminhar dos cargueiros, e as mamangabas (108) ferram, a torto e a direito, atravessamos as cabeceiras do rio Verde, do Iliocê, do Sacre ou Timalatiá, tributários da margem direita do Juruena.

No cerrado, algumas jaboticabas (109) do campo, frutos biloculares e adocicados, sorte de bagas drupáceas e mangabas polpudas e tenras.

*

O mosquito *polvora* (110), pior mil vezes, que o piúm-borrachudo (111), intemorato, voraz e agressivo que se não espanta facilmente, cuja picada fá-lo merecedor de seu nome, é praga daquelas cabeceiras.

A face de uma pessoa, atacada por nuvem de *mosquitos polvora*, torna-se vultosa e edemaciada, como a de um varioloso nos prodomos da erupção.

*

Timalatiá, em parecí é o rio do sangue; os índios dizem *sacre*, em vez de sangue.

(107) Tucura — *Schizocerca* sp.

(108) Mamangaba — Grande abelha solitária do gen. *Xylocopa*.

(109) Jaboticaba — Fam. *Myrtaceas*.

(110) Mosquito-polvora — *Diptero certopogonina*, principalmente do genero *Cullcoldes*.

(111) Plum-borrachudo — Nome comum dos *Simúlidas*.

Dos afluentes da margem direita do Juruena, cujas cabeceiras são cortadas pelo caminho de abastecimento da linha telegrafica, o mais caudaloso, nos passos da estrada, é o Sauêuiná ou Papagaio. Estreito, corre muito e tem aguas claras. Mata bonita o acompanhã.

*

Todo o planalto dos Parecís tem a mesma constituição geologica; é formado de camadas de areião interrompidas, em alguns pontos, por pequenos lençóis de terra argilosa. Nenhum afloramento de rocha plutonica; mesmo a diabase, existente em Tapirapuan e na Serra do Norte, não aparece no *chapadão*.

Nas proximidades das nódoas argilosas abundam casas de termitas (112), algumas colossais. Nos pontos em que o sólo se torna mais favoravel á vegetação, alteiam-se tipos que parecem imigrados da floresta.

Chegando ao Sauêuiná encontram-se jazidas de *pedra canga*, assim mesmo, modestas.

Fauna relativamente pobre de fórmãs superiores: um bando de seis emas correndo no chapadão, alguns casais de araras (113), nas matas do Papagaio. Corujas recolhidas no ôco dos paus, onde fazem ninhos. Raras vezes um lobinho (114) medroso. Alguns lagartos (115) e muitos calandros (116).

Poucos ofidios.

*

O pau-santo parece milagroso.

O fogo das queimadas que o raio acende, ou o indio, ou o sertanejo, lambe o karêke e o sapê, requeima o muricí e a mangabeira; e eles custam a brotar.

(112) Termita — Nome dos *Isopteros* ou *Cupins*.

(113) Arara — *Anodorhynchus hyacinthinus*, Spix (Arara azul ou arara-úna). *Ara chloroptera*, Gray (Arara vermelha).

(114) Lobo — *Canis brasillensis*.

(115) Lagarto — *Tupinambis tegulxin* (Telú).

(116) Calandro ou Calango — *Anolis punctatus* e *Tropidurus torquatos*.

Mas o pau-santo, mal cessa o fogo, ainda todo negro, com o tronco rachado pelo calor, cobre-se de pontos alvos, abre em flôr, qual um retalho de noite que se matiza de estrelas.

*

Todos os rios apontados acima são fôcos de anofelinas. Mais de uma vez pudemos verificar que as fêmeas picam também durante o dia.

*

Para documentar a vida sertaneja, nada melhor que surpreender palestras de tropeiros, á noite, no pouso, ao redor do fogo, pitando sossegadamente, para queimar o tédio.

Genesio é falador. Nasceu em Minas, andou por S. Paulo e Goiaz, está em Mato-Grosso ha muitos anos. Tem retalhado, a pé, todo o grande sertão desses Estados, que ele conhece como *gente grande*.

E' o tipo do sertanejo branco.

Viveu, meses a fio, numa aldeia de Parecís; é o melhor vaqueano daquelas paragens:

— "*Cuiabano, quando dá festa, é só pinga e cigarro...*"; e Genesio fazia critica das noitadas sertanejas, como si ele não fosse o maior consumidor de *pinga* do sertão de Cuiabá.

Da boca dos tropeiros, na prosa dos sertões, apanhei dizeres da lingua popular de Mato-Grosso.

Não os transcrevo julgando publicar expressões inéditas. Sei que, na sua maioria, são perfeitamente conhecidas por quantos têm andado pelo interior. No entanto, muitas nunca foram recolhidas; poucas têm sido aproveitadas, quasi todas, porém, são apresentadas com deformações tendenciosas, propositalmente executadas para realçar-lhes o sabor.

Convem arquivar essas locuções, no interesse de estudos futuros; e também para verificar as variações regionais de umas tantas.

*

Hum! Hum! é de assentimento, mui generalizado:

— Esse pequeno é seu filho?

— *Hum! Hum!* (117).

*

Representa aquisição indiana. É o processo geral dos índios para exprimir a afirmação. Em outros estados, onde o elemento africano teve grande influencia, esta expressão é antes negativa.

Tchá! é interjeição de pura procedencia borôro:

— No seringal, então, não ha remedios?

— *Remedio tchá! lá não vai, nem nada!*

*

Dgente por gente é característico do sertão cuiabano.

*

Eu sou muito ansiado; gôsto de tudo violento.

*

No sertão, viajar é *viajear*.

*

— Quantos filhos tem V.?

— *Só tenho esse um.*

*

(117) No Maranhão, *hum-hum* é afirmação, ás vezes como um pode ser, dubitativo, mas não negativo. (R. L.).

- Qual dessas facas corta mais?
 — *Duvidar, esse faca corta mais...*

Ha tendencia acentuada para reduzir os demonstrativos a um só genero.

*

- Sua espingarda é boa?
 — *Demais! Disparatel*

*

- Ocupar, em vez de gastar ou utilizar:
 — *V. ocupou a agua que estava aqui?*

*

Pouso no Sauêuiná, á tardinha.

Os tropeiros tampavam o lote para preservá-lo da chuva iminente; o acampamento tinha a animação comum ás horas de recolher.

Na linha do chapadão infinito, desenhou-se, ao longe, um vulto impreciso; seguindo o trilho do Juruena, em nossa direção, vinha se arrastando um homem andrajoso. Sua camisa tinha uma só manga; cobria metade do tronco. Suas calças, reduzidas a tanga esfarrapada. As nadeegas, expostas. O chapéu de palha, sem abas; o cinto de couro, remendado a em-bira. Um saco amarrado caía sobre o dorso daquele homem miserando, de faces encovadas.

Fizemos sinal para que se chegasse.

Aproximou-se e foi logo atirando ao chão, o saco e corpo fatigado. Pediu comida; e depois contou sua historia, que transcrevi á medida que ele falava.

Chamava-se Benedito; era seringueiro. Vinha das matas do Juruena exploradas por um certo João Kolb, residente em Tapirapuan, conhecido por D. João.

Passára, no seringal, dois meses, sem viveres, que o patrão não mandára, faltando ao ajuste prévio. No seringal, 20 pessoas. O encarregado do barração, um tal Soares, no fim de todo esse tempo, durante o qual viveram de palmito e de mel, morreu de fome e febres. Ninguém tinha mais forças para arrancar da floresta o indispensavel á subsistencia. Dos 20, nem um só podia mais empunhar um machado; o terçado, nas mãos daqueles homens doentes, oscilava como a espada de um dragão entre os dedos de uma criança. E a tropa de Kolb não chegava.

Desanimado, então, para não morrer tambem á mingua, resolvera abandonar a mata. Atrás dele deveriam vir os outros. Tinha uma artrite traumática no joelho direito; mesmo assim, fizera naquele dia, pelo areião afóra, sete leguas bem contadas.

Encarnava aquele tipo uma raça forte, que por aí anda a sofrer suplicios na sua terra, onde os estranhos engordam...

Era preciso documentar-lhe a vida e registrar aqui essa observação, como um caso clinico de patologia social. Foi o que eu fiz.

*

Havia 14 anos que principiára a trabalhar na borracha. Sabe lêr muito mal. Nasceu na povoação de "Barra dos Bugres", no alto Paraguai, proximo a Diamantino. Tem cerca de 35 anos. E' caboclo de complexa mestiçagem.

Alto, de saliencias osseas acentuadas, membros longos; pele cuprica olivacea; nariz convexo, estreito; olhos meio obliquos; malares projetados. Cabelo negroide.

No fim da safra do ano passado ficara devendo 500\$000 a D. João; este ano não receberia nada.

No começo da estação, quando foi para o seringal, recebeu, além de um terno de roupa de riscado, o seguinte, que é o fornecimento habitualmente feito pelos patrões a cada trabalhador:

25 litros de arroz.	$\frac{1}{2}$ k. de café.
25 " " feijão.	$\frac{1}{2}$ libra de guaraná.
50 " " farinha.	2 metros de fumo em corda
10 k. " " banha.	2 barras de sabão.
$7\frac{1}{2}$ " " xarque.	4 litros de sal.
3 " " açúcar.	

*

Eis aí o preço de um homem.

Ha uma distancia tão grande entre o que são os brasileiros das cidades, e o que padecem as populações sertanejas, que até parecem habitantes de dois paises diversos.

*

O preço daqueles generos, ele não o sabe; o patrão não diz.

Depois da safra entram em contas; e o seringueiro sai devendo. Sobre essa divida repousa todo o sistema de exploração... da borracha.

Quando o caboclo *tira* pouca seringa, o seu valor não atinge o preço da alimentação que recebeu; fica devendo.

E si *tira* muita, o valor dos generos é tal, que o preço da seringa não basta para cobrir o debito; depois da primeira safra em que toma parte, o caboclo nunca mais se liberta...

Lá, naquele país de sonho, em que a natureza recompõe um paraíso em cada canto de mata, o homem dacái outra vez; perde a coragem de lutar com o homem.

Martius notára, em 1818, (*Reise in Brasilien*) a grande influencia suggestiva que o branco exerce sobre certos sertanejos mestiços. Por esse prestígio, os ricos organizam e mantêm aquele processo de trabalho rural; porque, si algum infeliz, num assomo de brio, foge ao cativoiro, o patrão manda procurá-lo por outros, submissos e fieis. Então, regula o *artigo 44, paragrafo 32...*

*

Benedito tirou 25 arrobas de borracha este ano; a 40\$ (1912), deviam dar-lhe 1:000\$000. Não espera um vintem; o suprimento que recebeu deve ter custado muito mais...

* .

As tropas de abastecimento dos seringueiros transportam a borracha do Juruena para Tapirapuan; cada uma consta de 10 bois dirigidos por dois homens. Gastam na viagem 16 a 20 dias.

*

Cada vez que se chega ao pouso, mais que depressa, procuram os tropeiros um bom *encosto*; e, si encontram no caminho alguma tropa de torna viagem, vão logo perguntando:

— *Que tal está o encosto aí adiante?*

E' o pedaço de campo conveniente á pastagem dos animais durante um ou dois dias.

*

Setembro 13 — Saímos do Sauêuiná ou Papagaio e chegamos ao Buritizinho. Atingimos uma grande boiada que vai para o acampamento. Pela *Estrada Rondon*, dentro de pouco tempo, grandes manadas de gado poderão chegar a Santo Antonio do Madeira; e a

Amazonia será escoadouro da *criação* dos campos de Goiaz e Mato-Grosso.

Conforme já tive oportunidade de dizer, a linha telegrafica do coronel Rondon, praticamente, hoje, vale muito menos que a admiravel estrada de penetração por onde passa. Apertaram-se, por meio dela, os laços da nacionalidade; saibam os governantes tirar partido da sua valia.

*

Setembro 14 — Pousa da Agua Quente. Nesgas de campo verdejante. Perdizes (118), narcejas (119), inhambús (120).

*

Setembro 15 — Pousa do Mutum. Pantanal. Para chegar ao rio Periquito, afluente do Papagaio, é preciso atravessar um igapó.

Canta a cigarra; estridúla um som redondo e cheio, como si fosse nota aguda de um mezzo-soprano.

*

Setembro 16 — Pousa do Uáikoákorê; zona de grandes seringais. *Uáikoákorê* é nome com que os Parecís designam certo grupo de indios da Serra do Norte e Juruena. Quer dizer "irmão do chão", porque todos os Nambikuáras, dormem sobre sólo limpo.

Ali já começam a aparecer os selvagens dessa tribu.

E' o ultimo pousa no chapadão dos Parecís.

Pouco além, cerca de um km., o planalto detem-se, bruscamente, á beira de um paredão. Imensa visão de matas sem fim surgiu diante de nós. A estrada

(118) Perdiz — *Rhincolus rufescens*, Temn.

(119) Narceja — *allnago paraguaiæ*, Vieill.

(120) Inhambú — *Cryturus tataupa*, Temn.

precipitava-se, quasi a prumo; ao longe, subiam, da grande floresta, colunas tenues de fumaça do fogo dos Nambikuáras. Era o vale do famoso Juruena (121).

*

Chamava-se José André um seringueiro que achamos pouco adiante.

Fôra ao pouso da Barrinha, a ver si havia tropa que lhe pudesse dar fumo.

Convidou-nos para um *guaraná* (122) na sua feitoria. Entramos pelo mato, por estreita vereda, andando cerca de dois kms. Numa clareira, ao lado de um riacho de agua limpa e correntosa, erguia-se o rancho capenga, cuja cobertura era um couro.

Cuiabano, dos bons, ofereceu-nos um *guaraná* medido com colher de prata, num copinho de vidro grosso; depois, submeteu-se ao meu indispensavel interrogatorio, com doçura e modos de quem já estivera morando na *Cidade*.

A *cidade*, para o sertanejo, é Cuiabá.

Tinha cerca de 50 anos, carregados com desempenho. Apesar de ter perdido alguns dedos da mão direita, labutava na mata havia tres decenios; muito antes do desenvolvimento da industria da borracha em Mato-Grosso, já ele era seringueiro.

Seis meses do ano passava naquele rancho; o resto, em Diamantino. Não tinha parentes. Vivia na floresta com um galo, velho tambem, que estimava como filho e que o acompanhava sempre. Preferia morrer de fome a comer o companheiro...

Aliás sabia tirar partido das riquezas da mata. Nunca teve sezões. Quando lhe faltava o que comer,

(121) Juruena — Rio dos Papagaios. Vocabulo híbrido Tupi-aruak. (Martius). Ajurú (t) — papagaio. Oné (ar) — agua ou rio.

(122) *Guaraná* = *Paulinia cupana*, Kunth. Cf. E. Roquette-Pinto. O *Guaraná*, in "A Lavoura", — Rio, 1912.

procurava frutas de lobo (123), que são doces e perfumadas.

A borracha não é defumada como na Amazonia, mas coagulada pelo alumen, dentro de fôrmas de madeira, em prisma reto de base paralelogrâmica. Esses moldes são os *cochos*; ali a comprimem com pequeno toro de madeira pesada.

*

Na *Varzea Comprida* pousamos no dia 27. Amaro, cozinheiro da nossa tropa, deixou-se ferrar um pé, por uma tocanuira (124).

Verdadeira intoxicação: dôres fortes, edema do membro, febre ligeira, vomitos, vertigens. Pulso a 102.

Injeções hipodermicas de cloridrato de heroína e oleo canforado. Em poucas horas tudo cedeu. Foi caso benigno.

*

Ansioso por chegar ao Juruena, onde contava encontrar, com certeza, os primeiros Nambikuáras, submeti-me ás justas determinações do tenente Pyreneus sobre as marchas diarias. Eu desejava *brûler les étapes*; e ele, pensando no regresso da expedição, poupava a tropa.

*

As oito leguas que ainda nos separavam daquelle rio foram feitas em dois dias. A partir de 18 de setembro pousamos no meio da *Mata das Aldeias*, cortada pela estrada.

Junto da floresta erguiam-se aldeias nambikuáras, encontradas por ocasião das primeiras explorações de Rondon.

(123) Fruta de lobo — *Solanum lycocarpum*.

(124) Cf. E. Roquette-Pinto — *Dinoponera grandis* — Rio, 1912.

Perto acham-se campos de cultura, cujo amanho tinha sido iniciado pelos selvagens, quando se fez a entrada da Comissão.

Ainda lá existem alguns troncos, cortados a machado de pedra.

Dominam, nessa mata das aldeias, junto ao pouso, arvores colossais do jatobá (125), cujo legume, de polpa mucilaginosa, é no entanto insípido.



Chega-se a um pouso, ainda dia claro; aparece, logo depois, a primeira praga: *abelhas*, entrando pelos ouvidos, pelas narinas, pela boca, pelos olhos, emaranhando-se nos cabelos.

Mal o sol se vai deitando, com as primeiras sombras, fogem as abelhinhas; chegam *polvoras* e *borrachudos*. Trabalham, como bombas microscópicas de sugar sangue, até á entrada da noite.

Noite fechada; nem abelhas, nem mosquitos-polvora, nem borrachudos.

A gente acredita, num momento, que vai, afinal, descansar; mas no escuro, tendo penetrado, á socapa, debaixo do mosquiteiro, *anofelinas* e *culicinas* começam a ensaiar a cantiga, como guitarristas que procuram afinar a *prima*...

Esta é a ordem cronologica do aparecimento das pragas.



Setembro 19 — Finalmente. Passámos por outra grande roça de indios Nambikuáras encontrada, ainda florescente, na expedição Rondon de 1908. Alguns kms. além, numa colina, larga praça de cerca de 25 metros de diametro, bem limpa, dominando o horizonte, era o resto de uma aldeia que os indios abandonaram, medrosos, pela chegada dos nossos naquela data.

(125) Jatobá — *Hymenea stigonocarpa* e *H. stillbocarpa*.

No chão, côcos partidos; ossos, restos de alimentação.

Depois, um grande mangabal. E, distante, como tira de aço polido, chispando, espelho do céu e do sol, o Juruena corria, deixando á esquerda uma casita de barro, plantada no meio de larga avenida, roçada na vegetação do cerrado; na picada, a mão do homem tinha fincado, espaçados, na mesma reta, velhos troncos da floresta, assassinados pela sua industria para sustentar um fio delgado, que vinha de longe e seguia para além, tocando, apenas, muito de leve, naqueles esteios. Era a linha telegrafica, correndo em triunfo pelo sertão remoto, tomando posse efetiva do territorio.

*

Ao contrario do que imaginava, os indios não apreciavam no Juruena havia muitos dias. O posto achava-se desprovido de material para presentes. Mesmo o indispensavel, para alimentação, escasseava; a dificuldade de transporte fazia rarear tudo. E eles, os que mais arredios até hoje ainda se mostram, dentre todos os indios da Serra do Norte, deixaram durante muito tempo de visitar a estação.

No Juruena tomei conta, para o Museu Nacional, de uma das primeiras coleções realizadas pelo pessoal da linha telegrafica.

Remeti tudo para Tapirapuan, onde deveria mais tarde recolher o que trouxesse da excursão.

Tendo escolhido, para estação de estudos e trabalhos, a invernada de Campos Novos, não só pelas facilidades de alojamento ali existentes, como tambem porque nesse posto aparecem representantes de todos os grupos nambikuáras, resolvemos continuar a marcha.

Confesso a minha triste surpresa de então, não tendo encontrado um só nambikuára, depois de tanto tempo de viagem...

*

De Tapirapuan ao Juruena contam-se as seguintes distancias, de acôrdo com a nossa marcha:

Tapirapuan — Barreiro	2 leguas
Barreiro — Salto	2 „
Salto — Km. 50	4 „
Km. 50 — Aldeia Queimada	4 „
Aldeia Queimada — Rio Verde	4 „
Rio Verde — Ilicê	4 „
Iliocê — Timalatiá	1 „
Timalotiá — Sauê-uiná	4 „
Sauê-umá — Burití	4 „
Burití — Buritízinho	1/2 „
Buritízinho — Agua Quente	4 „
Agua Quente — Mutum	4 „
Mutum — Barracãozinho	3 „
Barracãozinho — Uaikoákorê	2 „
Uaikoákorê — Barrinha	2 „
Barrinha — Varzea Comprida	2 „
Varzea Comprida — Gralhão	2 „
Gralhão — Mata das Aldeias	3 „
Mata das Aldeias — Juruena	4 „

Todos esses nomes acham-se, já agora, consagrados pelo uso dos tropeiros. Quantos serão mais tarde povoações, vilas... cidades?

*

Agora, o caminho era a picada da linha, subindo e descendo, galgando as montanhas que se estendem para o Norte, coleando pelos vales, como enorme serpente.

A marcha até o rio *Formiga* foi realizada á noite; o *Formiga* é, por sua vez, afluente da margem direita do Juina que, desagua na esquerda do Juruena.

Todo escondido pelas florestas, este rio, ao nível da linha, no ponto em que existe o posto telegrafico

do seu nome, mede cerca de 80 metros de largura. Pedregoso, tem aguas clarissimas, profundas, onde, da barranca, vêm-se nadar as piabas (126), as matrichãs (127) e os pacús que ninguem consegue pescar, a bomba; o simples gesto de atirar a maquina infernal afugenta os peixes a tempo. Dir-se-ia um aquario, tão claro é o Juruena. Pouco antes da estação, lança-se em cachoeira sobre rochas quartzíferas.

*

Corre o Formiga no meio de um campo alagado, mas junta-se ao Juina em bela corredeira, situada alguns kms. além do passo.

Na mata, o picadão da linha tem 40 metros de largura; e cada poste dista 90 metros dos vizinhos, em media. Pelo calculo dos praticos, um poste de boa madeira póde servir cerca de 12 anos.

*

O Juina é o mais belo curso d'agua daquele grande sistema. Na sua margem esquerda existe um destacamento, incumbido da *balsa* ali construida.

Nada se parece com a verdadeira *balsa*, que é embarcação de indios do Perú. E' um estrado de taboas, preso a duas canôas, rodeado por um para-peito; transporta homens, animais e cargas.

Costumavam os indios, com frequencia, aparecer tambem nesse posto; a mesma razão que os afastara, temporariamente do Juruena, influiu ali tambem.

Além de não contarem com as dadivas do pessoal da linha, completamente desprovido de recursos, tinham os indios ainda que lutar com a fome, causada pela sêca prolongada daquele ano, que destruiu suas roças de mandioca. Obrigados a caçar e a *melar*, não vinham ao

(126) Piaba — *Leporinus copelandi*.

(127) Matrichã — *Calceus carpophagus*.

Juina, havia muito tempo; a caça não é lá tão abundante que alguém possa viver dela sem trabalho. Nos postos da Comissão Rondon, na ocasião da sêca, com a crise de transportes, em vez de receberem generos, os indios forneciam, ao pessoal, massa de mandioca e milho. Não vi um só trabalhador, ou soldado, que se não referisse, com elogios, a essas dadivas providenciais.

*

Havia já um mês que viajava pelo sertão procurando os indios. Nos pontos em que contava encontrá-los, Uáikoákorê, Juruena, Juina, nenhum me aparecia. Mas, ao sair deste posto começaram a surgir, pelo cerrado, e mesmo pela picada, sinaes evidentes de nombikuára proximo.

Eram pequenos toldos de pouso, malocas de caça, abrigos ligeiros que haviam deixado por ali. Encontrámos esses indicios á tardinha, logo depois de partir do Juina para realizar, suavemente, durante a noite, a marcha até ao Primavera.

Sempre de ouvido alerta, parando cada vez que encontravamos um dos tais toldos de folhagem, arregalando para o cerrado, que os raios da lua pareciam cobrir de espumas, iamso andando na frente, ansiosos por descobrir os primeiros indios.

Alta noite, numa colina, á beira da linha, proximo do Ribeirão 20 de Setembro, avistámos, longe, uma fogueira. Eram eles.

Apressámos o passo dos nossos animais; e, a grande distancia, começámos a gritar, para preveni-los de nossa presença:

— *O! O! Nen-nen! Nen-nen!* (Amigo! Amigo!)

Vieram logo, correndo e gritando; uns gesticulando de mãos livres, outros de cacete em punho, mas não agressivos, outros ainda de arco e flechas enfeixados na mão esquerda, enquanto que, com a direita coçavam a cabeça, sorrindo desconfiados.

Ao luar leitoso, era fantastico o aspecto daqueles homens, altos, lépidos, irrequietos, animados, falando sempre, desengonçados, inteiramente nús.

Rodeados por grande grupo loquaz, que parecia discutir questão importante, chegamos para mais perto da fogueira; crianças puseram-se a chorar, enquanto as mães, sem saber que barulho era aquele, trepavam, ageis, pelas jaboticabeiras do campo existentes no lugar.

Logo distribuimos, largamente, cigarros e caixas de fosforos, que traziamos sempre num bornal, ao lado dos arreios, por seguro. . .

E, animados por esse gesto, começaram a pedir tudo quanto levavamos, e a perguntar o nome de tudo:

— *Dêra?* e seguravam no objeto até que lhes dissessemos o nome. Repetiam-no, então convencidamente, desatando uma grande gargalhada, como si achassem os nossos termos muito comicos.

Um deles batia no peito, de vez em quando, e dizia orgulhoso:

— *Damasceno!*

Era o nome de antigo trabalhador da linha, ao qual muito se afeiçoara aquele indio, conforme apurámos depois.

Foi *Damasceno* pela sua inteligencia e boa vontade, desenvolvidas pelos agrados que lhe ministrei, interesseiramente, um dos bons elementos de informação de que pude dispor.

Certo dia, ele, que me via sempre curar dos nossos enfermos, veio tór comigo, mostrando os braços ulcerados pela pulseira de embira que trazia muito apertada. Não consentiu que lh'a cortasse; mas insistiu para que lhe pusesse algum remedio ali, apontando os meus frascos e depois o lugar ferido, juntando ao gesto expressivo uma careta de dôr. Para impressioná-lo fortemente, appliquei uma compressa de algodão com

solução de cocaina. Cessou, por encanto, o sofrimento. *Damasceno* ficou surpreso; tornou-se ainda mais util.

*

Fizemos compreender aos índios que atrás de nós vinham tropas carregadas de presentes. Uma explosão de alegria. Cerca de duas horas depois chegavam, efetivamente, nossos cargueiros, cuja passagem foi realizada entre falatório e gritaria.

Na sua maior parte, não queriam os selvagens esperar; pediam, ali mesmo, áquela hora, o que viam. Alguns, mais atrevidos, iam tirando os chapéus dos tropeiros.

Um grande terçado, pendente dos meus arreios, também foi arrebatado.

Com certo geito, sempre prometendo brindes para o dia seguinte — dia que eles exprimem pondo a palma da mão sobre a face direita e fazendo como quem resona uma vez — conseguimos a passagem das tropas sem mais incomodo.

Ficaram lá, no meio da noite, ao redor da sua fogueira, fazendo acenos, aos berros de prazer...

*

De madrugada chegámos ao pouso do rio Primavera, que é dos mais lindos sitios da *Estrada*.

Rodeado de grandes arvores erguidas no chão limpo, um rancho, á beira do rio, parecia casa de colono em terra civilizada; quem chega ali, depois de tantas matas e cerrados e tristezas, descansa o corpo e a alma.

Deixámos o abrigo para armazenar as nossas cargas, que precisavam ser protegidas contra a sofreguidão dos índios. Armámos, ao relento, nossas rêdes... para não dormir.

*

Dormir, excitado por aquele quadro de magica, desenrolado á meia-noite? Dormir naquela noite inesquecível em que a sorte me tinha feito surpreender, vivo e ativo, o *homem da idade da pedra*, recluso no coração do Brasil, a mim, que acaba de chegar da Europa, e estava ainda com o cerebro cheio do que a terra possui de requintado, na diferenciação evolutiva da humanidade!

Que gente é essa, que fala idioma tão diferente das linguas conhecidas, tão diferente da lingua dos seus mais proximos vizinhos; que tem costumes tão estranhos aos que vivem perto; que não conhece os objetos essenciais da vida dos seus companheiros de sertão? De onde veio? Por onde passou, que não deixou rastros? Quando chegou áquelas matas, onde vive ha tanto tempo? Que ligações tem com os outros filhos do Brasil?

*

Às 8 horas da manhã foram vindo os indios ao Primavera; de longe, repetiam: *O! Nen-Nen! Nen-Nen!*

O primeiro grupo era composto de seis homens, cinco mulheres e quatro crianças. Vieram aos poucos: juntos, chegaram um homem, uma mulher e dois filhos. Ele veio andando atrás, de cabeça erguida, orgulhoso, sem uma tira de palha sobre si, inteiramente nú. Chegou-se a mim, na ocasião, em que armava um aparelho, apoiou-se numa varinha fina que trazia, olhou-me com soberano desprezo durante alguns minutos, e fez um gesto para pedir cigarro e fogo. Entrada teatral. "*Guarani*" nature. Durante o dia foram chegando outros. A tarde, havia cerca de 50; foi um dia de trabalho inteiramente cheio.

Filmes, chapas, notas, vocabularios; iniciava-se a realização da parte essencial do meu programa.

*

A estrada continua, subindo morros e descendo para cortar os vales onde a *Mata da Canga* se alteia, tipo colossal de floresta virgem da Amazonia. Antes dela, corre o Camararé, que também é unidade do grande sistema do Juruena.

Pela picada afóra, através da Mata da Canga, os postes da linha estão, em grande numero, feridos pelos primeiros machados de ferro que os indios receberam de presente; não acharam madeira melhor para ensaiar o gume da nova ferramenta...

Logo depois de passar o Camararé, um aguaceiro, que foi o segundo a partir de Tapirapuan; o primeiro desabou em Aldeia Queimada e foi acompanhado de forte granizo, proporcionando-me oportunidade de obter dos Parecís notas interessantes sobre o fenomeno, cujo aparecimento saudaram com alegria.

*

Antes de chegar a Campos Novos pousámos, ainda uma vez, na Varzea do Mutum, onde corre um ribeirão que vai ter ao Camararé, deslizando sobre o leito de rochas silicosas.

*

Se o inhambú já não fosse batizado, duas vezes como é, pelos sabios e pelo povo, eu diria agora: *galo da tarde*, porque é o arauto fiel da noite.

Apenas o sol modera suas torrentes de luz, e a cinza da tarde começa a se espalhar no céu, o inhambú principia, na orla dos bosques, a preparar o canto cromático. A principio é voz modesta, quasi medrosa, incerta, sozinha; é uma ave que acordou mais cedo para o hino.

Essa desperta, aos poucos, a voz dos companheiros; e, ao cabo de alguns instantes, sobe da ramaria

um côro, em trilos fortes, ousados, dos inhambús que anunciam a noite, como de madrugada os galos avisam á criação que o dia vai começar...

*

A estação telegrafica de "Nambikuáras" — onde mal cabem o aparelho, o telegrafista e sua rêde — é um pequenino rancho, colocado ao lado do rio a que Rondon deu o mesmo nome. O rio passa sobre um leito de rocha eruptiva (diabase).

Seixos rolados, em grande quantidade, compõem a fisionomia da corrente que, pouco além, atravessa curtos sumidouros.

Na *estação* viviam o encarregado e mais um homem. Daí a uma legua, acha-se a internada de Campos Novos, posto fundamental da linha telegrafica, na Serra do Norte, base inestimavel para o prosseguimento dos trabalhos no extremo Noroeste de Mato-Grosso.

Campos Novos é perfeita *fazenda*. Tem boa casa de telhas, fabricadas lá mesmo, tem currais, pastos cercados de ótimas forragens, boas aguadas, gado para refazer as tropas que transitam do Juruena para lá, até ao acampamento. E' tambem a *Cruz Vermelha* daquela guerra contra as selvas; ali se restabelecem, pelos beneficios do clima saudavel da serra, os doentes que vêm do Norte.

E' nosso quartel general, na Serra do Norte. Os indios assim realmente o entenderam; Campos Novos tornou-se o maior centro de atração para os Nambikuáras. Representantes de todos os grupos em que se subdivide a grande tribu, procuram lá os brindes e presentes a que já se habituaram. Grupos inimigos entre si fraternizam ali, levados pelo interesse de possuir as inumeras utilidades que, por nosso comercio, conheceram.

Apreciam imensamente os fosforos; talvez ainda mais que as contas e outros adornos. Mas são absolutamente vorazes para machados de ferro; até as mulheres porfiam por ganhar tais instrumentos.

Por um machado trocam tudo. Nem ha, para qualquer deles, nada no mundo, de maior valia. O ferro, o ferro é o ouro da Serra do Norte. Com ele, o viajante obtem a boa vontade do indio mais retraído e sêco; alcança a massa de mandioca e o milho mole para não morrer de fome; o machado de ferro é a libra esterlina da terra nambikuára. E ha de ser dos grandes; porque as modestas machadinhas que levei foram recusadas, mais de uma vez, pelos homens. Mandavam que as entregas a em ás mulheres...

*

Quem não provou o mel das abelhas do Brasil, e só conhece o da *apis melifica*, ignora uma riqueza desta terra abençoada. O mel da mandurí (128) da mandaguarí (129), da urussú (130), da tatá (131), da bojuí (132), que sei eu! tem, requintados, todos os perfumes das matas brasileiras; resume um poema de cheiro e de sabôr. Aquele que sabe derrubar um palmito e abrir *um mel*, em vez da maldita fome, encontra, na floresta, um ágape divino.

*

O vinho do burití é recolhido de modo bem simples.

(128) Mandurí — *Melipona marginata*.

(129) Mandaguarí — *Melipona postica*. Fornece mel aguado.

(130) Urussú — *Melipona sp.*

(131) Tatá — *Melipona tatalra*. Em tupí: *tatá-ira* — abelha de fogo.

(132) Bojuí — *Trigona sp.*

Derruba-se a palmeira e abre-se-lhe o flanco, em cocho longitudinal; a seiva vai-se juntando na ferida: é o vinho saboroso.

Depois de bem fervida, a seiva engrossa; e é o *mel do buriti*.

*

O palmito do *inajá* (133) pareceu-me mais nutritivo que outro qualquer, pela sua riqueza em substancia amilacea.

*

O *leite da soveira* (134) é outro recurso. Tem aspecto de leite verdadeiro, embora um pouco mais denso; é ligeiramente adocicado e adstringente.

Misturado com agua e açúcar pôde ser bebido sem repugnancia.

A soveira é urticacea do porte de uma hevea, pouco folhuda, esgalhando alto do sólo.

*

Em Campos Novos, correspondendo á nossa expectativa, durante alguns dias estivemos sempre acompanhados por grupos sucessivos de Nambikuáras, vindos das diversas aldeias.

Apesar de se encontrarem ainda bastante ariscos, prestaram-se, contudo, muitos deles, ás mensurações e exames que procurei realizar.

Para aproveitar as condições favoraveis á viagem, antes que principiassem as grandes chuvas do verão, seguimos, na primeira quinzena de outubro, a visitar os grupos septentrionais da grande tribu, ultimamente descobertos pela avançada da linha.

(133) *Inajá* — *Maximiliana regia*.

(134) *Soveira* ou *sorveira* — *Brosimum galactodendron*.

A Serra do Norte, de Campos Novos aos de Comemoração de Floriano, onde se levanta a estação de Vilhena, é ainda mais acidentada: grandes quebradas, vales profundos, separando montanhas, em grande parte transformadas em tabuleiros.

Entre o "*Morrinho do Lyra*" e Vilhena a linha trepa, ousadamente, pelas escarpas da serra, atravessando as maiores florestas de todo o percurso. A *palmeira castiçal* (135) que parece viver no ar, artificialmente suportada por uma serie de estacas, móra ali, nas matas. Enormes caules voluveis, ondeantes, despencam-se dos altos ramos das essencias, como ofidios monstruosos; e ficam balouçando, languidamente, ao sogro da aragem que consegue genetrar pela floresta a dentro.

A's vezes, no meio da mata, ouve-se um grande estrondo que o eco revigora.

E' *pau caído*, algum gigante que rue.

*

E' ameno o clima dos campos de Comemoração de Floriano, a mais de 800 metros acima do nivel do mar.

Daf ao Retiro dos Tres Buritís, a Serra continua do mesmo modo acidentada .

A bacaba e o assaí (136), que são palmas nobilissimas, espalham-se por toda a redondeza. Nos "Tres Buritís" estava a ponta do fio telegrafico.

Entre Campos Novos e os Campos de Maria de Molina passa a *Estrada Rondon* sobre o rio 12 de Outubro, deixa a Nordeste o rio Ikê, atravessa alguns ri-beirões: Amarante, Nicolau Bueno, Julio Castano, Maronis, Aldeias, etc., antes de cruzar o rio Festa da Ban-

(135) Palmeira castiçal — *Iriartea exorrhiza*.

(136) Assaí — *Euterpe sp.*

deira ou Karumí. Dentro da mata do rio Festa da Bandeira têm os selvagens algumas roças.

*

Tres Buritís, como os outros postos, havia muito tempo, não recebia visita de índios, pelas razões acima expostas. No entanto, enquanto seguíamos á sua procura pela estrada acima, visitando, de passagem, uma interessante malóca proxima do rio Karumí, o telegrafista da estação terminal, Sr. Gastão Soares e o vaqueiro João Lucas, de quem os selvagens eram já muito amigos, ofereceram-se para ir procurá-los do outro lado, na direção de campos vizinhos, que Rondon denominou *14 de Abril*.

Nos campos de Maria de Molina, cobertos de ananases e mangabeiras, os índios não apareciam havia quasi um mês. Depois da partida de Rondon, foram procurá-lo. O posto não tinha material para presentes.

A crise de transportes recrudescera com a sêca das pastagens. Não voltaram mais.

Tais informações eram desanimadoras. Para não perder tempo, e principalmente para poupar os animais que tinham de transportar até Tapirapuan a bagagem, acrescida com as coleções existentes em Campos Novos, e as que iam reunindo, resolvi regressar a Tres Buritís, e proceder a pesquisas onde havia probabilidades de deparar com os Nambikuáras, uma vez que existia, ali perto, uma de suas grandes aldeias.

Fomos felizes; Gastão Soares e João Lucas tinham, efetivamente, encontrado, nos *Campos 14 de Abril*, um grande grupo.

Mais de 200 índios com suas mulheres e filhos, foram chegando.

Acamparam ao redor do nosso rancho e ali permaneceram durante alguns dias. Tempo precioso.

*

Do Juruena aos campos de Maria de Molina as marchas usuais das tropas são as seguintes:

Juruena ao rio Formiga	3	leguas
Formiga ao rio Juina	1	"
Juina ao rio Primavera	4	"
Primavera ao rio Camararé	2	"
Camararé ao rio Mutum-Cavalo	3	"
Mutum-Cavalo ao rio Nambikuáras	3	"
Nambikuáras a Campos Novos	1	"
Campos Novos ao Morro do Lyra (Espirro)	4	"
Morro do Lyra a Vilhena	3	"
Vilhena ao Rio Amarante	6	"
Rio Amarante a Tres Buritís	4	"
Tres Buritís a José Bonifacio (Ma- ria de Molina)	3	"

*

Em Tres Buritís e em Campos Novos, durante noites, dormiam os indios acampados com suas mulheres e filhos. Sacrificamos bois para alimentá-los em cada um desses lugares, onde trabalhámos a valer.

Era preciso aproveitar todos os momentos, não perder uma só oportunidade de realizar qualquer observação, de dia ou de noite.

Muitos se mostraram bastante doces para que pudesse efetuar mensurações, e mesmo exames medicos.

A maior parte dos documentos, arquivados neste livro, data daqueles dias inesquecíveis.

VIII

INFELIZMENTE, em 1912, os Nambikuáras ainda não se achavam bastante acostumados com a presença de estranhos naquelas serranias. Apesar de sua condescendencia, a custa de brindes conseguida, minhas pesquisas foram recebidas com justificavel desconfiança.

Os indios examinados pertenciam aos grupos: *Kokozú*, *Anunzê*, *Tagnani*, e *Tautitê*, Dos *Uaintaçú*, grupo ainda hostil, só consegui uma observação, essa mesmo incompleta. O estado de excitação em que o indio se encontrou, durante o tempo em que o examinei, não permitiu melhor resultado.

*

A *pele* é de côr amarelo-siena queimada, escura nos *Kokozú*, clara nos outros. Nos *Tagnanis* o colorido, em certos individuos, chega ao róseo. Muitos tipos quasi pretos, são encontrados entre os do Juruena e do Juina; são os indios mais escuros do Brasil. Na tabela dermocromica (Roquette-Childe), usada no Museu Nacional do Rio de Janeiro (N.º 223), o colorido desses indios varia entre os ns. 6-10.

Epiderme grossa, enrugada.

*

Os *pêlos* são rectilíneos, duros (lissotricos). Em certos individuos ha cabelos largamente ondulados, (*waved* dos antropologos ingleses), semelhantes aos dos Polinesios. Os indios, em geral, arrancam os pêlos do corpo e da face e cortam os cabelos, na frente, com uma concha de lamelibranquio.

Raros individuos deixam fios de bigode; alguns consentem na presença da barba do mento.

*

Quasi todos deixam crescer livremente as unhas; á hora da comida são utensilios valiosos para dilacerar as carnes.

As plantas dos pés nunca se espessam em calosidades extensas, como nos individuos de raça negra, que andam descalços.

Os pés são relativamente grandes. Pernas finas e musculosas. Abdomen saliente. Mãos pequenas; membros toracicos encordoados, pouco volumosos.

As mensurações que pudemos obter nos tipos masculinos, adultos, normais, constam dos quadros anexos.

O quadro —C— contém os dados fornecidos pela pelvimetria, praticada em algumas mulheres.

Os diametros da bacia, como se vê, são pequenos; trata-se daquele tipo que os obstetras denominam *bacia gracil*, si não fôr modalidade normal da chamada *equabiliter justa minor*, que, a titulo aberrante, aparece em nossos serviços clinicos.

A estatura das mulheres, portadoras de pelvis assim reduzido, é bem pequena: as nambikuáras têm 1,47 m. de altura, contra 1,62 m. que têm os homens.

Sendo admitido em geral, que a estatura feminina é sempre menor que a masculina, cerca de 7 %, a altura das nambikuáras deveria andar por 1,51 m.

Grosso modo, pôde dizer-se que a estatura feminina tem menos de 12 centímetros que a do outro sexo. No quadro.—C— encontramos, todavia, alguns tipos que excedem essa relação.

*

O exame das proporções do corpo, realizado em alguns tipos que representavam o conjunto dos caracteres somaticos mais nitidos da mulher nambikuára,

revelou fatos interessantes, cujo conhecimento é indispensável para o trabalho de comparação antropológica.

A *altura da cabeça* contém-se pouco mais de seis vezes na altura total do corpo ($6 \frac{1}{2}$).

O *segmento cerebral* do rosto e o *segmento respiratorio* são iguais; o *digestivo* é maior que os precedentes.

A distancia entre os olhos (diâmetro bi-palpebral interno) é maior que a fenda palpebral; assim os olhos acham-se muito afastados um do outro, pela espessura da raiz nasal.

O *tronco* é quadrangular, sem depressão lombar, nem vislumbre de esteatopigia. Os *seios*, nas moças puberes, são pequenos, em forma de taça, pela classificação Ploss-Bartels. Nas mulheres mães, são grandes, de aureola dirigida para fóra, mamilo levantado, nem sempre muito afastados um do outro.

O *espaço intermamario*, em algumas das mulheres mães tem o valor da metade do diâmetro de uma das mamas.

O *meio do corpo* acha-se acima da sínfise pubiana.

Mede a *distancia jugo-xifoidea* — (da furcula esternal ao apêndice xifoide) — metade da distancia *xifo-pubiana*; sendo, assim, a altura do abdomen igual ao dobro da altura do torax. Por sua vez, a distancia *xifo-umbilical* é igual ao dobro da linha *umbilico-pubiana*. Do que se conclue que a mulher nambikuára tem o umbigo mais próximo do pubis.

Pinard já tinha notado a importancia pratica do conhecimento dessas relações, na simiologia da prenhez. Mostrou quanto andaria errado quem fosse aplicar, a todas as raças, elementos de pesquisas que só para umas tantas podem servir.

Vi algumas nambikuáras grávidas. A prenhez evoluia já adiantada, mas não consentiram num exame sério; nada posso, destarte, dizer a respeito.

Vem, todavia, a proposito referir que nenhuma era lanhada pelos sulcos intra-dermicos, devidos á distensão forçada do abdomen, frequentes na mulher branca (*vergões da gravidez*).

Aliás, a pele não tem sempre o mesmo coeficiente de extensibilidade.

A dos indios é favorecida por condições especiais, mal conhecidas. Martius figurou no seu *Atlas* um indio Miranha cujas narinas, perfuradas, atingiam insolita extensão; o individuo conseguia passá-los ao redór do pavilhão da orelha do lado respectivo.

O labio dos botocudos é outro exemplo disso.

*

No tipo masculino, os tres segmentos principais da cabeça seguem a mesma norma.

O segmento digestivo é maior que os outros dois. Tambem a altura do torax é igual á metade da altura abdominal.

As mesmas relações encontradas entre torax e abdomen e entre as partes deste ultimo, no tipo feminino, acham-se nos homens.

*

Por essas relações toraco-abdominais, e pela altura do umbigo sobre o pubis, pôde dizer-se que o homem nambikuára tem tronco de mulher; e, levando mais longe a consideração dessas interessantes disposições reciprocas, ainda não seria errado afirmar que, no adulto, nessa gente, permanecem caracteres morfologicos proprios á infancia: altura do umbigo, por exemplo.

*

Um carater diferencial dos sexos é a situação do meio do corpo: nos homens ele se encontra na borda inferior da sinfise pubiana.

E' que as mulheres têm membros inferiores mais longos; e os homens, o tronco mais comprido; elas são, antes *macroskéles*, e eles *brachykeles*. Notemos que observações de Alex Hrdlicka, entre adolescentes, na America do Norte, encontraram fenomeno inverso nas populações brancas.

*

No tipo masculino, a cabeça cabe sete e meia vezes na altura; obedece ao cânón dos gregos, o que é realmente interessante. A distancia interocular é maior que o comprimento da fenda ocular; a altura total da face é pouco maior que o comprimento da mão. A mão tem cerca de 1/10 da altura total do corpo; o pé corresponde a 1/8 daquela altura. Braço e antebraço têm comprimentos equivalentes; são sensivelmente iguais. O *olho mongol*, de Metchnikoff, é raro.

*

Nos indios da Serra do Norte não se vê a queda precoce dos incisivos, tal qual é encontrada nos Parecís.

A norma da erupção dos dentes, pelo que andei observando em alguns rapazes e meninos, não é a mesma que se costuma deparar na raça branca; porque as idades, em que a segunda dentadura se completa, me pareceram outras.

Nos tipos brancos, pelo comum, as arcadas se guarnecem conforme o esquema:

— — ^ o o ○ ○ ○
8 9 1 10 11 7 13 18

Aos sete anos rompe o primeiro molar; aos oito, os incisivos medianos e aos nove os laterais. Aos 10, o primeiro premolar; aos 11, o segundo. Os caninos, aos 12. O segundo molar, aos 13. O *dente do sizo*, que é o terceiro molar, aparece aos 18, mofo e sem

prestimo, quando não se deixa ficar metido no alveolo durante toda a vida.

Os fatos mais interessantes relativos á dentição daqueles indios são precisamente os que se relacionam com os *dentes de sizo*; porque, mais de uma vez, verifiquei a presença deles em rapazes que não tinham, seguramente, atingido os 18 anos.

A dentição completa-se, naquela gente, ao que me pareceu, muito mais cedo.

Os molares, que o povo chama *dentes do sizo*, e tendem a desaparecer na raça branca, nos indios, não são dentes de enfeite. Têm função e tamanho de considerar.

Acredito que o excesso de trabalho, imposto ao aparelho da digestão, tenha seu rebate nessas características dentarias.

Os grandes molares aparecem mais cedo porque são solicitados por mastigação frequente e forte.

Comem sempre, de tudo, sem regra nem medida. Não sei de animal que não devorem. Regeitam, apenas, o tubo intestinal da caça abatida.

Os do Juruena comem mais carne que os outros; os de *José Bonifacio* alimentam-se mais de mandioca e milho. Sua pneumatóse intestinal fá-los companheiros desagradáveis. Todos têm lingua saburosa e muitos as gengivas arregaçadas pela piorréa alveolar. Os dentes, ao contrario do que se verifica frequentemente nos cranios dos sambaquis, não sofrem o processo de usura que Lund, em 1842, descreveu no homem de Lagôa Santa; padecem da carie que lhes não poupa as cordões.

Uma dermatose especial grassa entre os indios da Serra do Norte (137).

(137) Cf E. Roquette-Pinto — Conferências na Biblioteca Nacional — 15 de março de 1913, e na Sociedade Brasileira de Dermatologia (Policlina Geral do Rio de Janeiro) 11 de junho de 1915.

Em verdade, alguns oficiais da Comissão Rondon, haviam notado as placas características da doença. Mas, talvez porque não tivessem sido encontrados casos típicos, como esses que me caíram sob as vistas, as manchas passavam por simples descamações epidérmicas traumáticas, oriundas do atrito do corpo na terra, pois que os índios da Serra do Norte dormem sobre o sólo.

Examinando os indivíduos, cujas fotografias aqui se encontram, verifiquei, porém, a existência de verdadeira dermatose, imitando diversas das que se acham indicadas entre os nossos aborígenes.



A doença aparece em toda idade; foi encontrada em crianças de peito e em velhos. Ataca igualmente ambos os sexos.

Parece ser mais frequente nos índios dos rios Juarena e Juina. Os Parecís, próximos vizinhos deles, não conhecem o mal; e não me consta que já se tenha verificado qualquer caso no pessoal da linha telegráfica.

Nenhuma região do corpo é poupada, a não ser o couro cabeludo. As unhas são respeitadas, e a face não é séde predileta das lesões.

A doença não é rara; em muitos índios é fácil reconhecer traços de sua existência. No entanto, creio que evolue com intensidade mui variável, porque só em oito indivíduos, dentre cerca de 400, pude verificar suas manifestações bem definidas.

A dermatose aparece sob três aspectos clínicos sucessivos, e um mesmo indivíduo pôde apresentar lesões cutâneas em diferentes estádios. Em algumas placas notam-se fórmulas de transição.

No seu primeiro período essa doença fórmula vesículas mui pequenas, cheias de líquido seroso, dispostas linearmente, em figuras circulares, concentricas. A pele, nos intervalos, é aparentemente sã; as vesículas

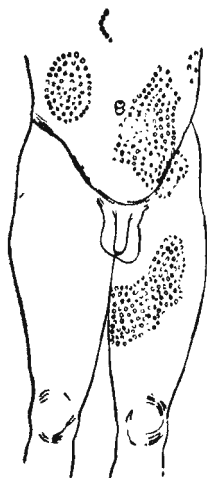


Fig. 14 — *Bãanêcê-dütú* — Primeira fase da dermatose dos Índios da Serra do Norte. (Esquema).

não se rodeiam de zona inflamatória visível. Não ha calor, nem rubor.

Depois, as vesículas crescem ligeiramente e secam, dando lugar á formação de crostas escamosas que seguem os contornos dos desenhos primitivos. Todavia, a fôrma das figuras circulares já se não mantém regular; as primeiras lesões foram confluindo em muitos pontos através dos espaços de pele sã. Formam-se, então, verdadeiras *placas de descamação*, manifestações características da segunda fase da doença.

Pelo mesmo processo surge o terceiro aspecto. As placas se desenvolvem lado a lado; ao pé de uma, outra cresce. Acabam juntando-se; a descamação epidérmica é, então, continua. Porém, as escamas crescem bastante, quando a fase final da doença atinge seu apogeu.

O doente torna-se repulsivo.

Uma índia tinha infinidade de escamas arrepiadas pelo corpo inteira, como si fossem tiras de papel de seda escuro, coladas ao tegumento por uma das extremidades.

Essas escamas papiraceas não se deixavam arrancar com facilidade; o atrito da mão não as destacava, conforme verifiquei quando a mulher se coçava. O prurido, nesse periodo, creio, é muito menor; pareceu-me mais acentuado nos primeiros.

Não posso precisar o tempo em que a doença completa sua evolução. A dermatose passa em alguns dias do primeiro ao segundo periodo; este, porém, me pareceu demorado.

Em algumas placas nota-se a formação incipiente das *escamas* papiraceas. No entanto, como apenas tive oportunidade de ver uma mulher e uma rapariga, sua filha, com todo o corpo tomado pelas lesões da ultima fase, acredito que a doença nem sempre chega a esse termo; fica estacionaria no segundo periodo, ou involue.

Distingo, assim, nessa dermatose, provisoriamente, tres aspectos:

- a) fórma vesiculosa;
- b) fórma placóide;
- c) fórma escamosa.

Acredito que elas correspondam a periodos evolutivos da mesma doença, e não a doenças diferentes, porque achei, em alguns enfermos, fórmas intermedia-rias.

Aliás, eles indicavam, por sinais, mas de maneira mui clara, que a derradeira manifestação principiava pela fórma vesiculosa, unica encontrada em crianças de peito.

*

Os indios passam saliva sobre as placas; não sabemos ainda si empregam contra a molestia alguma erva. E' provavel que o façam, visto que em suas aldeias se tem encontrado verdadeiros ervarios.

Quanto á influencia que, porventura, possa ter sobre a doença o costume, peculiar aos selvagens, de se pintarem com certa pastá gordurosa feita com o suco das sementes do urucú, é tambem questão a resolver (138).

*

(138) Alvaro Osorio de Almeida (in "Bol. Museu Nac., 1931 — vol. VII n.º 1) estuda o comportamento da pele untada com urucú, em relação aos raios actinicos da luz e ao calor solar.

As experiencias a que procedeu levaram-no ás seguintes conclusões: "Untados de urucú se acham os indios tão bem protegidos contra a acção actinica do sol como se estivessem vestidos com vestidos espessos, qual usam as tribus do Sahara. Entretanto por se acharem nus, o ar circula livremente em torno do corpo, roubando calor pelo seu contacto e acce-lerando a evaporação do suor.

"Si se expõe ao sol, é propriedade do urucú acima verificada, não absorver senão muito moderadamente o calor solar, reflectindo os raios

O aspecto e a evolução da doença nos induzem a acreditar que se trata de uma dermatomicose; é provável que o cogumelo patogenico tenha o seu *habitat* no sólo. E assim se explica porque os funcionarios da linha que ha anos convivem com os Nambikuáras, ainda não contraíram o mal; o que tambem se observa com os Parecís, atualmente relacionados com aqueles doentes. Uns e outros, ao contrario dos Nambikuáras, fazem uso da rêde; nunca dormem no chão.

O exame microscopico das escamas, até agora, não foi feito; é falta de que não tenho responsabilidade. Em 1912 os indios não permitiram que se colhesse material. Viviam ainda desconfiados.

O nome indigena que os enfermos da Serra do Norte dão á sua doença é: *Báanêcêdútú*.

Acredito que o vocabulo exprima, precisamente, a fórma curvilinea das lesões, visto como *Báanêndútú* é a designação generica das conchas dos gastropodes, que são enroladas em espiral.

Tudo isto basta para demonstrar que se trata de manifestação morbida ainda não descrita nos selvagens do Brasil.

Das dermatoses peculiares aos nossos indios, algumas não se parecem, absolutamente, com o *báanêcêdútú* da Serra do Norte.

Podem ser, desde já, afastados: o *pian*, a *curub*, a *pinhã*, a *munga*, as *pereb*, as *xerodermias* (ictioses), as *leishmanioses*, etc.

vermelhos e tambem os raios caloríficos; dahi não exigir o homem branco ou pouco pigmentado, untado de urucú, um excesso de sudação, como se dá com o negro nessas circunstancias.

"Sendo dadas essas propriedades do urucú, que as nossas experiencias mostram, e considerando-se generalidade de seu uso entre os indios tropicaes da America, pensamos que se deve considerar o seu em prego, não como simples adorno, como meio eficaz de protecção contra a luz e o calor tropical".

Pereb é nome tupí das úlceras cutaneas banais, es-tafilococicas, etc.

A *pinhã* foi encontrada entre alguns indios do Amazonas por von Martius. Deve ser uma fórmula de furunculose; Martius a considerava uma especie de *antraz*.

O *pian* é hoje bem conhecido; já em 1558 fôra admiravelmente caracterizado por Thevet e, em 1578, por Jean de Lery. Em 1613 o sabio padre Yves d'Evreux apontara magistralmente suas semelhanças com o "mal de Napolès". Os indios da Serra do Norte nada apresentam de parecido.

Devo tambem dizer que aquela gente não conhece a lepra, nem as úlceras leishmaniosicas, que não poupam o pessoal da linha telegrafica.

Não vi um só atacado das *feridas bravas*, enquanto que a enfermaria de S. Luiz de Cáceres regorgitava de enfermos, vindos do acampamento.

•

Tambem com a dermatose dos indios *antisianos* (Mocetenes, Tacanas, Yurucarés), habitantes das vertentes orientais dos Andes (Perú e Bolivia), a doença dos Nambikuáras não tem semelhança.

Os *hombres overos*, designação que os espanhóis deram áqueles indios, têm largas manchas irregulares, esbranquiçadas, de contornos pouco nitidos, localizadas principalmente nas saliencias articulares.

D'Orbigny afirma que tais manchas nunca se apresentam com aspecto farinaceo; que poupam as crianças, e que a epiderme dos doentes se mantem inteiramente *lisa*.

A molestia dos "overos" nada mais é, afinal, que a *vaurána* dos nossos indios do grupo tupí, e vem a ser a mesma coisa que o *mal dos Caratés*, da Colombia, *mal das pintas* (ou dos pintos), *Lota*, da America Central, ou *Purúpurú*, da Amazonia.

•

Spix e Martius, no começo do século passado, e, depois deles, outros naturalistas, encontraram o mal espalhado pelo grande vale. Muitos cronistas dele se ocuparam e, entre todos, Baena foi minucioso.

“Purú-purús, escreveram aqueles, é o nome dado pelos brasileiros aos índios que se chamam propriamente *Pamaouiris*, habitantes do rio Purús”.

Descreveram a molestia dos *Pamaouiris* ou, como hoje se diz, *Paúmaris*, dando-lhe para característica essencial a presença de manchas cutaneas irregulares, isoladas ou confluentes, enegrecidas, um tanto asperas ao tato.

Martius acreditava que algumas manchas brancas, ás vezes, encontradas entre as escuras, representavam o primeiro estágio da doença.

Parecia-lhe hereditario o *purú-purú*, embora suas manifestações cutaneas só principiassem a partir da puberdade. Os índios com que Martius tratou atribuíam esse flagelo *ao mau estado do seu sangue*; e o naturalista acreditava que a *vida anfibia* daquela gente, sua alimentação e alguns dos seus costumes influíam muito para o aparecimento do *purú-purú*.

*

Depois, naturalmente pela disseminação da doença seu nome ficou servindo para designar todas as tribus da região Purús-Juruá: *Paumarí*, *Juberí*, *Aruá*, etc.

Ehrenreich, ha cerca de 20 anos, poude verificar certos detalhes curiosos na evolução do *purú-purú*. Confirmou que só a partir da puberdade a doença toma incremento; encontrou alguns índios com pés e mãos inteiramente brancos, como si se tratasse de um *albinismo parcial*, ou de uma especie de *vítílio*.

Segundo Ehrenreich, no primeiro periodo da molestia, as manchas têm côr azul-acinzentada. A' medida que se vão descorando nas bordas, escurecem no centro.

Pessoalmente ele nunca observou a descamação da epiderme da zona doente. Todavia, transcreve informação vulgar segundo a qual os Paumaris misturam, subrepticiamente, as escamas de sua pele aos alimentos e á agua de seus vizinhos, afim de que a doença tambem os atinja.

Nas manchas brancas, acrescenta o mesmo etnologo, não existem pêlos. O prurido é sempre intenso.

*

Em 1909, Koch-Grünberg tratou do *purú-purú* encontrado na bacia do Rio Negro. Apontou, de acôrdo com a opinião dos indios, tres variedades da doença: *purú-purú branco*, *p. negro* e *vermelho*, segundo a côr predominante nas manchas. Koch-Grünberg diz que as manchas negras são duras e asperas; as brancas, lisas, apresentam o aspecto de queimaduras.

No entanto, Oswaldo Cruz (139), em 1913, afirmou que nada justifica a separação das tres variedades. As manchas brancas, para ele, figuram um estádio mais adiantado da doença; aparecem pela eliminação do pigmento cutaneo promovida por agente infeccioso.

Oswaldo Cruz verificou tambem a descamação da epiderme ao nivel das manchas negras.

Hirsch (140), já em 1886, assegurava que o *purú-purú* não poderia ser sinão uma dermatomicose; os estudos de Montoya y Flores (141) e Oswaldo Cruz, embora ainda não concludentes, parecem justificar a hipótese.

(139) Oswaldo Cruz — Relatorio sobre as condições medico-sanitarias do vale do Amazonas — Ministerio da Agricultura. — Rio, 1913.

(140) Hirsch, A. — "Handbuch der historisch-geographischen Pathologie" — 1886.

(141) Montoya y Flores, J. B.:
 Recherches sur le Caratés de Colombie — Paris, 1893.
 Archives de Parasitologie, vol. II.
 Notes sur les Caratés — Ann. de Derm. et de Syphil., 1897.

Os índios da Serra do Norte vivem em águas amazônicas; habitam, portanto, na vizinhança da zona enorme onde se tem achado o *purú-purú*. Todavia, não sofrem, indiscutivelmente, desse mal. O seu isolamento os preservou.



Já com o *ringworm* ou *herpes circinatus*, e também com o *tokeláu*, ou *tinea imbricata*, o *báanêcêdútú* tem alguma semelhança.

Ehrenreich, em 1897, confundiu aquelas duas dermatoses, e afirmou que são frequentes entre os índios da zona tropical.

O *ringworm*, porém, não é o *tokeláu*; nem essas dermatoses são muito disseminadas entre os índios. O seu tegumento cutâneo, sujeito a múltiplas causas desorganizadoras, proporcionadas pelo meio, acha-se muitas vezes tomado pelas "*erupções artificiais de causa interna e externa*", passíveis de se confundirem, em certos casos, com molestias parasitárias.

No entanto, é fóra de dúvida que as primeiras formações da dermatose da Serra do Norte seriam parecidas com as do *herpes circinatus* — círculos concentricos formados por pequenas vesículas — si lhes não faltasse a reação inflamatória que acompanha o *herpes*.

Talvez essa reação passe despercebida, seja pela espessura da pele, seja pelas suas condições de vascularização discreta, ausencia de pêlos, glandulas sebaceas pouco abundantes, etc.

A evolução da dermatose da Serra do Norte, todavia, não permite que se a confunda com o *ringworm*.

No seu estado final, a doença dos Nambikuáras assemelha-se muito mais á *tinea imbricata*.

O aspecto do individuo coberto de escamas longas, como tiras de papel de seda, que verifiquei perfeitamente nos meus índios, é também atribuído ao *tokeláu*. No *tokeláu*, além disso, não existe inflamação ao redor

das lesões, nem o sistema piloso é atacado, tal qual acontece no *báanêcêdútú*.

A *tinea imbricata* também começa por formações vesiculares; mas a transformação das vesículas em *sistemas*, na dermatose dos Nambikuáras é muito mais irregular. Não existem mesmo verdadeiros *sistemas* de *descamação*, como no tokeláu; são antes placas, limitadas por escamas ainda tão pequenas que tomam aspecto furfaraceo.

De sorte que a verdadeira semelhança das duas dermatoses só é bem visível no último período, quando as *escamas papiraceas*, alongadas, cobrem todo o corpo.

Por outro lado, a evolução da doença dos índios da Serra do Norte nada se parece com a do tokeláu que o Dr. C. Paes Leme (142) descreveu em 1903, entre os índios do Araguaia, e Fritz Krause não menciona. Faltam absolutamente os sintomas gerais apontados naqueles índios; a dermatose dos selvagens da Serra do Norte tem todas as características de uma doença local.

Pelas razões expostas, acredito que o *báanêcêdútú* é uma dermatomicose exfoliativa, talvez mesmo uma *tinea* vizinha do tokeláu.

Era impossível obter naquela data material para exame microscópico. Atualmente, as condições são mais favoráveis; a confiança dos doentes é cada vez maior. Permite investigações muito mais complexas.

Tenho realizado pesquisas sobre ligas e outros objetos de uso dos índios, material que passou muito tempo em contacto direto com as lesões cutâneas. Essas observações são extremamente precárias, é claro. Nem conto com o seu êxito. Si fôr possível isolar um fungo, dessas peças, cultivá-lo, inoculá-lo, voltarei a tratar do interessante assunto.

Aos especialistas cabe completar e corrigir estas notas, que não pretendem sinão documentar o aspecto

(142) C. Paes Leme — "Contribuição ao estudo do Tokeláu" — Tese Inaugural — Rio, 1903.

clínico de uma manifestação morbida de índios primitivos. Amanhã ou depois, contaminados pelas infecções estranhas, a que infelizmente não se poderão furtar, hão de apresentar os mesmos fenómenos sob outra forma, modificados pelos benefícios e pelos males da civilização (143).

*

Com os dados antropológicos, aqui transcritos já se pôde tentar um esboço de comparação somática.

A antropologia não é mais a inútil pesquisadora de soluções impossíveis, para problemas ociosos, embora não tenha ainda atingido o grau supremo que lhe foi marcado na hierarquia positiva.

A raça não é uma expressão verbal, sem valia nem função; marca sempre relações, entre um grupo de organismos e o meio em que eles vivem. E', por isso, indispensável ir levando em conta os *fenómenos*, do mesmo modo como se apreciam os *seres*.

Perante a moderna orientação da antropologia a observação dinâmica das *raças*, dos *tipos*, e dos próprios *individuos*, vai-se aos poucos, caracterizando como a única saída para os que estudam com desejo de encontrar o caminho do progresso. A descrição estatística das caracterizações não satisfaz ao espírito científico da época; recentes verificações e descobertas que a fisiologia conseguiu, mórmente no âmbito das funções das glandulas de secreção interna, mostram que a morfologia, por si só, é fraco contingente para o conhecimento dos organismos. Ela é condicionada de modo iterativo pela maneira de funcionar própria a cada qual. Numa palavra: a *antropologia anatomica*, cada vez mais, perde em favor da *antropologia fisiologica*.

(143) Vide Olympio da Fonseca Filho — "Afinidades parasitológicas e clínicas entre o tokeláu da Asia e da Oceania e o chimberé dos indígenas de Mato-Grosso — Bol. Mus. Nac., vol. VI, n.º 2, 1930.

Este trabalho acha-se transcrito no fim deste volume.

A *anatomia das raças*, si não feita de todo, foi bastante esboçada para que o debuxo indicasse que sáfaro terreno é o seu, incapaz de permitir a colheita das leis que governam a especial biologia das *variedades*.

Mas, a *psico-fisiologia das raças* é uma promissora região, cujos meandros praticamente exploraveis apenas começam a aparecer.

Infelizmente, o material e os meios de indagação são escassos e pouco rendosos. E' uma falha de metodo que se ha de completar aos poucos. As dificuldades são muitas, e serias. Por isso mesmo convém considerá-las, desde já, como a parte essencial das pesquisas. Fiel áquele criterio, o autor tentou ajuntar aqui elementos que permitam esboçar, si não resolver probemas fundamentais da antropologia, referidos aos tipos humanos que observou em sua excursão pelas terras da RONDONIA.

*

a) Quais os tipos antropologicos fundamentais de indio brasileiro?

b) Quais os traços característicos dos indios da Serra do Norte?

c) Como se processou sua diferenciação antropologica?

*

Pondo á margem as noticias encontradas nos escritos leigos, acham-se principalmente nos trabalhos de Piso e de Marcgrave as melhores informações, colhidas no seculo XVII, sobre a nossa antropologia indigena.

Das questões propriamente antropologicas — (anatomia, fisiologia, etc.) — cuidou melhor Marcgrave; Piso dedicou mais atenção á patologia indigena.

Da *Historia Naturalis Brasiliae*, é o 8.º livro consagrado aos indios. O capitulo IV, desse livro, traz a epi-

grafe: *De Incolis Brasiliæ*; e outro capitulo: *De Statura e habitu corporis Brasiliensium, e de eorum ætate e moribus*.

*

“Os indios que vivem entre nós outros, diz Marcgrave no seu ameno latim, têm mediocre estatura, são robustos, de largas espaldas, bem feitos; nem é facil achar entre eles aleijados, zanolhos ou coxos. E’ admiravel como preservam seus filhos das molestias, nunca os envolvendo em ligas ou faixas. Para robustecê-los, ligam-lhes as pernas com certas tiras que chamam: *Tapacura*.

Os brasilienses têm olhos negros, nariz estreito, boca ampla, cabelos negros, retos. Barba rara ou nula. Muitos têm barba negra. As mulheres são de estatura pequena, bem dispostas e de formas não inelegantes, como as negras, bastante robustas e parem facilmente. De ordinario vivem muito, e entre eles vêm-se muitos velhos, alguns de 100 e até 120 anos. Dificilmente encanecem, mesmo quando já decrepitos”.

*

Os *brasilienses* de Marcgrave estavam longe de representar um tipo definido de indio brasileiro; tinham os traços fundamentais da *raça*, mas viviam em meio muito occidentalizado. Basta notar a *idade avançada* de muitos; o indio, entregue ás condições primitivas, raramente vive tanto.

*

A analise resultou ainda mais perfunctoria quando feita pelos outros antigos observadores; mesmo por Alexandre Rodrigues Ferreira, no fim do seculo XVIII, deixando embora paginas admiraveis sobre a sociedade indigena, dispondo, como nenhum outro, de elementos scientificos para bem apreciar os tipos antropologicos que encontrou.

A. de Saint-Hilaire, no começo do seculo XIX, achou os *Botocudos* mui semelhantes aos Chins, embora os mongóis, segundo lhe parecia, tivessem a face mais achatada e mais larga.

Saint-Hilaire presumia realizar comparação bem apurada examinando, em Cabo-Frio, lado a lado, tres chinses e alguns indios...



Si, no assunto, a contribuição do Principe Maximiliano de Wied-Neuwied é igualmente mediocre, já a de Alcides d'Orbigny avulta.

D'Orbigny teria sido o fundador da antropologia indigena sul-americana si houvesse podido estudar mais tipos naturais. Quasi um seculo depois da publicação do seu *Homem Americano*, os cientistas, no mundo inteiro, interessam-se novamente por aquelas questões de *fisiologia antropologica*, tão claramente expostas por ele em 1839.

Longe de querer isolar os tipos, como fizeram alguns modernos, pela exclusiva consideração das fórmulas cranianas, D'Orbigny compreendeu que as reações do meio não se limitam assim; e passou revista em todos os detalhes da organização, verificando até que ponto eles poderiam ser ligados ás condições ambientes.

Sejam quais forem as falhas de sistematica etnologica que se lhe possam increpar, o criterio a que se amparou e o modo por que realizou o estudo antropologico dos indios sul-americanos, dão-lhe direito a ser considerado daquela honrosa maneira. Infelizmente o material brasileiro, colhido por d'Orbigny, foi pequeno.

Sua *raça brasileiro-guaraní* sofreu dessa escassez. Nessa divisão, não reconheceu as diferentes nuanças, nem conseguiu marcar o caminho de sua antropogenia, conforme fez para outras; não distinguiu sub-tipos.



Unicamente para fornecer elementos de comparação com as outras classificações, puramente antropológicas, menos conhecidas e citadas, vale a pena transcrever a chave integral da raça brasileira de D'Orbigny.

RAÇA BRASILEO-GUARANI (A. D'ORBIGNY)

Caracteres gerais: Côr amarelada — Estatura mediana — Fronte pouco saliente — Olhos oblíquos, levantados no angulo externo.

Ramo unico: Côr amarelada, misturada com um pouco de vermelho pálido.

Estatura — 1 m. 620. Fórmãs maciças. Fronte não fugitiva — Face cheia, circular — Nariz curto, estreito — Boca de tamanho mediano — Labios finos, pouco salientes — *olhos muitas vezes oblíquos, sempre levantados no angulo externo*. Malares pouco salientes. Traços efeminados — Fisionomia mansa.

*

Basta tomar um Borôro e tentar enquadrá-lo na raça brasileira de D'Orbigny, para verificar quanto imperfeita, por deficiente, é a sua chave.

Os índios do Brasil estão longe da uniforme estatura mediana; ha tipos muito altos e outros muito baixos.

A côr da pele varia tambem, dentro de lindes afastadas. A obliquidade da fenda ocular, e o levantamento do canto externo do olho, não têm a constancia que o grande naturalista supunha.

Em resumo, pôde se dizer que D'Orbigny caracterizou bem um dos tipos brasileiros; nada mais. Do ponto de vista morfológico, no que nos diz respeito, tal foi a sua contribuição.

*

Martius, nas *Beitraege*, de valor tão desigual, mas sempre interessantes, deixou-nos observações mais felizes. Na sua raça americana distinguiu dois tipos, que se podem pôr em chave do modo seguinte:

RAÇA AMERICANA (VON MARTIUS)

1.º tipo:

Fórmulas grosseiras, talhe pequeno, face larga, fronte deprimida e fugitiva, olhos oblíquos, malares salientes, nariz deprimido, mandíbula fortemente desenvolvida.

Lembra o tipo mongol.

2.º tipo:

Talhe alto, esbelto, fronte alta, arqueada, olhos horizontais e rasgados, nariz saliente, muitas vezes aquilino; fórmulas nobres das regiões inferiores da face.

Lembra o tipo caucaseo.



A côr da pele e a qualidade dos cabelos, Martius não as discriminou em cada tipo. E andou bem.

Lembra o naturalista que o colorido claro, e o escuro, acham-se tanto nos representantes do primeiro tipo quanto nos do segundo.



Martius ainda publicou sob o título sugestivo: "Das Naturell, die Krankheiten, das Arzthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens", algumas notas valiosas que formam um livrinho raro, existente na excelente biblioteca do Instituto Historico.

Acham-se, nesse trabalho, mais uma vez, provas evidentes de que Martius não conseguiu ver sinão alguns tipos, dos que se apresentam entre a gente primitiva do Brasil. Em discrepancia com os caracteres di-

ferenciais, resumidos acima, diz que os índios, supostos mais altos, não o são de fato; parecem mais altos, do que são, porque andam nus. E entre algumas observações fisiológicas a propósito, nota que as *pulsações cardíacas*, no homem, variavam de 55 a 68 por minuto; na mulher, de 76 a 80.

Os homens morrem cedo, segundo as mesmas notas; as mulheres atingem, frequentemente, 70 ou 90 anos.

Falando da sífilis, diz que "em geral atribuem os índios aos europeus a introdução da doença".



A diferenciação que Martius acentuava em 1867, Couto de Magalhães, quasi um decênio mais tarde, retomou quando trouxe á antropologia do Brasil o seu apreciavel contingente.

Apesar de pouco preciso, em relação ás minúcias, todavia, o autor do *Selvagem* apanhou com acerto modalidades morfológicas dos índios do Brasil. Ao contrario do que me parecera até 1909, tenho podido observar notaveis especializações nos tipos brasileiros; essas variantes, devo dizê-lo, ajustam-se bem ás que foram separadas pelas observações de Magalhães, mau grado o empirismo com que as realizou.

E' certo, porém, que só deixou bem caracterizado o primeiro dos tipos. Os dois outros foram apenas indicados no seu livro.



Datam de 1882 muitos documentos definidos sobre o assunto. Não os devemos esquecer. Os que foram publicados nesse ano, especialmente por Barbosa Rodrigues e J. B. de Lacerda, representam, segundo creio, os primeiros elementos antropometricos dados á luz, a respeito.

Barbosa Rodrigues descreveu e mediu alguns tipos; como elementos de comparação suas notas merecem destaque particular.

Tratou dos seguintes sub-tipos: — *Purí, Ticuna, Miranha, Cauixána, Tembê, Mundurucú, Pariquí e Aruaquí, Arára, Mura, Maué*. Obteve mensurações, de 1872 e 1874, de índios dessas tribus e outras, segundo o quadro publicado em 1882:

ANTROPOMETRIA DOS INDIOS DO BRASIL

(BARBOSA RODRIGUES)

Tribu	Localidade	Bi-zigomático	Biacromial	Estatura
Conibo . . .	Rio Ucaiale	0,12	0,38	1,47
Ticuna . . .	Rio Tunantins	0,13	0,38	1,49
Miranha . . .	Rio Yapurá	0,12	0,38	1,60
Cauixána . . .	Rio Solimões	0,11	0,39	1,60
Arára	Rio Madeira	0,11	0,39	1,61
Mundurucú . .	Rio Tapajós	0,10	0,38	1,60
Maué	Rio Maué-Assú	0,12	0,39	1,58
Pariquí . . .	Iatapú	0,13	0,38	1,55
Aruaquí . . .	Rio Uatumã	0,12	0,38	1,45
Mura	Rio Urubú	0,13	0,39	1,54
Tembê	Rio Capim	0,12	0,39	1,55
Omagua . . .	Olivença	0,11	0,37	1,60
Purí	Rio Mucuri	0,13	0,44	1,54

Os índios de estatura mais elevada, segundo as pesquisas de Barbosa Rodrigues, seriam, os *Arára*, do rio Madeira, e os *Mundurucú* do rio Tapajós; os mais baixos seriam os *Conibo* do rio Ucaiale. As médias, levadas em conta, são as que se referem aos indivíduos do sexo masculino.

A contribuição do naturalista patricio foi, assim, incompleta.

Todavia, as anotações descritivas, que lhe ficámos devendo, têm maior valor. Barbosa Rodrigues começa pondo em destaque, como criterio diferencial importante, as proporções entre o tronco e os membros, nos indivíduos das raças negra e americana:

“Em geral o nosso indio, diz ele, é de estatura baixa, tronco grosso e largo, pescoço e membros curtos”. As diferenças sexuais lhe pareceram mediocres, quanto á morfologia externa do corpo.

“As mulheres, em geral todas têm um aspecto varonil, isto é, na estrutura do tronco e dos membros, são muito aproximadas ao sexo masculino, a ponto de, pelas costas, confundirem-sê os sexos; contudo, em algumas tribus variam na estatura”.

A descrição dos tipos que observou pôde ser resumida em poucas palavras.

Puri — Tem musculatura saliente, a distancia bi-acromial tres vezes maior que a bi-zigomatica; nas mulheres a distancia intermamaria não é maior que a metade do diametro do seio.

Ticuna — Baixo, musculoso; bi-acromial tres vezes maior que bi-zigomatico; nas mulheres, a largura do quadril é menor que o bi-acromial.

Miranha — Nas mulheres, o monte de Venus tem extraordinario desenvolvimento, não observado em outras tribus; os seios acham-se distantes cerca de dois terços do seu diametro.

Cauixána — Tem o bi-acromial igual a $2\frac{1}{2}$ vezes o bi-zigomatico. Na mulher, a aureola e o mamilo acham-se dirigidos para a frente, e não para fóra.

Membros finos em ambos os sexos.

Tembés — Estatura masculina, em geral, menor que a feminina. Mulheres altas e magras; homens baixos e gordos.

Mundurucús — São musculosos. Homens mais baixos que as mulheres, relativamente. Mulheres de bi-acromial relativamente mais largo.

Pariquís e Aruaquís — Estatura feminina e masculina mais ou menos iguais. Grande semelhança nos traços fisionomicos das mulheres.

Aráras — As dimensões do tipo masculino são menores, em relação ás das mulheres.

Mulheres de quadril estreito e bi-acromial largo.

Mura — Baixo, corpulento, ombros largos. Mulheres gordas.

Maué — Grande dimorfismo sexual. As mulheres são as mais belas índias vistas por Barbosa Rodrigues: rosto oval, faces não proeminentes, traços europeus. Espaldas relativamente muito largas.

*

Na síntese que venho fazendo do que se tem produzido em relação á antropologia do Brasil, abre-se aqui um largo espaço para sumariar as aquisições mais seguras e mais detalhadas que possuímos, obtidas pelos naturalistas alemães que modernamente estudaram os nossos índios.

Esta mésse de fartos elementos começou, sem duvida, pelas explorações dirigidas por K. von den Steinen, em 1884 e 1888.

Até então haviam merecido cuidado, conforme acabamos de verificar, os aborígenes amazonicos; a gente indígena do interior era, desse ponto de vista, absolutamente desconhecida.

Um trabalho de síntese, condensando as aquisições existentes sobre a antropologia do Brasil, foi tentado, em 1897, pelo Dr. Paul Ehrenreich.

O interessante volume, ao contrario do que sucedera aos seus trabalhos etnograficos, até hoje permaneceu quasi desconhecido dos nossos estudiosos.

Ha, no entanto, ali, soma respeitavel de observações anatomicas, fisiologicas, patologicas, numa palavra, antropologicas, sobre os índios do Brasil. Muitas vistas originais e mesmo alguma compilação necessaria, torna os *Estudos Antropologicos sobre os Primitivos Habitantes do Brasil* — verdadeiro tratado classico, que julgo util resumir em algumas paginas, como elemento de comparação.

*

Principiando pelos caracteres descritivos, exteriores, Ehrenreich nota que foi discutida, durante algum tempo, a falta de um tipo de pele negra, no continente sul-americano, terra sujeita a condições semelhantes ás que vigoram na Africa. E observa que os pretensos *indios-negros* (Charruas) nunca o foram exactamente. Sem esquecer que os primeiros portugueses chamavam *negros* os indigenas, por se pintarem com suco do genipapo:

O fruto do genipapo, quando verde, escreveu frei Vicente do Salvador no principio do seculo XVII, dá o sumo claro como agua, "porém, quem se lava com elle fica negro como carvão, nem se lhe tira a tinta em poucos dias".

Porém, aqueles que tomam os indios da America, com a sua pele clara, e os colocam ao lado dos africanos, australianos e sul-asiaticos, para mostrar que não se póde conferir ao clima o papel preponderante da differenciação dermo-cromica, não se lembram, diz Ehrenreich, de que o homem americano, tal qual o conhecemos, não é filho da sua zona intertropical, como devemos admitir, razoavelmente, sejam os papúas e os africanos.

Sua patria de origem deve ser procurada na *zona temperada*; e com isso concorda tambem a natureza de sua pele, que em todas as latitudes, conserva seu carater fundamental, apresentando leves modificações, condicionadas pelo meio.

O americano oferece um exemplo tipico de como a côr da pele é influenciada, em alto grau, pelo clima e pelas condições de vida. O indio Karajá, continúa o nosso autor, tem bellissima côr de cobre — é um verdadeiro *pele vermelha*. Mas, cortadas as mangas de algodão que habitualmente traz ao redor dos punhos, verifica-se que a pele protegida, ali, é frequentemente amarelo-brumo (pardo).

A differença é, pois frisante.

O tom do resto da pele é puramente condicionado pela residência nas praias ardentes do rio Araguaia.

“Não ha motivo para falar em *raça vermelha*. Vermelhos são, apenas, os indios pintados de urucú. A côr fundamental dos indios brasileiros seria então *amarelo cinzento-claro* (23 da escala de Broca)”. Ehrenreich confessa havê-la encontrado nos indios lamama-dís e nos Ipurinãs do Purús, sem falar dos Botocudos. Todos, indios que vivem dentro de espessas florestas.

Essa tonalidade epidérmica, ás vezes, ultrapassa em clareza o chamado branco europeu, como verificou entre os *Anambés*, indios do grupo Tupí, habitantes do baixo Tocantins.

Entre os outros essa é, todavia, a côr da pele durante a infancia. Os adultos, já influenciados pelos raios solares e outras causas, ficam entre os tons avermelhados e brunos (pardos). (Escala de Broca 26, 31, 45).

Nas tribus do rio Xingú encontram-se, em geral os matizes numerados: 33 m-n, 33-0, da escala de Radde; 33, 34, 45 da escala de Broca. São as nuances que von den Steinen chama “amarelo cinzento, tom de lama”.

“Consideravelmente mais escura, ainda mais tirante ao vermelho é a côr dos Parecís e dos Borôros, comparavel á da cerâmica (escala de Broca: 30, 32, 44). Os mais escuros são os Karajás, nas regiões descobertas”.

Quanto aos outros caracteres da pele do indio, Ehrenreich os resume assim: “A’ pele dos americanos dos tropicos falta absolutamente a elasticidade e aspecto velútineo, a riqueza glandular que se encontra na do negro”.

*

As observações contidas nos estudos de Ehrenreich, sobre os cabelos dos nossos indios, são igualmente importantes. Vale a pena traduzí-las e resumí-

las, para comparação eventual com as minhas próprias notas.

“Por ocasião do VII Congresso de Americanistas — (Berlim, 1888) — Fritsch mostrou que a qualidade do cabelo dos americanos não é inteiramente uniforme como em geral se acredita; o cabelo dos americanos e o da raça mongolica, apresentam não poucas diferenças entre si.

“Nossa experiencia confirma inteiramente essa observação: o cabelo grosso, reto, negro, não é absolutamente geral. Só os Borôros e os Karajás o possuem. Nos outros, preponderam os individuos de cabelo espesso, ondulado, antes fino. O mais surpreendente foi o encontro, relativamente frequente, de individuos com cabelos frisados ou anelados.

“Esse foi especialmente o tipo achado entre os Bakairis, do Kuliseu e do Paranatinga; por esse cabelo se distinguiam os individuos mais claros. Nas outras tribus é tipo de cabelo esporadico, que raros individuos apresentam. E’ muito raro entre os Karajás.

“A côr dos cabelos, apesar de sua apparencia negra á luz incidente, tem reflexo francamente pardo. Nas crianças esse tom pardacento se acentúa. Só na extrema velhice apparecem cabelos grisalhos; nunca observei individuos encanecidos”.

*

Nas amostras levadas do Brasil, por Ehrenreich, Fritsch verificou o seguinte:

“I — *Cabelo de indio Ipurinã* — E’ o tipo do cabelo negro americano. E’ liso, reto, de grossura consideravel (0,11 a 0,05 mm.) e aspecto sêco. O corte é circular; a pigmentação, extraordinariamente forte, torna o cabelo, examinado a sêco, muito pouco translucido. A medula só é visivel nos cabelos mais grossos; é estreita, e muitas vezes interrompida no seu percurso.

II — *Cabelo de indio lamamadi* — E' igualmente liso, embora pouco mais flexivel que o primeiro. Espessura um tanto menor (0,10 a 0,5 mm.), assim como a pigmentação. O exame microscopico, a sêco mostra o cabelo de côr parda carregada, translucido. Nos fios grossos a medula é tambem estreita e interminente. Secção circular.

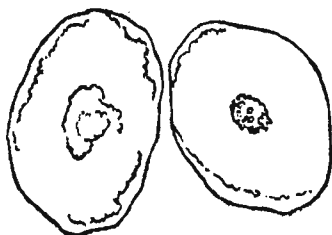


Fig. 15 — Cortes histológicos de cabelos dos Indios da Serra do Norte. Inclusão em parafina. Oc. II. Obj. D-Zeiss.

III — *Cabelo de india Pareci* — Cabelo de aspecto feminino (*weiblichen habitus*) (0,07 mm.). Côr escura pardo-castanha, em feixe, á luz direta. Aspecto liso. Ao microscopio aparecem os fios brunos avermelhados, por causa do pigmento difuso. Mostram-se grandemente quebradiços, o que denuncia estado patologico (Trichorrhexis?). Secção francamente circular.

IV — *Cabelo de mulher Cafusa* — Filha de um indio Bakairí e de uma negra creoula. Neta de africana. Esta amostra, diz Fritsch, afasta-se das outras e não poderia ser atribuida á Sul America, sem a informação especial que a acompanha. Parece cabelo de mumia. Cabelo fortemente ondulado, um tanto mate á luz incidente. Côte microscopico, pela forte pigmentação. A espessura varia de 11; 7,10; 6,9; 5,7; 4 mm. Talvez por causa da decomposição já iniciada, ou por causa das imundicies com as quais foi misturado, a superficie do cabelo se esfolia. Surpreende o regular e acentuado achatamento do fio, que ultrapassa o da maioria dos cabelos africanos da mais escura pigmentação; lembra o cabelo papúa, pela relação existente entre os diametros extremos desse tipo".

Conforme a observação de Peschel, são as Ilhas do Mar do Sul (Oceânia) e a Sul America, as duas regiões da Terra em que o homem atinge altura maior. Ehrenreich acentúa que, tanto numa como na outra, ha grande variedade de estaturas.

As tribus do Xingú são uniformes, ultrapassam ás da região humida do Purús, embora fiquem pouco acima da altura mediana. As mulheres, em geral, têm estatura menor; entre as maiores acham-se as Nahuquás.

Os Bakairís, Kamaiurás, Mehinakús, equivalem-se; os Trumais, intrusos em uma população completamente diferente, mui provavelmente pertencentes ao grupo das tribus do Chaco, apresentam as menores estaturas.

Os Parecís, mais meridionais, que vivem em condições semi-civilizadas, colocam-se inteiramente ao lado dos seus parentes do Xingú (indios Mehinakú, Iaulapiti, Vaurá, Kustenaú). Nas tribus do Araguaia, Kaiapó e Karajá, os homens têm alta estatura, enquanto que as mulheres apresentam pequeno crescimento.

Ao lado desses indios pequenos, encontram-se os Borôros, o menor dos quais seria um indio alto no Xingú. A mulher Borôro tem o tamanho do homem Bakairí. Os Borôros são os maiores indios até agora conhecidos na zona intertropical.

A causa direta, que condiciona tão singular estatura, não póde ser mencionada com segurança. Ape-lara para a raça, diz Ehrenreich, seria vão. E, todavia, essa explicação ganharia extraordinario valor si pudessemos demonstrar algum parentesco desses indios com os *Pele Vermelhas* da Norte America, ou mesmo com os Patagões. Disso por enquanto, não se fala. (144).

(144) Estudos de G. Créqui-Monfort ("Le Groupe Otuké" — Journal de la Soc. Américanistes — vol. IX, 1912) e de Rivet ("Les Affinités des dialectes Otuké" — publ. citada, vol. X, 1913) demonstraram o parentesco linguistico Borôro-Otuké. O Vocabulario da Língua dos Borôros Coroados do Estado de Mato Grosso (Rev. Inst. Hist., tomo 83) de Basilio de Magalhães veiu ainda reforçar essa ligação.

Os Borôros vivem, no entanto, em meio de condições mui parecidas com as que rodeiam aqueles povos; são caçadores nomades, espalhados numa região que tem, em alto grau, o carater geral dos planaltos (*Hochebene*), durante alguns meses no ano influenciada por clima sêco e frio.

A observação dessa tribo brasileira confirma a nota de Daly: "O decubitus *horizontal* concorre para aumentar a estatura".

*

Aceitando a classificação de Topinard para a estatura humana, Ehrenreich encontra as seguintes porcentagens para os indios que estudou:

	Até 1m,70	1m,69-1m,65	1m,65-1m,60	1m,60 para baixo
Bakairi	—	—	70,0	30,0
Nahuquá	6,6	6,6	60,0	26,6
Auetó	7,0	14,3	21,4	57,0
Kamaiurá	7,0	50,0	2,5	21,5
Mehinakú	—	33,3	50,0	16,6
Trumai	—	—	50,0	50,0
Parecí	—	11,1	55,5	33,3
Borôro	75,0	25,0	—	—
Karajá	33,3	50,0	8,3	8,3
Kaiapó	20,0	60,0	20,0	—
Iamamadi	—	—	75,0	25,0

*

Os indios do planalto (Borôros) e os do Araguaia (Karajás e Kaiapós) são, pois, os mais altos indivíduos da nossa gentilidade; os do Xingú (Auetó, Trumai, etc.) são de menor estatura.

Um grupo interessante, homogêneo, que compreende a gente de menor estatura, é formado pelas tribus do rio Purús.

Ehrenreich insistiu em mostrar que as duas tribus, extremas em estatura, Borôros e Trumais que se distinguem de todas as outras por essa característica cor-

poral, são também, do ponto de vista etnográfico, completamente isoladas de qualquer dos grupos admitidos atualmente.

Por outro lado, é interessante notar que Tupís e Caraíbas, cujas afinidades técnicas são muito apreciáveis, do ponto de vista antropológico, nesse particular da estatura, formam também um grupo natural.

As tribus Nu-Aruaks, por sua vez, concorrem para o estabelecimento de uma série harmonica.

Entre os homens, a diferença nas alturas, maxima e minima, pelas médias de Ehrenreich, orça por 39 centímetros; entre as mulheres, 28.

A estatura menor anda perto da que se encontra nos pigmeus africanos (Akkas, etc.).

*

As maiores oscilações individuais da envergadura — (grande abertura) — mostram-se entre os Borôros. Diferenciação sexual mais acentuada aparece entre eles e entre os Parecís.

Feita exceção dos Nahuquás, as mulheres, em geral, têm envergadura menor que os homens. Entre os Nahuquás os sexos se equivalem, no que diz respeito á envergadura; entre os Mehinakús as mulheres têm envergadura maior que os homens.

Em geral as tribus do Xingú mantêm-se nesses termos; só os Trumaís se aproximam das tribus do Chaco, por suas médias baixas.

Média maior que seus parentes do Xingú têm os Parecís, que se achegam aos indios do Purús. Nos homens, a maior envergadura é encontrada nas estaturas médias, de 1m,69 a 1,76, enquanto que as alturas mais elevadas correspondem a envergaduras relativamente menores.

Só entre os Mehinakús, Parecís, Trumaís, diz Ehrenreich, encontra-se um aumento de envergadura diretamente proporcional á altura.

*

No tipo masculino o braço é mais longo entre os Parecís, Auetós, Borôros, Mehinakús e Cherentes. No tipo feminino o braço é curto, feita exceção dos Kaiapós, em que o mínimo obtido, na mulher, corresponde ao máximo verificado no homem. Entre os Auetós acham-se as maiores variações individuais desse segmento do membro superior.

Os indivíduos de estatura mediana entre os Bakairís, Kamaiurás e Mecinakús, são os que têm braço mais longo, tal qual acontece nos chineses, segundo as observações de Weisbach.

Apresentam bem marcado aumento do comprimento do braço e diminuição da estatura, Kaiapós e Auetós.

Nas tribus do Xingú o comprimento do ante-braço não varia de homem para mulher. Porém, nas outras tribus, em geral, no tipo feminino, este segmento é maior.

*

O comprimento da mão é pequeno, como entre todos os americanos.

As médias mais elevadas são encontradas entre os homens tóbas e mulheres bakairís; as mais baixas, entre os homens bakairís, nahuquás, e mulheres parecís.

Nas tribus do Xingú, o comprimento e a largura da mão são quasi iguais; nas outras tribus a mão é mais estreita e elegante. São notavelmente estreitas as mãos dos índios do grupo Gé: Kaiapós e Cherentes. Os Trumais se aproximam dos Maticos, pelo tamanho da mão.

Em todo o caso, a "pequenez da mão é um importante carater diferencial da raça americana, comparada com a mongolica" (Weisbach, Bälz, Mugnier, Deniker).

*

De um modo geral, o membro superior tem médias muito próximas em todas as tribus; e o valor do comprimento total do membro toracico aproxima os americanos dos mongóis.

Membros pelvianos relativamente curtos têm os Auetós, os Mehinakús e os Ipurinãs. Relativamente á sua estatura, os Borôros têm pernas curtas. Entre estes, porém, as mulheres têm membros inferiores relativamente longos. O contrario acontece entre as tribus do Araguaia, cujas mulheres são notaveis pela extraordinaria curteza de seus membros pelvianos.

*

Os pés são mais longos nas tribus Aruaks; em geral, as indias têm pés mais curtos do que os indios. E' interessante notar, como o faz Ehrenreich, que, mesmo entre populações civilizadas, isto nem sempre é regra. Assim, as observações de Weibasch, referentes ás alemãs, e Bälz, ás japonesas, mostraram que umas e outras, em média, possuem pé mais longo que os homens.

Entre os Borôros, os individuos mais altos são justamente os de pé relativamente menor. O mais largo pé foi encontrado entre os Tupis do centro do Brasil (Auetó e Kamaiurá do Xingú); o mais estreito foi achado entre os Gés (Kaiapó e Akuen). As menores médias de Ehrenreich combinam com as medidas do pé japonês.

*

Pela circunferencia toracica Auetós e Mehinakús aproximam-se dos Fueginos. Os indios do Brasil têm circunferencia toracica ampla, mórmente os margean-tes dos grandes rios Xingú, Araguaia, etc., pelo habito do remo.

As mulheres Karajás têm circunferencia maior que os homens. Entre os Auetós, Mehinakús, Borôros, Iamamadís, os individuos mais baixos são os que têm maior circunferencia toracica, relativamente; entre os Bakairís e Karajás a maior circunferencia é encontrada nos individuos de altura mediana.

Entre os Parecís ela varia em função direta da estatura.

A cicatriz umbilical, nos homens, é situada acima do nivel em que se encontra nas mulheres.

A discriminação das tribus, pela cefalometria, só poderia ser feita para os Karajás e Kaiapós; os Kaiapós, caracterizados por forte braquicefalia e os Karajás por dolicocefalia não menos acusada.

O resto da população indigena oferece tantas variações individuais, que não é possível aplicar o mesmo processo para isolar qualquer tipo.

CEFALOMETRIA

(EHRENREICH)

	Ant.		Post.		Max. Transverso		Max. Indice Cefalico	
	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.
Bakairí	116	113	91	91	79,0	80,1		
Nahuquá	115	117	93	95	80,6	81,3		
Auetó	117	126	93	99	79,6	78,9		
Kamaiurá	113	117	89	91	79,3	78,7		
Mehinakú	113	117	87	91	77,8	77,7		
Trumai	112	—	91	—	81,6	—		
Parecí	117	121	91	91	77,5	76,0		
Borôro	109	114	89	88	81,2	77,4		
Karaiá	113	117	84	93	73,0	79,8		
Kaiapó	103	113	87	94	84,7	82,9		
Paumari	110	—	92	—	83,8	—		
Iamamadi	111	—	91	—	81,8	—		
Ipurinã	113	—	95	—	84,2	—		

As notas nosológicas de Ehrenreich trazem algumas informações que também resolvi traduzir e transcrever aqui.

Nenhum individuo de má conformação foi por ele encontrado. Cita um caso de cretinismo, entre os Borôros, e um caso de doença mental entre os Karajás. Atribue este caso á lues, mas devemos observar que tais indios, desde muitos anos, têm contacto com sertanejos. Viu muitas lesões traumáticas, e fez uma especial referencia ás produzidas pelos ataques dos jacarés e das piranhas. Acredita que o uso do beijú (*gerosteten Maniokmehles in form der bekannten Beijú-Fladen*) concorre para a frequencia da carie dentaria na população do Xingú.

Aqui me parece que a observação não é segura, visto como, longe de promover a carie, as partes fibrosas das raizes vão desgastando o esmalte e a dentina, *sem carie*, conforme se verifica nos cranios dos Sambaquis da costa do Atlantico. Creio antes que a falta de sais calcareos das aguadas que descem do planalto, seja a causa responsavel da ruina dentaria daqueles indios.

“Reumatismo e doenças catarrais parecem frequentes, continúa Ehrenreich, a artrite do joelho (*tumor albus des Knies*) foi encontrada no Xingú repetidas vezes. A tuberculose grassa especialmente entre os Karajás do médio Araguaia e nas tribus do Purús.

— “*Catarro não tem?* é a primeira pergunta que os indios costumam fazer aos que chegam ás suas terras”.

*

Ha, no trabalho de Ehrenreich, alguns minuciosos quadros descritivos, mas foram organizados fóra das normas do *retrato falado*.

Esses quadros abrangem individuos das tribus: Bakairí, Nahuquá, Auetó, Kamaiurá, Mehinakú, Vaurá,

Trumai, Parecí, Borôro, Karajá, Kaiapó, Cherente (Akuen), Iamamadí, Ipurinã.

A transcrição desse material, aqui, seria descabida. O cotejo dos elementos referentes ás grandes massas indígenas do *hinterland*, com as notas que obtive na Serra do Norte, pôde ser esboçado com os dados já insertos acima. Depois de examinar, em paralelos, os documentos que obtive e os já arquivados, será possível, talvez, decidir ao lado de que tipo antropológico devemos colocar a população central da Rondonia.

Comparando os Indios da Serra do Norte com os tipos conhecidos no Brasil, pode-se concluir apontando semelhanças e diferenças que são dignas de nota.

*

Pele — Pelo colorido da pele acham-se ao lado dos Borôros e dos Karajás. O grupo meridional é composto dos mais escuros indios do Brasil.

*

Cabelo — O indice médio, encontrado nos córtes histológicos, andou na vizinhança de 59, muito proximo dos Semang (Negritos) da Peninsula Malaia.

Pigmentação muito forte, medula espessa.

Secção circular.

*

Estatura — Até 1m,60 acham-se 25% de individuos. De 1m,60 a 1m,65, 56%. de 1m,65 a 1m,70 encontram-se 19%. Mais de metade tem de 1m,600 a 1m,65.

Pelo quadro de Ehrenreich, os indios da Serra do Norte tomam posição, quanto á estatura, entre os *Parecís* e os *Nahuquás*. Proximo deles estão os *Bakair*os, *Mehinakús*, *Trumais*, *Iamamadis*.

*

A porcentagem de estaturas elevadas (19%) coloca os Nambikuáras perto dos Kaiapós (20%) e afasta-os dos Bakairís (0%), dos Nahuquás (6,6%), dos Trumais (0%) e dos Parecís (11%).

*

A diferença sexual da estatura — (0m,12), — afasta-os dos índios Tupis, entre os quais, muitas vezes, o homem é mais baixo que a mulher, e do caso dos Aruaks, em que a estatura feminina equivale á masculina (Barbosa Rodrigues).

Pela circunferencia toracica, igual a $\frac{1}{2}$ da altura, aproximam-se dos tipos normais da raça branca (De Giovanni). Relação centesimal entre a altura total e a circunferencia toracica — 50,0.

Nos índios do Brasil essa não é a regra; em geral, a circunferencia toracica é maior que $\frac{1}{2}$ da altura. Nas tabelas de Ehrenreich o tipo mais proximo dos Nambikuáras é o dos Karajás, do Araguaia, com o indice 53,3.

*

O índice de Manouvrier indica a relação existente entre o comprimento do busto e o do membro inferior, segmentos que formam a estatura. Morfológica e fisiologicamente o busto (cabeça e tronco) é muito mais importante que o membro inferior. De sorte que, avaliar a sua relação com a altura total ou estatura é determinar, até certo ponto, o valor biológico do individuo (Montessori).

Manouvrier denominou *macroskéle*, *mesatiskéle* e *brachyskéle* os tipos fundamentais estabelecidos sobre essa relação. No tipo médio (*mesatiskéle*) o busto deve compreender pouco mais da metade da estatura (índice 52), no tipo *macroskéle* o índice baixa de 52 a 50; acima de 53, até 55, o índice corresponde á *brachyskélia*.

Chamando *B* — o busto, ou *altura essencial*, de Collignon; *P* — membro inferior (perna) e procurando a relação *centesimal* entre ambos, para facilitar o calculo, chega-se á equação:

$$\frac{P}{B} = \frac{x}{100}$$

de onde:

$$x \text{ (Indice de Manouvrier)} = \frac{P \times 100}{B}$$

Os tipos macroskéles têm, pois, *busto* relativamente curto e *pernas* longas; os brachyskéles ao contrario, têm *busto* longo e *pernas* curtas.

Tais observações se referem aos adultos, porque durante o crescimento verificam-se modificações fundamentais nas proporções do corpo.

Porém, a determinação do *cánon antropologico real*, segundo o indice de Manouvrier, póde ser obtida aproximadamente, conforme ele mesmo o mostrou, pela simples inspecção.

Assim, as espadas, no tipo brachyskéle, ficam em nivel inferior ao da furcula esternal; acham-se acima, no macroskéle. Neste, a cicatriz umbilical não corresponde ao cotovelo.

Quando o dedo médio do individuo, em extensão completa, chega á articulação do joelho, ou muito perto dela, trata-se, regra geral, de um tipo macroskéle.

Em todas as raças, e entre todos os povos, ha tipos macroskéles; brachyskéles e mesatiskéles; porém, as observações que se têm realizado vão indicando que existe, sempre, certa predominancia de brachyskéles entre os *amarelos*, macroskéles entre os *negros* e mesatiskéles entre os *brancos*.

Os indios do Brasil encontram-se entre os brachyskéles.

Os Nambikuáras não se excetnam.

Pelo *índice cefálico*; os índios da Serra do Norte devem ser colocados ao lado dos *Parecís*, da tabela de Ehrenreich — (76,0).

*

O *índice nasal* — (85) na vizinhança da platirrinha, afasta-os dos *Kaiapós* e mesmo dos índios do grupo Gé, que, segundo Ehrenreich, são os que têm nariz mais estreito.

*

O *índice facial* — (74,6) — aproxima os índios da Serra do Norte dos *Borôros* (75,9) e afasta-os muito dos *Parecís*, que têm 81,5, e dos outros índios Aruaks.

*

O exame somático do povo da Serra do Norte demonstra, até certo ponto, que o seu substratum antropológico, bem caracterizadamente americano, filiado, pois, no tipo mongol, sofreu múltiplas influências que deram em resultado a falta de homogeneidade que apresenta.

Cruzamentos diversos devem ter modificado o primitivo tipo dos Nambikuáras. Do ponto de vista antropológico, acredito que se trata de um tipo muito semelhante ao que se encontra nos povos que falam idiomas nuaruaks, modificado por sangue alofílico e talvez por sangue etíope.

IX

HABITAM territorios banhados por aguas amazonicas os indios que se acham espalhados pelos vales do Juruena e pela Serra do Norte.

São chamados Nambikuáras (Nhambiquaras, Nambiquaras, Nambicoaras, Mambyuaras, Mambryáras, Membyuares, etc.) pelos sertanejos e pelos indios civilizados, seus vizinhos.

Somam alguns milheiros. Quantos? não sabemos. Qualquer estimativa seria invalidosa. Sendo cerca de uma duzia de aldeias de que tivemos noticia segura, por visita ou por informação, e dando para cada qual, em média, 100 habitantes, atingimos ao total de 1.200.

E' muito importante a difusão do nome Nambikuára; existe em Mato-Grosso, e no Pará, para os indios de que nos ocupamos. Quer dizer que, do lado Norte e do Sul, os habitantes daquela Serra têm a mesma designação.

A concordancia faz pensar, á primeira vista, que o nome deve ser, efetivamente, muito característico. No entanto, é apelativo que os nomeados não conhecem, palavra absolutamente estranha ao dialeto de qualquer dos grupos. Convem conservá-la, todavia, para evitar confusões.

O limite meridional da região dos Nambikuáras é o rio Papagaio.

Ao Norte parece que sua zona de distribuição atinge o Gi-Paraná; a Léste, o Tapajoz; a Oéste, o Guaporé.

O grupo que habita proximo ás margens do Juruena e do Juina, do rio Papagaio até ao Camararé,

que chamarei *grupo de Sudêste*, denomina-se *Kôkôzú* ou *Kôkôçú*.

O que habita no baixo rio 12 de Outubro e se estende provavelmente até á confluencia do Arinos com o Juruena, onde tambem devem chegar alguns representantes do primeiro, denomina-se *Anunzê*; chamá-lo-ei *grupo de Nordêste*.

O que vive a Sudoêste da invernada de Campos Novos desce até ao Guaporé; é denominado *Uaintaçú* e constitue o *grupo do Sudoêste*.

O grande *grupo Nordêste* mora já na vizinhança das aguas do Madeira, nas margens de tributarios do Gi-Paraná. Parece-me formado por diferentes nucleos secundarios, cujas relações ainda não foram bem caracterizadas; pertencem-lhe os indios que encontrei na invernada de Tres Buritis, nos Campos de 14 de Abril, em José Bonifacio, Campos de Maria de Molina. Seu nucleo principal habita entre os rios 12 de Outubro e Roosevelt (rio da Duvida).

Do grupo septentrional só encontrei os *Tagnanís*, *Taitês*, *Salumás*, *Tarutês*, *Taschuitês*; mesmo assim, apenas sobre *Tagnanís* e *Taitês* consegui diversas notas.

Os *Anunzês*, de Campos Novos, falam nos *Taiôpas* e nos *Xaodi-Kôkas*, até agora não achados; no extremo norte da região, Rondon tem descoberto, recentemente, grupos (*Kip-keriwat*, etc.) (145) pertencentes a outras nações indigenas. (Cf. Mapa).

*

Tagnanís e *Taitês* referem-se a uma tribu inimiga, que nenominam *Malutundú*, ou melhor *Ualutdú* ou *Ualüt-ndü*.

(145) Os tupis do Gi-paraná e outras tribus, foram descritos em "Missão Rondon", Rio, 1916, e nas memorias de Curt Nimuendajú, no "Journal de la Société de Americanistes". Os "Archivos do Museu Nacional" (vol. XXV, 1925) publicaram "Notas Antropometricas sobre os Indios Urupás", de Roquette-Pinto e A. Childe.

E' provavel que sejam *Mundurucús*, do Alto do Tapajóz, os indios batizados pelos Nambikuáras com essa denominação: *Ualüt-ndü*, que é nome do tatú-galinha (146).

Convem notar que os *Anunzês* chamavam aos *Kôkôzús*: *Kôkôzê*; estes demominam os primeiros: *Annunzú*.

Os *Kôkôzús* chamam aos do grupo *Sudoéste*: *Uaintaçú*; os *Anunzês* os denominam *Uaindzê*.

São esses *Uaintaçú* ou *Uaindzê*, os mesmos que, nas vizinhanças de Mato-Grosso, no Guaporé, recebem o nome de *Kabixís*; denominação que, por outro lado, tem sido aplicada pelos *Parecís*, como titulo pejorativo, a certo grupo de sua mesma tribu: o dos *Kozárinis*.

*

Tambem os *Parecís* dão aos Nambikuáras o nome generico de *Uaikoákôrê* (*irmão do chão*), porque dormem diretamente sobre o sólo.

*

Os antigos *Tapaniunas*, ou *Tapanhunas*, que os cronistas localizavam no Alto Tapajóz, devem ser Nambikuáras do grupo *Kôkôzú*; de fato, os mais escuros de todo o vale do Juruena. Justificam o apelativo tupí: *homem negro*.

*

A localização dos grupos conhecidos, espalhados pela Serra do Norte e pelo vale do Juruena, acha-se expressa na carta etnografica da região, que acompanha estas notas.

•

A exata significação das denominações citadas ainda não pôde ser ministrada com segurança. Estudando-as, á luz dos elementos existentes, chega-se ao seguinte resultado, que não deve estar longe da verdade.

Kôkôzú — “Tios”; assim chamados, pelos outros, talvez, por serem os mais primitivos de toda a tribo.

Anunzú — E’ franca deformação do termo *Anungzú* ou *Anungçú*, que quer dizer — *leite de mulher* —, apelativo deprimente, como tantos outros, achados por toda a America; serão, talvez. — “Os Infantes” — (*crianças de peito*).

Uaintaçú — Parece corrupção de *Nuntaçú*, nome do Jacaré na lingua dos Nambikuáras do Juina. O grupo dos *Uaintaçú* seria nada mais que a antiga tribo dos indios *Jacarés*, de que falámos no primeiro capitulo deste trabalho.

Tagnanis — São, claramente, os *Tamararís* das antigas cartas geograficas; devem ser identificados aos *Tamararés* ou *Camararés*, que deram o nome ao rio, e se acham mencionados em alguns documentos antigos.

Tauitê por *Tauhitê*, significa *criança, filho*, tal qual se encontra em outras tribus.

Para evitar futuras confusões, julgo prudente conservar o nome nambikuára ligado aos apelativos peculiares a cada grupo.

*

As aldeias dos indios da Serra do Norte, em geral, são construidas no alto de pequenas colinas, longe dos cursos dagua. Algumas distam mais de um km. do rio ou do ribeirão mais proximo.

Visam dois objetivos, ao que supomos, levantando suas palhoças em tal situação: sofrem menos dos mosquitos e dominam o territorio vizinho, o que é vantajoso, vivendo, como até agora viviam, em lutas constantes.

A aldeia é construida numa grande praça, de cinquenta metros de diametro; o chão, limpo de mato, ar-

rancado á mão, é entretido sempre assim pelo piso dos moradores.

Uma noite de dança, interminavel caminhar nos mesmos pontos, basta para alisar o terreiro das vilas.

A mancha circular, que faz o chão da aldeia no meio do cerrado, toma a feição de uma estrela, mercê dos trilhos que partem de sua circunferencia.

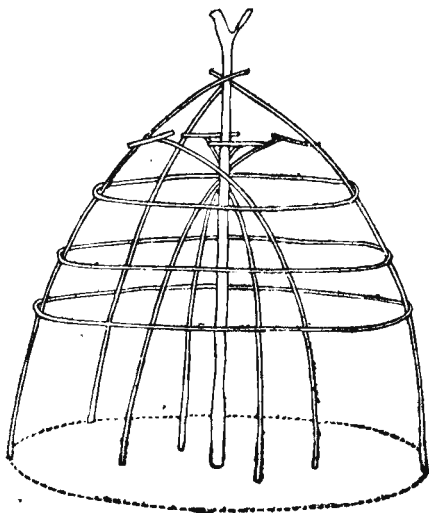


Fig. 16 — Arcabouço de uma palhoça dos Indios da Serra do Norte.

O acesso á praça das vilas é livre: não ha cerca, nem tapume, que impeça a chegada ao terreiro. Ao redor, não ha fortificações, nem defesas (147).

Constam sempre de duas casas as aldeias nambikuáras; uma defronte da outra, nas extremidades de um dos diametros da praça.

(147) Os tupis do Gi-paraná, ao contrario (como os tupinambás antigos e outros) embarçavam com estrepes o caminho para as suas aldeias, que foi preciso desembaraçar quando entraram em relações com a missão Rondon (v. Cel. M. Rondon — Conferencias, pags. 161-162).

Aquela região compreende grandes matas, cerrados e charravascais, poucos tapetes de campo. Os índios escolhem de preferencia o cerrado para localizar sua aldeia.

A mata é perigosa pelas serpentes, pelas feras e até pelos madeiros, que se despencam, muitas vezes, e esmigalham os caçadores; o campo também o é porque oferece a aldeia ao ataque do inimigo, não protege, de nenhum modo, a casa contra o invasor. Mas o cer-

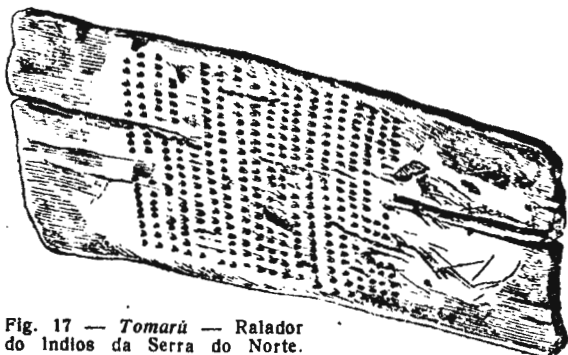


Fig. 17 — *Tomarú* — Ralador do Índios da Serra do Norte.

rado cumpre muito bem esse mistér; poucos são os males que favorece e muitos os beneficios que proporciona.

Bem o entenderam os Nambikuáras; suas palhoças se confundem com o matiz acinzentado da vegetação ambiente. São moitas do cerrado; quem olha, á distancia, quasi não as vê. Diluem-se suas fórm, aliás bem definidas, nas fórm, imprecisas do cerrado.

Naturalmente, alguém que tenha o habito de ver as coisas naquelo véo poeirento da flóra xerófita dos chapadões, dá depressa com as palhoças; a confusão não ilude uma vista experiente. Mas o fato desse mimetismo é real.

Nas aldeias encontra-se a morada fixa, definitiva; mas além dessa *habitação-domicílio*, usam ainda os Nambikuáras um tipo de *habitação-provisória* que levantam rapidamente, onde quer que se encontrem á hora de anoitecer.

As casas definitivas, dos indios do vale do Juruena, são pouco diferentes das habitações dos que vivem no extremo da Cordilheira do Norte.

A aldeia — (Kôkôzú) — do rio Juina, onde estivemos, constava de duas casas. A primeira era pequena, hemisférica (148), mal feita, provida de uma porta mais ou menos ampla; cabiam nela, á vontade cerca de 20 individuos. A outra tinha fôrma de prisma reto, triangular, de que o sólo formava uma das faces. Era mais bem acabada. Media 9 metros de comprimento, 3 ½ de largura por 2 ½ de altura. Uma das suas extremidades era fechada; ao lado, escondida pelas folhas que caíam do teto, uma pequena porta. A outra extremidade era aberta livremente. A cabana estava orientada no sentido Este-Oeste; a extremidade fechada, do lado do nascente. Destarte, á tarde, o sol entrava pela casa a dentro, durante algumas horas.

Duas forquilhas, plantadas nos extremos, sustentavam a travessa longitudinal, á qual vinham ter alguns



Fig. 18 — Pilão dos Indios da Serra do Norte.

(148) Vide nota n. 75 e mapa de distribuição geográfica de tipos de casa segundo Nordenskjöld, estampa fora do texto.

caibros fixados, do outro lado, no chão, e destinados a suportar as grandes palmas protetoras do *uauassú*.

As palmas que se achavam de um lado eram dobradas, no alto, sobre o outro lado do teto, por cima da travessa longitudinal; para mantê-las assim, corriam, ao longo da casa, duas varas, amarradas aos caibros interiores por meio de laços de embira.

*

Também se encontram duas palhoças nas aldeias dos *Tagnanis* e dos *Tauitês*. Ambas, com aberturas orientadas na direção Este-Oeste, são regularmente circulares, no seu perímetro ao nível do solo, e têm forma cônica. No vértice do cone sobe uma vara, alguns palmos acima do teto, e termina sempre em forquilha, como se vê na fotografia. As portas acham-se nas extremidades de um mesmo diâmetro, face a face.

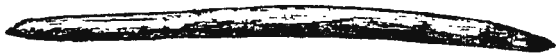


Fig. 19 — *Hikauti* — Faca de madeira dos Índios *Tauitês* da Serra do Norte.

Não sabemos ainda como traçam os *Nambikuáras* a circunferência que limita o chão da cabana; deve ser a mão livre, porque é assim que desenham tal figura nas suas cabaças. No centro da casa erguem quatro forquilhas e um esteio central.

As forquilhas formam, em cima, um retângulo de madeira, de onde partem varas flexíveis que se vão enterrar no solo, ao longo da circunferência que limita a habitação. Ligando-as, firmes, correm travessas que completam o arcabouço da choça. A cobertura é feita de palmas de bacába, dispostas em camadas. Pelo interior da choupana, verifica-se que a primeira camada é constituída por uma trança de folíolos, amarrados ao

madeiramento. As externas cobrem, como lençóis de palha, mui certos e bem aparados, toda a superfície do edificio. Não ha paredes laterais diferenciadas do tétó; são prolongamentos diretos da cobertura.

A maior das duas casas que descrevemos, da aldeia proxima ao rio Karumí, ou Festa da Bandeira, tem 30 metros de perimetro, e a outra 28.

Suas portas medem 0m,37 de largura por 0m,52 de altura. Para atravessá-las é preciso esgueirar o corpo. A praça, onde se levantam as duas casas a que se referem estas notas, mede cerca de 20 metros de diametro.

Dentro das cabanas, tres giráus feitos de taquara, proprios para secar a raspa de mandioca e duas enormes panelas negras, que não poderiam ter passado pelas portas; enfiados na palha do teto, adornos, utensilios leves, um sortimento de utilidades. . . A palha das cabanas é o almoxarifado dos indios; guardam nela suas miudezas.

Debaixo de cada giráu, uma pequena fogueira.

Quatro pés de taquara enfiados no chão suportando uma grade horizontal de taquarinha: é o giráu.

Media cerca de dois metros de comprimento por 1m,50 de largura.

Não ha, nas choupanas, abertura para saída da fumaça das fogueiras interiores; nem é preciso. Pelos intersticios da palha passa ela muito bem.

Ao redor da habitação, esparsos ou amontoados, ossos partidos, côcos quebrados, favas de jatobá, sa-bugos de milho, carvão, rebotalhos da alimentação dos moradores, de mistura com utensilios e artefatos inutilizados pelo uso.

Ao pé de uma das casas da aldeia do rio Festa da Bandeira havia uma grande peça, que só deixei de trazer pela absoluta impossibilidade de transportá-la. Era utensilio dos que se encontram, com frequencia, nos

“sambaquis” da costa do Atlantico: uma pedra com algumas covinhas, onde cabia a polpa de um dedo. Ao lado havia quantidade prodigiosa de pequenas nózes de bacába, partidas e por partir. Muitos suspeitam que tal utensilio haja servido para fazer fogo; na Serra do Norte, usam-no, apenas, para partir coquinhos. A pedra era, todavia, muito maior do que as encontradas geralmente nos sambaquis.



Fig. 20 — Utensilio fabricado pelos Indios da Serra do Norte com um fragmento de ferro.

Habitações provisórias são toldos de ramos e folhagens. Passam ali alguns dias, se a caça é abundante no local; depois abandonam a construção.

Para erguer um desses toldos, que os tropeiros costumam chamar *maloquinhas de caça*, espalhadas entre o Juruena e o rio 12 de Outubro, começam por limpar muito bem o sólo. Depois, fincam dois grandes ramos nas extremidades de uma reta; curvam-nos, em cima, sobre uma travessa sustentada por duas forquilhas enterradas na frente.

Acabam de cobrir o rancho com palha, ou capim, arrancado na ocasião, o qual leva para o teto porções de terra, nas raízes.

Dentro, ou antes, debaixo, um foguinho.

Cada toldo cobre, mais ou menos, uma superficie de dois a quatro metros quadrados. Se são muitos os indios que viajam, cada grupo familiar levanta seu abrigo. A construção é, afinal, um tipo acabado do *Windschrim* dos etnologos alemães.

Porém os indios dos grupos mais septentrionais (*Tagnanis*, *Tauitês*) não constroem toldos provisórios do mesmo modo.

Em geral, sua habitação temporaria é mais simples: uma ou mais folhas de *uauassú*, ou de qualquer

outra palma, fincadas no chão. Não é um toldo; é um anteparo contra o sol, ou rajadas de chuva.

Aliás, tais índios moram em região de grandes florestas e charravascais, que, em caso de aguaceiro, protegem perfeitamente bem os seus filhos; enquanto

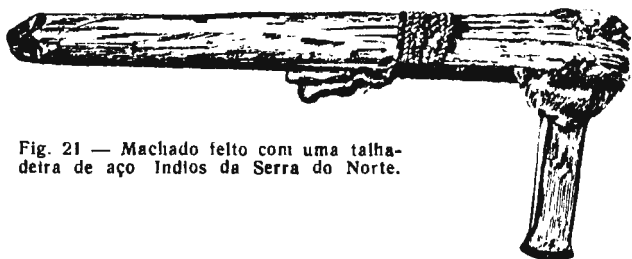


Fig. 21 — Machado feito com uma talhadeira de aço Índios da Serra do Norte.

que os outros habitam zona onde existem mais cerrados e campos do que matas. Ainda uma vez o meio geográfico condicionando a ação humana.

*

Os Nambikuáras-Kôkôzús denominam *Siçú* às suas aldeias; os Anunzês dão-lhes o nome de *Chicê*. Esses vocabulos têm a significação geral de habitação: casa ou aldeia.

Não sabemos, ao certo, como constroem suas habitações-domicílios.

Na edificação de um toldo de caça só tomam parte as mulheres; quebram os ramos que servirão para a cobertura, enquanto as crianças ajudam, arrancando o capim e o sapê, que também concorrem para tapar o teto.

*

Frequentemente mudam o local do domicílio. Seguindo o trilho que nos levou á maloca do Juina, onde pernoitámos, passamos por diferentes lugares onde havia estado a aldeia.

Não é ainda conhecida a causa determinante das mudanças para locais tão proximos; talvez a morte de um indio, ou a ocorrencia de alguma desgraça comum.

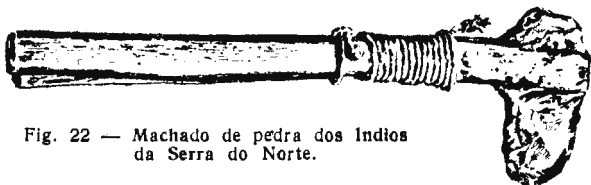


Fig. 22 — Machado de pedra dos Indios da Serra do Norte.

Não é possível invocar motivos derivados de ação mesologica de importancia, dado que se afastam pouco do primitivo sitio.

*

Para prevenir a entrada da enxurrada por debaixo da palha, que vem do teto ao chão, cercam os indios *Tagnanis* e *Tauitês* as suas casas conicas, pelo lado de dentro, ao longo da linha que as limita, com uma serie de talas imbricadas, feitas das cascas do jatobá.

A chuva não penetra.

Quem imaginasse que o interior das cabanas é abafadiço e quente faria injustiça ao edificio; o ar entra de um modo admiravel, através dos intervalos das folhas.

Todavia, quando os indios acendem *foguinhos*, a coisa muda de figura. E, felizmente para eles, a permeabilidade da cobertura de palha livra seus olhos de graves doenças, que se encontram em muitos povos incultos, cujas habitações retêm a fumaça.

•

A guarnição das casas é sumaria; além dos giráus de que se falou, e algumas grandes panelas, nada mais se pôde apontar como mobiliario propriamente dito. Tudo mais são utensilios, artefatos, armas e adornos,

que levam consigo, á menor viagem que empreendem. Alguns pilões e ralos mais pesados, que não podem ser comodamente carregados, ficam guarnecendo a morada. *Omnia mea mecum porto*, poderiam repetir os barbaros...

*

Esteiras de palha, couros preparados, rêdes, giráus de dormir, catres e camas, são modalidades de leito que predominam neste ou naquele estado de cultura social.

A presença das primeiras já indica certo adiantamento; os Nambikuáras não têm outro leito senão a terra. Dormem sobre o chão limpo.

E não tinham a rêde, inseparavel companheira dos Parecís, seus vizinhos; hoje, que a conhecem, estimam-na infinitamente. No meio deles, para repousar um pouco, á noite, era uma dificuldade; mal armavamos as nossas, surgiam logo tres ou quatro candidatos... E, uma vez donos dela, difficilmente nô-la deixavam. Frequentemente eramos despertados por alguns indios, que a fina força, desejavam dormir nas mesmas em que repousavamos.

No pouso de Tres Buritís, onde estiveram acampados alguns dias conosco, á noite disputavam tosca mesa de páu, em que os encarregados da estação faziam suas refeições; já se apraziam em dormir alto do chão, imitando o nosso procedimento.

Porque, pois não se utilizavam da rêde? Porque não a conheciam.

Trançar fios de algodão e de tucum, trançam eles, de maneira mais que suficiente para confeccionar uma delas; apreciar esse leito dos seus vizinhos, também haveriam de apreciar, como agora acontece.

Os indios da Serra do Norte atestam, por esse traço etnografico, a situação de inferioridade em que se encontravam.

Tal ignorancia é, aliás, característica social de um grande grupo etnico do Brasil, que compreende os mais atrasados aborígenes da America, no consenso de todos os que o têm estudado, o grupo *Gé-Botocudo*.



Ora, todos os índios da Serra do Norte dormem diretamente sobre o sólo. Nada, nem folhas, nem palhas, nem esteiras, nem couros, colocam sobre o chão em que se deitam.

Deitam-se, quasi sempre, em decubito lateral, pondo o ante-braço debaixo da cabeça para servir de travesseiro.

Os homens raro se sentam diretamente sobre o chão. Em geral, acocoram-se. As mulheres fazem o contrario. Se estão de pé, no fim de alguns instantes, os homens, habitualmente, flexionam uma das pernas sobre a coxa, apoiando o pé respectivo sobre o joelho do outro lado; as mulheres tomam attitude característica, que nunca vi descrita e se acha bem clara nos instantes colhidos.

Cruzam as coxas, adiantando o membro pelviano direito em simples adução, enquanto colocam o membro pelviano esquerdo mais atrás, em adução forçada. O grande eixo do pé direito, prolongado, corta o do esquerdo quasi em angulo reto.

Frequentemente cruzam os braços.

Quando estão excitados, animados pela alegria, ou pelo temor, batem continuamente com a mão direita espalhada sobre a região occipital.

Se estão descontentes, fazem esse gesto característico exclamando:

— *Ikátnerál*



Alimentam-se principalmente de produtos agricolas; é um dos traços paradoxais dessa população o desenvolvimento da agricultura no seu meio atrasado.

De um modo geral, pode se dizer que os Nambikuáras comem tudo; não respeitam certas especies animais, como fazem alguns indios.

Um mosquito que apanham sobre o corpo, um pio-lho, um gafanhoto, uma lagartixa que passa correndo, nada escapa.

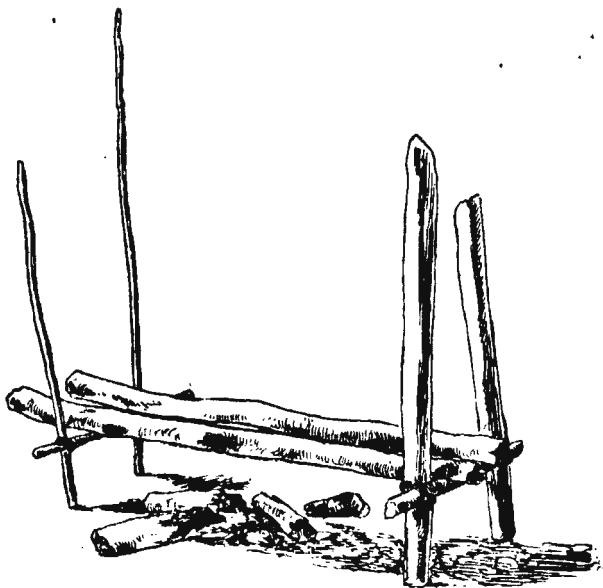


Fig. 23 — Moquem dos Tagnanis e Taultês.

Alguns costumam andar com uma vara para matar as cobras que vão encontrando: assam os ofidios no borralho e comem com prazer a iguaria.

Só o estomago das vitimas, depois de assadas, rejeitam.

No pouso do Primavera, quando algum tinha fome, corria ao cerrado e voltava trazendo um calango vivo; batia com a cabeça do pequeno saurio num páu qual-

quer e atirava-o ás cinzas quentes. Depois, com as unhas, rompia o abdomen do animal, retirava o estomago e saboreava o resto.

Um tatú que, noutra ocasião, foi apanhado, mata-ram, torcendo-lhe o pescoço.

Para a caça e para a pesca usam flechas que se-
rão descritas.

Aproveitam os ovos do *pato do mato* (149) fazendo cóvas rasas no borralho quente e lá os aninhando, depois de revolvidos com um graveto passado por pequeno orificio aberto na casca.

A carne de grandes caças: veado, paca (150), capivara (151), é primeiro socada no pilão, ou batida entre dois paus e só depois utilizada.

Com as unhas, com os dentes, e ás vezes com facas de madeira ou de taquara, cortam grandes bocados.

Mal engolem o que lhes vai na boca, logo chupam os dedos, estalando a lingua com grande ruido.

*

Os Tagnanis conhecem as propriedades conservadoras da fumaça; a carne que lhes distribuimos não era toda devorada no mesmo dia. Suspendiam as sobras no moquem.

*

Os *Kôkôzús* não usam moquem; assam a caça no borralho. A quantidade de cinzas que deglutem, com tal assado, é consideravel.

*

(149) Pato do mato — *Cafrina moschata*, L.

(150) Paca — *Coelogenis paca*.

(151) Capivara — *Hydrochaerus capibara*.

Tagnanis e *Tautitês* constroem moquem característico. Fincam quatro éstacas e ligam-nas por quatro travessas; entre elas fazem correr dois páus que servem de suporte ás peças de carne.

*

Bebem o mel sempre misturado com agua: hidromel.

Comem com prazer os filhotes das abelhas, mergulhados no mel e no própolis, que não rejeitam.

Não deixam amadurecer o milho; comem-no assado, ainda verde. A mandioca sofre o mesmo processo, ou então é utilizada em raspa, com que fazem beijús.

Por meio de uma fita de embira espremem a raspa, e com o amilo fazem alvissimos bolos.

Para confeccionar os beijús, abrem um buraco nas cinzas quentes de uma fogueira, e lá depositam massa de mandioca, alizando o bolo com um páu qualquer e com a mão. Cobrem tudo, depois, com cinzas e brasas; no fim de algum tempo, que não sabemos como estimam, descobrem um grande bolo tostado e cheiroso, um tanto azedo, que não seria desagradavel se não tivesse tanta cinza e não fosse preparado por tão desas-seado processo...

*

Mangaba verde que apareça é colhida imediatamente, para ser posta no borralho. Assada, torna-se tenra e agradável.

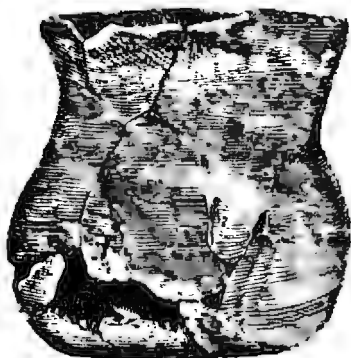


Fig. 24 — Panela de barro dos Indios da Serra do Norte. (152).

(152) O Museu possui hoje grandes vasos de cerâmica trazidos da Serra do Norte. A peça aqui figurada merece destaque especial porque foi a primeira obtida, em 1909.

Os *Taitês* confeccionam, com os coquinhos da bacába, certo mingáu violáceo (*Uidniarê*) com gosto de folhas verdes, que tomam com muito prazer. Para preparar este *uid-niarê*, socam os frutos da palmeira e depois os colocam, dentro d'agua, ao fogo.

Uidniarê é, afinal, um decocto.

Não tivemos ocasião de assistir ao preparo de qualquer liquido fermentado. Todavia, os indios fazem bebidas alcoolicas pelo processo usual: mastigação de

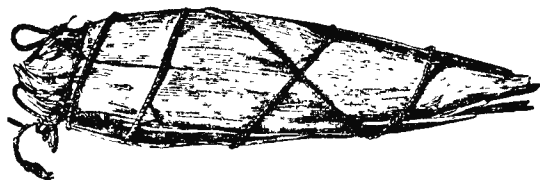


Fig. 25 — Bolsa para proteger enfeites de penas. Indios da Serra do Norte.

mandioca ou milho, fermentação da massa, em grandes panelas. Um licor, assim tirado do ananás silvestre, gozava de honroso conceito entre a gente da linha telegrafica.

Gostam especialmente da carne dos macacos, resquicio, quiçá, do antigo paladar antropófago.

Não acredito que exista entre eles o canibalismo. Mas, segundo penso, não ha muito que perderam esse hábito.

E' verdade, no entanto, que costumam increpar uns aos outros dessa pratica; exprimem tal acusação de um modo absolutamente claro, por meio de sinais inequívocos.

Obtêm fogo pelo atrito de dois bastões, em nada dissemelhantes dos que se acham pelo Brasil afóra.

A operação é muito mais longa do que se imagina.

O índio começa forrando o chão com uma folha sêca; sobre ela deita o *ignigeno fixo*, que mantém com o pé e com o joelho.



Fig. 26 — *Haitzú*. — Bastão *ignigeno* dos Índios da Serra do Norte.

Com as mãos espalmadas, imprime ao *ignigeno movel* a rotação necessaria, apertando-o, ao mesmo tempo, de encontro ao primeiro. O movimento faz descer as mãos ao longo do bastão; o índio recomeça, repondo-as na parte superior. De vez em quando pára, rapidamente, e passa a lingua sobre a palma que o atrito requeima. No fim de algum tempo, quando o suor já poreja a frente do operador, surge a centelha, na moíha que se depositou na folha.

O processo só difere da operação classica pela presença da folha protetora.

Por trabalhoso os índios o executam a contra-gosto. Desejando obter um filme, que documentasse todos os seus tempos, difficilmente obtive que um índio fizesse fogo. Eis a razão por que, dos presentes que se lhes fazem, um dos que mais prezam são os fosforos; fazer fogo pelo seu sistema, em dia de chuva, ou durante tempo humido, é penosa tarefa.

*

Comem tambem, *Tagnanis* e *Tauitês*, certo cogumelo que os outros não aproveitam (*Polyporus sp.*)

*

E' fato curioso a falta de utilização dos palmitos por parte dos índios da Serra do Norte. Gabriel Soares

(1587) deixou bem expresso que o gentio do litoral não desprezava o gomo folhear das palmeiras: “Do olho destas palmeiras se tiram palmitos façanhosos de cinco a seis palmos de comprido e tão grossos como a perna de um homem”.

Quanto ao vinho do ananás era bebida corrente; é ainda Soares quem diz: “A natureza deste fructo é quente e humido, e muito damnoso para quem tem ferida ou chaga aberta; os quaes ananazes sendo verdes são proveitosos para curar chagas com eles, cujo sumo come todo o cancre, e carne podre, do que se

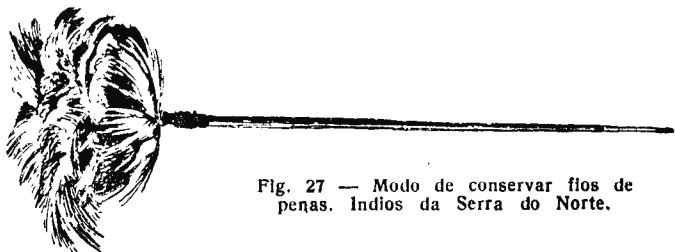


Fig. 27 — Modo de conservar fios de penas. Indios da Serra do Norte.

aproveita o gentio: e em tanta maneira come esta fructa, que alimpam com as suas cascas a ferrugem das espadas e facas, e tiram com ellas as nodoas da roupa ao lavar; de cujo sumo, quando são maduros, os indios fazem vinho, com que se embebedam; para o que colhem mal maduros, por ser mais azedo...”

*

A comida salgada, de nosso uso, não agradava aos indios da Serra do Norte. Mais de um rejeitou o prato que lhe destinavamos, dando a entender que o salino sabor o levava a proceder dessa maneira.

*

O leite (leite condensado) foi tambem, a principio, recusado; diziam, fazendo uma visagem, que era leite de mulher, e portanto repugnante:

— *Anungçú!*

E' preciso conhecer a gula dos indios, sua fome insaciavel, seu — *animus devorandi* — continuo, persistente, infalivel, sincero, para bem compreender o nojo que os conduzia a tal renuncia.

*

A's crianças dão tudo para comer; do que levam á boca vão sempre migalhas ao pequenino que lhes anda perto ou entre os braços.

Mesmo os excitantes de que usam, fumo, por exemplo, são repartidos com os petizes.



Fig. 28 — Cabaça com tabaco.
Indios da Serra do Norte.

Mais de uma vez tive ocasião de observar indios que davam cigarros a menores de dois anos (153).

As crianças toíam logo parte na comida; as mulheres comem depois... o que sobra, quando sobra. Aliás, esta é a regra, mesmo entre os indios já civilizados... Mas, em geral, se ha abundancia, cada qual se serve do que ha, quando quer, como quer; a comida é de todos.

*

(153) Cf. E. Roquette-Pinto — "A condição da criança entre os Indios do Brasil" — Primeiro Congresso Americano da Criança — Tucuman, 1916.

Do fígado dos animais que devoram, retiram, habilmente, a vesícula biliar; no entanto, não reservam para o órgão nome algum especial.

*

Aarú — é um bolo que os *Kôkôzús* preparam, socando num pilão um tatú moqueado, inteiro, até trituração completa dos ossos, e depois misturando-o á massa de mandioca feita beijú.

*

Um rato do chapadão (154), que os Parecís denominam *Cólori*, é iguaria que os Nambikuáras não desprezam. Chamam-no — *Arantaçú*.

*

Dos produtos de sua industria agricola vão se utilizando diariamente por apanha sucessiva; não colhem a tempo certo, nem têm reservas, ou celeiros, senão para o fumo, que conservam entre duas varinhas, dependuradas na palha do teto da cabana.



Fig. 29 — Braclete de algodão — Indios da Serra do Norte.

Em casa ha sempre massa de mandioca, que é o pão *nambikuára*, com o qual acompanham qualquer outro alimento. Guardam a massa dentro de grandes cestas, forradas de folhas de pacóva.

(154) Rato do chapadão — *Scapteromys gnambiquarae*, Miranda Ribeiro.

O mel que sobra é deixado nas cabaças, onde não chega a fermentar porque, em breve, o desejo de algum indio renasce...

*

Nenhum rito observámos relativo á praticas alimenticias; mas o soldado Gouveia, que em 1911 esteve prisioneiro numa aldeia nambikuára, em seis meses de cativo, viu uma cerimonia de tal natureza.

Mataram os indios daquela aldeia (do *Urutáu*) uma grande anta (155). Foi uma festa. Puxaram, arrastando, o animal até a praça da maloca. Depois foram os homens ao cerrado, e voltaram trazendo muitos ramos com que se cobriram, dispondo-se em circulo, acocorados debaixo das folhagens, cantando sempre. Ergueram-se, no fim de muito tempo, e, ainda com os ramos seguros nas costas, puseram-se a dançar ao redor da caça, que foi depois retalhada.

Infelizmente Gouveia era de uma insuficiencia pasmosa. Viveu entre eles, preso, seis meses; *casou-se* lá com uma india, que se esforçara por ensinar-lhe a lingua de seus pais. Afinal fugiu, sem trazer outra contribuição além de informações muito vagas, como esta que, no entanto, julgo acertado deixar aqui registada.

*

Dos excitantes cujo consumo é de regra entre povos selvagens, além dos liquidos alcoolicos já mencionados, o fumo é o principal.

Já se disse que secam as folhas entre duas talas de madeira, que espetam na palha da casa; quando querem fumar, tomam de uma e desfiam-na com os dedos, envolvendo o pó em outra folha, de uma arvore que os *Kôkôzús* denominam *Enandzú*.

(155) Anta — *Tapirus americanus*. E' caça relativamente abundante nos rios da região. Presa difficil por ser muito arisca.



Fig. 30 — *Etú* — Cigarros dos Índios da Serra do Norte.

Tambem usam reduzir a pó o tabaco que então conservam dentro de cabaças especiais.

Na Serra do Norte, antes da entrada da Comissão Rondon nenhum dos grupos conhecia cachimbo. Hoje mesmo não o apreciam; preferem o cigarro,

que é pequeno, nada semelhante aos colossais rolos de algumas tribus amazonicas.

Seu fumo é fraco, de aroma agradável (156).

Quando viajam levam sempre cabaças com o pó, ou varas com folhas de fumo; a meio caminho, se desejam pitar, formam roda. Preparam-se como se fossem realizar uma refeição, acendendo uma pequena fogueira. Terminados os cigarros, continuam a caminhar.

Apreciam imenso o nosso fumo de rolo, especialmente quando posto em cigarros feitos com papel de jornal...

*

Os índios da Serra do Norte andam nus. Homens e mulheres trazem uma tira de palha ao redor do ventre. Os *Kôkôzús* usam pulseiras, braceletes deltoidianos, perneiras abaixo dos joelhos e ao nível dos tornozelos, todas feitas em embira; *Tagnanis* e *Tauitês* colocam semelhantes ligas nos membros superiores e inferiores, porém, confeccionadas com algodão que aparece também, ás vezes, em artefatos dessa natureza, fabricados pelos do primeiro grupo. Entre *Tagnanis* e

Tauitês é comum achar-se algum indio com os órgãos sexuais externos mais protegidos, pelas pontas da tira de palha passada ao nível do hipogastro. Mas isso não é a regra. Os *Uaintaçús* raras vezes aparecem com algumas dessas ligas. Alguns indios, em todos os grupos, andam sistematicamente nus de modo absoluto.



Fig. 31 — Fruto de um *Solanum*, usado pelos Indios da Serra do Norte.

As mulheres, meninas puberes, moças ou velhas, solteiras ou casadas, não abandonam a tira abdominal.

Algumas grávidas, que encontrei, não a possuíam; acredito haverem libertado o abdomen daquela forte pressão para respirar melhor, ou, talvez, por temor de que a cinta influísse perniciosamente sobre o fêto.

Trazem os cabelos sempre longos, sobre as espaldas: na frente, aparam as mechas irregularmente, cortando os fios com uma concha de lamelibranquio, ou com lasca de taquara. Gostavam que lhos cortassemos com tesouras.

Apreciam imensamente os chapéus que usamos; pareceu-me que o calor dos raios solares sobre o cranio lhes é muito molesto.

Por um chapéu dão quasi tanto como por um machado de ferro.

Um dos capacetes de couro de onça, existentes no Museu, nós o obtivemos na aldeia do Urutáu, trocando por ele o chapéu de nosso uso, velho e surrado. No entanto, esses capacetes de couro são altamente prezados.

Habitualmente não trazem na cabeça ornatos de couro ou de penas. Cobrem-se com as corôas, que serão descritas, ou com os capacetes de couro de onça, quando estão alegres. Provavelmente, usarão também tais ornatos em certas festas; todavia, nada apurámos a respeito.



Fig. 32 — Indio da Serra do Norte com o *Enadjú*, capacete de couro de onça.

Nas orelhas dependuram triangulos de madreperola que tiram de conchas fluviais e, quando o furo se dilacera rompendo o lobulo em duas tiras, não hesitam em praticar novo orificio.

São os homens muito mais vaidosos que as mulheres; enquanto eles se adornam com diademas de penas, brincos, pingentes e colares, elas só com alguns destes se contentam.

Tambem só os varões usam o labio superior e o septo nasal perfurados. As mulheres, nunca.

As crianças de peito não tinham ainda perfurados labios e septo; as que já pos-

suiam os primeiros pequenos molares haviam, porém, sofrido ambos as operações.

E, por isso, acredito que só as realizam quando chegam os meninos aos dois anos.

Só depois dos cinco, ou sete, começam a fixar, no beijo e no nariz, metidas por tais buracos, numas cavilhas finas e características, feitas quasi sempre do colmo de um capim.

O seu uso é geral na Serra do Norte. Raros indios vi sem tais cavilhas.

A do labio superior apoia-se entre os incisivos medianos do maxilar correspondente e sai agressivamente para cima; a do septo é mais grossa e mais curta. Ambas são cortadas, na justa medida, por meio de fogo.

Mal caem, logo seu portador as apanha e coloca de novo nos orificios; e algumas vezes que as tiraram, para nos mostrar como se achavam ali seguras, mais que depressa as repuseram de novo, como que envergonhados de estar assim desprovidos de tais adereços.

Em regra, usa cada indio as duas, simultaneamente. Alguns, á modesta cavilha do septo nasal, preferem outra, enfeitada com uma pena de arara ou de mutum.

Ao contrario do que se supunha, tais adornos não parecem representar nenhuma distinção honorifica; não marcam hierarquia.



Fig. 33 — Colar feito com as sementes de uma sapotacea — Indios da Serra do Norte.

Vimos rapazolas de 18 anos paramentados com tais penachos; nenhum indio lhes dava a minima importancia.

Quando usam essas penas, desprezam a cavilha labial.

E' fato notavel a predileção que têm pelas contas de côr negra; fazem-nas de coquinhos, para colares de muitas voltas, e quando deixámos á sua escolha um sortimento de vidrilho, começaram preferindo as pretas.

Acabam, porém, escolhendo todas... Insaciaveis.

A côr negra, todavia, domina nos seus enfeites.

Pulseiras negras e aneis tambem de côcos negros, que usavam pendentos das orelhas, e agora já metem pelos dedos, por imitar as nossas alianças, colares, de

alguns metros, de contas negras, penas de aves negras, rostros de coleopteros, negros tambem, tudo atesta aquela preferencia.



Fig. 34 — Tubo de taquara com pó escuro — Paricá? Indios da Serra do Norte.

Dos aneis da cauda do tatú canastra fazem as mulheres, polindo-os em pedras humidas, lindas pulseiras inteiriças.

Os indios *Nambikuáras Uaintaçús*, que aparecem em Campos Novos pelo rumo do Guaporé, muito mais grosseiros, insolentes, ariscos, desconfiados, não se esforçam por trazer no labio superior a delicada cavilha usada pelos seus parentes.

Andam alguns com um espinho de ouriço preso ao beijo; outros, com uma lasca de madeira, ou aculeo de uma arvore qualquer.

E' tambem caracteristico de toda a população da Serra do Norte e do vale do Juruena um manto de fibras de palmeira (Ialaçú), posto ao longo da coluna vertebral, pendente do pescoço.

As mulheres não o carregam; ainda uma garridice masculina.

Faz parte do seu adorno, e tanto dela se servem os homens quanto as mulheres, a pintura com o urucú.

Pintam-se nas ocasiões festivas; não traçam linhas sobre a pele, mas estendem a tinta sobre toda a superfície do rosto. As mulheres, depois do banho, avermelham assim o corpo todo.

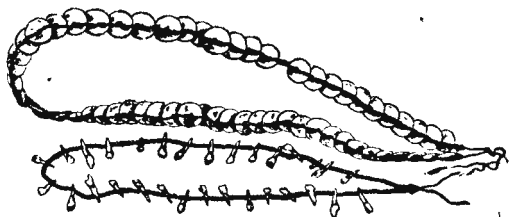


Fig. 35 — Colares de discos de nacar e de dentes de macaco — Indios da Serra do Norte.

Os indios do Juruena dissolvem o pó do urucú na-gua pura; os Tagnanis preparam uma pasta, ou crême, com a mesma substancia incorporada á enxundia de alguns animais, e perfumada, bem agradavelmente, por processo desconhecido (157).

Sempre que recebiam bons presentes, machados ou contas, iam ao correio, e voltavam com o rosto inteiramente afogueado pelo tom sanguineo da pintura.

Para os *Tagnanis*, esta pratica é sinal de especial simpatia quando executada num estrangeiro.

Merecemos todos, em Tres Buritís, essa homenagem...

*
-

Os homens não arrancam os pêlos pubianos, nem os axilares; algumas vezes, mesmo os bigodes, ralos, e a barba, ainda mais rala, deixam crescer.

As mulheres, porém, depilam-se inteiramente.

*

(157) Os Bororos empregam, para aromatizar a massa do urucú, a resina de almecega — Vide Alfredo de Andrade — "Estudo das materias corantes" in Arch. Mus. Nac., vol. XXVIII, pag. 183.

Os caminhos por onde transitam são estreitos, parecidos com trilhos do gado, em região pastoril. Em certos pontos o terreno acha-se recortado por eles; nas matas abrem também veredas, quebrando galhos.

Para atravessar modestos rios arranjam uma pin-guela, derrubando uma arvore da margem e ageitando a quéda do madeiro de modo conveniente.



Fig. 36 — Flutuante de talos de buriti, com que os Indios da Serra do Norte atravessam os rios a nado. Segundo um croquis do Sr. G. Kuhlmann.

Se o rio é largo, fazem um molho de palmas de buriti, á maneira de flutuante, e deixam-se levar pela corrente, cruzando o curso dagua em diagonal.

Não conhecem canôa, nem praticam a navegação. Sabem nadar bem.

Caminham velozmente. Devoram, num dia, muitas leguas, sempre em passo energico, “marcha em extensão” dos fisiologistas, musculos retezos, corpo desempenado.

*

A caçada de grandes animais: anta, capivara, cavalo ou burro (da Comissão Rondon) é feita em grupos. Usam, para certas especies, flechas apropriadas que serão descritas adiante.

Para a pesca não empregavam anzóis, senão flechas proprias (158).

(158) Pesca — Segundo observação de Ehrenreich o uso do anzol não é de regra entre os indios, por causa das piranhas (*Pygocentrus sp.*) cuja voracidade não consente que o pescador se aproveite do pescado. Não obstante, anzóis, *plndá dos tupis*, feitos de espinhos acham-se em muitas regiões.

Os *Tagnanís* usam também uma espécie de cóvo.

Um tipo de flecha de ponta romba, raro aliás, é destinado á captura de aves, com que brincam os pequenos nambikuáras.

Os animais caem em comoção, pelo choque, e são apanhados com facilidade. Alguns se acostumam ao cativeiro feroz; um picapáu (159) era, de vez em quando, preso, por um menino numa cabaça emborcada. Mal o pequeno revirava a cuia, a avezinha, em vez de fugir, saltava para cima dele. Verdade é que passam bem de boca as aves domesticas dos indios, porque lhes estão, a toda hora, dando comida nos labios, *gavando-as* com meiguice.

*

Uma india *anunzê*, na ocasião em que eram tomados seus diâmetros cefalicos, deixou cair da nuca, com imensa surpresa nossa, um filhote de ratão, que ali parecia viver comodamente, oculto entre as mechas do cabelo, como no capinzal onde nascera.



Fig. 37 — Flecha tridente para pesca. Indios da Serra do Norte.

*

Pombas (160), filhotes de urubú (161), pequenas corujas, macacos, são igualmente domesticados na Serra do Norte.

Antes da Comissão Rondon, não conheciam nem o boi, nem o gado muar, nem o cão. Do boi ainda hoje têm medo, por causa dos chifres; dos burros gostam, porque acham sua carne parecida com a da anta.

(159) Picapáu — *Colaptes campestris*, Vieil.

(160) Pomba — *Chamepeplus talpacoti* — rolinha.

(161) Urubú — *Sarcoramphus papa* — urubú-rel. *Cathartista atratus brasillensis*, Bonap. — urubú.

Dos cães, que a principio temiam muito, são agora grandes amigos; assim que podem, vão logo furtando alguns; e os roubados afeiçoam-se-lhes depressa, porque tão tratados á tripa fôrra. Na cuia em que o dono come ha sempre lugar para o focinho do seu cão.

*

Transportam seus filhos a tiracolo, numa faixa, que os *Kôkôzús* fazem de palha, e os outros confeccionam de algodão.

Ao menor passeio conduzem tudo quanto possuem; hábito de nomades que sobrevive em gente quasi sedentaria.

*

A caça e a pesca, exclusivamente, não poderiam manter uma população tão grande qual a da Serra do Norte. Seriam os indios obrigados a realizar grandes incursões para outros pontos, em busca de alimento; já estariam, portanto, aniquilados, ha muito tempo; ou teriam perdido suas características; que só o isolamento pôde preservar.

Foi o germen da agricultura, que não sabemos donde houveram, se é que ali mesmo não surgiu espontaneamente o fator que permitiu sua conservação na *idade da pedra* até hoje.

Cultivando terras uberrimas do vale do Juruena e da Serra do Norte, confiando seu sustento ao solo das matas virgens da Amazonia, puderam os Nambikuáras ir vivendo até agora naquele meio relativamente restrito. Essa influencia paradoxal da agricultura talvez não tenha sido encontrada ainda alhures, de um modo tão característico; e, por isso mesmo que eram obrigados a viver da cultura da terra, foram se aperfeiçoando nessa industria, embora permanecendo num estadio de civilização muito elementar. Segregados inteiramente, sem mesmo conhecer os homens brancos e seus animais do-

mesticos, o cão, por exemplo, os indios da Serra do Norte tornaram-se agricultores emeritos.

Suas roças são sempre regularmente circulares. Dentro das matas acham-se, frequentemente, grandes espaços abertos; são campos artificiais, antigas roças nambikuáras.

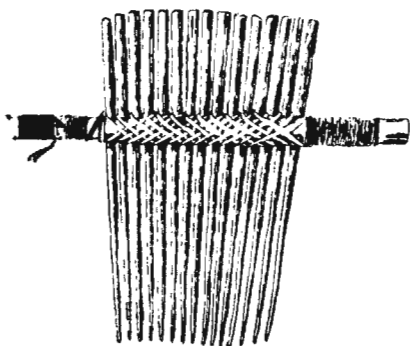


Fig. 38 — *Halatzü* — Pente dos Indios da Serra do Norte.

Usam do fogo para limpá-las depois da derrubada que, até agora, efetuavam com machado de pedra.

Para derrubar uma arvore de certo porte, com tal instrumento, ajuntam-se-lhe ao redor diversos machadeiros; o lenho, mastigado pela pedra, cede mais depressa do que se pensa. Admiravel, porém, é a resistencia do encabamento do machado.

Um páu ponteagudo abre covas para as sementes.

Milho e mandioca são os principais produtos da agricultura nambikuára. Tanto um como outro não pertencem a especie alguma diversa das que entre nós são cultivadas. O milho é da variedade conhecida por *milho branco*, ou *saboró*; a mandioca se distingue pelas suas qualidades nutritivas e alimenticias. A da Serra do Norte, cultivada pelos Tagnanís, é a melhor que tenho visto, pouco fibrosa e muito rica em amilo.

Certo, não é á cultura imperfeita dos indios que a raiz deve tais excelencias, e sim aos terrenos fertilissimos em que é plantada.

*

A grande questão etnografica que a agricultura dos aborigenes suscita, e foi posta em fóco muito bem por von Martius, permanece ainda de pé.

Não se encontrou o milho, nem a mandioca, vivendo nas matas. Ou esses vegetais vieram de fóra, com os indios; ou representam especies derivadas de outras que existem em estado nativo, com especies mui diferentes, mascaradas por diversos caracteres.

Entretanto, encontramos uma tribu segregada, na *idade da pedra*, vivendo da agricultura; cultivava milho (162) e mandioca iguais aos nossos...

(162) *O milho dos Nambikuáras*. — As espigas de milho dos Nambikuáras, existentes no Museu Nacional, representando tres qualidades, cada qual de uma só côr, espigas bem granadas, grandes, tipo de elite, são de ordem a merecer atenção de nossos genetistas, principalmente por se tratar do milho, planta heterogama, sujeita aos azares da fecundação cruzada, muito facil no milho que é, por isso, planta de "seleção difficil", como indica o Anuario de 1928, do Ministerio da Agricultura que informa ainda ser impossivel a pureza da variedade, jogando-se com sementes mestiçadas.

A essas informações do referido orgão, ha a acrescentar, por exemplo, o fato de ser considerado o milho para os botanicos-genetistas, como um híbrido provavel entre *Euchlaena perennis*, Hitchc (o "teosinto" pe-re-ne do Mexico) e uma especie desconhecida ou extinta, segundo Collins ("Origin of Maize" — Journ, Washington Acad. Cc., 1912) assunto a ser estudado hoje á vista de extensa literatura de que indico especialmente G. N. Collins ("The Phylogeny of Maize" — Bull. of the Torrey Bot. Club, 574, April, 1930) e de Blaringhem ("Les Mutations du Maïs", e especialmente "Note sur l'Origine du Maïs — Métamorphose de l'Euchlaena en Zea, obtenue au Brésil por Bento de Toledo", em Ann. Sc. Nat. Bot., 1924).

Quanto ao milho em cultura, são numerosas as variedades e as raças conhecidas hoje, sendo nesse particular, muito instrutivo o estudo especial do milho, na Biblioteca Botanica, de Luerssen.

Os genetistas conhecem bem a extensa literatura sobre o milho; o que devo deixar em evidencia aqui é que o *milho dos Nambikuáras* deve ser de estirpe peruana, precolombiana, tendo, assim, provavelmente carater secular de rusticidade que, segundo o Prof. Vavilof, deve ser tomado em grande consideração nos campos de cultura para obtenção de novos tipos selecionados.

O segredo do milho selecionado dos Nambikuáras deve ser a cultura de cada variedade em um "campo indigena" inteiramente separado

Ainda a mandioca tem sido encontrada em estado natural (*Manihot utilissima*, Pohl); si não a especie mesma de que nos servimos, especie do mesmo genero. E o milho?

Onde, na superficie da Terra, existe *milho* em estado nativo, a não ser a *Zea mais tunicata*, de que alguns supõem vir a fórma hodierna?

Que desvendar de misterios, não traria o elucidar da questão?

*

Vendo os *Tagnanis* que o vaqueiro João Lucas capinava uma rocinha, em Tres Buritís, começaram a rir-se dele, mostrando que mais valia ir desenterrando a planta má; a enxada cortava os caules, mas deixava as raizes, e as hervas brotariam. A capina dos Nambikuáras é o arrancar do que não serve. Suas roças andam sempre limpas.

*

Seu fumo é a nicotiana que vive espontaneamente ali na Serra; urucú e algodão, não se pôde dizer que sejam cultivados; são plantados e aproveitados. Algumas favas grandes, de diversas variedades, merecem cita-

de outras por matas; essa denominação *campo indigena* foi dada pelo General Rondon ás clareiras que os indios abrem nas matas, para suas culturas.

E' caso de estudar a fundo a agricultura dos indigenas, como já lembrou Hoehne, pois os produtos *standards* que eles obtêm, evidenciam neles uma intuição genetica muito acentuada.

A. J. DE SAMPAIO.

Na 4.^a Exposição de Milho (Rio de Janeiro em 1918), foram apresentadas muitas espigas da gramínea cultivada na *Rondonia* e levadas ao certamen pelo o milho dos Nambikuáras deve ser considerado autoctone, visto que apresenta coloridos inteiramente desconhecidos entre os cultivadores do mundo civilizado. Apesar de variar o colorido do tegumento, o albumen do milho da *Rondonia* é sempre muito mole e branco.

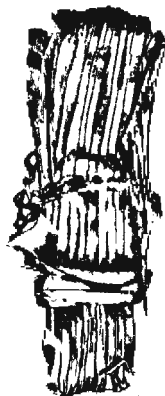


Fig. 39 — Bolsa de palha onde os Indios da Serra do Norte guardam sementes de cucurbitáceas (*Lagenaria?*).

ção. Elas se encontram nas cestas dos índios, assim como muitas outras plantas; mas nunca vimos nenhum comendo, ou mesmo utilizando esses vegetais. Até ulteriores verificações, acredito sejam destinadas á medicina, que, só em segredo, velhos e velhas praticam. Diga-se o mesmo da mamona (*Ricinus communis*), planta positivamente adventícia.



Fig. 40 — Flo de algodão — *Kondzú* — envolto em folhas. Índios da Serra do Norte.

Em bolsa de palha, ou de folha de pacóva, resguardam do tempo, da poeira e da chuva, as pelotas de algodão que servirão para fiar, e sementes, que terão destino ainda ignorado.

A medicina não nos pareceu fosse exercida por órgãos especiais da sociedade india. Todos tomam parte no tratamento de certos enfermos; nos casos graves, entra em função algum velho experiente.

Sobre as feridas aplicam fibras de palha com certas resinas (jatobá). As queimaduras, tratam-nas pela agua fria. Fraturas e luxações reduzem-se ao asar.

Sobre as placas do *baanêcêdütü* passam saliva, com a palma da mão. Apertam entre dois dedos, longamente, o ponto ferrado pelos insetos.

Os que têm febre recolhem-se a um canto, quietos, quando não se atiram nagua corrente. Durante o acesso nada comem.

Havia, na aldeia do Juina, um velho indio, de cerca de 60 anos. Estava triste, acabrunhado; pouco se animou com os nossos presentes. Punha as mãos na cabeça, para indicar que lhe doía. Um rapaz, que parecia

seu filho, pelo extremo de ternura com que o tratava, á revelia dos outros indios, oferecia-lhe mel com agua, repetidas vezes. Ele virava a cara. A' tarde, como o seu estado não melhorasse, chamou o moço, e disse-lhe qualquer cousa.

O rapaz agarrou-lhe a cabeça entre as mãos e colou a boca nas fossas nasais do velho, aspirando com força. Parece que esta sucção, repetida mais tarde, aliviou o enfermo, que se tornou mais expansivo.



Fig. 41 — Instrumento cirurgico dos Indios da Serra do Norte.

O parto deve ser facil, visto que os fétos são excessivamente mal nutridos. As indias, quando não ha leite bastante, tomam na boca um góle dagua e aplicam os labios aos dos filhos, passando-lhes o liquido num beijo nutridor.

Desejando saber como cortam o cordão umbilical, mostrei a diversos indios, mais acessiveis e mais inteligentes, *Damasceno*, *Nuléke*, *Krikriceknerá*, a figura de um livro onde havia um fêto com seus anexos. E, das respostas que *Damasceno* ministrou, pude entender que a mãe corta o cordão com os dentes e esconde a placenta debaixo de folhagens.

Esta informação, como se vê, deve ficar sujeita a revisão.



O desenho dos indios da Serra do Norte, embora elementar, já apresenta alguns motivos interessantes, tirados da limitação das fórmias animais.

A circunferencia, o triangulo, o quadrado, aparecem desenhados em negro na superficie de algumas cuias.

Cobras e saurios acham-se, às vezes, representados nos seus traços essenciais (163).

*

A plumaria reduz-se a poucas manifestações; é mesmo insignificante. Uma das estampas deste volume figura interessante diadema de penas, que é contrafacção de objeto semelhante, porém admiravelmente bem trabalhado, que os índios conquistaram a vizinhos do oeste, e também se acha no Museu (164).

*

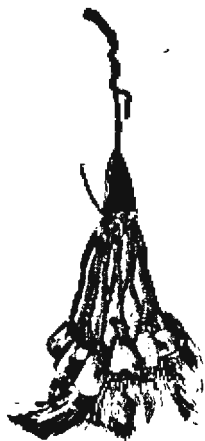


Fig. 42 — Pingente de penas de tucano. Índios da Serra do Norte.

Das suas dansas pudemos observar dois tipos:

uma *dansa guerreira*, que apanhámos em filme cinematográfico exibido na Biblioteca Nacional a 15 de março de 1913, onde figuram índios dos grupos Kôkôzú, Anunzê, e Uaintaçú, e uma *dansa festiva*, em que tomámos parte, em Tres Buritis, executada pelos Tagnanis e Tautês em nossa honra.

A dansa guerreira cinematografada em Campos Novos foi,

(163) Cf. E. Roquette-Pinto — Documentos para o estudo da psicologia dos Índios do Brasil — in Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal — Rio, 1917.

(164) A distribuição dos ornatos semicirculares de palha para a cabeça compreende, sobretudo, o Estado do Amazonas e inclui ainda os Huarí do Guaporé, que têm analogia com os Nambikuáras pelos machados primitivos, pelas casas redondas, etc. (cf. Nordenskjöld, "The ethnography of South America seen from Mojos in Bolivia").

O uso do algodão deu extraordinário desenvolvimento á plumaria entre os tupis como evidenciei com os belíssimos feltos dos Urubús do Gurupi; os Nambikuáras conhecem o algodão, mas não desenvolveram sequer uma plumaria baseada no trançado ou nos retículos, o que supõe reduzida tradição de tais recursos textéis. Os Gualaquis, tupis de cultura rudimentar, segundo Vellard, não têm plumaria nem lavoura (R. L.).

depois, repetida também pelos Tagnanís, em Tres Burritís.

Armados de arcos e flechas, dispõem-se os guerreiros em linha, colocados a uns 15 metros de um pedaço de páu que figura o inimigo, cantando em compasso binário, marcando o tempo com o bater dos pés no chão.

Dois índios, com as flechas prontas e arcos semitesos, partem da fila, como quem anda cautelosamente oculto entre as moitas do cerrado; fazem uma grande volta e, chegando perto do *inimigo*, desferem as armas contra ele.

E' o sinal do ataque; cessa o canto e uma chuva de flechas cai sobre o *infeliz*...

Logo depois avançam sobre ele, a pauladas, com os arcos, ou com outros cacetes, e sovam-no a valer. Aliás, é sempre essa a função da flecha: imobilizar o inimigo na caça. Permitir que o agressor se chegue e acabe sua obra a cacetadas. Caçada ou combate, qualquer ataque é sempre feito de emboscada. Mesmo porque, a certa distancia, o erro de pontaria dos índios é muito maior do que geralmente se acredita. Os Nambikuáras não são dos melhores atiradores. Estão muito longe de atirar com os pés, como os Borôros. Por elevação, alguns atiram bem. Nenhum escudo, absolutamente, empregam, nem na caça, nem na guerra. Depois do ataque, procuram reaver os projetis; uma flecha dá trabalho para ser feita e não deve ser malbaratada...

Seguram na mão esquerda um molho delas, e atiram com incrível rapidez, uma atrás da outra.



Na dansa festiva tomaram parte homens, mulheres e meninas.

Ao som de uma cantiga intérmina formou-se grande roda. As mulheres á esquerda dos homens, constituíam-se pares sucessivos, fechando o circulo; cada ho-

mem colocava a mão no ombro da respetiva "dama". Dentro da roda, tres meninas da mesma idade, pouco mais ou menos, acompanhavam-nos em fila, muito juntas, com os olhos baixos, as mãos cruzadas sobre o peito. A do centro servia de eixo para todo aquele sistema coreografico...

Começou-se a rodar ás 7 horas da tarde, cantando sempre. As meninas, sem discrepar, deixavam no chão pulverulento marcas regulares, que a luz da lua alumia-va perfeitamente. Dir-se-ia que punham os pés nos mesmos rastros, feitos na primeira volta. Meia-noite. A' beira das fogueiras, que cada familia acende, dormia a gente velha; resmungavam alguns, avivando morrões que pareciam pequenos rubís esparsos. E na roda, suando, cheios de poeira, mais mortos do que vivos, todos nós entravamos no côro:

— *Tagnani-i! Tagnani-i!*

— *Tangrê!*

E assim foi, durante o resto da noite. Quando um de nós fugia, e procurava a rêde, vinham logo dois ou tres latagões reforçados, falando muito; e empurravam para o seu posto o desertor...

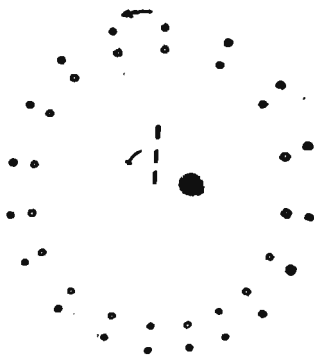


Fig. 43 — *Dansa (astrólatra?) dos Tagnanis (esquema).*

A letra desses cantos, infelizmente, não foi apanhada. Apenas conhecemos as duas palavras que ali estão: *Tagnani*, nome da tribu; *Tangrê*, estrela. Astro-latria? As tres figuras centrais daquela dança, em que se falava de estrelas, trouxeram-me ao pensamento a

formosa constelação do Orion, onde existem as Tres-Marias.

*

No fonografo ápanhei dois trechos kôkôzús, transcritos aqui. Foram passados para a notação musical pelo professor Astolpho Tavares.

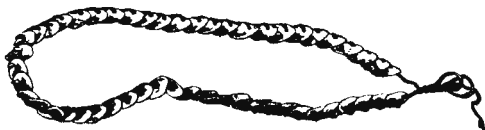


Fig. 44 — Colar de conchas. Indios da Serra do Norte.

O diapasão em que os Nambikuáras exprimem sua musica difere do nosso *diapasão normal* cerca de meio tom, para baixo.

As notas usadas nos temas colhidos são do^1 , mi^{2b} , fa^2 , $fa^{2\sharp}$, sol^2 , $lá^2$.

Não se encontram ré e si.

Os trechos registrados estão em *la bemol maior* (Fonograma n. 14.599), passando para *mi bemol menor*; e em *mi menor* (Fonograma n. 14.600).

Os motivos musicais desenvolvem-se em tempos binarios.

*

Os indios da Serra do Norte apresentam duas modalidades de organização social bem caracterizadas. Ainda desse ponto de vista *Tagnanis* e *Tautês* são mais adiantados que *Kôkôzús* e *Anunzês*.

Estes vivem em regime patriarcal; o pai governa a familia, em muitos casos, monogamica. Os filhos, depois da puberdade, constituem familia, á vontade, continuando a venerar seus progenitores.

Tratam com imenso carinho os filhos, aos quais nada recusam. Raras vezes os castigam. Mais de um indlo, já de certa idade, caminhava leguas e leguas com

um pequeno ás costas, para chegar onde estávamos e dar-lhe presentes dos que distribuíamos.

Não têm chefes definidos. Alguns, que os tropeiros costumam chamar chefes, são apenas individuos mais influentes, aos quais os outros atendem muitas vezes.

*

Em Campos Novos recebemos, certo diã, a visita dos *Kôkôzús* e dos *Anunzês*. Dormiram ali muitos rapazes desses dois grupos: *Nuléke*, *Krikriceknerá*, ou *Manduca*, *Paixão*, *Preguiça*, *Damasceno* e o celebre *Cavagnac*, suposto chefe da maloca do Urutáu, tipo malvado, que costumava cercar os tropeiros na linha para tomar-lhes as cargas.

No dia imediato vieram muitos *Uaintaçús*, atrevidos e ariscos; gente bastante desagradavel.

Os outros, quando viram que eles se aproximavam, começaram a dar sinais de impaciencia. Finalmente chegaram os *Uaintaçús* muito excitados pela presença dos nossos hospedes daquela noite. Começou uma interminavel discussão entre os tres grupos. Todos falavam, gesticulavam, irados, olhos brilhantes, a pique de se agredirem. Temendo esse conflito, que seria desastroso, por todos os titulos, começámos a intervir, distribuindo cigarros, fosforos, machados, etc., distraindo-os. Acalmaram-se. Mas alguns rapazes *Kôkôzús* e *Uaintaçús* continuaram a discutir e, aos poucos, foram cercados pelos outros que ouviam tudo muito atentos. Falavam dois de um lado. Respondiam dois do outro. Os que falavam eram dois indios mais espertos, inteligentes, ousados, *Damasceno* e o tal *Cavagnac* que nada indicava fossem chefes verdadeiros, reconhecidos como tais em toda ocasião.

Eram chefes transitorios.

Jã entre *Tagnanis* e *Tauitês* existem chefes temporais, perfeitamente bem definidos. Um se distinguia por-

que andava sem um enfeite. Efetivamente, ele mandava, e todos obedeciam.

Tinha tres mulheres.



A condição da mulher nambikuára não é tão desgraçada como a de outras indias do Brasil. Trabalha muito, é certo. Colhe frutos, rala mandioca, soca ao pilão, arma os toldos, fia algodão, carrega a tralha da familia, cuida dos filhos, toma parte na cultura da roça; mas é tratada, em regra, com muita ternura. Eles são ciosos de suas esposas; e elas timbram em ser fieis. Deixam longe, nesse particular, suas vizinhas Parecís...

Continuamente, os casais se amimam. E nenhuma caricia parece mais suave e mais doce, ao terno amante que o passear dos dedos da eleita pelos seus cabelos.

Compreende-se, porque a cabeça de um nambikuára é um viveiro a enxamear...

O casamento, segundo as informações do soldado Gouveia, obedece a cerimoniaes simples. O noivo pede, ao pai da sua amada, consentimento para a união. O progenitor, si acede, dá-lhe um arco e um mólho de flechas, dizendo-lhe que deverá, com aquelas armas, manter a familia que vai fundar. Só.

Para mostrar que um certo menino é filho de um indio usam de um gesto expressivo que, na sua innocencia, repetem: curvam o polegar e o indicador esquerdos, em fórmula de anel, ao redor do outro indicador em extensão. Batem, depois, no ombro do filho e no do pai, dizendo:

— *Uëtü!* (filho).



Respeitam muito os velhos. Poupam-lhes as fadigas que podem. Quando voltavamos da aldeia do Uru-táu para o posto do Juina, fizeram-nos conduzir, no ar-

ção da sela, as cestas de dois velhos do grupo que nos acompanhava em busca de presentes. Os moços e as mulheres lá se foram, cada qual carregando o seu *atiçú* sem apelar para auxílio estranho.

*

De sua religião apenas sabemos que é fetichista. Não conhecemos nada do seu culto, nem do seu regimen; muito menos do seu dogma.

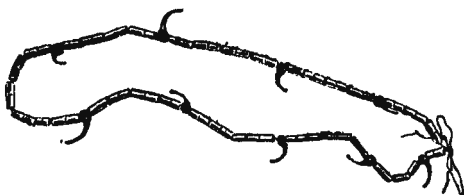


Fig. 45 — *Dodezê* — Colar com rostros de coleopteros. — Indios da Serra do Norte.

Os grupos septentrionais parecem evoluir para a astrolatria. Tendo ameaçado a lua e as estrelas com uma flecha, preparada no arco, prestes a desferir a agressão, levantaram-se bruscamente muitos Tagnanis e sustaram o meu gesto, falando muito exaltados, repreendendo-me, tomando-me a arma, como si aquilo fosse um sacrilegio.

Os *Kôkôzús* e os *Anunzês* ameaçam a tempestade com suas armas, bracejando no espaço para todos os lados, invectivando a chuva em altos brados.

Outras vezes são as mulheres que sobem a uma casa de cupim e, soltando baforadas de fumo, atiram cinzas no ar, para amedrontar a tormenta.

*

Seus ritos funerarios ainda não nos são conhecidos. Ficou todavia apurado que não incineram seus defuntos, nem os devoram. Enterram-nos diretamente no

sólo. Os *Kôkôzús*, em cóvas redondas; os *Tagnanis*, em sepulturas alongadas.

*

Os fenomenos da numeração acham-se bem esboçados na população india da Serra do Norte. Na sua mimica, muito expressiva, contam pelos dedos, dizendo para cada unidade:

— *Dêra*.

E quando terminam a passagem dos dedos das mãos, si o numero vai além, levantam um pé, repetindo a mesma palavra, e depois passam ao outro pé.

Um chefe tagnaní, querendo dizer que sua gente vinha já perto de nós, trazendo-nos mandioca, milho, massa, etc., em *muitas cestas*, após haver contado pelos seus proprios dedos e artelhos, bateu nas mãos e nos pés de outros circunstantes, repetindo sempre:

— *Dêra, Dêra, Dêra* (isto, isto, isto).

Para contar os dias, passados ou futuros, que os separam de um certo lugar, levam a mão direita á face, inclinam sobre a palma a cabeça, fecham os olhos e resonam fortemente, tantas vezes quantas são as noites cujo numero desejam indicar.

As noções de fôrma e extensão acham-se tambem definidas entre eles. Os *Kôkôzús* chamam — *Irengçú* — á circunferencia; *Nendzú*, ao triangulo. Talvez estas palavras nada mais sejam que apelidos de animais ou objetos, dados, por extensão, ás figuras, que traçam perfeitamente.

*

Distinguem o *nascente* e o *poente*. Marcam, aproximadamente, os momentos do dia, indicando, com o gesto, o lugar em que o sol deverá estar sobre o hori-



Fig. 46 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.

zonte na hora que desejam determinar. Não parecem distinguir as constelações; sempre deram os mesmos nomes para qualquer estrela que se lhes indicasse. *Tangrê* chamavam os *Tagnanis* indiferentemente, á cintura do Orion, que esquematizavam no sólo, e as estrelas maiores desse grupo excepcionalmente belo: Riegel, Betelgeuse, ou Belatrix. O eclipse total do sol, muito bem observavel na Serra do Norte, em 1912, a 10 de outubro, não impressionou absolutamente os Nambikuáras.

*

Das noções biologicas que, por acaso, já tenham apanhado, não é possivel falar ainda. O que obtivemos não nos satisfez.

*

Os indios da Serra do Norte falam dialetos diferentes, aparentados entre si. Cada um exprimindo-se no seu idioma, entende-se muito bem.

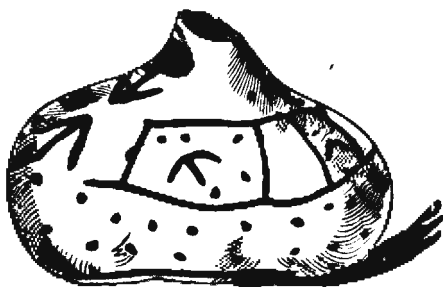


Fig. 47 — Cabaça pintada — Indios da Serra do Norte.

Quatro vocabularios conseguimos: *Kôkôzú*, *Anunzê*, *Tagnani* e *Tauitê*.

Os mais abundantes, *Anunzê* e *Kôkôzú*, foram obtidos com o grau de aproximação e segurança possíveis, e parece-me que suficientes, graças aos indios *Nulêke* e *Krikricêknerá*, amigos dedicados do tenente Py-

rineus de Souza desde o tempo em que esse oficial estivera dirigindo o posto de Campos Novos.

Nulêke é de tal maneira afeiçoado ao tenente Pyrineus que, quando voltamos em 1912, ele, aflito, não hesitou em transpôr os limites de suas terras, e, saindo de um território que nenhum deles, desde muitos seculos, abandonára, veio com uma tropa a Tapirapuan em busca do amigo.

Foi o primeiro a se entregar, em confiança, á gente brasileira.

Esses dois indios viviam, em Campos Novos, como si fossem *crias* da casa.

A' noite dormiam, ambos, debaixo da rêde do Pyrineus. Falavam já algumas palavras da nossa lingua.

Para o idioma dos Kôkôzús foi auxiliar precioso o indio Damasceno (*Urinenoa*), a quem já consagrei outra nota.



Fig. 48 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.

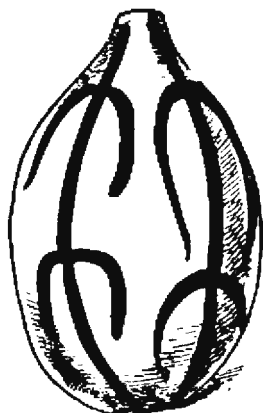


Fig. 49 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.

Este foi o mais inteligente que pudemos encontrar. Repartia com ele essa situação, um Tagnaní de quem nos separamos com pesar. Entendia o menor dos nossos gestos. Atendia perfeitamente a qualquer pedido nosso. Foi ele quem se prestou a simular um ataque a flechadas, que, por sinais, lhe solicitei, operação que hoje se acha arquivada em um dos *filmes* pertencentes ao Museu, projetado na Biblioteca Nacional, em 1913.

*

Cada palavra dos vocabularios colhidos foi verificada, mais de uma vez, em presença do objeto, ou do fenomeno que exprime.

Muito mais que a quantidade de vocabulos, interessou-nos a qualidade de cada qual.

Isto não quer dizer que julguemos impossivel qualquer retificação; basta confrontar dois lexicos, tomadas por pessoas capazes, entre os mesmos indios, em ocasiões diferentes, para ver como certos termos surgem alterados.

*

O alfabeto da lingua nambikuára comprehende as seguintes vogais:

a, ê, i, ô, o, u, ü

com o mesmo valor que têm no alfabeto português; ü — com o som intermediario a *ü* alemão e *eu* francês.

Consoantes:

b, c, d, g, h, k, l, m, n, r, s, t, z

h — sempre fortemente aspirado, como *ch* alemão.

Faltam:

f, j, v, x

São grupos consonantais caracteristicos:

an, kr, tch, dn, gn, tg, tn, kd, kz, kt, nt, nz, tz, td, nç, tç, tzü, gç, gd, ndz, nk.

*

Em todos os dialetos nambikuáras, os vocabulos que designam as partes do corpo humano têm o mesmo radical, ligeiramente modificado, num ou noutro caso — *Uá* ou *Toá*.

	KÔKÔZU	TAGNANÍ	TAUITÊ	ANUNZÊ
Braço	Oá-nukiçú	Uá-nokrí	Toá-rabatndê	Uá-nukizê
Boca	Toá-iuçú	Uá-iurí	Tá-iuirí	Uá-iuarê
Lingua	Toáio-herú	Uái-hêndê	Táiu-hendú	Uáile-herú

A partícula *Toá* — (Uá, Oá) — tem aqui o mesmo valor possessivo do grupo *Nu*, nas linguas *Aruaks*; só se encontra nos vocabulos consagrados ás regiões do corpo humano (165).

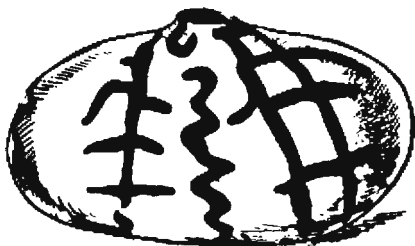


Fig. 50 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.

Quasi todos os vocabulos *kôkôzús* terminam em *zu* ou *çú*, empregados, indiferentemente. As palavras *anunzês* terminam muitas vezes em *zê*. Mas, neste ultimo som deve ser aproximado do — *gê* — para ser pronunciado convenientemente (165-a). No dialeto dos *Tauitês* e nos dos *Tagnanis* é comum a terminação em *rê*, *ri*, *dí*, *tê* (*r* brando).

*

Merece especial menção um grupo, que nessas linguas se encontra com relativa frequencia, muito impor-

(165) Cf. E. Roquette-Pinto — "The Indians of Serra do Norte" — in Proceedings of the Second Pan-American Scientific Congress — Washington, 1917.

(165-a) E' possível que se trate de um traço linguístico de aproximação Nambikúara-Gê (H. A. T.).

tante para apreciar as relações de tais idiomas com outros americanos.

E o grupo: *gui* ou *gue*:

Kaiguetazú — flauta (Kôkôzú). Hauguidê — frecha lisa (Tagnani).

Toáiguedokrê — mão (Tautitê). Uáneguêtu — cabeça (Anunzê).

*

Embora existam diversos sistemas foneticos para representação das linguas primitivas — (Alfabeto Kosmos, de Schmidt, etc.) (166)

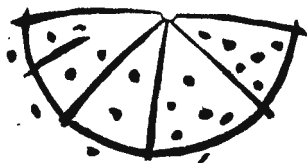


Fig. 51 — Motivo ornamental.
Indios da Serra do Norte.

— julguei preferível usar as letras do alfabeto latino, acrescidas de algumas especiais notações (ü) ao alcance de qualquer leitor.

*

Si ainda estivesse em favor a chave linguistica de Martius, a lingua dos Nambikuáras seria incluída entre os idiomas do grupo *Guck* ou *Kôko*. Tal familia, porém, por muito heterogenea, não se manteve; e hoje seus antigos membros acham-se filiados nas tribus *Gêbotucudo* e *Nu-aruaq*.

Nesses dois grupos encontram-se os *Guck*, de Martius.

Ora, os idiomas ligados á familia Nu-aruaq têm características frisantes, que não encontramos nos da Serra do Norte.

Assim, a particula possessiva pessoal — *Nu*, um dos sinais mais valiosos para diferenciar tais idiomas, não se encontra absolutamente entre os Nambikuáras.

(166) O Padre W. Schmidt ("Anthropos", 1907) expõe minuciosamente a evolução-historica da fonetica e os diferentes sistemas que têm sido propostos. Apresenta no mesmo trabalho o seu sistema que tem tido grande aceitação.

O vocabulo preposto á designação da agua, um dos melhores elementos de comparação linguistica, pela constancia com que se mantem através de todas as diferenciações dialetais, na familia Nu-aruaak (Onê, Uní), não é representado na Serra do Norte por nenhum equivalente.

Bastariam tais elementos para distanciar a lingua dos Nambikuáras dos idiomas Nu-aruaaks.

Mas, além disso, é facil verificar a perfeita discordancia dos lexicos. Compare-se o vocabulario pareci, excelente representante da familia Nu-aruaak, com o dos indios da Serra do Norte. São completamente diferentes.

*

Si procurarmos, na Sul-America, idioma que ofereça semelhança profundas com os dos Nambikuáras, em vão o faremos.



Fig. 52 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.

E' todavia certo que a lingua dos *Suiás*, do Xingú, mostra algum ar de parentesco com os dialetos da Serra do Norte. Essa aproximação tem o seu melhor argumento na particula possessiva *Woa*, dos *Suiás*, que é claramente encontrada entre os Nambikuáras, seja *Ua* ou *Toa*.

Por esse carater, pois, e ele é valioso, visto que tem servido de base ao moderno grupamento das nos-

sas tribus, onde estiverem os Suiás, deverão ser colocados os Nambikuáras (167).

Aqui o problema atinge, talvez, sua maior dificuldade, porque si os botocudos do Xingú são colocados ao lado dos *Gês*, pela autoridade de Ehrenreich, outros conhecedores da linguística sul-americana julgam, talvez com razão, que eles devem formar ao lado dos Karajás, constituindo o grupo *karajano*, de Chamberlain (168).

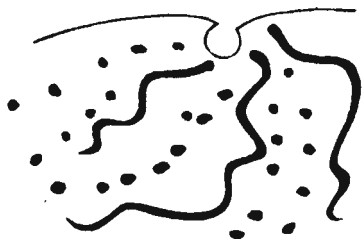


Fig. 53 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.

Todavia, não é possível deixar de reconhecer, na lingua dos Nambikuáras, certos caracteres especiais, encontrados na lingua *Kiriri*. Tais caracteres são exclusivamente fonicos e muito menos valiosos do que si fossem lexicos ou morfologicos.

(167) Fritz Krause ("Beitraege zur Ethnographie des Araguaya-Xingú Gebietes", in Congr. Int. de Americanistas — Gotemburgo, 1924) depois de confirmar a aproximação linguística aqui apontada, ainda pretendeu estreitá-la mais, indicando novas palavras de ligação não só com o Karajá como com linguas *Gê*.

Quanto ao aspecto cultural, o que ressalta, particularmente depois dos Estudos Etnograficos comparativos de Nordenskjöld, é que os Karajás — e como eles tambem os Nambikuáras — sofreram influencia de culturas sub-andinas.

Os Karajás apresentam indícios de ter recebido parte desse influxo quando ele se estendeu ás populações do Chaco que, assim, parece ter sido antigo habitat desse povo (Cf. Krause, contribuição citada).

Os Nambikuáras por sua vez, conforme já foi expresso em outras notas, parecem ter sofrido tal influencia por outra via; provavelmente o outro caminho, apontado por Nordenskjöld, de expansão de culturas sub-andinas: do nordeste da Bolívia pelas vertentes amazonico-platinas (Nordenskjöld — Estudos citados, vol. I). (H. A. T.).

(168) Krickeberg, Rivet e outros especialistas conservam os Suiás entre os *Gês*.

Resumem-se na presença dos grupos *tç*, *tz*, *kr* admitidos como especiais ao Kiriri — (Baptista Caetano).

*

Sem possuir textos bem traduzidos não é possível aprofundar mais o exame daqueles idiomas. Mesmo as aproximações acima esboçadas serão sujeitas a revisão, quando houver material linguístico maior.

*

A respeito da coleção do Museu, cabem aqui as seguintes notas:

Os arcos dos índios da Serra do Norte (*Hukiçú*) são de ipê (169), muito longos, de 1m,70 a 2 metros; de secção semicircular. De todas as tribus do Brasil, só a dos Katukinas, do rio Purús, usa amarrar de modo semelhante a corda ao redor da arma (3.686).

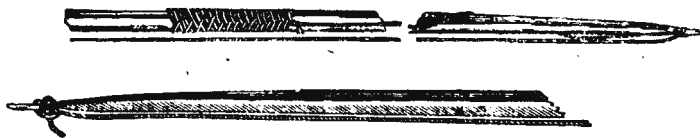


Fig. 54 — Arco e sua secção transversal. Indios da Serra do Norte,

A fôrma da secção transversal é, porém, diversa; o arco dos Katukinas é quadrangular.

Fizemos experiencia afim de avaliar, aproximadamente, a força necessaria para dar a um arco a indispensavel eficiencia.

Para obter, em um deles, medindo 2m.38 de comprimento, por 0m,047 de maior largura, corda de tucum

(169) Ipê — Vide nota n.º 37 sobre a pluva.

Aproximações

	Nb. kôkôzú	Nb. anunzê	Nb. tagani	Nb. tautê
Genitalia...	—	—	—	Taguri
Peito	Toanunkizú	—	—	Tanakaindê
Cobra	Tiçú	—	—	—
Milho	—	—	Ket	—
Perna	Toaçuzú	Uaçuzê	Uaduri	Talahendê
Boca	Toaiuçú	Uaiuarê	Uaiuri	—
Dente	Toaiuiçú	—	Diurú	Taiú-iri
Arvore... .	Içú	—	—	—
Lingua	Toaio-herú	Uauizê	Uaihendê	Taiú-hendü

com 0m.002 de diametro, uma flecha de 50 centímetros, foram necessarios 66 kgs. de tração dinamometrica.

Ao atirar, o indio emprega o *modo mediterraneo* (4.º modo de Morse): arco vertical, flecha encostada



Fig. 55 — *Anteçú* — Flecha de ponta lisa e cilíndrica indios da Serra do Norte.

ao seu bordo esquerdo, presa, pela base, entre o indicador e o médio da mão direita.

Na America esse metodo é peculiar aos Eskimós; os *Peles vermelhas* empregavam outros. No Brasil, nenhuma tribu dele se utiliza, ao que pude verificar; nos-

Linguisticas

(Martius) Chicriabá	(Martius) Cherente	(Martius) Camacan	(Ehrenreich) Karaíá	(K. v. den Steinen) Suiá
D'agri	—	—	—	—
—	Dajukudá	—	—	—
—	—	Ti	—	—
—	—	Kechu	—	—
—	—	Guang-gestú	—	—
{ Daidana } { Datohá }	Dageau	—	Waru	Wanakoni
—	—	Aenkúh-tciokah	Wa-idzu	Woatoá
—	—	—	Iô	—
—	—	—	—	Wanuotó

— * —
 sos indios atiram a flecha, em geral, pelo terceiro dos metodos sistematizados por Morse.

Hermann Meyer, a quem devemos um minucioso e interessante estudo de arcos e flechas do Brasil, classifica os primeiros em cinco grupos:

1.º *Arco Peruano* — Secção quadrilateral ou eliptica. Quasi sempre feito de madeira negra da palmeira chonta (170).

(170) Palmeira chonta — ou palma real dos Bolivianos (*Guiljelma insignis*, Mart.) de Mato-Grosso, no limite com a Bolivia, segundo Caminhoá.

2.º *Arco Brasileiro-Septentrional* — Secção semi-circular. Madeira vermelha escura, alisada, de uma arvore leguminosa.

3.º *Arco da Guiana* — Secção parabolica. Goteira na face anterior. Madeira parda escura. Pequeno.

4.º *Arco do Chaco* — Secção circular. Madeira vermelha. Pequeno.

5.º *Arco Brasileiro Oriental* — Madeiras diversas. Divide-se este em dois sub-grupos, ligados aos do Xingú, ao norte, e aos dos Kamé, ao sul. Para o ocidente, compreende desde o arco liso, forte, cilindrico, até ao enleiado de cipó, dos Borôros. Para o oriente, abrange os arcos dos Gés. Os Tupís, do Paraguai, acham-se no ramo oriental deste grupo.



Fig. 56 — *Uaellçú* — Flecha de ponta de taquara dos Indios da Serra do Norte.

Além dos cinco tipos, Meyer distingue os que correspondem aos Maticos, Fueginos e Centramericanos (171).

*

A secção transversal coloca o arco dos Nambikuáras entre os do segundo grupo de Meyer. E' mesmo bem semelhante á dos arcos Mundurucús (14.026) - Cod. Mus. Nac.). O enrolamento da corda obedece á pratica das tribus em que se encontra o PERUTYPUS, do mesmo etnologo.

*

(171) O arco de secção quadrangular, dito peruano, encontra-se para L. nos Tupís do Gurupí (Urubús), junto com a flecha de emplumação costurada dita do Xingú (Ararandeuáras, Urubús). A emplumação peruana com resina e o arco contribuem para evidenciar, entre os Nambikuáras, influxos culturais das tribus sub-andinas e amazonenses (R. L.).

Meyer classifica as flechas do Brasil em sete grupos, hoje insuficientes, porque outros tipos foram encontrados depois da sua publicação. Contudo ali se encontram as principais características das nossas flechas. A base dessa divisão é a emplumação das armas:

1.º Tipo — *Emplumação Brasileira-Oriental* ou *Tupí-Gé* — Penas inteiras, presas com fibras. Base revestida de fios enrolados. Pequena penugem na base.

2.º Tipo — *Emplumação da Guiana* — Uma pena, fendida ao meio, longitudinalmente, fornece duas porções que são presas á haste por anéis de fibras passados em diferentes pontos. Na base da flecha ha um fragmento de madeira onde existe um entalhe para receber a corda.



Fig. 57 — *Até-ulinçú*. — Flecha dos Indios da Serra do Norte.

3.º Tipo — *Emplumação do Xingú* — Duas meias penas, como no tipo anterior, presas por fios que atravessam a espessura da haste da flecha.

4.º Tipo — *Emplumação dos Araras* — Duas meias penas, longas, presas, de espaço a espaço, por anéis de fibras; na base, um segmento da haste revestido de fios.

5.º Tipo — *Emplumação Maué* — Semelhante ao n. 1. Duas penas inteiras, presas no apice e na base. Na base da flecha, um fragmento de madeira dura, com entalhe para a corda.

6.º Tipo — *Emplumação Peruana (com fibras)* — E' muito semelhante ao 1.º tipo. Só se encontra no Ucaiale.

7.º Tipo — *Emplumação Peruana (com resina)* — Este acha-se dividido em dois grupos: o septentrional, pertencente á Amazonia e o meridional, encontrado no Chaco. Caracteriza-se pelo preparo das penas, fendidas longitudinalmente e depois raspado o tubo até ficar re-

duzido ás camadas superficiais. São então amarradas, em helice, sobre a haste, e mantidas por fios e resina preta.

*

A emplumação das flechas dos indios da Serra do Norte pertence, claramente, ao 7.º tipo.

Nossa coleção possui *flechas de guerra, flexas de caça, e flechas de pesca*. E' certo, porém, que essa divisão não é sempre mantida; e, quando se faz preciso, os indios empregam indiferentemente qualquer tipo.



Fig. 58 — Emplumação das flechas dos Indios da Serra do Norte.

Aniêçú — E' a flecha de ponta de madeira vermelha, cilíndrica, lisa, com que caçam macacos (2.111 - Col. Mus. Nac.).

Uaeliçú — Tem ponta aguçada, feita de taquarussú (172). Serve na guerra e na caçada aos grandes animais: capivara, anta, onça. Sangra largamente a vítima e, por isso, é usada para abater as grandes peças.



Fig. 59 — *Atêraçú* — Flecha para aves. Indios da Serra do Norte.

Entre a haste e a ponta, ha uma porção intermediaria, de madeira vermelha, destinada a enrijecer a faca de taquara, tornando-a mais eficiente. Ainda assim, muitas vezes, quebra-se (1.324 - Co. Mus. Nac.).

Aiêuinçú — E' flecha de ponta lisa, munida de uma farpa na extremidade.

(172) Taquarussú — *Merostachys* sp.

Arukiritatçú — E' tipo perfeitamente original. Tem uma serie de farpas presas com fios e breu. E' revestida de um enduto negro que os indios supõem toxico; por isso protegem-lhe a ponta com bainha feita de colmo de taquara (11.487 - Col. Mus. Nac.). E' arma de guerra.

O veneno das flechas nambikuáras é inocuo... (173).

Aieraçú (174) — E' flecha de ponta embolada, destinada a contundir as aves que desejam apanhar vivas, ou livres de sangue, que mancha as penas (14.010 - Col. Mus. Nac.). Muitas vezes empregam para o mes-



Fig. 60 — Flecha envenenada (*arukiritatçú*) e bainha protetora dos Indios da Serra do Norte.

mo fim uma flecha de ponta lisa, que na ocasião envolvem numa pelota de palha (11.625 - Col. Mus. Nac.).

Especialmente destinadas á pesca, e perfeitamente originaes, são algumas flechas de ponta dupla, triplice

(173) O Prof. Roquette-Pinto entregou-me para exame, uma ponta de flecha cuja origem não me foi declarada de ante-mão. A peça continha entre fios que a enleavam, uma substancia resinosa. Raspado todo o material que foi possível retirar da ponta da flecha, foi pesado, e preparou-se uma solução concentrada certamente muito mais rica em substancias toxicas do que a que se usa habitualmente para Injeções de curare nos laboratorios.

A injeção desse liquido, em fortes doses, em rã e em cobaia, não produziu absolutamente nenhuma ação curarizante. Os animais apresentaram apenas fenomenos banais de intoxicação, tais como sobressaltos musculares; na cobaia marcha titubeante e um pouco de salvação.

Em conclusão, pois, não se trata de uma flecha destinada a envenenar o animal que ferir: a resina examinada parece acidentalmente pouco toxica.

ALVARO OZORIO DE ALMEIDA.

(174) O tipo mais geral das flechas para contundir — as de ponta feita de uma raiz — abrange as regiões brasileiras, especialmente os Oês, sendo peculiares (Nordenskjöld) as de cruzeta de pauzinhos dos Jurucarés da Guiana, do Gurupi (R. Lopes), assim como a dos Nambikuáras, com bola de palha.

ou quadrupla, munidas de uma farpa de osso (11.614 a 11.621 - Col. Mus. Nac.). Algumas têm penas na base, outras não. Lembram certa armas figuradas em "Voyage à Surinam", de Benoit, pertencentes aos Karaíbas. E, por outro lado, têm muitos pontos de semelhança com arpões eskimós, destinados á caça de aves marinhas, atirados com estólica.

A haste de todas as flechas da Serra do Norte é feita de taquara fina. O cipó imbé (175) fornece tiras resistentes com que fixam as diversas partes da arma.

*

Um tipo de flecha com a ponta achatada e provida de alguns pares de farpas, que o Museu Nacional recebeu com as primeiras coleções da Comissão Rondon, não é proprio dos Nambikuáras. Representa trofeu guerreiro (1.955 - Col. Mus. Nac.).

*

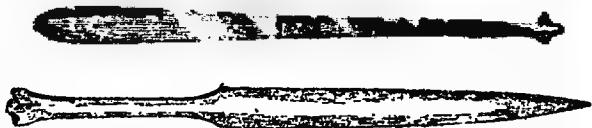


Fig. 61 — Clavas encontradas entre os Indios da Serra do Norte.

Armas de ataque e defesa, toscas em extremo, são os cacetes (11.925 - Col. Mus. Nac.), simples fragmentos de ramos fortes, cortados na ocasião.

Uma clava trabalhada e polida, revestida de tecido de palha do tipo karajá ou kaiapó (11.933 - Col. Mus. Nac.) é manifestamente exótica; foi parar ás mãos dos Nambikuáras fortuitamente, tal como deve ter acontecido a um pente de madeira (12.046 - Col. Mus. Nac.).

*

Os machados de pedra lascada têm tipo uniforme. Todos de *diabase*, cuneiformes, pesam dois kgs., em média.

São encabados num pedaço de caule voluvel, talvez de uma *Bauhinia*.

O breu e os laços de fios, postos para fixar a pedra, dão ao instrumento solidez surpreendente 11.958 - Cal. Mus. Nac.).

Conseguimos trazer, da Serra do Norte, um fragmento de arvore abatida pelos índios com o seu machado de pedra; figura na coleção do Museu sob o n. 13.333.

*

O breu é feito com resina de almêcega, jataí (176) e cêra, levando ainda outras substancias desconhecidas. Sofre ação do fogo em panelas (2.259 - Col. Mus. Nac.). É conservado em bolas, presas a tiras de embira (13.235 - Col. Mus. Nac.), ou em pães envoltos em folhas (13.213 - Col. Mus. Nac.). Tanto o *veneno* das flechas, quanto o mesmo breu dos machados são denominados *Duhutaarú*, que quer dizer: cêra.

*

Tephrosia toxicaria — É leguminea venenosa, especie de *Tingui*, com que os índios pescam. Foi reconhecida pelo Sr. F. C. Hoehne, que, com o Sr. G. Kuhlmann, determinou a maior parte do material botânico da nossa coleção (177).



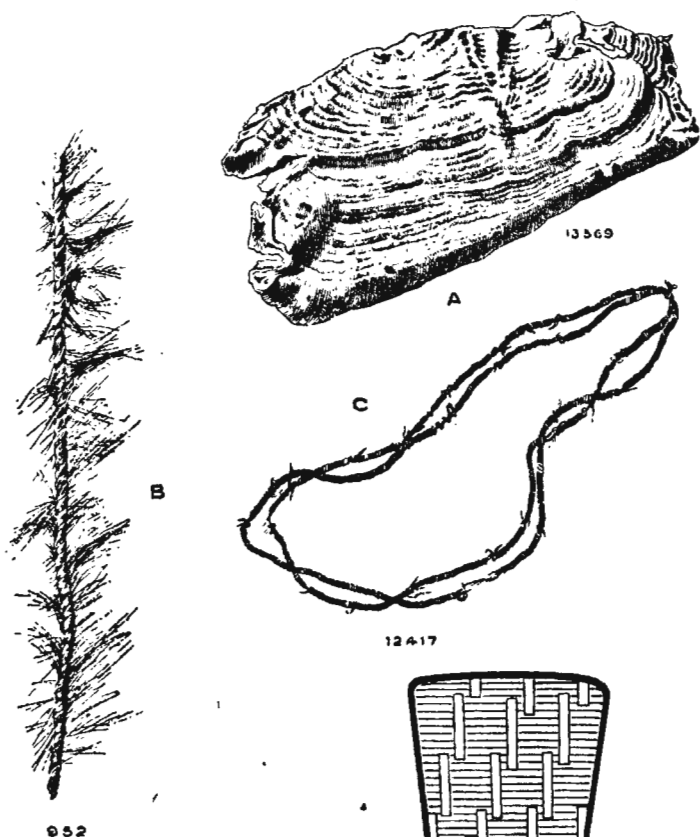
Fig. 62 — Pancla com breu. Índios da Serra do Norte.

*

Não conhecem anzol; empregam, na pes-

(176) Jataí — *Hymenea stigonocarpa* ou *H. stillbocarpa*.

(177) A revisão dos nomes científicos de plantas e de animais foi feita pelos Profs. A. J. de Sampaio e C. F. Mello Leitão.



- A — Arezi-Cogumelo (*Pollporus* sp.) de que se alimentam os indios da Serra do Norte.
- B — Fio de pêlos de Macaco.
- C — Colar feito de tubo de penas.
- D — Motivo ornamental dos indios da Serra do Norte.

ca, uma especie de cóvo, feito de taquara ou do caule do cipó titára (178) (13.211 - Col. Mus. Nac.).

Produtos alimenticios, existem na coleção:

Guaiatú — Milho branco (2.272 - Col. Mus. Nac.).

Urinodzú — Massa de mandioca (2.262 - Col. Mus. Nac.). — O exame microscopico mostra ser muito rica em grãos de amilo. A raiz, depois de ralada, é espremida numa fita de palha — *Çaarú* (13.225 - Col. Mus. Nac.) (179). O ralo (13.215 - Col. Mus. Nac.) pertence ao tipo usado pelos indios do Xingú — (Suiás, etc.). E' formado por uma plancha em que se fixam cerca de 2 filas de palitos.

As lagartas de uma borboleta (180) — (5.774 - Col. Mus. Nac.) — que comem vivas.

Katunuzú — Terra dos formigueiros, argila que tambem comem (13.230 - Col. Mus. Nac.).

Amostra de restos de sua alimentação figura no Museu sob o n. 13.231.

Um cogumelo, *orelha de pau* (181) utilizado na alimentação, e feijões (182) de aspecto exotico (2.264 - Col. Mus. Nac.) foram igualmente achados numa aldeia,

(178) Cipó titára — *Desmoncus* sp. Palmeira de caule escandente.

(179) A distribuição geografica dos exprededores de massa de mandioca, (tipiti — tubo cilíndrico e tira trançada aberta, onde o succo é extraído por torção da tira) adscrive, ao verdadeiro tipiti uma distribuição que, das Oulanas, deve ter alcançado o vale amazonico e os afluentes do grande rio. (Cf. Métraux — "La Civilisation Matérielle des tribus Tupi-Guarani — Paris, 1928, pag. 103). O mesmo autor considera como tipo primitivo a tira trançada que se encontra nos limites da zona de expansão do tubo cilíndrico.

Por forma mais primitiva ainda deve ser tida a simples tira de palha com que os Nambikuáras expremem a massa de mandioca. Tal operação se acha documentada numa das estampas deste livro (H. A. T.).

(180) Borboleta — *Brassollnae*.

(181) Orelha de Pau — *Polyporus* sp.

(182) Feijão — *Phaseolus* sp.

Merece especial menção a cabeça moqueada de um tamanduá bandeira (1.934 - Col. Mus. Nac.), encontrada numa cesta, por Miranda Ribeiro, na expedição de 1909.

*

Por meio do fogo excavam pilões (*Nutêzê*) — (11.931 - Col. Mus. Nac.) — em que socam a carne e outros alimentos.

Fazem fogo com bastões de almêcega — (2.232 - Col. Mus. Nac.) e resguardam as pontas dos ignigenos envolvendo-as na palha, para que se não molhem com as chuvas.

*

A cultura da terra é realizada por meio de um bastão aguçado (11.923 - Col. Mus. Nac.). Sementes de

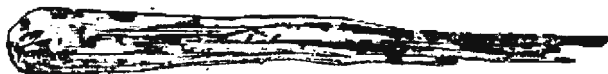


Fig. 63 — Bastões ignigenos protegidos contra a chuva — Indios da Serra do Norte.

urucú, de cabaça (183); de algodão são guardadas em bolsas de folhas (2.260, 1.927 - Col. Mus. Nac.).

Conservados, também, frutos medicinais — (*Solanum mammosum*) — 1.923 - Col. Mus. Nac.), raízes, folhas (1.943 - Col. Mus. Nac.), etc.

*

Ha, na coleção, duas amostras de corantes: uma pasta de urucú e gordura, suavemente perfumada, com que as indias se pintam depois do banho, *Huduhukaidi* (13.229 - Col. Mus. Nac.), e uma variedade de ocre vermelho (13.241 - Col. Mus. Nac.).

O tabaco — (2.261 - Col. Mus. Nac.) — acha-se em cigarros, ou em folhas, metido entre duas varas — (13.250 - Col. Mus. Nac.) — para secar.

*

O algodão (184) encontra-se bem representado: caroços de algodão, variedade *rim de boi*, conservados em bolsa de folhas (13.227 - Col. Mus. Nac.); fio de algodão (*Kondzú*) obtido no fuso (*Gdaretatú*) (13.216 - Col. Mus. Nac.); meadas de algodão fiado (13.405 -



Fig. 64 — *Gdaretatú* — Fuso dos Índios da Serra do Norte.

Col. Mus. Nac.); novelo do algodão (12.047 - Col. Mus. Nac.); tecido de algodão (*Sareguêzê*, faixa para carregar crianças).

O fuso é uma lasca de palmeira embutida num disco de cerâmica, caco de panela velha...

*

Kateçú — São os frutos da *Lagenaria sp.* de que fazem reservatórios e vasilhas (12.002 - Col. Mus. Nac.). Algumas contêm fumo picado grosseiramente (1.919 - Col. Mus. Nac.) e são arrolhadas com sabugo de milho, processo que os sertanejos usam muito.

*

(184) Segundo os estudos do Padre Schmidt e de Nordenskjöld (a propósito das rêdes), o algodão veiu dos Andes para o Brasil, onde foi cultivado sobretudo pelos tupis no centro da mata equatorial do Amazonas. O seu uso rara mesmo entre os aruaques. Tal distribuição, em parte devida às condições da planta, explica a sua existência entre os Nambikuáras, situados no extremo ocidental do chapadão (R. L.).

Atavios rudimentares merecem analise, pela originalidade do material de que são feitos, alguns colares: formados por pequeninos fiapos de substancia cornea dos tubos das penas o de n. 12.417 - Col. Mus. Nac.); cordas enfeitadas com pelos de *Pithecia sataná*s (952 - Col. Mus. Nac.); colar de dentes de macacos (12.851 - Col. Mus. Nac.); feitos com sementes de uma *cyperacea* (*Tanieikerê*) (13.549 - Col. Mus. Nac.), tambem usada pelos Suiás do Xingú. (3.656 - Coleção Paula Castro - von den Steinen - 1884 in Mus. Nac.); colar de contas negras, feitas de côco (4.218 - Col. Mus. Nac.); colar de taquarinha (12.265 - Col. Mus. Nac.); colar de nacar de conchas fluviais (12.071 - Col. Mus. Nac.); colar feito de sementes de uma sapotacea (185) (*Irunguinindê*).

*

Oradaikruzê (13.083 - Col. Mus. Nac.) — E' linda pulseira feita dos aneis da cauda do tatú canastra (186). Parece objeto de marfim. Outras são feitas de côcos do Uauassú ou Pindoba (187).

•

Ligas humerais são de algodão e têm o fecho semelhante ao das parecís (12.165 - Col. Mus. Nac.).

•

E' singelo manto de fibras, muito usado, preso ao pescoço e pendente sobre o dorso, o *Ialaçú* (12.460 - Col. Mus. Nac.). De penas negras é o manto registado sob n. 13.109.

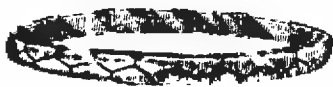


Fig. 65 — *Oradaikruzê* —
Bracelete dos Indios da Serra do Norte.

*

- (185) Sapotacea — *Lucuma* sp.
(186) Tatú canastra — *Dasytus giga*s.
(187) Pindoba — *Orbignya speciosa*.

Brincos triangulares são feitos de nacar (12.276 - Col. Mus. Nac.).

Cavilhas para o scepto nasal e para o labio superior, estas muito mais finas e longas do que as primeiras, acham-se em grande numero (12.202 a 12.205 - Col. Mus. Nac.). São feitas de taquarinha ou do colmo de um capim resistente (188).

O mesmo material forma a haste do *Unetizú*, penacho que usam no scepto nasal (13.103 - Col. Mus. Nac.). Ha, na coleção, alguns pingentes de penas de tucano (12.087 - Col. Mus. Nac.), algo parecidos com os da Guiana. Capacetes feitos do couro da onça (12.050 e 13.206 - Col. Mus. Nac.) vermelha ou pintada — representam material interessantissimo, inusitado, naquela região, a não ser pelos Nambikuáras e pelos Kaiabís do Paranatinga.

*

Os trançados dos indios do Brasil foram sistematizados por Max Schmidt, que os dividiu em dois grupos principais:

1. *Palmblattflechtere* — (Trançados de folhas de palmeiras).

2. *Doppelfadengeflechte* — (Trançados de duplo fio).

Porém ele admitiu mais um grupo, no qual dois elementos do trançado em diferentes direções são atravessados por um terceiro. Esse tipo apresenta-se frequentemente no Xingú e se acha representado nas coleções do Museu de Berlim

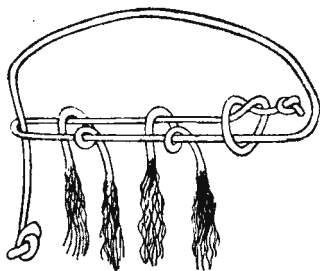
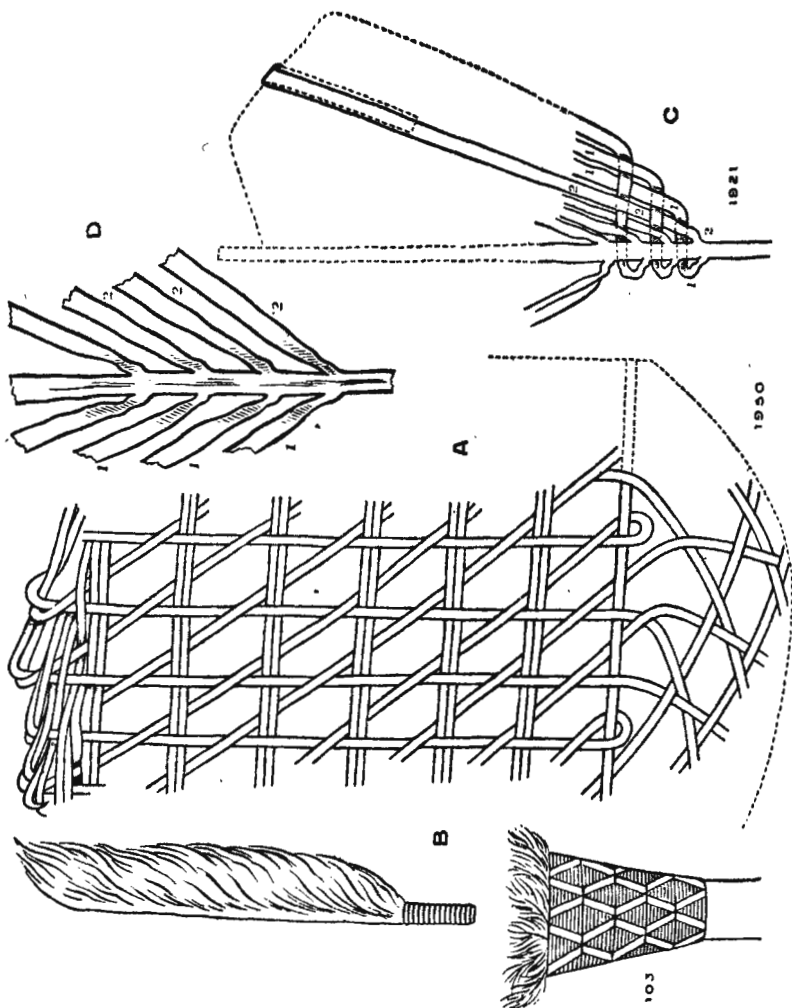


Fig. 66 — Esquema de um "Ialaçú", manto de palha dos Indios da Serra do Norte.



INDIOS DA SERRA DO NORTE

A. — Trançado das cestas feitas com o caule volúvel de um *Desmoncus*.

B. — Detalhes do penacho nasal.

C e D. — Trançado de um abano, feito com uma palmeira.

(Berl. Mus. V. B. 4.331, 4.391, 2.841). E' trançado característico, elementar, que encontramos nas cestas dos nambikuáras (*Atiçú*) — (1.950 - Col. Mus. Nac.).

O material usado pelos nambikuáras é taquara, ou mais frequentemente, *cipó titára*.

*

Nos trançados de folhas de palmeira a unidade primordial resulta do grupamento de tiras, duas a duas, formando o que Max Schmidt denominou: *Geflechtsviereck*, que poderíamos chamar: *quadrilatero de Schmidt*. Estes se desenvolvem como células de um tecido, conservando o mesmo tipo, baseado naquela figura geométrica, que ora é um quadrado, ora um paralelogramo. Nos abanos dos nambikuáras (1.921 - Col. Mus. Nac.), feitos com folha da bacába, os folíolos passam para o lado direito do pecíolo, segundo o esquema junto. Tem forma pentagonal; e, por isso, também se parecem com abanos que o Museu Nacional possui, na coleção Paula Castro, vindos do Xingú (13.615 - Col. Mus. Nac.).

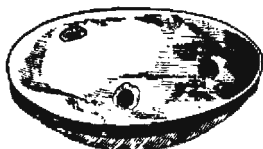


Fig. 67 — “Hait-teataçú” — Flauta nasal dos Índios da Serra do Norte.

*

Um tipo de flauta nasal (11.235 - Col. Mus. Nac.) — (*Hait-teataçú*), (189) formada por discos de cabaça, parece-me importado dos Parecís.

Importação das tribos do Tapajós (Mundurucús, Maués etc.) são as flautas duplas (2.266 - Col. Mus. Nac.).

*

(189) Encontra-se flauta de bambú tocada a sôpro nasal entre os Apinagés Cf. coleção feita por Curt Nimuendajú e pertencente hoje ao Museu Nacional) e entre os Botocudos do Rio Doce (Cf. von Ihering, Revista do Museu Paulista, vol. VIII e carta de Herculano M. Inglês de Souza a Ladislau Netto, Arquivo do Museu Nacional, pasta 21, doc, n. 121, de 28 de junho de 1882). (H. A. T.):

Algumas peças da nossa coleção têm especial valor, porque documentam o processo de aculturação material daquele povo. São, de um lado, objetos em que se nota o aproveitamento do ferro, encontradô, por acaso,

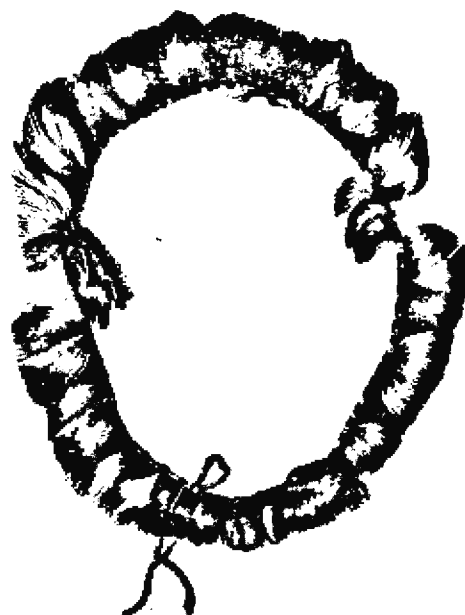


Indio da Serra do Norte tocando *halt-teataçû* (flauta nasal). — 1 — Orifício de entrada do ar. — 2-3 — Orifícios obturados com os dedos meios.

nos trilhos dos caçadores e seringueiros; por outro lado, são artefatos de imitação, nos quais se reconhece a mão inhabil do primitivo, desejando copiar produtos de uma industria mais adiantada, e repetir fórmulas de uma arte superior á sua.



Diadema dos Indios da Serra do Norte.
(Col. Mus. Nac. n.º 2251).



Ornato de penas — Indios da Serra do Norte.
(Col. Mus. Nac. n.º 2249).

RONDONIA

285



Fig. 68 — imitação de chapéu de palha, feito por um índio do Juruena.

A contrafacção é visível nos diademas que procuram imitar grosseiramente os de ns. 13.110, 13.111 e 12.051 Col. Mus. Nac., encontrados entre eles, mas que, manifestamente, são produtos adventícios, conquistados a tribus septentrionais, em que o trabalho das penas atingiu outro desenvolvimento.

Tendo aprendido a apreciar as vantagens do chapéu

Os Arikêmes. — Na memoria "Les indiens Arikêmes" (Travaux du XIX Congrès des Américanistes", Goteborg, 1924) publiquel os resultados do estudo efetuado, por sugestão do prof. Roquette-Pinto, sobre o importante material do Museu Nacional, relativo ao culto dos mortos entre esses índios do Jamarí, e sobre afinidades etnograficas da região das cachoeiras do Madeira, complemento geografico da Rondonia.

O nome tribal proprio desses índios, é *Ahôpôno*; viviam, sob chefes chamados *upôs*, em quatro aldeias cada qual com uma casa religiosa (*pujlco*) e tres habitações, palhoças em forma de "casco de tatú", com uma só porta — quando Rondon os revelou á civilização, e descreveu nas suas "Conferencias".

Seus arcos são do tipo peruviano, de secção tendente á oval, como os dos Nambikuáras. As fiechas têm emplumação do tipo Arára,, indicando relações rio abaixo.

Os homens usam cavilhas de madeira ou plumas nos furos das orelhas. Não furam o septo nasal nem os labios como seus vizinhos; os tembetás das cestas funebres devem ser trofeus.

O culto dos mortos. — O enterramento usual é nas casas, sob as rédes, modo comum com os tupis do Gy e outras tribus amazonicas.

O culto do *pujlco*, porém, é um complexo original, se bem que outras tribus da região (os parecis, os *kepkriuats*), tenham casas religiosas.

Deve-se a Rondon interessante descrição do *pujlco*: — uma réde (erembé) com enfeites de plumas e conchas, ao meio do teto pendem uma pele de jaguar pedra triedrica e um machado de pedra, furados; nas paredes, fiechas e arcos tomados ás outras tribus: dentro da réde um saco de liber com os ossos do *herói*, e, amarrada, uma cesta com o seu craneo. Duas mechas de cabelo são presas á réde e os dentes postos numa cestinha (*chiropamo-ita*), suspensa do teto.

Encontra-se já o rito especial (*chiropamo-ita*), suspensa do teto.

Encontra-se já o rito especial do enterro do chefe, já o endocanibalismo com bebida das cinzas, na bacia do rio Negro, observando Koch-Gruenberg que o fundo psicologico de tais usos é a crença de que os ossos encerram a alma. Não podemos precisar si os mansos Arikêmes praticaram o endocanibalismo (que existe em outras horδας da familia Pano) mas o fato é que se encontram em algumas das suas cestas ossos

de que usamos, prezam muito tal peça do nosso vestuário; e, por isso, um índio infeliz, a quem não se deu, por brinde, um dos tais, tratou de compô-lo para seu gozo, trançando e ajeitando foliolos de bacába...

carbonizados. Foi constatado não ser de osso humano uma discutida flauta dos *Kepkiriuts* (Tupis da Rondonia).

Os Araúnas, segundo o "Itinerario do Amazonas á Bolivia" de A. P. Labre, têm casas templos, reservadas aos homens, festas agrícolas, ídolos de madeira e pedra (geométricos) protetores dos homens e das cousas; um deus "Hipimará", pedaços de madeira elipsoide; e "guardas-deuses", varas ornamentadas (cp. os Parecis).

Segundo as crônicas, cultuavam os restos dos heróis, em rédes, os tapajós e os guaranis (*).

As cestas funerárias foram também usadas na Guiana; além do exemplo humboltino de Atarupe, uma legenda do Surinam refere a colocação dos despojos de um herói aruaque num cesto ornado de plumas (apud Coll. em "Anthropos", II, 687). Os Bribri, Chibchas de Costa Rica, segundo Suinner, proticam o transporte dos ossos em sacos de lber, para uma casa de mortos. Keller achou num rancho caripuna urnas, pedras sobre covas, cestas ornadas. Araúnas e Arikêmes não apresentam (ao contrario do "templo" guarani visto por Labre), simbolos antropomorfos; contribuem pois para tornar compreensíveis casos como a ausencia de figurações humanas no material do burgo lacustre maranhense — a "esteiriaria" do Cajari (v. R. L. — "La civilisation lacustre du Brésil", Goteborg, 1924 (**)).

São possivelmente simbolicos, entre os Arikêmes, além dos numeros pares de objetos rituais, nos exemplares da coleção, o das casas da aldeia.

As cestas com a sua forma tripode e o uso dos sacos num povo que dispõe de cerâmica, sugerem condições mais primitivas que o periodo "arcalco" da cerâmica centro-americana e do que o próprio uso da fição. (***)

Pela lingua e pela cultura pertencem os Ahôpôvo ao grupo *Pano*, embora com muitas alinidades heterogeneas.

Conservaram seus velhos ritos, como os Nambikuáras sua primitividade, no coração da America do Sul, nas terras virgens da Rondonia.

R. LOPES.

(*) A réde ainda é usada, entre matutos brasileiros, para transportar o cadaver. Gonçalves Dias, em linda poesia escrita durante os seus estudos na Amazonia, refere-se ao uso dos índios, de carregar, na vida nomade, os ossos dos seus.

(**) Ultimamente, nas jazidas do Turi, encontrei outros tipos lacustres, com algumas figuras humanas, de barro.

(***) A teoria dos motivos do trançado de Max Schmitt leva a professora Helolsa A. Torres, em estudo sobre a "Cerâmica de Marajó", a admitir uma elaboração artistica precursora da arte do barro na grande ilha.

R. L.



X

DE outubro em diante começaram as chuvas. *Os muares, abatidos, sofriam grandemente; quando caía a carga dagua procuravam abrigo debaixo de uma arvore, ou mesmo em qualquer moita; e lá ficavam sonolentos, olhando o pasto sem verdor, mal abandonando a cauda gotejante, com o pelo arrepiado.

Mau sinal. Resolvemos despachar as coleções para Tapirapuan.

Quando imaginava que tudo aquilo, peças que nenhum museu ainda possuia, material absolutamente novo, podia ficar abandonado á beira d estrada, se a tropa esmorecesse. . . tinha impetos de abandonar os indios e seguir atrás das coleções, documentos do seu viver.

*

Na volta, pousamos no Urutáu, entre Primavera e o Juina; ali passava um trilho que ia dar numa aldeia onde estivera prisioneiro durante seis meses o soldado Gouveia. Vivera sempre vigiado, trabalhando para os indios, escravizado. Um belo dia fugiu. Foram-lhe os selvagens no encalço e feriram-no, com uma flechada na região lombar. Assim mesmo conseguiu chegar a um pouso onde havia tropeiros descansando. Um outro soldado, tambem retido, procurou segui-lo e caiu varado. Gouveia fôra considerado *desertor*, em virtude do seu desaparecimento. Apesar da gravidade do ferimento, salvou-se. Em seis meses de convivencia quasi nada tinha conseguido apanhar a respeito da vida dos indios; da sua lingua só conhecia meia duzia de vocabulos. Em

compensação, ensinara alguns termos portugueses a um nambikuára dessa aldeia do Urutáu, á margem do Juina, rapaz que se chamava a si mesmo "Paixão", do nome de um sargento do 5.º Batalhão de Engenharia, que fôra encarregado do posto daquele rio.

O tenente Pyrineus havia estado nessa mesma aldeia, quando passou de Campos Novos para o Rio de Janeiro, em 1911; os índios conheciam-no do tempo em que dirigira a internada.

A exemplo de seus amigos do grupo Anunzê, do rio 12 de Outubro, chamavam-no "Pirinô" e atendiam-lhe... ás vezes. *Nulêke* e *Krikricêknerá* são dois amigos certos que o meu companheiro tem na Serra do Norte, entre gente nambikuára.

*

De todos, os grupos mais ariscos, e mais traiçoeiros, são exatamente os que moram para os lados do Guaporé, e os das margens do Juruena e do Juina. Foram destes ultimos os atacantes de Rondon, em 1907, os agressores do tenente Nicolau Horta Barbosa, dos soldados Rozendo e Gouveia, os incendiarios e assassinos do posto do rio Burití, ao Sul do Juruena, e do posto do rio Juina.

Na opinião unanime dos tropeiros, eram os *índios do Urutáu* os mais insolentes, atrevidos e malvados. Mais de uma vez, um influente dessa aldeia, a quem chamavam *Cavagnac*, por ter alguns fios de barba sobre o queixo, havia tomado a alguns tropeiros, toda a roupa e mantimentos, deixando-os, depois, irem-se embora, inteiramente nús. Naturalmente, verificando que os sertanejos, por cumprir ordens, não reagiam, os índios maus aproveitavam.

Tudo isso era de molde a moderar nosso entusiasmo pela visita á aldeia do Urutáu; mas... a coragem, muitas vezes, é apenas curiosidade.

*

Pyrineus apontou o trilho por onde passára, no ano anterior. Fomos andando cerca de duas leguas. Era demais, pelas contas que fazia. Voltámos. Ou a maloca tinha sido transferida para outro sitio, ou nós nos tínhamos enganado. Carregaram-se as montarias com o maior numero de brindes que foi possivel arranjar, vasculhando as canastras.

Seguimos de novo.

Partindo do poste telegrafico 4930, rumo sudéste, á distancia de tres leguas, atravessámos o rio Urutáu e, depois uma grande mata, percorrendo uma picada mal aberta pelo passo dos indios; caímos num cerradão. Um pouco além começaram a aparecer, na areia rastros de muita gente; e longe, mal distinta entre as moitas, surgiu a triste aldeia: duas cabanas erguidas numa praça redonda e limpa.

A certa distancia, difficilmente se descobria a maloca, no fundo impreciso, acinzentado, da vegetação. Assim como as casinhas de certos insetos adquirem a côr e o aspecto do meio, mercê do que se protegem, promove-se tambem, ali, a homocromía da habitação humana.



Pouca gente. Estavam quasi todos caçando e cuidando das roças. Um homem robustissimo, um rapaz, o tal *Paixão*, e dois velhos. Algumas mulheres e poucas crianças. Muitos outros foram chegando mais tarde, no correr do dia. Ficaram alegres com a visita. Ajudaram-nos á desarreiar os animais. Ofereceram-nos os seus cigarros de folhas. Buscaram uma grande cabaça com hidromel, onde boiavam pedaços de cêra e fragmentos de filhotes de abelhas. Beberam e... bebemos.

As mulheres, mais que depressa, puseram-se a ralar mandioca e, dentro de pouco tempo, traziam-nos alvissimos bolos de polvilho sobre folhas de pacová pareciam flores de alva corola em calice verde claro.

Passámos nessa aldeia dois dias e uma noite. Quando voltámos, para continuar a descida, um grande grupo seguiu conosco afim de receber presentes, que deviam estar á nossa espera no posto do Juina.

*

Para atravessar o rio Formiga, na volta, já custámos um pouco mais; as primeiras chuvas do verão haviam incrementado seu volume; a planície das suas margens, especialmente á esquerda, fôra invadida.

Para as tropas, o Formiga, normalmente, não é dos *nados* piores.

No Juruena fomos hospedes, mais uma vêz, do tenente Xavier Sampaio, que hoje dorme debaixo daquelas terras por cujo progredir sacrificou, como tantos outros, sua vida moça.

Felizmente, no mesmo dia da nossa chegada, vieram os indios da margem direita do rio e em vez de gritar, como os outros: — *Nen-nen!*, chegavam cantando alto, em melopeia:

— *Náu-êê! Náu-êê! Náu-êê!*

No entanto, muitas vezes escutei esta palavra dita pelos de Campos Novos. Creio que se trata do vocabulo parecí *amigo* de que os nambikuáras se servem para manifestar sentimentos de paz.

Para conhecer melhor o grupo da margem direita do Juruena, resolvi descer pela picada da linha até Utiarití e passar de lá a Tapirapuan.

Utiarití é a primeira estação aquem de Juruena.

Desta ultima fomos pousar no rio Sapezal, Sauéuiná dos indios Parecís. Pouco antes de chegar ali, a picada, acompanhando a serra, baixa bruscamente para atravessar um vale colossal, o mesmo que, na ida, avistáramos do outro lado, logo após o pouso do Uáikoakorê.

Pelo caminho que seguíamos agora, iamos cortar, muito mais em baixo, todos os cursos dagua cujas cabeceiras atravessáramos na ida, de Aldeia Queimada ao Juruena. Riachos modestísimos, que víramos ondular, quasi a medo, nos seus primeiros kms. através do chapadão, encontrávamos na Estrada Rondon, rios feitos, ousados, insolentes, vultosos, despencando-se de alturas consideraveis em saltos fantasticos, cachoeiras maravilhosas.

Veios que conheceramos, na indigencia do seu principio, eram, agora, senhores daquelas terras, cheios de brilho, de poder e de fausto.

No Sauêu-iná muito *capim membéca* (191) e *cipó titára*.

A ponte da Estrada Rondon sobre esse rio aluirase, ao embate da cheia; não resistiu ao peso dos nossos cargueiros. Cedeu. Quasi perdemos tres bois, afogados. Algum material, infelizmente, foi pela agua abaixo. Os outros bois então, passaram a nado; e a carga, ás costas dos tropeiros, foi conduzida para a outra margem sobre uma longarina que ficou da ponte.

E' espetaculo emocionante o *nado* de uma grande boiada, que cruza um rio de forte correnteza.

Nos *passos* em que ha *nado* forçado levanta-se, sobre a barranca, um curral comunicando com o rio, onde se ajunta o gado. Os vaqueiros, atrás das rezes, fazem berreiro infernal para atarantar os bois e amedrontá-los, espantá-los, no que são bem ajudados pelo latir furioso dos cães. E a pobre boiada, aperreada, segue aos trancos, em massa, deixando apenas, na superficie, os focinhos luzidios e negros, e as pontas das guampas, que mais parecem ramos desfolhados de uma arvore que *desce* ao léu das aguas.

Entra, em certo ponto de uma das margens e, levada pela correnteza, atinge a outra margem em lugar

(191) *Capim membéca* — *Andropogon leucostrachyas*.

muito mais baixo; quando o rio é largo e caudaloso, a diferença chega a algumas dezenas de metros.

A's vezes, o barranco, onde devem sair dagua os animais, é talhado a pique, não apresenta praia, e os bois ficam lutando com o rio, até conseguir um ponto de apoio que lhes permita salvação. Então os sertanejos temem pela vida das rezes, porque, segundo dizem: *O boi se afoga pelo rabo...*

Durante o banho involuntario, vai-se-lhes o reto enchendo dagua e aumentando o próprio peso, provocando a submersão do corpo todo...

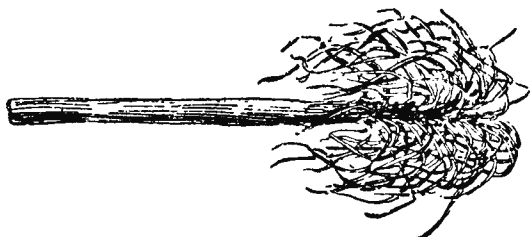


Fig. 69 — *Chupão* dos sertanejos meladores.

Se é uma tropa de muares, ou de cavalos, quasi não é preciso o aparatô, e a gritaria é dispensavel: um tropeiro cái nagua, puxando a *madrinha* pela ponta do cabresto, que segura entre dentes, enquanto nada. Os outros animais seguem-na, como sempre.



Nossas provisões já se tinham tornado escassas. O açúcar começou a faltar e apelámos, mais uma vez, para o mel delicioso da bojuí preta, da boró regina, da jatí.

Os meladores derrubam a madeira, que, ás vezes, é velho tronco morto de ipé, de jotabá, sem folhas e sem verdor, onde as abelhinhas escondem seu tesouro. Abrem, depois, a cavidade onde se ajuntou o mel fragrante. E, retirados *mel* e *mingáu*, que é o própolis, os

meladores, para aproveitar as ultimas gotas, passam pelas anfratuosidades da madeira um *chupão* que depois levam á boca.

feito de um fragmento de caule herbaceo, que recortam e repicam numa das pontas, eriçando-o de bárbulas.



O *chupão* dos meladores é uma especie de pincel, — Um dos nossos homens, no Sapezal, teve acessos de paludismo em condições que não posso deixar de referir.

Era antigo ímpaludado. Havia anos, porém, que não fóra atacado. Fazia, como os outros, a profilaxia pela quinina e mecanica. Tomava, diariamente, 0,25 grs. de cloridrato de quinina; dormia debaixo do mosquiteiro, proximo de outros velhos paludicos.

Ora, desde alguns dias não encontravamos anofelinas, enquanto que achavamos em abundancia *mosquitos polvora e borrachudos*.

Não serão eles tambem transmissores do hematozoario, simples veículos, diferentes, embora, das anofelinas, que são mais do que isso, visto como representam *meio* vital, em que se passam fenomenos de desenvolvimento fisiologico do parasitá? Não haverá simples transmissão de merozoitos vivos?

No passo do rio Burití existe um posto, guardado por dois soldados, incumbidos da canôa. Havia cerca de dois anos que ali estavam. Nunca tiveram febre alguma. Colhi, todavia, diversas *Cellias* ali mesmo. Dormem sempre, naquele passo, tropeiros e funcionarios da linha, cada qual mais ímpaludado.



Certo não desejo, com estas simples anotações do meu caderno, traçadas com a preocupação absoluta da pura verdade, fornecer elementos para bater a teoria

corrente que os trabalhos de Manson, Ronald Rosse e Grassi estabeleceram de modo incontestado...

Mas prestaria um mau serviço calando, por amor das formulas, um fato que me assaltou em meio da minha convicção.

Não serão também os borrachudos transmissores do paludismo?

*

Para o arquivo de expressões sertanejas:

— Ele vai daqui ao Juruena num dia?

— *A'dio! Não vai!*

— Ele póde com esta canastra?

— *A'dio! Não póde!*

*

A eliminação do artigo no inicio da oração, é frequente:

— *Boi rodou p'lo rio abaixo.*

— *Boi pulou o dia inteiro.*

*

Os Nambikuáras, desde a primeira vez que viram boi, tiveram medo de tão estranho animal, possantemente armado de grandes cornos. Do burro, ao contrario. Acharam-no parecido com a anta; e devoram os muares da Comissão Rondon... De vez em quando, das invernadas, some-se uma besta gorda. Os campeiros vão achá-la alguns kms. além da linha, no moquêm dos indios, diante de um toldo de folhagem, em via de ser devorada. Essa predileção é mais um elemento para dificultar a condução do material na Serra do Norte; porque, com os bois de carga, fre-

quentemente, por necessidade, faz a nossa gente outro tanto...

*

Algumas leguas depois do Pouso do Catingueiro, antes de chegarmos á estação de Utiariti, no meio da picada aberta no charravascal, avistámos, ao longe, um grupo de nambikuáras correndo ao redor de um cavalo. Compreendemos que se tratava de um animal da estação, furtado para ser comido naquele lugar; caminhamos o mais depressa que pudemos, fazendo acenos e gritando:

— *Náu-êê! Náu-êê!*

Como se fossem duendes, os índios fugiram, embrenhando-se no charravascal, sem deixar rastro. Procurámos, todos nós, com afinco, o trilho por onde haviam passado. Nem um sinal. A barreira impenetrável de caules entrelaçados e espinhos parecia haver engulido aqueles seis homens.

Em pé, pernas abertas para não cair, arquejante, o pelo riscado por alguns fios de sangue a jorrar do pescoço, da anca e da barriga, um triste pedrez, magro e pisado, tremia num arrepio imenso, como se fosse um grande cavalo de gelatina.

Das feridas surgiam, oscilantes, ensanguentadas também, longas flechas retidas no corpo do animal pelas farpas agudas.

Extraimô-las do misero cavalo. E seguimos lentamente, dando-lhe tempo para que nos acompanhasse no seu passo de moribundo. Sempre a tremer, ia arrastando o corpo. Parava um pouco. Depois continuava com esforço, como desejando livrar-se, em ultimo arranco, daquele meio funebre.

Um km. adiante, deteve-se, dobrou os joelhos, deitou-se sobre o flanco; pôs-se a tremer ainda mais, e lá ficou morrendo...

*

Utiariti onde se ergue uma estação, será, em breve, um povoado daquele sertão bruto. Hoje é colonia de Parecis do grupo Uaimaré, chefiada pelo major Libanio Koluizôrôcê, meu antigo conhecido do Museu, onde estivera em 1910. Vivem ali, felizes, muitas familias, trabalhando em roças bem mantidas, tomadas pela mandioca e pelo milho.

Come-se lá o que Utiariti produz. Já não é pouco. *Brasileiros* havia dois homens; tudo mais era *Paraci*. Milho, para nossas montarias, comprei-o tambem dos indios. Utiariti é semente forte, sã, de vila ou cidade, que se plantou naquele sólo.

O rio Pápagaio passa-lhe ao lado, cheio de claro, para despencar-se, pouco adiante da estação, no mais lindo salto que se possa contemplar na terra. Numa destas paginas, encontra-se a evocação daquela maravilha, em pálido esboço, que o sol gravou numa placa fotografica, alegria e prazer dos meus olhos.

Escondida na magica beleza da quêda, que não quero amesquinhar em comparações, porque não sei de outra lindeza igual, vive uma força enorme. A agua espirra, em ducha colossal, de 80 metros de altura por 90 de largura; sua energia atinge aos oitenta mil cavalos. Uma estreita calha, escavada na rocha quartzifera que a sustenta, deixa passar o arranco do esguicho imenso.

A denominação que os indios dão aos seus medicos-sacerdotes, por extensão, serve tambem para baptizar um pequeno gavião (192) que é *totem* da tribu.

Na expedição de 1909, chegando ao rio, viram os exploradores numa arvore, ao lado do salto, uma dessas avezinhas. Para a coleção destinada ao Museu Nacional, foi alvejada; mas antes que o tiro partisse, o indio *Tôloiri*, Matias, influente chefe, e guia da columna, pediu fosse poupado o utiariti, protestando que,

(192) Gavião — *Tinnunculus sparverius* e *T. cinamomus*.

se o matassem, não poderiam ser felizes, nunca mais, porque daquela especie provinham os Parecís.

O gavião não morreu. Rondon, em homenagem á crença dos seus auxiliares, deu o nome de Utiariti ao salto do rio Papagaio.

E foi feliz...

*

O *major* Libanio Koluizôrôcê e outros indios empregados na linham haviam tratado de conseguir, com sua gente, artefatos da propria industria para a "Casa grande do Governo" no Rio, onde ele vira tanta *coisa de indio*. Era recomendação de Rondon. Foi religiosamente cumprida, tanto mais quanto, pelo assunto, interessou-se bastante o encarregado da estação, Sr. Lima.

Esse material denota influencia civilizada e certo apuro de fabricação que denuncia a encomenda; no entanto, é valioso como elemento de comparação para o estudo do progresso cultural da tribu.

*

Inimigos seculares, Nambikuáras e Parecís hoje fraternizam na estação de Utiariti, para onde os primeiros são atraídos pelas roças dos segundos. Diariamente vem um grupo, das aldeias da margem direita do Juruena, visitar os vizinhos. E' visita interessante; os Parecís não a apreciam. Primeiro, ainda não têm fé nos antigos e ferozes inimigos; depois, perdem grandes quantidades de mandioca, ou milho, além de muitos objetos de ferro e metal, machados, facas, canecas, etc., que os hospedes furtam...

Alguns dos meus *clichés* documentam a confraternização das duas tribus.

*

As chuvas eram diarias e torrenciais. Os bois da tropa, na espinha, frouxos e com o lombo horrivelmente *pisado* infundiam-nos pouca esperança de chegar a Tapirapuan com todo o material.

Grandes ulceras provocadas pelas cangalhas, logo invadidas pela *bicheira* (193), que vai corroendo os tecidos, como broca fatal, adoentavam os cargueiros e nos preocupavam justificadamente.

Uma circunstancia feliz porém, veio livrar-me dessa opressão. E terminei o *raid* pelo sertão do noroeste de Mato-Grosso da mais imprevista maneira.

Em Utiariti, soubemos que estava no salto Belo do Timalatiá o tenente Amarante; com seus Parecís de Aldeia Queimada, tinha ido abrindo caminho de automoveis pelos espigões do chapadão.

Nesse veículo, pela estrada nova, cortámos o divisor das aguas, com toda a nossa bagagem, mercê da boa vontade e inesgotavel amabilidade daquele engenheiro militar.



O salto do rio do Sangue, Sacre ou Timalatiá, *Salto Belo*, de Rondon, é diferente do Utiariti. E' um lençol dagua larguissimo, que se dependura na rocha, colcha branca, que desce langorosamente, sem violencia, procurando o abismo.

Rondon determinou as caracteristicas dessa quêda. Tem 40 metros de altura, 117 de largura e força nominal de 35.000 cavalos.



(193) *Bicheira*. — Os tropeiros matam as *bicheiras*, ulceras onde enxameiam larvas da mosca *cochliomyia macelarica*, Fabr. lavando-as com infuso de tabaco e untando-as com a bosta dos proprios animais. As fezes do gado levam para as lesões novos germens infecciosos e a doença raras vezes sara com esse processo de cura. Sabe-se que o calomelanos é remedio de escolha para matar as larvas.

A abelha que os sertanejos denominam *lambe-olho* (194) persegue o viajante pelo chapadão afóra, procurando agua nas lagrimas que humedecem a conjuntiva, ou no suor.

*

Oncinhas (195) são insetos quasi tão temiveis quanto a tocanguira. Andam aos casais, nos lugares sombrios, destacando-se facilmente do *meio* pelas manchas de que seu abdomen é listado.

Chiam fortemente, de modo assás curioso, quando presas.

Em certos pontos, proximos das matas, outras formigas, numa noite, devoram peças e peças de couro, indispensaveis aos transportes...

*

Do Sacre á Aldeia Queimada vão cerca de 30 leguas. O automovel fê-las em 31 horas de marcha, carregado com mais de 1500 kgrs., passando pela picada aberta em plena chapada, sem caminho regularmente transitavel, andando, ás vezes, pelo cerrado quasi integro. Nas subidas fortes apeavamos todos, e auxiliavamos o motor; nos trechos arenosos, o tenente Amarante applicava ás rodas do veículo um sistema de *chaines sans fin* de sua invenção, formando especie de soalho movel sobre o qual marchava o carro (196).

(194) Abelha "Lambe-olho" — *Melipona duckei*.

(195) Formiga oncinha. — Não é verdadeira formiga. Pertence á familia *Mutillidae*.

(196) Conheci Emmanuel Amarante no lugar mais triste que até hoje encontrei: Aldeia Queimada. Ainda era mais triste que o nome. No deserto areial onde começa o chapadão Pareci, resto de um grande mar mediterraneo, depois de muitas horas de marcha fatigante, num solo que parecia prender os pés do caminheiro, ao longe, ao entardecer, negrejou um grande rancho: era Aldeia Queimada, oasis sem palmas, daquelle saára pequenino, taba aproveitada dos indios, que só por causa da agua tinha all posição justificavel. Mas ao chegar naquela "aldeia" de um rancho só, uma surpresa: o rancho era uma oficina. Mecanicos ajustavam mancais teimosos de grandes bielas, ferreiros batiam na bigorna ferro,

Até ao alto, onde começa o chapadão, no "50", viemos de automovel, com a preciosa bagagem.

Os 30 km. de areia fôfa, entre Aldeia Queimada e o km. 50, foram percorridos facilmente pelo aparelho.

Rampas formidáveis, como as da *Parição*, nesse trecho de caminho arenoso, eram vencidas de maneira surpreendente em primeira velocidade, carro carregado com mais de uma tonelada.

de fôrmas esquisitas, serras trinchavam grandes tóros, gritando, plangentemente como se fosse a madeira esartejada chorando a magua infinita das transformações. Na parte da frente, um recanto do grande casebre era a morada do chefe. Algumas rédes, ambos os punhos recolhidos no mesmo gancho, posição de repouso; uma grande mesa em cavaletes, onde havia papeis e mapas. Sobre esses documentos, absorto, olhos brilhantes cravados nas linhas e nas cifras, magro, alto, nervoso: Tenente Amarante.

Era aí, então, o seu posto de engenheiro encarregado dos transportes mecanicos da Comissão de Linhas Telegraficas. Ali era o hospita! dos caminhões que o sertão fazia tambem adoecer.

Moço e ardente, de uma inquietação que impressionava, de uma curiosidade intelectual que prendia, dominadora, os seus interlocutores, de uma amabilidade *agressiva*, dessas que não escolhem pessoa nem hora. Amarante vivia preocupado com uma questão fundamental: dar aos automoveis a facilidade de varar as areias e os atoeiros. Então explicava-me no papel, desenhando e calculando, que o problema seria resolvido se fosse possível dar aos veiculos rodas virtuais, de tal madeira largas e grandes que o seu peso repartido pela superficie, seria minimo em cada centimetro de plano de sustentação. Nessas condições já não afundariam as rodas na areia fôfa ou no barro plastico. Como conseguír?

Lembrou-se o moço engenheiro dos trens de "cadeia sem fim" apparecidos, se bem me recordo, na Exposição Universal de Paris, em 1889. Em 1912 construiu nos sertões dos Parecis, um aparelho semelhante, mas de largas sapatas, que aplicou aos caminhões automoveis.

E o primeiro "auto-chenille", o primeiro "tank", o primeiro "caterpillar" rodou anonimo, hoje talvez deslebrado de suas testemunhas, até agora ignorado do resto do mundo, varando o chapadão, do Jurueña ao Sipotuba, no coração do Brasil.

Eram os "tacos do Amarante" as sapatas de madeira que em 1912 faziam o milagre atualmente reproduzido no Saára, pela Missão Citroen.

O nosso engenheiro, mais tarde, por falta de meios, abandonou as suas pesquisas, veiu a guerra; o que ele fizera, em 1912, com pedaços de madeira, os "tanks" ampliavam, em 1918, providos de chapas de aço. O seu grande sonho de progresso, estava sendo praticado por gente possuidora de outros recursos, em outras terras, gente animada pela furia de vencer...

Amarante morreu, ha cerca de um mês, lá longe, perto dos indios, perto das florestas, vitimado pela doença que é a fera pior deste continente. Ele não tinha nada do que, á primeira vista, distingue o homem naturalmente indicado para viver naquelas asperezas: era fino, era culto, era meigo. Amava o Brasil. Tinha diante dos olhos, á frente daquela empresa, um exemplo magnifico de energia e desinteresse no serviço de sua terra. Cumpriu o seu destino: o Brasil deve guardar o seu nome.

E. ROQUETTE-PINTO.

Aos que tentassem denegrir o seu sistema, daria agora Amarante uma resposta cabal:

Um automovel, com 1500 kgs. de carga, transitou perfeitamente em caminho de areia frouxa, de rampas fortissimas, fazendo 30 kms. em quatro horas de marcha.

*

E assim, no fim da minha excursão á Serra do Norte, tomei parte na inauguração de uma estrada nova, fornecendo ensejo a um moço brasileiro de demonstrar que estava resolvido, pelo seu esforço e talento, um problema capital para o desenvolvimento de muitas regiões da terra.

Pelas facilidades que Rondon me proporcionou, pela dedicação de Pyreneus de Souza, pela boa vontade de todos os companheiros daquela empresa sem par, pude realizar, em cerca de cinco meses, o que exigiria mais de um ano fóra de tais condições.

A rapidez no caminhar era, porém, a chave do sucesso; um dia perdido traria o comprometimento do regresso, a perda de coleções e documentos.

*

Ao Museu Nacional, além da grande coleção, unica, absolutamente inedita, foram entregues algumas dezenas de *clichés* etnograficos, de que as provas deste livro dão amostra, *filmes* cinematograficos, já exhibidos na conferencia que realizei na Biblioteca Nacional, em 15 de março de 1913, fichas antropologicas, e fonogramas com musicas dos indios e canções sertanejas.

Os resultados antropologicos e etnograficos da excursão ficam arquivados nas notas que aqui se encontram.

*

Não quero terminar a transcrição do meu caderno de viagem sem registrar algumas reflexões, ali exis-

tentes, sobre a situação social dos índios e dos sertanejos. Falando sem devaneios, nem brutalidades utilitárias.

*

Ha índios perfeitamente assimilados pela nossa modesta cultura brasileira do interior; esses estão fóra de questão. São, de fato, sertanejos. Trabalham, produzem, querem aprender. Não são mais *índios*.

Outros porém, infiltrados de maus costumes pelos seringueiros viciosos, naturalmente vadios, não podem e não devem ser contados como produtores. Protegidos, vivem como fôr possível.

*

Luiz Cintra, parecí da nossa confiança, roubava o que podia para vender a seringueiros; outro, o João Pinto, recebia roupas e facas para o trabalho, e dava a tudo o mesmo destino. Quando se lhe perguntava pelo facão, logo respondia:

— *Quebrou, mêmo.*

*

Nosso papel social deve ser simplesmente *proteger*, sem procurar *dirigir*, nem *aproveitar* essa gente. Não ha dois caminhos a seguir. Não devemos ter a preocupação de fazê-los cidadãos do Brasil. Todos entendem que *índio* é índio; *brasileiro* é brasileiro.

A nação deve ampará-los, e mesmo sustentá-los, assim como aceita, sem relutancia, o onus da manutenção dos menores abandonados ou indigentes e dos enfermos.

As crianças desvalidas e mesmo os alienados trabalham; mas a sociedade não os sustenta para aproveitar-se do seu esforço.

Além disso, temos, para com os índios, a *grande dívida*, contraída desde os tempos dos nossos maiores, que foram invadindo seu território, devastando sua caça, furtando o mel das suas matas, como ainda agora nós mesmos fazemos.

O direito é um só. Quem, a pretexto de civilizar, esmaga tribus e nações, que sempre viveram independentes, pratica política perigosa para si mesmo porque a moral dos conquistadores nunca teve outra razão. E o dominador de hoje poderá ser abatido amanhã, por um terceiro que invoque os mesmos principios.

Ainda mais. Quem pretender governá-los cairá no erro funesto e secular; na melhor das intenções, deturpará os índios. O programa será *proteger sem dirigir*, para não perturbar sua evolução espontanea.

Na economia nacional, do ponto de vista republicano, a questão indigena deve ser escriturada unicamente, nos livros da *Despesa*...

E, assim, dará lucro.

O sertanejo encontra, nos documentos de que procurei recheiar este trabalho, simples e sincero, a sua melhor defesa. A conquista da RONDONIA foi obra de sua abnegação, de seu talento, e da sua resistencia. Os milhares de kms. de estrada que lá se estendem, hão de figurar, nos mapas do Brasil, em traço largo, afirmando ao mundo o valor dos seus filhos.



NÃO se pôde ainda tentar a síntese definitiva da situação etnográfica dos aborígenes da Serra do Norte.

Mas, o que se apurou, nas páginas precedentes, permite, desde já, indicar pontos importantes da sua vida social, suficientes para marcar-lhes um posto definitivo entre os grupos humanos existentes, em estado natural, no território da Sul-América.

Que se mantiveram longe da ação europeia, não ha duvida. Martius, aliás, concluindo pela alta antiguidade dos aborígenes americanos, mostrava que a *idade da pedra* caracterizava as populações conservadas fóra daquela influencia.

E, se fosse possível reconhecer, no Brasil, os dois períodos clássicos (Paleolítico e Neolítico) caberiam no primeiro os Índios da Serra do Norte, cujos machados são toscamente lascados, e cuja cultura bem se aproxima daquela que se admite seja peculiar ao paleolítico (197).

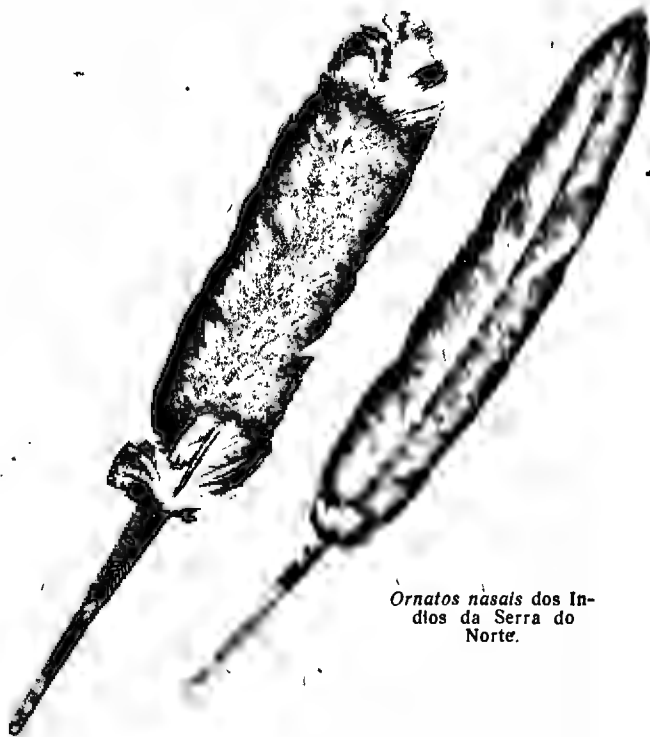
Sua antiguidade, naquela região, deve ser muito grande.

A' primeira vista, poderia parecer que os Nambikuáras fossem antigo ramo parci atrásado.

(197) Esquemáticamente, e em relação aos seus vizinhos, os nambikuáras lembram os paleolíticos; mas a sua cultura, com rudimentos de lavoura e de fiação, e com machados toscos mas de gume alisado, assimila-se mais aos aspectos proto-neolíticos ou do período de transição. A tendencia atual é para admitir no Novo Mundo, técnicas paleolíticas — p. ex., em Trenton, E. U. — e suas derivadas (R. Lopes — "Pontas de Silex Lascado no Brasil), mas não, uma formal superposição de períodos como na Europa. (R. L.).

O que sabemos, porém, de ambas as nações, quanto á antropologia, quanto á etnografia, no tocante á lingua, protesta contra a identificação.

Ha, todavia, sinais certos de influencia parecí na sua cultura. O primeiro é a casa *do feitio de forno*, que



Ornatos nasais dos Indios da Serra do Norte.

os Parecís de outrora construíam. Trata-se de uma importação no meio nambikuára; a casa primitiva dos habitantes da Serra do Norte é o *toldo de folhagens*, semelhante ao *Kijême* dos Botocudos (Windschirm, dos etnologos alemães), que bem recorda os *Wig-wam*, dos indios Norte-Americanos.

E se não foi dos Parecís que receberam a grande *casa-redonda*, foi então, de índios bolivianos.

*

Material que demonstra influencia exterior é o *penacho nasal*, que os Parecís de hoje não ostentam, e os de outróra não dispensavam, pelo testemunho de Antonio Pires; e também a *ocarina nasal*, que fazem vibrar de modo inhabil, como quem usa instrumento mal conhecido, cujos segredos ainda não descobriu.

A *flauta dupla*, parece ter sido trazida do Norte. Deve ser importação de Maués e Mandurucús, com os quais, conforme já se viu, os índios da Serra do Norte têm tido atritos sérios.

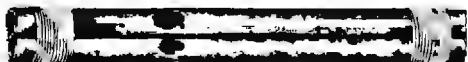


Fig. 70 — "Kaiguétazú" — Flauta dupla dos Índios da Serra do Norte.

O *trançado* que sua arte emprega, tem fórmulas positivamente características do Xingú (*Trumais* e *Nahukuas*); documenta relações que sua cultura elementar fazia supôr existissem entre eles e as tribus atrasadas daquele rio.

O *moquêm quadrangular*, fóra dos moldes usuais, é só empregado pelos grupos mais adiantados (*Tagnanis*, etc.); lembra o dos Javaés, tal qual o figurou Fr. Krause (198).

*

Bem parecidos com os dos Suiás, são os *enfeites de palha* dos Nambikuáras. Porém, muito mais que isso, prova relações entre eles, a semelhança das *linguas*. Porque não existe outro povo que fale dialeto

tão parecido com o dos Nambikuáras, quanto á morfologia dos vocabulos, apesar de serem, ainda assim, no resto, bem diferentes os dois idiomas.

*

Interessante é a aproximação espontanea que se estabelece entre duas tribus distantes e igualmente primitivas, como são os *Guaiakis* do Paraguai e os Nambikuáras da Serra do Norte, pelo uso do *capacete de couro de onça*.

Todavia, creio antes estes o hajam copiado de seus vizinhos Kaiabis, do rio Paranatinga, os quais se cobrem com elmos do mesmo material.

*

A *ignorancia do cachimbo*, objeto muito encontrado nos *mounds* norte-americanos e nos *sambaquis* do Brasil, bem como a da *bananeira*, mostra quão velhos são, naquela Serra, os Nambikuáras.

*

Que o grupo Gé-Botocudo seja um dos mais antigos representantes da gentilidade Sul-Americana, hoje não se discute mais (199).

Sobre ligações desse grupo, porém, com os outros que se têm isolado, desde a chave de von Martius até as

(199) Todas as descobertas de material humano osseo ou de qualquer outra natureza que pretenderam determinar a existencia de um homem fossil americano não resistiram a uma critica seria. Embora admitindo com Boule ("Les Hommes Fossiles") — muito menos exigente do que Hrdlicka ("Early Man in North America" e "Early Man in South America", Bureau of American Ethnology) que esses achados atinjam o fim do plioceno, serão ainda muito mais recentes que os do Velho Mundo onde se encontram restos humanos desde o inicio do quaternario.

Por esse motivo e por não apresentarem os cranios considerados mais antigos na America caracteres de diferenciação dos cranios dos atuais indigenas não se pôde firmar a teoria do autoctonismo do homem americano. Assim, teria ele, pois, emigrado de outros continentes, em ondas sucessivas.

Da Asia, provavelmente pelo estreito de Bhering, deve ter chegado a maior massa de povoadores, sendo que Hrdlicka é hoje o mais ardente

modernas investigações de Rivet, Koch-Gruenberg e outros, ha muito que indagar. Tenho para mim que o problema etnológico mais interessante do Brasil indigena, deixando á margem questões insolucis, é a ligação dos grupos entre si, a filiação das diferentes culturas que apresentam.

E' fóra de duvida, para mim, que os grupos linguísticos correspondem a tipos de civilização ascen-

defensor dessa ideia ("The Genesis of the American Indian", XIX Congr. Am., Washington, 1915).

Sauvageot ("Eskimo et Ouralien" — Journ. Soc. Am., Paris, tomo XVI, 1924) estabeleceu o parentesco linguístico dos Esquimós com os Finngrianos.

• • •

Rivet ("L'Anthropologie", 1925) fazendo pesquisas comparativas, no terreno da antropologia física, da etnografia e da linguística (em seguimento ás observações levadas a efeito pelo P. Schmidt e por Graebner, quanto a relações malaio-polinesias americanas) arrojou uma série de concordancias entre grupos indigenas americanos, de um lado, e malaio-polinesios (abrangendo civilizações indonesia, melanesia e polinesia) e australianas, de outro.

Já De Quatrefages havia apontado semelhanças entre crânios da Nova-Guiné e da Lagoa Santa. Ten Kate reconheceu a existencia desse mesmo tipo craniano entre indios da California e ilhas da costa adjacente.

A concordancia entre varios fatos etnográficos generalizados ainda e mais eloquente: por exemplo, entre tantos, a cabeça trofeu, o remo com cabo em forma de mulaeta, o propulsor de flechas, as mutilações de dentes, a trepanação, etc., etc.,

No terreno linguístico, as aproximações se apresentaram até agora, em extensões geograficas mais limites. Mas de cem palavras de linguas malaio-extensões geograficas mais limitadas. Mais de cem palavras de linguas malaio-polinesias foram reconhecidas no Hoka costa do Pacifico, desde o Oregon até o Istmo de Tehuantepec).

A penetração malaio-polinesia parece ter se realizado em diferentes ocasiões e provavelmente pelo Pacifico, o que se explica facilmente, dado o desenvolvimento da navegação dessa gente.

• • •

A varios crânios Patagões, Ona, etc., têm sido apontadas semelhanças com crânios australianos (Topinard, Verneau, Lebzelter).

As concordancias etnográficas são menos numerosas aqui. Existe, entre outras, uma particularmente interessante de se anotar neste livro: a identidade absoluta do machado australiano e do Nambikuára, tipo que também é comum aos Huari de Nordenskjöld.

Com relação ás linguas, é notavel que todas as poucas palavras que são comuns á quasi totalidade de dialetos australianos se encontram também na Família Tchon (Patagões e Fueguinos). As outras concordancias linguísticas relacionam mais esta lingua com o australiano da metade oriental do continente.

Os recentes estudos citados identificaram, pois, quatro elementos de outros continentes que concorreram para o povoamento do Novo-Mundo.

(H. A. T.).

dente, embora quasi sempre mal caracterizados, pelas interferencias perturbadoras estranhas; e poderiam ter resultado, em parte, da evolução gradual de uma cultura primitiva, dominante na raça *Paleamericana*, de De Quatrefages.

Na Serra do Norte foi surprehendido, pela nossa civilização, um povo de *cultura Gé*, evoluindo para a *cultura Nu-Aruak*, cujos pródromos apenas havia atingido.

*

Resumindo tudo quanto apurámos em relação áquela gente, podemos formular algumas proposições documentadas neste trabalho:

I. Os Indios da Serra do Norte foram descobertos pelas Expedições Rondon, a partir de 1907, no vale do Juruena, e depois em toda a Cordilheira.

Até então só se possuíam vagas noticias deles; as primeiras datam de 1718.

II. Todos os nomes que lhes davam seus vizinhos, todas as denominações recolhidas por viajantes e sertanejos são absolutamente estranhas á sua lingua. Um certo grupo será provavelmente identificado aos chamados *Tapanhúnas*, ou *Tapaiúnas*, de que falam alguns autores, como se fossem mocambos de negros africanos involuidos. Convem conservar-lhes o nome geral *Nambikuáras*, para evitar futuras confusões.

III. Todos os Indios da Serra do Norte viviam, até agora, em plena *idade* litica, usando machados de pedra mal polida, facas de madeira, ignorando a navegação, dormindo diretamente sobre o sólo, ignorando a fabricação da ceramica, e a rêde de dormir.

A ceramica, mui grosseira, de que usam, é obtida de tribus vizinhas, por conquista, ou por troca. Até hoje, apesar de um contacto de mais de cinco anos, ninguem ainda os viu fabricar peças ceramicas.

IV. Permaneciam, quasi, em absoluta segregação; muitos ainda não tinham visto homens de raça branca, ou negra.

V. Vivem em grupos isolados, falando dialetos da mesma lingua, em via de diferenciação. Os vocabulos que designam as principais regiões do corpo humano, de acôrdo com verificações realizadas, de ha muito, entre o geral dos indios, são os que mais difficilmente obedecem ao processo de diferenciação morfologica.

VI. Esses grupos não se acham no mesmo gráu de desenvolvimento de cultura. Os que habitam o vale do Juruena são os mais atrasados: são menos sociaveis, mais aggressivos; constroem casas rudimentares; não usam o moquem; não têm chefes permanentes. Os que vivem no extremo da Serra do Norte já atingiram civilização acentuadamente mais elevada, que se revela na sua arte e nos seus costumes sociais.

VII. De todos os grupos linguisticos da America, aquele em que mais facilmente se podem incluir os indios da Serra do Norte, é o *Gé-Botocudo*. As linguas, cujos caracteristicos maiores semelhanças oferecem com o seu idioma, são o dialeto dos Suiás, do Xingú, descobertos em 1884 pela expedição Karl von den Steinen e o dos Karajás do Araguaia.

Uma outra lingua, todavia, em que se póde encontrar semelhança com os dialetos da Serra do Norte é o *Kiriri*.

VIII. Além de afinidades linguisticas, os indios da Serra do Norte apresentam caracteristicos etnograficos peculiares ás tribus *Gé-Botocudas*, raramente encontrados entre indios de outros grupos: ignorancia da rêde, da navegação, ausencia de ceramica, toldos de folhagem, etc. (200).

Sendo assim, os Indios da Serra do Norte — (Nambikuáras) — continuam para oeste a cadeia dos

(200) Traços tais de atraso cultural tambem se encontram em varias tribus do Chaco (Nordenskjöld) e mesmo da mata amazonica.

povos Gés, cujos representantes mais ocidentais, até agora conhecidos, eram os Sauíás.

IX. Vizinhos dos Parecís durante seculos, os Nambikuáras quasi não sofreram a influencia desses indios. As duas culturas evoluíam até 'agora, lado á lado, em graus diversos de adiantamento, com poucas reações mutuas.

X. A agricultura surgiu temporã, na população da Serra do Norte; o fato parece derivar das solicitações do meio geografico. E' quasi certo, todavia, que o surto dessa industria foi condicionado por influencias estranhas, ainda não conhecidas, por meio das quais obtiveram os indios o material necessario, visto como não se encontram entre eles senão as mesmas especies cultivadas pelos seus companheiros de *habitat*.

XI. Do ponto de vista antropologico, os indios da Serra do Norte são absolutamente inconfundiveis com os seus vizinhos. Dos indios americanos os que mais se aproximam deles, pelos caracteres anatomicos, são os *Nu-Aruaks*.

XII. Os indios da Serra do Norte são atacados por uma dermatose especial, diferente do purú-purú, que seus vizinhos não conhecem. Essa molestia, *Baanêcê-dútú*, cuja existencia ficou bem documentada em lugar competente deste trabalho, ainda não pôde ser etiologicamente classificada. E', provavelmente, uma variedade de *tinea imbricata*.



Piolho dos Indios da Serra do Norte.

XIII. Seus parasitas principais são sifonapteros, (bicho do pé) (201), suposto originario da Africa, mas, positivamente, especie da America intertropical, e hemipteros do genero *pediculus* *P. humanus*, encontrados em todas as populações

da terra. Talvez mereça, este inseto, pelo seu tamanho, ser considerado *variedade* (202).

XIV. Os índios da Serra do Norte parecem ter chegado ao coração da America do Sul em época mui remota.

XV. Sua arte plumaria é pobre. Apenas se inicia. Sua musica demonstra uma elaboração bem adiantada. Seus desenhos — (lineares, poligonais, circulares) — são regularmente executados; fórmulas vivas, só desenhem de alguns animais: saurios, ofidios (estilizados).

XVI. Da antropofagia parecem existir, entre eles, vivas reminiscencias, se é que a não praticam mais.

XVII. Sua religião é um fetichismo panteista, nos grupos mais atrasados; nos mais adiantados, ha sinais de nascente astrolatria.

XVIII. Qualquer que seja a situação em que estudos ulteriores possam colocar os índios da Serra do Norte, seu encontro naquella região, e naquêle estado de cultura, veiu alterar profundamente o que se admitia como certo na etnografia indigena do Brasil.

XIX. Se forem definitivamente incluídos entre os *Gé*, tornar-se-á difficil admitir, por mais tempo, a origem oriental, ou litoreana, desse grupo (203).

(202) A idéia que as raças humanas apresentam variedades proprias de piolhos é bastante antiga, tendo sido manifestada pela primeira vez no começo do seculo passado, quando Fabricius chamou de *Pediculus negritarum* aos parasitos dos negros africanos. De 1915 a 1926 esta suposição adquiriu maior vulto com a publicação dos trabalhos de Fahrenholz e Ewing, onde os nomes *P. capitis angustus*, *P. capitis marginatus*, *P. humanus chinensis* e *P. humanus americanus* figuram para designar variedades encontradas em chins, japoneses e numa india do Perú. Não seria, porém, facil a um especialista que considerasse a deficiencia dos meios de exame ao alcance de Fabricius e julgasse criteriosamente o valor das differenças apontadas pelos autores citados, admitir as conclusões a que chegaram. Faltava, entretanto, a prova em contrario para um juizo absolutamente seguro, prova esta que acaba de ser annunciada pelo Prof. Ferris, da Universidade de Stanford.

Contudo o exame dos especimens colhidos sobre Nhambiquaras, na época em que não tinham contacto com o homem civilizado, não apresenta menor interesse, como confirmação ao resultado das pesquisas de Ferris.

FABIO LEONI WERNECK.

(203) Vide notas ns. 167 e 168.

XX. Se forem colocados no grupo *Aruak*, mais importantes ainda serão as consequências de sua descoberta, visto como, pela teoria de von de Steinen a região de origem de um povo é aquela em que se encontram seus representantes em cultura mais atrasada.

XXI. A migração dos Nu-Aruaks, neste caso, deveria ter sido realizada — de sul a norte —, ao inverso do que pretende a etnologia classica da Sul-America.

XXII. Possuindo caracteristicos antropologicos proximos dos *Aruaks*, falando idioma isolado, tendo traços etnograficos apresentados pelos *Gé*, os indios da Serra do Norte documentam a realidade de um fato *antropogeografico* importante, já suspeitado desde a exploração do Xingú.

Foi no grande planalto do Brasil que se iniciou o trabalho de diferenciação ethnica sul-americana.

Tabelas Antropométricas e Fonogramas



Índios Parecís-Kozárinis

ANTROPOMETRIA

	N O M E S					Média
	Namon-Suratiá	Sôcôce	Zolui-macê	Sukiú Azarê	Kamáizaloçú	
Estatura . . .	1,57	1,49	1,56	1,62	1,51	1m.,55
Grande abertura	1,64	1,51	1,54	1,64	1,57	1m.,58
Circunf. torácica	0,82	0,81	0,86	0,85	0,81	0m.,83
CABEÇA :						
Occipito-frontal	0,182	0,167	0,182	0,184	0,169	0,176
Transverso . .	0,147	0,143	0,143	0,145	0,145	0,144
Frontal mínimo	0,095	0,092	0,104	0,101	0,092	0,096
Bi-zigomático .	0,138	0,132	0,133	0,154	0,133	0,134
Bi-gonion . . .	0,099	0,101	0,105	0,102	0,099	0,100
Naso-mentoneiro	0,119	0,119	0,126	0,116	0,114	0,118
Naso-bucal . .	0,076	0,073	0,078	0,075	0,078	0,076
Naso-alveolar .	0,072	0,070	0,076	0,073	0,075	0,073
NARIZ :						
Altura	0,056	0,051	0,054	0,053	0,054	0,053
Largura	0,041	0,051	0,037	0,034	0,041	0,038
Saliência . . .	0,018	0,016	0,017	0,015	0,019	0,017
OLHOS :						
Bi-palpebral ext.	0,089	0,091	0,092	0,095	0,085	0,090
Bi-palpebral int.	0,031	0,033	0,034	0,035	0,032	0,033
ORELHA DIREITA						
Comprimento .	0,058	0,057	0,056	0,056	0,063	0,058
Largura	0,041	0,034	0,031	0,030	0,034	0,034

(Continúa)

(Continuação)

	N O M E S					
	Namon-Suratiá	Sôcôce	Zolui-macê	Sukiú-Azarê	Kamái-zaloçú	Média
	Côvado esquerdo	0,44	0,42	0,42	0,43	0,48
Médio esquerdo	0,10	0,08	0,10	0,10	0,09	0,09
Índice cefálico	—	—	—	—	—	81,8
Índice nasal	—	—	—	—	—	71,7
Dinamometro : (mão direita)	28K.	23K.	26K.	23K.	24K.	24

INDIOS PARECIS

(RETRATO FALADO)

		Namon-Suratiá	Sôcôce	Zolui-macê	Sukiú-Azarê	Kamái-zaloçú	
Fronte	Inclinação	V	V	V	I	V	
	Altura	P	$\frac{P}{P}$	$\frac{P}{P}$	$\frac{P}{P}$	$\frac{P}{P}$	
	Largura	P	$\frac{P}{P}$	$\frac{P}{P}$	$\frac{P}{P}$	$\frac{P}{P}$	
Nariz	Prf. da raiz	P	$\frac{P}{P}$	P	P	P	
	Dorso	Vex	R	Vex	Vex	Vex	
	Base	Ab	H	Ab	Ab	Ab	
	Altura	G	G	G	P	G	
	Saliencia	G	P	P	P	P	
	Largura	G	$\frac{G}{G}$	$\frac{G}{G}$	G	$\frac{G}{G}$	
Orelha	Helix	Origem	P	P	P	G	
		Superior	$\frac{G}{G}$	P	$\frac{P}{P}$	G	G
		Posterior	$\frac{P}{P}$	$\frac{P}{P}$	$\frac{P}{P}$	G	$\frac{P}{P}$
	Lóbulo	Contorno	Q	D	Q	D	Q
		Aderencia	S	S	S	S	F
		Tamanho	G	G	G	$\frac{P}{P}$	$\frac{G}{G}$
	Anti-tragus	Inclinação	H	B	H	B	B
		Tamanho	P	$\frac{P}{P}$	G	P	G
	Pavilhão	Ov	Ov	Ov	Ov	Ov	

TIPO ANTROPOLOGICO DOS INDIOS PARECIS

(DETERMINADO PELO METODO DO RETRATO FALADO)

Fronte	{ Inclinação : Vertical 80%. Intermediaria 20%. Altura : Muito pequena, 80%. Pequena 20%. Largura : Muito pequena 80%. Pequena 20%.	
Nariz	{ Profundidade da raiz : Pequena 60%. Muito pequena 40%. Dorso : Convexo 80%. Rectilineo 20%. Base : Abaixada 80%. Horizontal 20%. Altura : Grande 80%. Pequena 20%. Saliencia : Pequena 80%. Grande 20%. Largura : Grande 80%. Pequena 20%.	
Orelha	Helix	{ Origem : Pequena 40%. Muito pequena 40%. Grande 20%. Superior : Grande 40%. Muito grande 20%. Pequena 20%. Muito pequena 20%. Posterior : Muito pequena 80%. Grande 20%.
	Lóbulo	{ Contorno : Descendente 40%. Quadrado 60%. Aderencia : Separado 80%. Fundido 20%. Tamanho : Grande 40%. Muito grande 40%. Muito pequeno 20%.
	Anti-tragus	{ Inclinação : Horizontal 40%. Obliquo 60%. Tamanho : Pequeno 40%. Grande 40%. Muito pequeno 20%.
	Forma oval 100%.	

NAMBIKUÁRAS

(QUADRO C)

MULHERES

NUMERO DA FICHA	1	2	3	4	5	6	7	Média
Altura total	1,43	1,44	1,47	1,45	1,52	1,45	1,55	1,47
PELVIMETRIA :								
Bi-espinha	0,22	0,22	0,23	0,21	0,21	0,21	0,21	0,21
Bi-crista	0,24	0,23	0,24	0,23	0,23	0,23	0,25	0,23
Bi-trocanter	0,26	0,26	0,26	0,25	0,26	0,26	0,28	0,26
Sacro-pubiano ext.	0,17	0,18	0,17	0,17	0,16	0,17	0,19	0,17

RETRATO FALADO

FICHA	1	2	3	4	5	6	7
FRONTE :							
Inclinação	v	v	v	v	v	v	vpg
Altura	p	p	p	p	p	p	p
Largura	p	p	p	p	p	p	g
NARIZ :							
Profundidade da raiz	p	p	p	p	p	p	p
Dorso	r	r	vex	r	r	r	r
Base	ab	p	ab	h	h	h	ab
Altura	p	p	p	p	p	p	<u>p</u>
Saliencia	p	p	p	p	<u>p</u>	p	<u>p</u>
Largura	p	p	p	g	<u>g</u>	g	p
ORELHA :							
Helix	Origem	p	p	p	g	g	p
	Superior	g	p	g	<u>g</u>	p	p
	Posterior	p	<u>p</u>	p	p	p	<u>p</u>
Lóbulo	Contorno	q	q	q	q	q	d
	Aderencia	f	f	s	f	f	f
	Tamanho	p	g	p	p	p	p
Anti-tragus	Inclinação	h	h	h	b	h	b
	Tamanho	p	p	p	p	p	g
Pavilhão	o	o	o	o	o	o	o

**TIPO ANTROPOLOGICO DOS INDIOS DA SERRA
DO NORTE**

(Nambikuáras)

DETERMINADO PELO METODO DO RETRATO FALADO

Fronte :

INCLINAÇÃO — Vertical 80%; Fugidia 20%.

ALTURA — Pequena 72%; Média 12%; Grande 16%.

LARGURA — Pequena 80%; Grande 16%; Média 4%.

Nariz :

PROFUNDIDADE DA RAIZ — Grande 56%; Pequena 33%;
Média 11%.

DORSO — Rectilíneo 44%; Convexo 56%.

BASE — Abaixada 45%; Horizontal 50%; Levantada 5%.

ALTURA — Grande 50%; Média 11%; Pequena 39%.

SALIENCIA — Grande 22%; Pequena 78%.

LARGURA — Grande 99%; Média 1%.

Orelha :

HELIX (Origem) — Grande 44%; Pequena 56%.

HELIX SUPERIOR — Grande 44%; Pequena 56%.

HELIX POSTERIOR — Grande 5%; Pequena 95%.

LOBULO — Contorno — Quadrado 78%; Descendente 22%.

ADERENCIA — Fundido 100%.

TAMANHO — Grande 33,5%; Pequena 66,5%.

ANTITRAGUS — Inclinação: Horizontal 44,5%; Obli-
quo 55,5%.

PAVILHÃO — Quadrangular 11%; Oval 89%.

FORMULAS DACTILOSOPICAS DOS INDIOS NAMBIKUÁRAS

HOMENS

Ficha n. 1 . . . { V. 4333 V. 4222	Ficha n. 10 . . . { I. 2242 E. 4333
Ficha n. 2 . . . { V. 4333 V. 3222	Ficha n. 11 . . . { V. 4444 V. 4444
Ficha n. 3 . . . { V. 4343 V. 4222	Ficha n. 12 . . . { V. 4343 V. 4242
Ficha n. 4 . . . { V. 4333 V. 4222	Ficha n. 13 . . . { V. 4444 E. 4444
Ficha n. 5 . . . { V. 4444 V. 4442	Ficha n. 14 . . . { V. 3333 V. 2222
Ficha n. 6 . . . { V. 4344 V. 4244	Ficha n. 15 . . . { V. 3333 V. 2242
Ficha n. 7 . . . { V. 4444 V. 4444	Ficha n. 16 . . . { V. 3344 V. 2244
Ficha n. 8 . . . { V. 4344 V. 4244	Ficha n. 17 . . . { V. 3344 V. 4244
Ficha n. 9 . . . { V. 4335 V. 4242	Ficha n. 18 . . . { V. 4444 V. 4444

MULHERES

Ficha n. 1 . . . { V. 4443 V. 4442	Ficha n. 4 . . . { V. 3343 V. 4242
Ficha n. 2 . . . { E. 4333 V. 4242	Ficha n. 5 . . . { V. 4343 V. 4344
Ficha n. 3 . . . { V. 4443 V. 4242	Ficha n. 6 . . . { V. 4444 I. 4444
Ficha n. 7 . . .	{ V. 3343 V. 2222

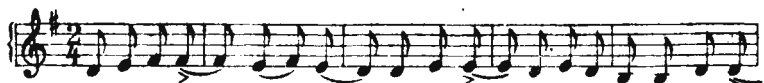
OBSERVAÇÕES ANTROPOLOGICAS

(E H R E N R E I C H)

Individuos vivos

	H.	M.	SOMA	NUMERO DE OBSERVAÇÕES COMPLETAS	
				H.	M.
TRIBUS DO XINGU					
Bakairi	10	6	16	10	6
Nahuquá	15	12	27	5	1
{ Karaibas }					
Auetô	14	2	16	4	2
Kamaiurá	14	4	18	4	—
{ Tupís }					
Mehinaku	6	6	12	6	—
Vaurá	1	1	2	1	1
{ Aruaks }					
Trumai	8	—	8	1	—
Alófilo: (203)					
TRIBUS DE MATTO-GROSSO:					
Parecí	9	3	12	9	3
Borôro	20	6	26	20	6
Aruaks					
Alófilos					
TRIBUS DO ARAGUAIA:					
Karajá	12	9	21	12	8
Alófilos (203)					
Kaiapó	5	2	7	5	2
Cherente (Akuá)	1	—	1	1	—
{ Gés }					
TRIBUS DO CHACO:					
Toba	1	—	1	1	—
Mataco	1	—	1	1	—
TRIBUS DO PERÚS:					
Paumari	3	—	3	—	—
Iamamadi	4	—	4	4	—
Ipurinã	8	1	9	2	—
{ Aruaks }					
Soma	132	52	184	—	—

(203) E. Roquette-Pinto — *Etnografia Indígena do Brasil* — 4.º Congresso Médico Latino-Americano — Rio, 1909.



han ti_a han No hin ô_ko_rê u_ku.man u i_zo nê



ne teu a_kui_a_lau.ã ka ma_la_lô ah ah



ah ah ah ah eh ah ah



ah ah Ni_a_ha_Ká no hin ê Ka



ma_la_lô Mo ti a_ça i á A



ri_ti... Q ka_ne_tiô ah ah ah



ah Ko za_ki tá ko_lo_hon u_ni_tá



ne_tê u Ni_ha_ká A ka tá rê



ka re_rê ah ah

FONOGRAMA 14.596

(INDIOS PARECÍS)

Mod^{to}

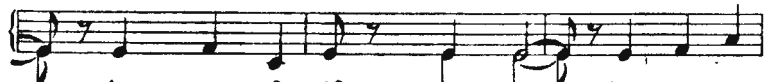
The musical score is written for piano and consists of five systems of two staves each. The key signature is D major (two sharps) and the time signature is 2/4. The first system is marked *Mod^{to}*. The notation includes various rhythmic patterns, such as eighth and sixteenth notes, and rests. There are some markings 'ih' in the fourth system, which likely refer to fingerings or articulation. The score ends with a double bar line.

FONOGRAMA 14.597

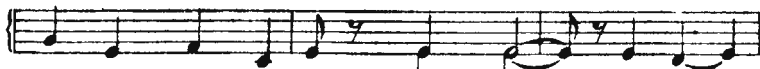
(INDIOS PARECÍS)



No - za - ni ná ô - re - ku - á ku - á....



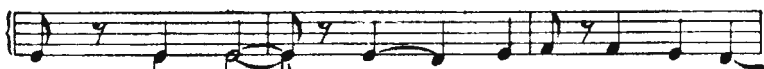
... ka - za ê - tê ê - tê..... No - za - ni



na - ô - re - ku - á ku - á..... No - za -



ni no - te - ra - han ra - han O lo - ni -



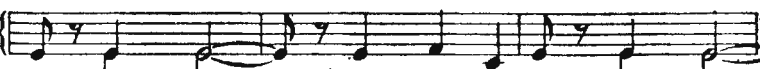
ti ni - ti..... No - te - ra - han Ko - ze - to -



zá to - zá No - te - rá - te - rá.....



Ke - na - ki - á ki - á..... Ne - ê e -



ná ê - ná U - á - la - lô la - lô....



... gi - ra - ha - lô ha - lô.....

FONOGRAMA 14.598

(INDIOS PARECÍS)

Lento

pp sf pp pp sf pp DC

The piano accompaniment consists of two systems of grand staff notation (treble and bass clefs). The tempo is marked 'Lento'. The music features a melodic line in the right hand and a harmonic line in the left hand. Dynamics include piano (p), pianissimo (pp), and sforzando (sf). The piece concludes with a double bar line and the marking 'DC'.

TEIRU'

(INDIOS PARECÍS)

Ua_i - ê au - tié ha - rê - nê - zê za - lô - Ka -
 rê uê - rô - rê - tô A - mô - ki - tié ta - no - han . .
 Nü - i - tá ti - á - ha - za - kô
 Ta - hã - re ka - lô - rê meu -
 cê Uai na - za - rê Uai - te kô
 ah

The vocal melody is written in a single system of five staves in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The lyrics are written below the notes. The piece ends with a double bar line and the marking 'DC'.

RONDONIA

333

FONOGRAMA 14.599

(INDIOS DA SERRA DO NORTE)

A musical score for the piece 'Rondonia' (Fonograma 14.599), titled '(Indios da Serra do Norte)'. The score is written on ten staves in a single system. The first staff begins with a treble clef, a 2/4 time signature, and a key signature of one flat (B-flat). The music consists of a sequence of eighth and sixteenth notes, with some rests and a final fermata. The notation is clear and legible, typical of a printed musical score.

FONOGRAMA 14.602

(INDIOS PARECÍS)

Moderato

Musical score for 'INDIOS PARECÍS'. It consists of four staves of music. The first staff is in treble clef with a key signature of two sharps (F# and C#) and a 2/4 time signature. The melody is written on a single staff. The subsequent three staves are in bass clef and appear to be accompaniment or a lower register of the same melody.

FONOGRAMA 14.600

(INDIOS DA SERRA DO NORTE)

Musical score for 'INDIOS DA SERRA DO NORTE'. It consists of four staves of music. The first staff is in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody is written on a single staff. The subsequent three staves are in bass clef and appear to be accompaniment or a lower register of the same melody. Lyrics are written below the first two staves.

Hai gue - ta - zá gue - ta - zá gue - ta -
 zá gue - ta. - zá!..... ..

Hai gue - ta - zá gue - ta - zá gue - ta -
 zá gue - ta - zá eh.....

FIM

FONOGRAMA 14.607

(INDIOS PARECÍ)



FONOGRAMA 14.608

(SERTANEJOS CUIABANOS)

Oh! dan! dan! Oh! dan! dan! Eu hei -

de mor-rê can-tan-do a-gar-ra-do no meu cô-tcho

Quan-do me vê-re cho-ran-do, me-ni-na é...

meu a-mô-que vae s'im-bo-ra...

RONDONIA

337

FONOGRAMA 14.609
(SERTANEJOS CUIABANOS)

Dão! dão! dão! O que ô - ro não ar - ru - ma, não tem

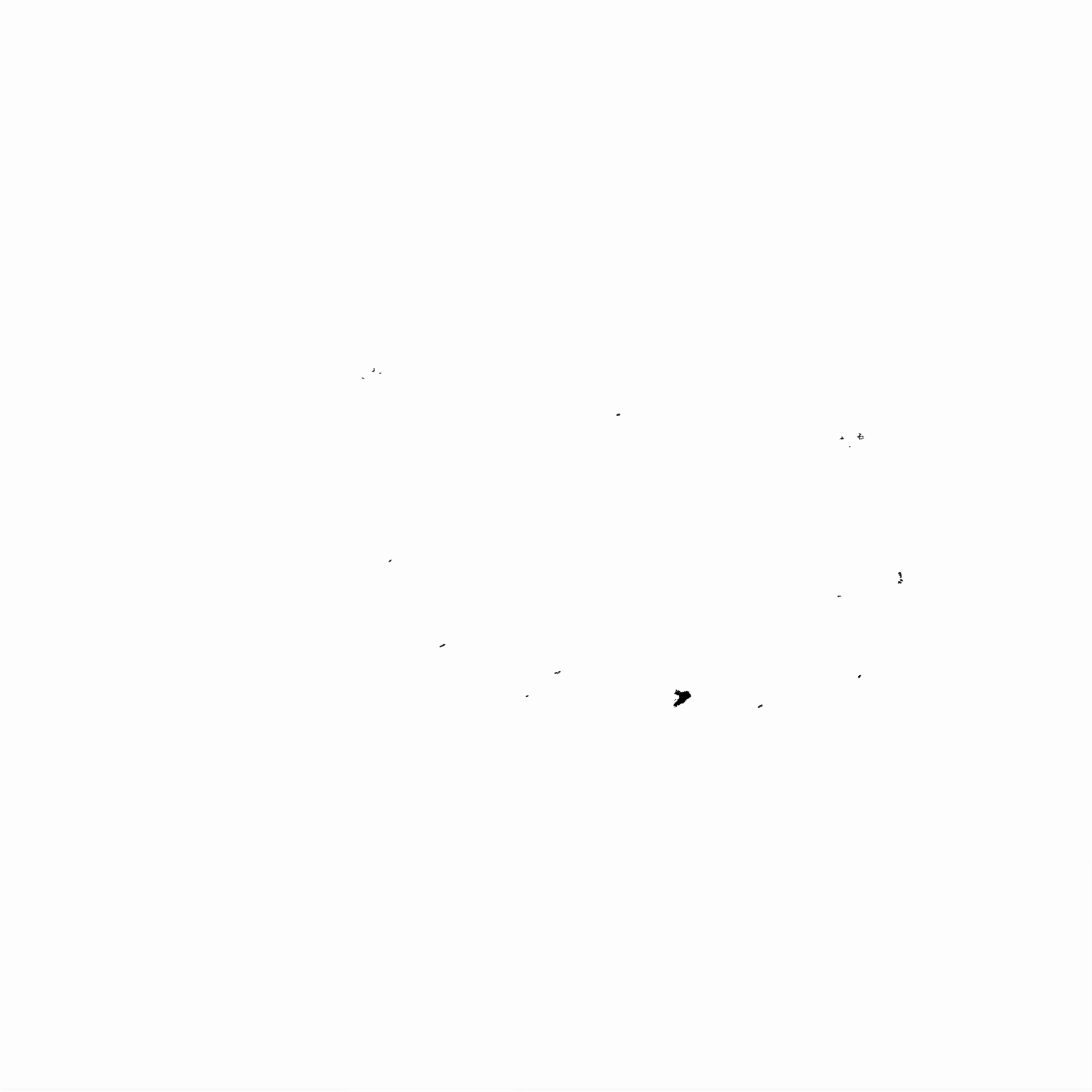
mais ar - ru - ma ção... A - le - crim a bef - ra d'ê - gua, Man - ge -

ro - na d'ou - tra ban - da, é si - gná de que - rê bem. DC

FONOGRAMA 14.610
(SERTANEJOS CUIABANOS)

DC

VOCABULARIOS



Vocabulário Arití (Parecí)

A

Abano — Kuái.
 Abelha — Uaidê-hokô.
 Apeus — Ari-inánateu (eu francês).
 Água — Oné.
 Agulha de pau para arrematar o imiti — Kaminhin.
 Agulha de pau para tecer o imiti — Umatitocê.
 Aldeia — Nauênakari.
 Alegre — Numázalotá.
 Algodão — Konôhê.
 Algodão do campo — Oluiiri.
 Almôcega — Zaritaçü.
 Alto — Uaházêzê.
 Amarelo — Uxikêrê.
 Amanhã — Makáni.
 Amendoim — Uaiacê.
 Amigo — Nohinauê.
 Ananás bravo — Kon-haló.
 Andar — Ikatümani.
 Anjo do campo — Mahára.
 Anta — Kotui.
 Anzol — Mairátuati.
 Apagar — Heuaká.
 Arame de pescar — Alame-toerê.
 Arara amarela — Tihô-ê.
 Arara una — Kakirinarê.
 Arara vermelha — Kolô.
 Aracuan — Malátezôterê.
 Araruta — Zalauí.

Araticum de árvore — Alohen.
 Arco — Korê-ôkô.
 Arco-iris — Zazori.
 Areia — Uaikohen.
 Arroz — Alôssô.
 Árvore — Kôlôhôn.
 Assim — Nikarê.
 Aurora — Zotiákiti.
 Avó — Abobê.
 Avô — Atiutú.
 Azul — Tiorêrê.

B

Baixo — Tiuka-hazêzê.
 Banhar-se — Nakuân.
 Bastante — Nikaretá (Uakatú).
 Bastante — Kahanzê.
 Bater — Namôkutiá.
 Batida (caminho feito pelo andar) — Narináutirá.
 Beber — Notrá.
 Bebida de milho — Uikazá.
 Bebida fermentada de mandioca — Oloniti.
 Beijú grande, assado no borralho — Suçukorê.
 Beijú (Kozáriní) — Zômo.
 Bexiga — Nozotenideakún.
 Boca — Nôkánaçü.
 Bom — Uaiê.
 Bom-dia (Kaxinití) — Uza-lauáká.

Bom-dia (Kozárin) —
Kamataú.
Bom-dia (Uaimaré) —
Uerauká.
Bonito (muito) —
Uaiê-halôcê.
Bonito — Uaiê-harê.
Borá (abelha) — Alátáguiri.
Borrachudo — Xiualô.
Bracelete feito com a cara-
paça do tatú — Iuêtonikôn.
Bracelete feito com a cauda
do tatú — Uatiçá.
Braço — Nôkanô.
Branco — Iomêrê.
Bravo — (zangado) —
Alixini.
Bugio — Alomê.

C

Cabaça — Matukú.
Cabaça (Chocalho, brinque-
do de criança) — Ualaçü.
Cabaça grande — Matokô.
Cabaça pequena —
Matokocê.
Cabeça — Nôçueri.
Cabelo de negro (arvore)
— Mitôcê.
Cabelo — Noçui.
Cabocla (arvore) — Alátén.
Caçador do campo —
Akiáakaitarê.
Caçador do mato — Zani-
konikarê.
Caçar no campo (Koz.) —
Kuatiá.
Caçar no mato (Koz.) —
Kakôniçá.
Cacete (Uaimaré antigo) —
Tihalô.
Cacete (Uaimaré moderno)
— Tiohun.
Caitetú — Auarliçü.
Cajú (Kozarini) — Zuvitiá.

Cajú (Uaimaré) — Zuitiá.
Calças — Okütitini.
Calor — Uáitiá.
Cambará amarelo — Zoto-
noteu (eu francês).
Caminho — Auti.
Camisa — Aritititini.
Campo — Maceu (eu
francês).
Cansado — Kakaiharê.
Cantar — Kaiuiná.
Capela — Iamaká.
Capitão do Campo (arvo-
re) — Takorê.
Cará — Haká.
Carvão vermelho (arvore)
— Zahin-olarê.
Carrapato — Koêrê.
Carretel — Konohi-inaçá.
Casa — Ati.
Cerebro — Nokaihi.
Cesta de carga — Kôhôn.
Cesta de carga — Kohôn-
Kichí.
Cesta para dança — Hôdzi.
Céu — Enokôá.
Chapéu — Xapepá.
Charravascal — Uatiá-
cezalô.
Chefe espiritual — Uti-ariti.
Chefe temporal — Ariti-
amúri.
Chegar — Kaukê-ená.
Chegar — Nôkauki.
Cheiroso — Airázôrô.
Chocalho feito de piqui, pa-
ra o tornozelo — Zózá.
Chover — Onêhená.
Chumbo — Kuruçü.
Chuva — Onê.
Chuva grande — Xevorezá.
Cinta de algodão —
Kônôkoá.
Cinta de contas (Kozárin)
— Kavalavití.
Cipó imbé — Matekê.
Clava de guerra — Tiavô.

Coatá — Uakánorê
 Cobra — Oi.
 Cocho para chicha —
 Kutiunaçu.
 Colar de contas (Koz.) —
 Ená-tatí.
 Comer — Naniça.
 Cometa — Zoraçu-Xahion.
 Conta (missanga) — Netatí.
 Conserva de mandioca —
 Kêtêhê.
 Coração (dele) — Maiháciti.
 Coração (meu) —
 Nômáihací.
 Coração de negro (arvore)
 Fakiri.
 Corda — Makáno.
 Correr — Natê-ená ou Ha-
 tê-êna.
 Cortar pau — Irikutiá-átia.
 Cotia — Kekêrê.
 Cozinheiro — Tiômitarê.
 Couro — Miri.
 Criança — Zuimã.
 Criança de peito — Ená-
 mőkôcê ♂
 Criança de peito — Uirô-
 mőkôcê ♀
 Cunhada (Koz.) — Nonãn.
 Cunhado (Koz.) — Nohãn.
 Cunhado (Uaimaré) —
 Notiáunerô.
 Cuia — Ichiça.
 Cupim — Munurl.
 Curicáca — Kotála.

D

Dar — Içônê.
 Dedo — Nôkahin-hin.
 Defluxo — Ximuzuatí.
 Deitar — Neukutuá.
 Deixar — Içaunitá.
 Dente — Naikuri.
 Doce — Aritiuiêrê.
 Doença — Aicitonê.

Doença (trauma) —
 Kauêakiti.
 Dôr de dentes — Aikuliti-
 kahen.
 Dormir — Içámaká.
 Dorso da mão — Nôcitarí.
 Dourado (peixe) — Ualá-
 korê.

E

Eis aí — Akó.
 Ele — Italá.
 Eles — Içôká.
 Ema — Aô.
 Entrar — Içuaná.
 Escudo de folhas para caçar
 — Zaiakúti.
 Esperar — Auxíra.
 Espingarda — Korenaçu.
 Estomago — Axiti.
 Eu — Natú (Nô).

F

Faca — Küçú.
 Facão — Küçú Kalorê.
 Faixa de carregar criança
 — Zamáta.
 Falar — Niauri.
 Farinha (Kaxinití) —
 Tiolohen.
 Farinha (Kozáriní) —
 Toloivê.
 Fazer rumo — Irikutihãg.
 Feiticeiro — Itihánarê.
 Feijão de vara — Kumatá-
 irú.
 Feijão pampa — Kumatá.
 Feijão preto — Kumatá-
 kierê.
 Feijão vermelho — Kumatá-
 zoterê.
 Festa grande — Kaufônená.
 Filho — Nitianí.
 Flauta nasal — Tsín-hali.

Flecha de ponta larga, de taquara — Uaihalá.

Flecha em geral — Korê.

Flecha para anta (Uaimaré) — Korekakoanihakákotuí.

Flecha para ave (Uaimaré) — Korekakoanihaká.

Flecha para aves (Koz.) — Kôrêkakoánihakini.

Flôr (Kozáriní) — Ivití.

Flôr (Uaimaré) — Hihivê.

Fogo — Irikatí.

Foice — Katáikorê.

Folha — Tianá.

Fome — Kairí.

Forte (valente) — Ikinátere (eu francês).

Frio — Tihalôhuihiê.

Fronte — Notiaurí.

Fruta de veado (arvore) — Kumá.

Fubá — Kozeto-hên.

Fumaça — Cimêrê.

Fumo — Adjie.

Fuso — —Tíirú.

G

Gafanhoto — Eritiahan.

Gafanhoto grande — Kachiçalá.

Galinha — Takuirá.

Galo — Takuirá-enarê.

Gelo (granizo) — lezô.

Gente — Tuitá.

Gostoso — Airazú.

Grande — Kalorê.

Gravata — Zauiuê.

Guapéva — Manakatá.

Guarirova do campo — Uakurí.

Guerreiro — Uahaarú.

H

Hoje — Uerauaká.

Homem — Ená.

I

Indaiá do campo — Karêke.

Inhambú — Maui-iussú.

Ir — Iantá.

Irmão — Nudzimarini.

J

Jaboticaba do cerrado — Xuaxi.

Jacarandátan — Anolê.

Jacucáca — Malate.

Jacutinga — Kozuí.

Jaguatirica — Xenicê.

Jandáia — Kuiri.

Jaó — Makukauá.

Jatobá do cerrado — Uatá.

Jatobá do mato — Ozari.

Jogo da bola — Mataná-Ariti.

K

Kágado — Uazúliatiá.

Katipé (arvore) — Uhiçá

L

Labio — Nôkerêu.

Lagarto — Zohôn.

Lagartixa — Kozohin.

Laranjeira do chapadão — Oluimá.

Lenha — Uičatí.

Levantar — Ainakuá.

Levar — Akolatiá.

Liga humeral — Kaláuatí.

Liga tibial de algodão (Koz.) — Itaiti ou Tahiti.

Liga tibial do algodão (Koz.) — Katiulatí.

Liga tibial de algodão (Uaimaré) — Katiulahin.

Liga tibio-tarsica de algodão — Kinorekuati.
 Liga tibio-tarsica com guizos de piquí — Zuzá.
 Língua — Nõniniçõ.
 Língua (idioma) — Niráuiní.
 Linha branca — Konohí-iomerê.
 Linha de pescar — Nõmarihí.
 Linha preta — Konohí-kierê.
 Linha vermelha — Konohí-izóterê.
 Lixinha (arvore) — Kaitáruçil.
 Lobo — Aozá.
 Lobinho — Uazalô.
 Longe — Cêcõ.
 Lua — Kaiê.
 Luz — Irikiétá.

M

Macaco — Haoteu (*eu* francês).
 Machado — Tauá.
 Machado de pedra — Ceharitaúá.
 Macuco — Mauíe.
 Madeira — A'tio.
 Mãe — Mamá ou amá.
 Mão — Nõkahin.
 Mandioca amarela — Tutiokauê.
 Mandioca brava — Ketê.
 Mangaba — Katiulá.
 Mangabeira brava — Atiúalanô.
 Marmelada do chapadão — Tahuliú.
 Mata-pasto — Alalá.
 Matar — Nihaká.
 Mato — Kõlõhõn.
 Medo — Tahirahã.
 Meio-dia — Tatáikúa.

Mel — Mahan.
 Mentira — Amancerá-itá.
 Milho branco — Kozêtoio-mêrê.
 Milho (Kaxinití) — Kõzõtõ.
 Milho (Uaimaré) — Kozêto.
 Mingau de mandioca — Katazeurê (*eu* francês).
 Mingau de milho — Kamulazá.
 Moça — Zuimáhaluti.
 Morro — Zaúna.
 Mosquito — Aniuti.
 Muito — Akaé.
 Muito — Kalõrê.
 Mulata ou garapa — Kulumáinarê.
 Mulher (Kaxinití) — Uirõ.
 Mulher (Uaimaré) — Zurirõ.
 Mutum — Auixí.

N

Nadar — Namazakuá-onê.
 Não — Maiçá.
 Nariz — Nõkuí.
 Neto — Nuxuiêtê.
 Noite — Makiá.
 Nora — Nozái.
 Nos — Uháinamá.
 Nós — Natütamákéê.
 Nuvem — Kaiminití.

O

Olho — Nõzõçü.
 Olho de boi — Onoê.
 Onça parda — Xenikazierê.
 Onça pintada — Xení.
 Onça preta — Kenikierê.
 Orelha — Nõtinihê.
 Ornato de algodão — Kõnokoá.

Ornato de penas de gavião
para a cabeça — Zaoîô.
Ornato de penas de tucano
para a cabeça — Kamáihinhokô.
Ouriço — Kôrihon.

P

Pacú pintado — Zútiaharê.
Padre — Utiariti.
Pai — Babá ou abá.
Paineira do chapadão —
Arê.
Palma da mão — Nokahim.
Paneiro — Tôhêri.
Pantano — Okozakuá.
Pão de morcego (arvore) —
Mauêkorê.
Pão doce (arvore) — Uialô.
Papagaio — Aôlô.
Para tudo (arvore) —
Tonokauê.
Pato — Oairô.
Pau de breu — Koremá.
Pau de bugre — Tonoetô.
Pau sêco — Inirá.
Pau terra — Kotinú.
Pé — Nokixi.
Pedra — Ceuhari (*eu*
francês).
Pedra canga — Süzári.
Perdiz — Kodjia.
Peito — Nôtikolá.
Peixe — Kuhaçu.
Peneira — Atoá.
Pena para o nariz — Kilia-
-kôcoti.
Pente — Alató.
Pequeno — Iniê.
Perna — Nohozü.
Perto — Naritá.
Pescoço — Nohiuô.
Piába — Ualakú.
Pimenta de macaco — Ko-
lôlôtiamarê.

Pingente de contas para as
orelhas (Koz.) — Tinivê-
-akolati.
Pinguela — Ihatianêzê.
Piqui — Kani.
Pium — Tiunûre.
Poeira — Kiî-iti.
Polvilho (Koz.) — Kenaiki.
Polvora — Korenê.
Pomba — Uatiazá.
Poncho — Kiarirô.
Pôr de sol — Kamáikuá.
Porco do mato — Ozeu
(*eu* francês).
Pouco — Inirá.
Preguiçoso — Imazarati.
Preto — Kierê ou Kiakáka.
Puxar — Noholôkônê.

Q

Que- — Suare?
Queixo — Nôkôlô.
Quina — Ahonlê.

R

Raio — Enoarê.
Rapaz — Zuiman-ariti
Receber — Otoká (?)
Rêde — Maká.
Remedio — Uairiati.
Retrato — Tihun-iukakalá.
Roça — Maceune (*eu*
francês).
Ruim — Maiçá-uaiázü.

S

Sabio — Uitamakêrê.
Saiote de algodão — Imiti.
Sair — Aikuatá.
Saracura do chapadão —
Maxálalagá.

Sariema — Koláta.
 Seputá do cerrado —
 Zamôriná.
 Ser supremo — Enorê.
 Seringueira — Uariçá.
 Sim (assentimento) —
 Hahan.
 Sogra — Nakêrô.
 Sogro — Kôkô.
 Sol — Kamái.
 Sono — Nemakí.
 Subir (ás arvores) — Ka-
 kuáhan.
 Sucupira branca, faveira —
 Uazánakahin.
 Sucupira preta — Azutü.
 Suspensórios de algodão pa-
 ra os órgãos genitais —
 — Sáiuesarati.

T

Tamanduá-bandeira —
 Tigorê.
 Tamanduá-mirim — Noríth
 (th inglês)
 Também — Tarahän.
 Tanajura — Kotahôn-on.
 Tapera — Itiá-menocê.
 Taquarinha — Korétá.
 Tarumarana — Ariuá.
 Tatú canastra — Malulá.
 Tatú cascudo (peludo) —
 Makuriçá.
 Terra — Uaikôen.
 Tia — Ekokê.

Tio — Kôkô.
 Tocanguira — Nâná.
 Tosse — Tonokoati.
 Tripa — Aiti-hin
 Triste — Uáini.
 Trovão — Onotálólôtá.

U

Urubú — Olohôn.
 Urucú — Ahité.

V

Vamos — Uailá ou Uaiá.
 Vão eles — Uaiiená.
 Veado catingueiro —
 Uaiadeu (eu francês).
 Veado do campo — Zotiáre.
 Veado mateiro — Zotiáre-
 -kuakêrê.
 Velho — Oiê.
 Veneno — Ihôzarê.
 Ver — Zamari.
 Verdade — Alágini.
 Verde — Tianá.
 Vermelho — Zotêrê.
 Vinhatico — Dahiolarê.
 Vir — Teuná (?)
 Você — Içô.
 Vomitar — Kiriakariceu (eu
 francês).
 Vou eu — Nozánita.

Vocabulário Nambikúára-Taitê

Ante-braço — Tanokré.
 Barba — Taiuitê.
 Boca — Taiúiri.
 Bracelete — Iái-ndê.
 Braço — Toarabatndê.
 Cabelo — Tanaguitê.
 Céu — Uútcindê.
 Cotovelo — Tanokurukri.
 Criança (filho) — Tauhitê.
 Cuia — Ualotê ou Kautê.
 Dedo — Tahitê.
 Dorso — Taragutnari.
 Joelho — Tacinguedukrê.
 Labio — Taiunindê.

Lingua — Taiú-hendü.
 Mão — Toaiguedokrê.
 Nariz — Taiúiran-dí.
 Olho — Taiendê.
 Orelha — Tanakalatndê.
 Panela — Uat-ndí.
 Pé — Taiutê.
 Peito — Tanokaindê.
 Penis — Taguiri.
 Perna — Talahendê.
 Queixo (mento) — Taiu-
 kautê.
 Seio — Tanohurê.
 Ventre — Tatahari.

Vocabulário Nambikúára-Tagnan

SERRA DO NORTE — RIO FESTA DA BANDEIRA

(Rio Karumi)

Água — Narutundü.
 Algodão — Gündê.
 Ante-braço — Uánokri.
 Arco — Hutê.
 Axila — Uenakalauendí.
 Bastões ignígenos —
 Haitandü.
 Boca — Uaiuri.
 Bracelete — Taláte.
 Braço — Uanokri.
 Cabeça — Danakitú.
 Cabelo — Uonekitê.
 Carne — Lutú ou Lutê.
 Cavilha para o labio —
 Taurirí.
 Cavilha para o septo nasal
 — Kondü.
 Cesta — Tchirê.
 Cigarro — Etü.
 Cinta de palha — Iahun-
 düü.

Cotovelo — Uonokurokri.
 Coxa — Uacednorí.
 Cuia — Eruendí.
 Dedo — Uahitê.
 Dente — Düüirú.
 Dorso — Ueragondê.
 Estrela — Tangrê.
 Faca de pau — Hikautí.
 Flecha de taquara —
 Uaindê.
 Flecha romba — Duhündê.
 Flecha lisa — Hauguidê.
 Fogo — Ekate.
 Fronte — Uignakrí.
 Fumaça — Tchindê.
 Gafanhoto — Kiguitê.
 Gritar, grito (laringe)? —
 Uilakurokri.
 Joelho — Uanaguerú-
 kurandê.
 Labio — Uikohuin-ndí.

Lingua — Uaihendê.
 Macaco (*Cebus sp.*) — Hotê.
 Machado de pedra — Hiaug-nindí.
 Mandioca — Hiritê ou Chiritê.
 Mão — Uahitê.
 Massa de urucú — Huduhú-kaidí.
 Moquem — Hirirí.
 Milho — Guiatê ou Kuetê (ou ü).
 Nariz — Oiranindê.
 Olho — Uignindí.
 Orelha — Unaçolandê.
 Para chamar — Heron!
 Heron!

Para perguntar — Irirí?
 Irirí? ou endutrá?
 Pau — Irikatê.
 Pé — Ualutê.
 Peito — Uaenakaedê.
 Pelos pubianos — Uoguirí.
 Perna — Uanadurí.
 Pescoço — Uaelatgotê.
 Rêde de dormir (nossa) — Teendê.
 Seio — Uano-hurí.
 Sol — Tchondi.
 Tatú — Ualutndü.
 Terra — Alôre.
 Unha — Uegatndê.
 Urucú — Uduhúkaidí.

Vocabulário Nambikuára-Kôkôzú

Rio Juína

Abano — Kuêkiçú.
 Abelha bojuí — Detoçú (P).
 Abelha borá-cavalo — Arukitaçú (P).
 Abelha jati — Oiaçú (P).
 Acender — Hanêçú.
 Água — Unrazú.
 Andar — Aikedütü.
 Anta — Iunzú (P).
 Ante-braço — Oanukizú (ou çú).
 Apagar — Unritirá.
 Arara — Aranzú (P).
 Arco — Hukiçú.
 Artelho — Toaiugalizú.
 Aspas das flechas — Aiêuinçú.
 Bacaba — Uêdndü.
 Beija-flôr — Duniriguizú.
 Bigode — Toaidetaçú.
 Boca — Toaiuçú.
 Bocejar — Toaiá endnuzú.

Bolo de tapioca — Urikanzú.
 Bonito — Uarú.
 Borboleta — Uodedeçú.
 Bosta — Iaiguenoçú.
 Bracelete de fibras — Kolá-antçú.
 Braço — Oanukiçú (ou zú).
 Brinco — Arokiçú.
 Buriti — Hêêrú.
 Cabeça — Toanekiçú.
 Cabelo — Uaekikiçú.
 Cajú — Erekiçú.
 Calor — Uanindütü.
 Caminho — Dihinuçú.
 Campo — Dintzü.
 Cantar — Haiguedazú.
 Caracol — Baánendütü.
 Casa — Siçú.
 Caveira — Mamaklizú.
 Céu — Ocendjú.
 Cesta — Atiçú.
 Chorar — Nandütü.

Chuva — Ueçú.
 • Cinta de contas pretas —
 Kainundzú.
 Cinta de fibras — Ialáçú.
 Cipó — Hukinuzú.
 Circunferência — Irengçú.
 Cobra — Diçú (ou Tiçú).
 Coelho — Iakeçú.
 Colhereiro — Diglizú.
 Comer — Iarúrinütü.
 Como se chama? qual o nome? — Iriritoá?
 Concha, dos brincos —
 Nenzú.
 Corda — Alonuçú.
 Coruja — Kalendzú.
 Correr — Ikedütü.
 Criança — Uetú.
 Cuiá — Kateçú.
 Cupim — Cahú.
 Defecar — Tonsignuçú.
 Dente — Toaiuiçú.
 Doente — Itonendütü.
 Doer — Itonendütü.
 Dormir — Akguriguidütü.
 Dorso — Toadaçúçú.
 Espirrar — Uaikacê-ingui-
 kêçú.
 Estrela — Ikitaçú.
 Faixa de carregar criança
 — Çáarú.
 Feio — Iukiú-kinikidutú.
 Figura, desenho — Kore-
 nauá.
 Filho — Uetü.
 Fio de algodão, das flechas
 — Kondzú.
 Fio de fibras, das flechas
 — Kaceçú.
 Flauta — Kaiguetaçú.
 Flauta nasal — Hait-tea-
 taçú.
 Flecha de ponta chata —
 Aieraçú.
 Flecha de ponta lisa cilin-
 drica — Anieeçú.

Flecha de ponta de taqua-
 ra — Uaeliçu.
 Flôr — Talatçú.
 Fogo — Aneiúherú.
 Folha — Adenandzú.
 Folha para cigarro —
 Enanzú.
 Fronte — Toaiêkuzuzú.
 Fumo — Etú.
 Fumaça — Aiokeçú.
 Fuso — Gdarêtatú.
 Grão de galo — Aluinikiçú.
 Gravata — Koalonentçú.
 Grilo — Baguedaçú (P).
 Gritar — Kaiguetauçú.
 Guarirova do campo —
 Konin-tê.
 Herva — Ikazú.
 Homem — Noçú.
 Isso, esse — Dêra.
 Jatobá — Oiarú.
 Jacaré — Nuntaçú.
 Joelho — Toakiritanzú.
 Lagarto — Enarú.
 Lagartixa — Ianoçú.
 Leite — Anungçú.
 Levantar-se — Ihái-cenogo-
 dotü.
 Língua — Toáioherú.
 Longe — Uetçú.
 Lua — Irikiçú.
 Macaco — Hotú.
 Mama — Anunguetizú.
 Mangaba — Katêkiçú.
 Mão — Toái-ikiçú.
 Massa de mandioca — Uri-
 nodzú.
 Mastigar — Iaugedutú.
 Mata — Daikiniotçú.
 Mel — Duhiazú? (P).
 Morrer — Aunindutú.
 Mulher — Doçú.
 Nariz — Toiaionendzú.
 Nó de taquara —
 Karitandçú.
 Olho — Toái-ikikiçú.

Onça — Ienarú.
 Orelha — Toanenendzú.
 Orifício no labio superior —
 Ionkon-nandetú.
 Orifício do septo nasal —
 Ononkon-nandetú.
 Palha do uauassú —
 Uenandzú.
 Palpebra — Toaiecindjú.
 Pau (arvore) — Içú.
 Pau santo — Hinekiçú.
 Pé — Toaiukizú.
 Peito — Toanunkizú.
 Peixe — Aiutçú.
 Pelos pubianos —
 Toaliketaçú.
 Penas das flechas (sariema)
 — Kolatoedçú.
 Penis — Toakiçú.
 Perdiz — Uiteá-guiçú.
 Perna — Toaçuçú.
 Pescoço — Toaietolozú.
 Pilão — Notú.
 Pingente de fibras para o
 dorso — Ialaçú.
 Piolho — Kani-iniçú.
 Piqui — Aarú.
 Raio — Uaduguezú.
 Ralo — Tomarú.

Resina das flechas —
 Niaendçú.
 Sangue — Toatiçú.
 Sariema — Kolatzú.
 Sentar-se (acocorar-se) —
 Acikáuekedotú.
 Sepultura — Ilurindütü
 (204).
 Sim — Han-hanl
 Sol — Uterikuçú.
 Suor — Uaienoçú.
 Taquara — Ikuirikazú.
 Taquara das flechas —
 Arukirikatçú.
 Terra — Inoçú.
 Terra de formigueiro —
 Katunuzú.
 Testiculos — Toalikiçú.
 Tocanguira — Tietátáglizú
 (ou çu).
 Triângulo — Nendzú.
 Trovão — Taridzú.
 Tucura — Taketazú.
 Umbigo — Takodadlizú.
 Unha do pé — Toaiutçua-
 kezú.
 Urinar — Kereguetauçú.
 Urucú — Dukiçú.
 Ventre — Toaendzú.
 Vulva — Akioçú.

As palavras marcadas (P) pertencem a um vocabulário colhido pelo tenente Pyreneus em 1911.

Vocabulário Nambikuára-Anunzê

SERRA DO NORTE — RIO 12 DE OUTUBRO

Ante-braço — Uanozuzê.
 Arco — Ukizê.
 Bastões ignigenos —
 Haitzú.

Boca — Uaiuarê.
 Bom — Idaknikdaçú.
 Bracelete — Nokonigui-
 guizê.

(204) Esse vocabulo parece formado de um termo tagnani, alôre — terra, e outro kôkôzú-nandetú — orifício, buraco: Alôre-nandetú — buraco na terra.

Braço — Uanukizê.
 Breu (resina) — Duhutaarú.
 Brinco — Nan-ninzê.
 Cabeça — Uaneguetü.
 Cajú — Eehrú.
 Cavilha para o nariz — Uonedezê.
 Cera — Duhutaarú.
 Céu — Uacinzê.
 Colar de contas — Kairizê.
 Comer — Ikduzê.
 Coração — Iakzê.
 Cotovelo — Uanokundunzê.
 Coxa — Uanikizê.
 Dedo — Uaikuenrezê.
 Dente — Uauizê.
 Dorso — Uatluzê.
 Escrotos — Uaiariguinizê.
 Espadua — Uanotoarizê.
 Faca — Iurê.
 Fígado — Aierê.
 Flauta — Kiazê.
 Flecha em geral — Hauktiú.
 Fogo — Anizê.
 Fronte — Uaenakezê.
 Homem — Idnizê.
 Jacaré — Nuntaçú.
 Joelho — Uaguididanzê.
 Língua — Uaileherú.
 Linha — Kuituiçú.

Machado de pedra — Eun-etú.
 Manto de palha — Ielaçú.
 Mão — Uaikizê.
 Mulher — Ducê.
 Nariz — Uanonzê.
 Olho — Uaiekedakzú.
 Orelha — Uonaninzê.
 Pau — Içuzê.
 Pé — Uaiukizê.
 Pena para o nariz — Unetizú.
 Penis — Uakizê.
 Pente — Halatzú.
 Perna — Uaçuzê.
 Pingente de penas — Ieikizê.
 Queixo (mento) — Uaiukluenzê.
 Raspador (de dente de cavivara) — Iakizú.
 Remedio — Inekiaçú.
 Tatú — Nunzê.
 Tatú galinha — Hatdenandzú.
 Terra — Inozê.
 Tripa (intestinos em geral) — Aiokzê.
 Unha — Uaitnakezê.
 Umbigo — Uaikedanzê.
 Urucú — Duhiazê.
 Veado — Iatarú.
 Ventre — Uatiçú.

Cores

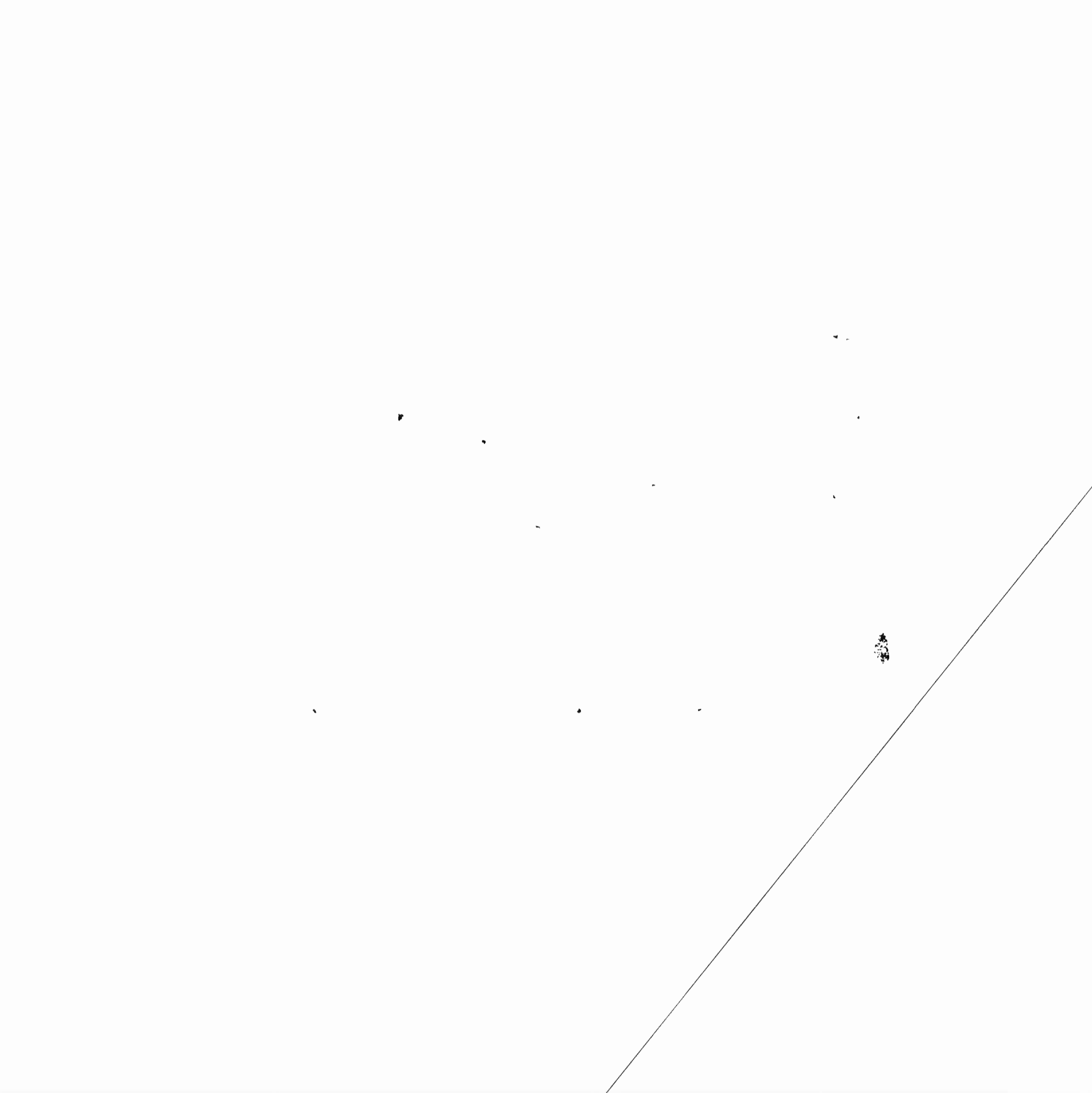
Amarelo — Katetiçú.
 Azul — Iadneaçú.
 Branco — Kuidiçú.
 Preto — Kaikiduçú.

Preto — Iadeneazú (breu).
 Verde — Cedecededenoçú.
 Vermelho — Duhiaçú.

Vocabulos colhidos pelo ten. A. Pyreneus de Souza

Abelha achopé — Arazi.
 Abelha borá regina —
 Kaiudêzê.
 Abelha mandaguarí - verme-
 lho — luzê.
 Abelha mandurí — Kloarizê.
 Abelha tatá — Arizê.
 Abelha tibuna — Tararê.
 Abóbora (nossa) — Aria-
 tecê.
 Arára — Aranzê.
 Araticum — Ararê.
 Carne — Uanozê.
 Coatá — Kadozê.
 Garça — Mocarê.
 Gordura — Ionezêzê.
 Grilo — Dakizê.
 Lacrau — Aiiam-dacê.
 Lambarí — Kaiarê.
 Lagartixa — Ianuzê.
 Maribondo — Urutecê.
 Mel — Dezazê.

Mulateira — Kuruaiudezê.
 Pacú — Mambíre.
 Palmeira castiçal — Kaicê.
 Piriquito — Kakaitezê.
 Piáu — Akurizê.
 Pintado — Uanuncê.
 Pomba — Tuizê.
 Porco — Iakizê.
 Quan-quantão — Peantezê.
 Que nome tem? — Uaizi-
 guidí?
 Que é isso? — Ianakere?
 ou Uazanakerê?
 Rato — Dodecê.
 Rio 12 de Outubro — Ori-
 -handezê.
 Rio Nambikuaras — Oare-
 ioákandezê.
 Roça — Aitiê.
 Sol — Ikidazê.
 Urubú — Uruciú.



OLYMPIO DA FONSECA FILHO

Afinidades Parasitologicas e Clinicas

Entre o tokelau da Asia e da Oceania e o chimbêê dos indigenas de Matto-Grosso

Até ha poucos annos, quando pela primeira vez demonstrámos sua existencia entre as tribus selvagens de Matto-Grosso, as endodermophyceas eram conhecidas apenas dos archipelagos do Pacifico Sul e do Sudeste Asiatico. De facto, reina nestas ultimas regiões uma demartose endemica parasitaria, revestindo um aspecto tão particular que sua existencia foi assignalada por antigos navegadores e naturalistas pouco familiares com assumptos medicos. E' o *tokelau*, tambem chamado *lafa-tokelau*, *pita*, *cascado*, *oune*, *kunekune*, *gune*, *tukunekune*, *gogo*, *gogomon*, *etemane*, *tatofat*, *gorap*, *koerab*, *koerab-besi*, *kilinaí*, *lusung*. Tal variedade de nomes se explica pela distribuição geographica da dermatose numa multidão de ilhas espalhadas pelo chamado Mar do Sul e nas costas do Oriente Asiatico, terras essas todas em que diferentes povos falando linguas e dialectos os mais diversos, foram egualmente impressionados pelo quadro morbido espectral, curioso e caracteristico. A região atacada pela endemia tem seu centro na peninsula de Malacca de onde pensam alguns seja a doença autochtone e se tenha irradiado para as ilhas e a terra firme onde vem sendo assignalada. As costas meridionaes da China desde a provincia de Honan, as costas e o interior da Indochina (Cambodge, Sião, Laos, Annam, Tonkin) até as partes limitrophes da China (provincia de Yunnan), a Birmania, a região de Bengala, Ceylão, constituem a zona infestada no território asiatico. Em todas essas localidades continentaes, como em Ceylão, porém, a molestia não tem uma grande diffusão, ao contrario do que acontece com as ilhas da Oceania, algumas das quaes estão totalmente invadidas pela parasitose que chega ás vezes a se verificar na maioria ou na quasi totalidade dos habitantes. Essa circumstancia e a da ter sido o tokelau primeiro descripto nos archipelagos da Polynesia e da Micronesia nos levam a admittir que ahi esteja antes o fóco de irradiação da

doença. Desde a ilha de Formosa e as Philippinas, as Mariannas ou dos Ladrões, as Moluccas, as ilhas Gilbert e Marshall, a Nova Caledonia, as ilhas Fidji, as ilhas de Samôa e de Tonga, as da União ou Tokelau, donde a molestia tirou o nome por que é mais geralmente conhecida, as ilhas da Sociedade, até as ilhas da Sonda, Sumatra, Nova Guiné, Célebes, a referida dermatose tem sido assignalada. De várias dessas ilhas sabe-se com segurança não ser a molestia originaria, assim, por exemplo, se conhecendo a historia de sua recente importação para os archipelagos de Cook e da Sociedade, especialmente para Tahiti, onde a enfermidade foi com exito combatida.

E' verdade que nas costas orientaes do Continente Africano, bem como do Brasil, são referidos na litteratura casos de tokelau. Não nos consta, porém, que o estudo do cogumelo producteur nesses casos africanos e brasileiros tenha sido levado até sua identificação botanica com um dos *Endodermophyton* productores do tokelau do Oriente ou com outra especie do mesmo genero.

Na Africa do Sul, Pijper referiu do Transvaal um caso de tokelau em um cafe do grupo Mapoch. Dessa observação clinica não se podem tirar conclusões definitivas sobre a identidade da doença com a dermatose do Sudeste Asiaticô e das ilhas da Oceania. Mas, no que diz respeito aos caracteres culturaes do cogumelo isolado, da figura publicada por Pijper de uma cultura em meio de prova de Sabouraud, não se pode concluir que elle pertença ao genero *Endodermophyton*. O cogumelo de Pijper produz no meio em questão colonias brancas, cobertas de hyphas aereas, um tanto crateriformes, sem mostrar o aspecto cerebriforme tão accentuado nas colonias dos parasitos do tokelau.

No Brasil, foram Caramurú Paes Leme e Ulysses Paranhos que em 1903 e 1906 denunciaram a presença do tokelau. Esses pesquisadores diagnosticaram primeiramente a doença em um indio da tribu dos Carajás que vivia nas ilhas do rio Araguaya, no Estado de Goyaz. Os dois pesquisadores affirmam que a enfermidade é commum entre taes indigenas que a denominam *rooro*, o que significaria *molestia que voa*; explicando essa denominação pela idéa que têm os indios de ser a molestia soprada sobre elles por uma tribu inimiga. Estariamos de accordo com Ulysses Paranhos e Caramurú Paes Leme para admittir que a doença dos indios Carajás pudesse ser realmente uma endodermophyceia, embora o estudo cultural do cogumelo tal não tivesse demonstrado, estaríamos de accôrdo, diziamos, si esses dois autores não declarassem tambem que pessoalmente observaram o tokelau em muitos pontos do Brasil, nos Estados de Goyaz, Matto-Grosso, Minas

Geraes e São Paluo. Tal affirmativa é ainda mais extranha-vel quando Paranhos e Leme asseguraram que o tokelau existe em cidades como Uberaba, em Minas Geraes, e Batataes, em São Paulo. Até esse ponto não é possível chegar, nem admittir a diffusão de tão typica dermatose nas populações civilisadas do Brasil sem que tivesse ella sido até agora por outrem diagnosticada. Fica desse modo prejudicada a validade do diagnostico do tokelau em relação á dermatose dos indios Carajás, lançando-se uma séria duvida sobre a natureza da doença ou das doenças a que Paranhos e Leme se querem referir. Si mais de perto se analysar, porém, principalmente a these de doutoramento de Caramurú Paes Leme, então, nenhuma duvida poderá restar do erro desse pesquisador que tomou por tokelau nada mais nem nada menos que a dermatite polymorpha dolorosa tão conhecida em todo o Brasil sob o nome de *fogo selvagem*. Não se pode, por conseguinte, duvidar de que Paranhos e Leme chamem tokelau uma dermatose muito diversa em cuja etiologia os cogumelos não têm o menor papel e que pertence ao mesmo grupo nosologico que a doença de Duehring e o pemphigo foliaceo.

E' bem verdade, entretanto, que entre as populações indigenas do Mexico, da America Central, da America do Sul, reinam endemicamente dermatoses pouco conhecidas que o consenso quasi unanime dos pesquisadores considera parasitarias. Dessas dermatoses a mais estudada e com frequencia referida na litteratura medica é a denominada *caráte* ou *caráre*, estudada principalmente na Colombia. Tal dermatose seguramente é identica á que no Mexico chamam *pinta* ou *mal de pinta* ou *del pinto* ou *de los pintos* ou, ainda, *mancha epidemica da cordilheira*. Foi, aliás, do Mexico que veio a ser primeiro conhecida tal affecção designada pelos naturaes do paiz sob o nome de *tzalzayanalixtli*. Dessa dermatose mexicana Blanco, em 1760, dá noticia em seu *Diccionario Encyclopedico* e Hernandez tambem a descreve na *Historia Plantarum Novae Hispanie*. Oviedo, em sua *Historia das Indias*, tambem já a ella se refere. E' a mesma doença que na Venezuela é designada por esses mesmos nomes e mais pelo de *cute* e no Perú pelas denominações de *ecara* ou *cahárate*. Tambem ao *caráte* devem ser provavelmente identificados o *mal vermelho de Cayenna* da Guyana Franceza, o *cativi* de Guatemala e Honduras, a *busarola* de Haiti, a *guastrola* de Santo Domingo e o *picuiti* de Guadalupe. E' preciso salientar, porém, que em todos esses paizes latino-americanos as dermatoses que esses nomes assignalam tem sido muito pouco estudadas e que quasi nada se sabe sobre os aspectos clinicos, a individualidade nosologica desses typos morbidos e sobre sua etiologia. Nesse terreno, uma vez posta em duvida

hoje a acção pathogenica dos aspergillos, penicillios e outros cogumelos que Montoya y Florez designou como os agentes causaes dos diversos typos de caráte, restam apenas estudos clinicos e parasitologicos isolados e incompletos, principalmente os de Bodin e de Darier (1903), de A. Peña Chavarría e Paul G. Shipley (1925), de Aldo Castellani (1923 e 1925) e de Cifferi (1929).

Do caso do equatoriano observado em Paris por Darier e parasitologicamente estudado por Bodin (de Rennes), este ultimo pesquisador isolou um cogumelo que considerou apresentar estreitas analogias com os trichophytos e microsporos mas, principalmente com o *lophophyton gallinae*. As figuras publicadas do aspecto microscopico do cogumelo por Bodin, nos levam a crer que se trate antes de um *Epidermophyton* de que é representada a fórma typica dos fusos pluriseptados fasciculados. Será esse cogumelo, para o qual Brumpt creou a especie *Trichophyton carateum*, o agente ou um dos agentes habituaes do caráte? Só uma investigação de maior numero de casos poderá responder a esta interrogação.

A. Peña Chavarría e Paul G. Shipley escreveram um dos mais interessantes trabalhos sobre o caráte. Mas, os dois illustrados investigadores colombianos, como elles mesmos declararam, não se detiveram longamente no estudo mycologico da doenca; seus aspectos clinicos e os interessantes problemas de historia medica que ella levanta os tendo mais assiduamente occupado. Por isso, os resultados que apresentam relativos á etiologia das diversas variedades clinicas do caráte são ainda incompletos e bem mereceriam ser retomados por que, como Peña Chavarría e Shipley, está nas melhores condições para resolver definitivamente a questão. Tambem os dois pesquisadores que vimos citando isolaram da variedade branca de caráte um cogumelo com os caracteres do genero *Trichophyton*. Esse parasito, que nunca dá orgãos de frutificação nas escamas de pelle parasitadas, é seguramente ahi o verdadeiro agente causal da affecção. Seria, portanto, do maior interesse estudar-lhe em detalhe os caracteres culturaes e morphologicos e averiguar com segurança em que genero de dermatophytos elle deve ser incluído. Da variedade vermelha de caráte, Peña Chavarría e Shipley isolaram um outro cogumelo que consideram tambem trichophyto e cuja acção pathogenica puderam comprovar por inoculação no coelho. Isolaram ainda os pesquisadores colombianos que vimos citando, da variedade violeta de caráte um *Aspergillus*, da variedade negra uma *Alternaria* que suppõem talvez identica ao cogumelo que Castellani chamou *Montoyella*, da variedade vermelha, tendo ainda obtido por cultura um outro *Aspergillus*. Toda essa flora myceliana das

escamas de caráte bem mereceria um estudo aprofundado que esclarecesse o papel representado, na etiologia das diversas formas da doença, pelas especies de cogumelo encontradas.

Nestes ultimos annos o illustre tropicalista e mycologo Sr. Aldo Castellani teve oportunidade de investigar casos catalogados no Mexico, na America Central, na Colombia e na Venezuela como pinta, cárate ou cute. Dessas investigações resultou a convicção de que a todos esses nomes vulgares corresponde, não uma entidade nosologica unica e autonoma, mas uma série de dermatoses parasitarias ou não, confundidas como manifestações diversas dum typo morbido unico. Assim em alguns casos se tratava duma variedade de *pityriasis versicolor* que Castellani ha muito descrevera sob o nome de *tinea flava* e que é produzida pela *Malassezia tropica*. De outras vezes, considerou Castellani que as placas de achromia e de hyperpigmentação representavam, respectivamente, apenas leucodermia e chloasma bronzeo não parasitarios. De outros casos em que havia manchas com aspecto de chloasma bronzeo, isolou Castellani o *Cladosporium Mansoni* agente etiologico da chamada *tinea nigra*. Em conclusão, provisoriamente, Castellani considera que a *pinta amarella* comprehende pelo menos duas affecções, *tinea flava* e a *pinta amarella sensu stricto*, não parasitaria e provavelmente de origem triphica; que a *pinta negra* comprehende pelo menos: a) manchas não parasitarias de chloasma bronzeo tendendo mais ou menos para coloração azulada e das quaes numerosas formas de cogumelos saprophytos podem ser isoladas; b) manchas hyperpigmentadas produzidas por trichophyotos e cogumelos proximos que muitas vezes, nos casos chronicos têm uma acção perturbadora sobre os processos de pigmentação da pelle; c) manchas de *tinea nigra* produzidas pelo *Cladosporium Mansoni*; e, por fim, que a *pinta branca* comprehende de um lado leucodermias não parasitarias, de outro lado manchas brancas associadas ou consecutivas a infecção por trichophyotos e malassezias.

Dum caso de *pinta negra* isolou tambem Cifferi recentemente uma nova especie de dermatiacea, o *Acrothecium nigrum*, que considera seja talvez identico á *Mantoyella bodini* de Castellani.

Da enumeração das pesquisas mais notaveis realizadas pelos methodos modernos de investigação mycologica, se conclue que a pinta ou caráte não pode ser considerada uma entidade morbida individualisada e autonoma de univoca etiologia nem mesmo um syndromo definido correspondendo a doenças diversas, mas que esses termos se applicam a varias

dermatoses caracterizadas por diferentes alterações dyschromicas da pelle.

Em nenhuma das pesquisas mycologicas realizadas no Mexico, na America Central, nas Antilhas, no Equador, na Venezuela e na Colombia, foi verificada a presença de dermatophytos que correspondessem aos caracteres do genero *Endodermophyton* ou de manifestações cutaneas comparaveis ás das endodermophyceas do Oriente Asiatico e das ilhas da Oceania, á molestia que lá se conhece com o nome de tokelau. Isto é tanto mais de notar quanto, a Castellani não poderiam ter escapado taes occurrencias, a elle que creou o genero em questão, separando-o dos trichophytos e epidermophytos, e que tão longa e detalhadamente estudou o tokelau. Não quer isso dizer que se deva excluir a possibilidade de que, entre as diversas dermatoses englobadas sob nomes genericos de caráte, pinta e cute, não se venha um dia a encontrar tambem uma endodermophycea qualquer. Isso, não sómente é possivel, como é até provavel, desde que se realizem estudos mais demorados sobre o assumpto e se investigue um maior numero de casos sob os pontos de vista clinico e mycologico.

No Brasil, além das referencias já citadas feitas por Ulysses Paranhos e Caramurú Paes Leme, de uma doença dos indios Carajás que elles erradamente identificaram ao tokelau, são conhecidas outras dermatoses endemicas entre os indios de tribus selvagens.

De todas, a mais antigamente citada é o *purú-purú* ou *kurúkurú* que se observa entre indigenas da Amazonia, mais frequente em certas bacias fluviaes em particular nos rios Purús e Juruá, o primeiro dos quaes á frequencia da enfermidade deve o nome por que é conhecido. De facto, o nome *Purús* deriva de *purúpurú* "que, — diz Labre —, quer dizer pintado (ou *Myra-puru-purú*, gente pintada, em lingua geral", o nome primitivo dado ao rio pelos indios Paumarís, sendo *Waini*, outros nomes sendo usuaes em diferentes tribus conforme o dialecto utilizado.

Purú-purú é um nome que se encontra no *Diario de Viagem da Capitania de São José do Rio Negro*, 1774 e 1775, de Ribeiro de Sampaio, publicação feita em Lisboa no anno de 1825. Ribeiro de Sampaio encontrou a dermatose entre os indios Catauixis. Spix e Martius, W. Chandless, o Conego F. Bernardino de Souza, Ehrenreich, Koch-Gruenberg, A. R. P. Labre, Heliodoro Jaramillo e outros ethnographos, exploradores, chronistas e viajantes têm trazido informações nem sempre concordantes sobre a dermatose, tal como ella é observada principalmente entre os Paúmaris e Juberis. Entre os medicos que reuniram dados sobre a doença devemos re-

cordar Francisco da Silva Castro, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Roquette-Pinto.

O purú-purú consiste no aparecimento de manchas a princípio acinzentadas depois cinzento-azuladas e ennegrecidas, a coloração desaparecendo progressivamente nas lesões antigas a partir do centro de onde pouco a pouco começam a se desenvolver placas achromicas comparáveis ás de vitiligo e características da phase final da doença. São as partes descobertas as mais frequentemente atacadas, a achromia intensa se observando de preferencia nas extremidades dos membros. A descamação nas placas dyschromicas, que nem todos os observadores referem, parece caracterisar as primeiras phase da doença.

Sobre a etiologia do purú-purú nada se sabe até hoje, embora seja crença de muitos medicos e naturalistas que têm estado em contacto com indios delle affectados que se trata de uma dermatose parasitaria, de uma dermatomycose. Já Wappaeus identifica o purú-purú com a pinta mexicana, orientação que os autores modernos, Roquette-Pinto entre outros, também têm seguido. Com essa identificação, aliás, fica apenas deslocado o problema, pois, como vimos, da pinta ou carate, nem se sabe si chega a ser entidade morbida autonoma.

Sob a denominação de *báanêcêdútú*, Roquette-Pinto descreveu detalhadamente em seu livro sobre a Rondonia, uma dermatose particular observada entre os indios Nhambikuáras, da Serra do Norte, no Estado de Matto-Grosso. A molestia se inicia pelo aparecimento de visiculas muito pequenas dispostas em figuras circulares concentricas formando placas de contorno, ovoide ou polycyclo. Entre as lesões elementares a pelle é a principio de apparencia normal, em torno dellas tambem não se verificando qualquer reacção inflammatoria. As vesiculas crescem um pouco, seccam, nessa phase da doença coalescendo mais ou menos as lesões elementares, do que resulta a formação de placas escamosas em que a disposição em figuras circulares concentricas está mais attenuada e menos regular. As placas crescem, se multiplicam, o processo de descamação se intensifica e chega-se á phase final da doença, ao que parece poucas vezes attingida, na qual toda a superficie do corpo é recoberta de escamas, arrepiadas, como tiras de papel de seda escura presas ao tegumento por uma extremidade. A marcha da doença dá-lhe successiva ou simultaneamente os tres aspectos sob os quais Roquette-Pinto a descreveu: fórma vesiculosa, fórma plaçoide, fórma escamosa. Pensa Roquette-Pinto que o *báanêcêdútú* seja uma dermatose parasitaria, provavelmente uma dermatomycose e considera possivel que o parasito se encontre no solo donde a facilidade de infecção dos Nhambikuáras

que são dos poucos índios brasileiros que têm por habito dormir no sólo nú. E' tambem com o tokelau ou tinia imbricada que Roquette-Pinto considera que o *báanêcêdútú* tem suas maiores afinidades, sobretudo na phase final de sua evolução. E' muito provavel que a etiologia das duas doenças seja tambem semelhante e que um estudo parasitologico da dermatose dos índios da Serra do Norte venha a collocar a um dia entre as endodermophyceas, ao lado ou, o que parece menos provavel, identificada ao *chimbêrê*, dermatose dos índios do rio São Miguel que passamos a descrever.

Em 1924, tivemos oportunidade de estudar, graças á amabilidade do Professor Raquette-Pinto e do Dr. Benjamin Rondon, uma dermatose endêmica entre os índios *Purù-borá* do rio São Miguel, Estado de Matto-Grosso, na fronteira do Brasil com a Bolivia. O grupamento a que pertenciam os doentes em questão constituia um pequeno nucleo de cerca de cinquenta individuos isolados em um dos mais remotos pontos da America do Sul onde tinham permanecido até dois annos antes sem ter qualquer contacto com a civilsação. A doença era ahí familiar, atacando diversos membros de cada familia, as crianças sendo desde cedo infectadas. O indice endêmico é elevado, a totalidade dos membros da tribu sendo atacada do mal, que em todos reveste aspecto clinico identico. Entre os índios em que é observada, a dermatose é conhecida pelo nome de *chimbêrê*.

As lesões do *chimbêrê* consistem em grandes placas circinadas, confluentes, fortemente escamosas, pruriginosas, acompanhadas de achromia acentuada. As escamas sãoacompanhadas ou esbranquiçadas, a descamação se estendendo por toda a superficie das placas, mais intensa mesmo na parte central que na periphèria. Os fragmentos exfoliados de epiderme são facilmente retirados a pinça medindo então de fracção de millimetro a meio centimetro de tamanho. Raros são os pontos da lesão em que se encontram pequenas crostas provocadas pela acção das unhas do doente. As lesões podem invadir toda a face, a nuca, o pescoço, o peito, a parede abdominal, o dorso, os membros. Não observámos lesões do couro cabelludo, dos pellos, nem das unhas. A não ser a achromia por vezes accentuadissima, nenhuma outra coloração anormal é observada na pelle ou nas escamas.

O exame microscopico das escamas, feito após ligeiro aquecimento na potassa a 40 %, revela a presença em quantidade variavel, de um mycelio typico. Em algumas escamas é difficil encontrar o cogumelo, outras, porém, são intensamente invadidas pelo parasito que forma um denso emaranhado de hyphas septadas e ramificadas sem qualquer vestigio de esporos ou esporophoros diferenciados. Em al-

guns pontos, entretanto, esses filamentos se acham dissociados em artigos, oidios ou arthrosporos analogos aos que se observam nos cogumelos do typo *Mycoderma* (*sensu* Vuillemin). Um caracter particular dos filamentos mycelianos encontrados nas escamas de chimbêrê consiste na presença, no interior das cellulas do mycélio, quando este é examinado na potassa a 40 % ligeiramente aquecida, de granulações pigmentadas especiaes. Essas granulações têm dimensões variaveis e, com o tamanho, varia a coloração que apresentam, do vermelho acastanhado nas menores, até o amarello dourado brilhante nas granulações mais volumosas. Que o saibamos a presença de taes corpusculos não foi até agora assignalada em nenhum outro parasito das tinhas, e tanto quanto podemos deduzir do pequeno numero de casos estudado, constitue aspecto particular e caracteristico do parasito do chimbêrê.

Depois de alguns insuccessos que se devem attribuir á ausencia de parasitos microscopicamente verificada em algumas escamas, sem difficuldades maiores pudemos isolar o cogumelo. Ainda nos foi possivel utilizar meio de prova de Sabouraud preparado com a maltose bruta verdadeira de Chanut, tal como era fornecida antes da grande guerra e que hoje não é mais encontrada no commercio. O cogumelo dá nesse meio culturas cerebriformes, glabras, humidas, de um amarello em varios pontos tendendo para o avermelhado, fazendo saliencia á superficie da gelose. As culturas mantidas por muito tempo no laboratorio perdem um pouco o aspecto caracteristico, desaparece a coloração avermelhada, a cultura torna-se secca, recoberta de delgada camada de hyphas areas brancas, menos saliente e de aspecto menos cerebriforme que as amostras recentemente isoladas. Ao microscopio, nessas culturas, só se encontra um delgado mycelio ramificado e septado, cujos unicos elementos reproductores são chlamydosporos terminaes e intercalares. A's vezes, ahi tambem se encontram certas ramificações do mycelio que lembram um rudimento dos chamados candelabros favicos.

Os caracteres do parasito, na lesão e nas culturas artificiaes, permitem desde logo identifiçal-o como um novo typo do genero *Endodermophyton* que Castellani creou em 1909. Aliás, feito o exame clínico do primeiro caso estudado de chimbêrê e verificada a presença de filamentos mycelianos ramificados e septados nas escamas das lesões, pudemos logo prever o isolamento de um *Endodermophyton*. Si assim foi, é porque nada ha mais typico e caracteristico em dermatologia do que uma lesão de endodermophyceae: as grandes placas achromicas, escamosas em toda a sua extensão constituem um quadro clinico inconfundivel e que

não permite qualquer duvida ao primeiro exame do doente. Impossivel será ao pesquisador mais avisado tomar a doença por uma epidermophycea: além da achromia presente faltam-lhe para isso o erythemâ e as vesiculas, além da descamação nas epidermophyceas ser mais ou menos limitada ou accentuada para a periphèria da lesão. Da ichtyose, com que seria mais facil confundil-a, faltam-lhe os commemorativos e a evolução, distingue-a a forte achromia que acompanha as zonas descamadas e a propria natureza da descamação.

O diagnostico differencial deve ser feito entre o chimbêrê e, de um lado as dermatoses endemicas pouco conhecidas dos indigenas sul-americanos, de outro as endodermophyceas orientaes reunidas sob o nome de tokelau.

O diagnostico differencial com o báanêcêdútú fica ainda dependendo de mais demoradas pesquisas. Roquette-Pinto descreve um aspecto distincto na dermatose da Serra do Norte: a descamação é intensissima, com formação de tiras de epiderme exfoliada, semelhando tiras de papel colladas sobre a pelle do doente; maior regularidade das lesões que mais de perto recordam o tokelau; menor indice endemico que o assignalado para o chimbêrê; isso tudo, além da incidencia sobre tribus indigenas de grupamentos e proveniencia muito differentes.

O chimbêrê se distingue clinicamente da pinta ou caráte pela ausencia total de escamas ou manchas coloridas caracteristicas desta ultima dermatose. Poder-se-ia confundil-o com a variedade branca do caráte, mas esta nunca se observa isolada e sem casos outros com manchas coloridas. E' de notar que o chimbêrê ataca todos os membros do grupamento em que foi observado e que em todos os individuos tem o mesmo aspectó clinico, nunca se encontrando entre os indios affectados quem tivesse manchas coloridas.

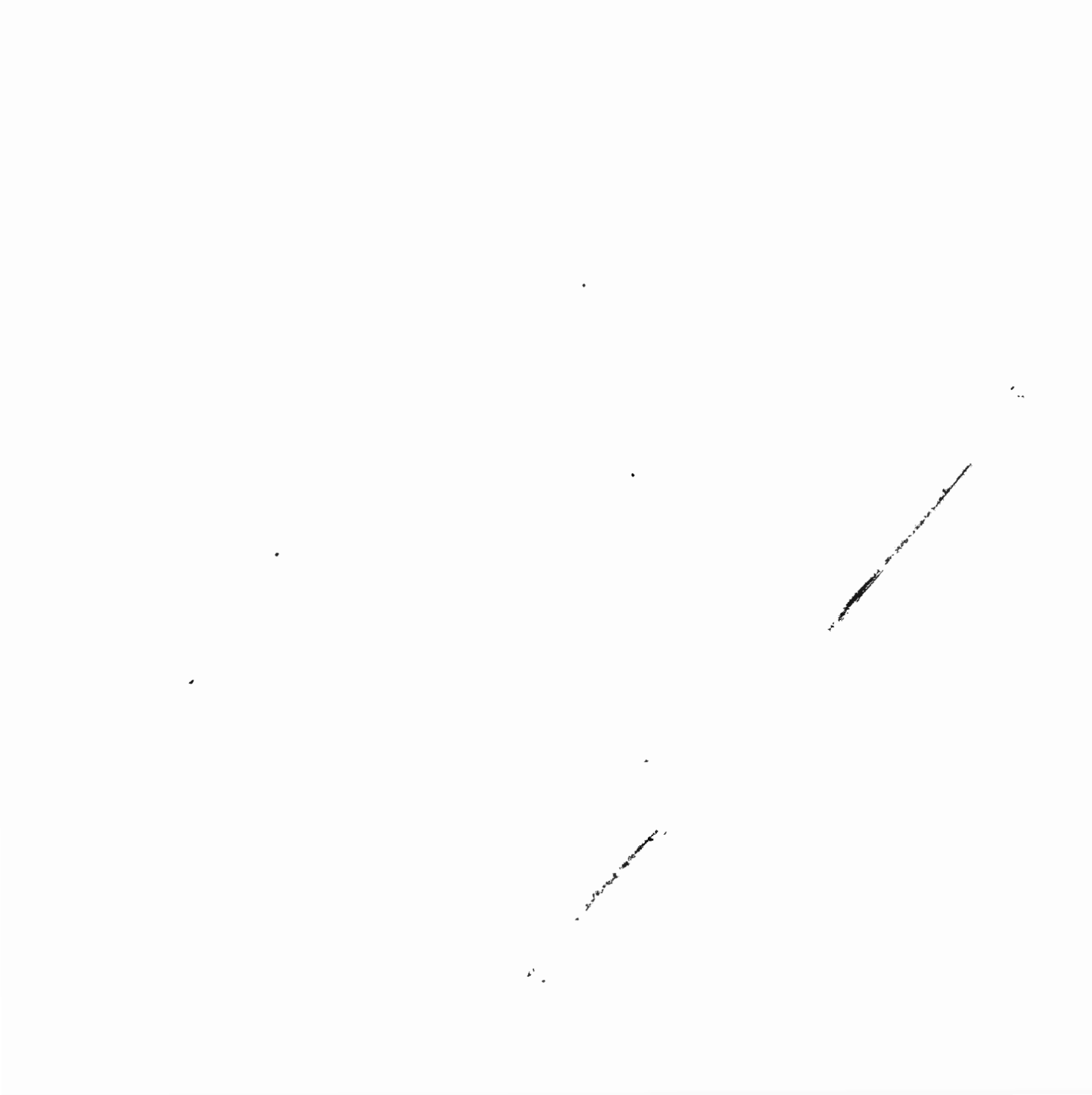
Roquette-Pinto, estudando comparativamente o purú-purú e a dermatose dos indios da Serra do Norte, estabeleceu entre as duas entidades morbidas nitida distincção, identificando, entretanto, a primeira com o caráte colombiano.

E' sem duvida do tokelau que muito se aproxima a dermatose endemica dos indios do Rio São Miguel. Convém notar que a disposição das escamas em circulos concentricos nas lesões circinadas, que valeu ao tokelau a denominação scientifica de *tinea imbricata* que Manson pela primeira vez lhe applicou, absolutamente não se observa nas placas do chimbêrê. Mas, é sabido que Castellani e outros descreveram casos de tokelau em que a disposição das escamas em circulos concentricos não era observada. Os restantes aspec-

tos clinicos epidemiologicos e parasitologicos se superpõem completamente.

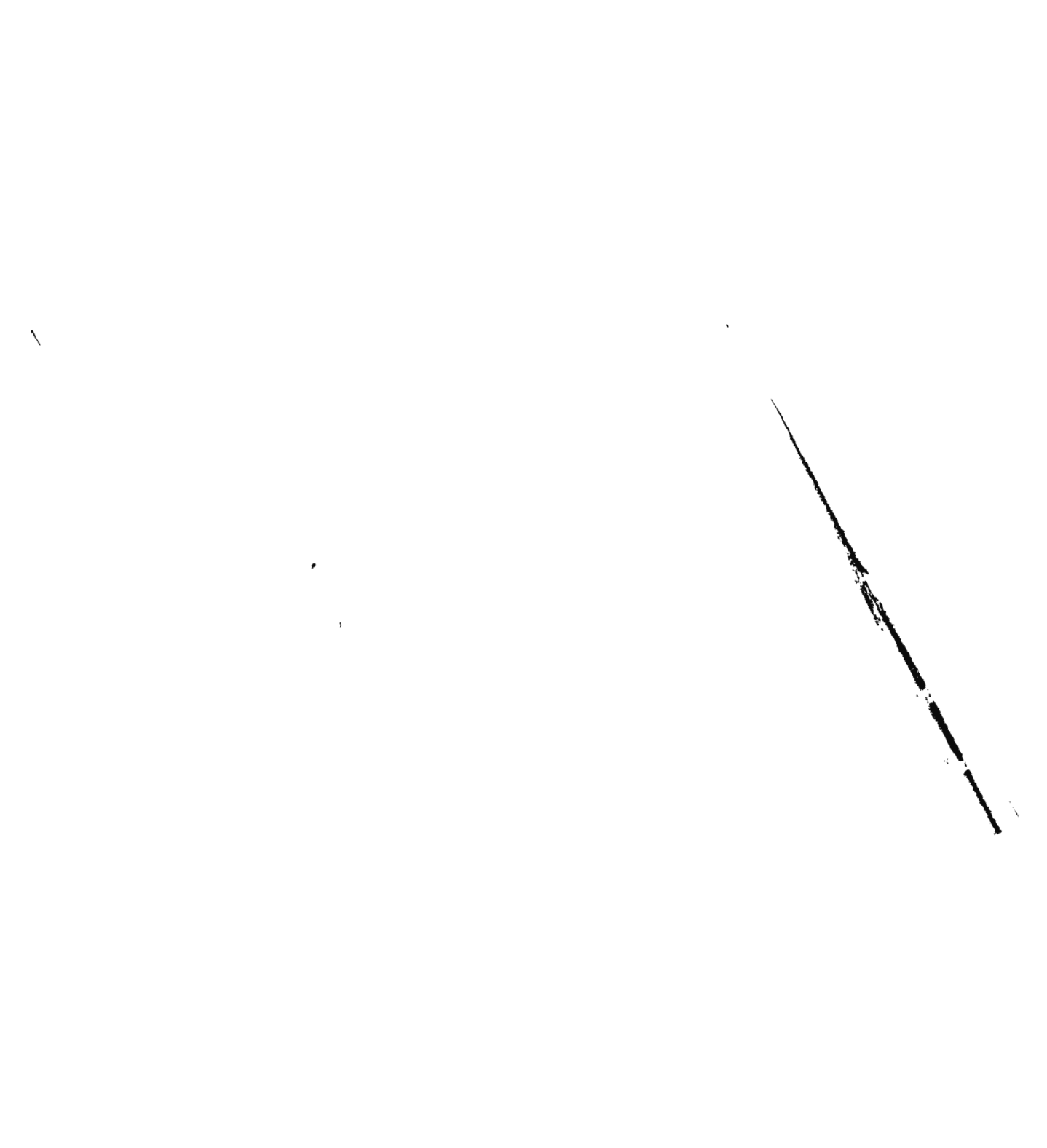
Tokelau e chimbêrê representam os dois typos clinicos principaes do grupo nosologico das endodermophyceas. Ambos têm sua área de distribuição geographica bem definida. O primeiro irradia dos paizes habitados pelos povos de raça malaya para a China e para a India. O segundo é estrictamente limitado a grupamentos de Indios selvagens segregados do contacto da civilização em pontos remotos do Brasil. Como explicar a distribuição dessas duas dermatoses affins e dos respectivos cogumelos productores em regiões tão diversas e tão distantes uma da outra? Só uma explicação é cabivel no caso, a da remota importação da doença para a America em epoca pre-colombiana, por occasião das migrações de individuos vindos das ilhas da Oceania. Essa explicação tambem daria conta, no caso de confirmação de sua existencia, dos casos de tokelau que foram referidos da Africa do Sul, regiões para onde sabidamente tambem se dirigiu a corrente emigratoria prehistorica da Oceania. No Novo-Continente se teria provavelmente algum tanto modificado o aspecto clinico da doença e soffrido uma modificação analoga o seu agente productor. A não ser admittida essa hypothese, só resta suppôr que condições mesologicas comparaveis tenham creado de um lado nas ilhas da Oceania e na Peninsula Malaya, de outro no Brasil, typos de parasitos semelhantes ao extremo (no caso, os cogumelos do genero *Endodermophyton*) dotados de propriedades pathogenicas quasi de todo ponto semelhantes, capazes por conseguinte, de produzirem duas dermatoses parasitarias tão parecidas uma com a outra como o são o chimbêrê e o tokelau.

Sem duvida a hypothese da introduccção do parasito e da doença pelos immigrants malayos de que se originam certamente os indios americanos é das duas a mais simples, a mais logica e a que mais argumentos pode trazer a seu favor.



Indice

	PAGS.
Dedicatoria	7
Prefacio da 4. ^a edição	9
Nota sobre a 4. ^a edição	11
Prefacio da 2. ^a edição	13
I — Introdução	17
II — Historico da descoberta de Mato-Grosso	23
III — A Comissão de Linhas Estrategicas e Telegraficas	55
IV — Do Rio de Janeiro a S. Luiz de Caceres	61
V — De S. Luiz de Caceres a Aldeia Quei- mada	101
VI — Parecís. Antropologia. Etnografia. Lin- guistica	117
VII — Dos Parecís aos Nambikuaras	149
VIII — Nambikuaras. Antropologia. Patologia .	175
IX — Nambikuaras. Etnografia. Linguistica .	215
X — Volta a S. Luiz de Caceres	289
XI — Conclusão	307
Tabelas antropometricas	317
Fonogramas	328
Vocabulario parecí	341
Vocabularios nambikuaras	348
Afinidades parasitologicas e clinicas en- tre o Tokelau da Asia e da Oceania e o Chimberê dos indigenas de Mato-Grosso	355



Índice das estampas

Carta dos territorios explorados pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco (1794) e Alferes Francisco Pedro de Mello (1795) nos limites da Rondonia	30 - 31
Pouso á margem do rio Sipotuba	102 - 103
Restos da mata da Poaia, entre Porto dos Bugres e Tapirapuan	102 - 103
Pouso no km. 50. Estrada do Sipotuba ao Juruena	114 - 115
Crianças Parecis. Aldeia Queimada	114 - 115
Makoirocê (Generosa) Parecí, Aldeia Queimada	122 - 123
Tiô-Zaluçú (Índia Parecí). Aldeia Queimada	122 - 123
Namon Suratliá (João Pinto). Parecí. Aldeia Queimada	122 - 123
Distribuição geográfica da criação de abelhas	126 - 127
Sukiú-Azarê (Frente e perfil). Parecí. Aldeia Queimada	130 - 131
Parecí, Aldeia Queimada	130 - 131
Índia Parecí	130 - 131
Pyreneus entre crianças Kozarini	134 - 135
Parecis pintados com urucú	134 - 135
Esquema de trançados e tramas parecis	144
Seringueiro comprimindo a borracha no cocho	158 - 159
Balsa atravessando o Juruena	158 - 159
Pouso do rio Primavera. Estrada Rondon	168 - 169
Invernada de Tres Buritis	168 - 169
Índio Nambikuara	176 - 177
Uaidnirida. Índio do Juina	176 - 177
Índio da Serra do Norte	176 - 177
Índio Nambikuara	176 - 177
Índia da Serra do Norte	184 - 185
Dermatose dos índios da Serra do Norte (cilché sem retoques)	184 - 185
Índio Nambikuara	184 - 185
Nambikuara-Tauitê	184 - 185
Mãe e filha Tagnani	190 - 191
Mãe e filho Tagnani	190 - 191
Índio Tagnani	190 - 191
Índios da Serra do Norte	190 - 191
Índias Nambikuara-Tagnani	198 - 199
Índio Nambikuara	198 - 199
Meninas Tagnani	198 - 199
Índia da Serra do Norte	198 - 199
Distribuição de bríndes. Aldeia do Juina	206 - 207

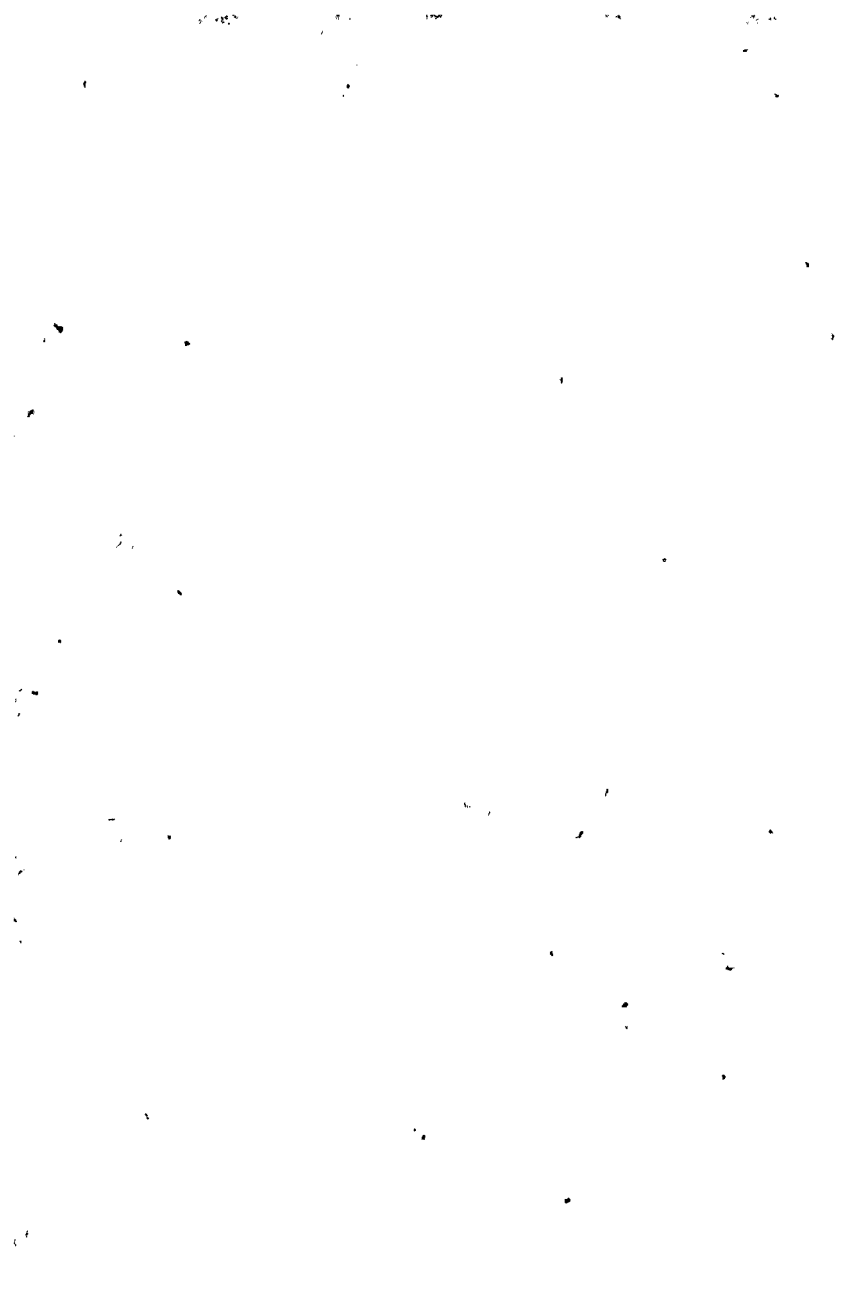
Índio da Serra do Norte flechando por elevação	206 - 207
Na porta da casa. Aldeia do Juína	216 - 217
Kokozú á porta da casa. Rio Juína	216 - 217
Aldeia Nambikuara	216 - 217
Distribuição geográfica das casas redondas e ovais	222 - 223
Toldos de caça. Índios do Juína	222 - 223
Índios da Serra do Norte	222 - 223
Aldeia indígena. Rio Festa da Bandeira	226 - 227
Aldeia Nambikuara	226 - 227
Nambikuaras. Tres Buritís	230 - 231
Crianças Nambikuaras	230 - 231
Maloca. Rio Juína	236 - 237
Pinguela dos índios. Rio Juína	236 - 237
Índios Uaintuçu. Posto de Campos Novos	242 - 243
Índio da Serra do Norte. Posto de Campos Novos	242 - 243
Casal de Kokozús	242 - 243
Nambikuara-Anunzê (Pai de Nuleke)	242 - 243
Nambikuara-Kokozú	248 - 249
Índio Nambikuara flechando	248 - 249
Mulheres Anunzê. Serra do Norte	254 - 255
Acampamento dos Taitês. Tres Buritís	254 - 255
Índios do Juína	260 - 261
Índia do Juína	260 - 261
Índios da Serra do Norte. Estação de Utiariti	264 - 265
Parecí e Nambikuara na Estação Telegrafica de Utiariti	264 - 265
Cogumelo de que se alimentam os índios da Serra do Norte	276
Fio de pêlos de macaco	276
Colar feito de tubos de penas	276
Motivo ornamental dos índios da Serra do Norte	276
Trançados dos Índios da Serra do Norte	282
Detalhes do penacho nasal	282
Diademas de penas dos índios da Serra do Norte	285
Rio Papagaio	298 - 299
Salto de Utiariti. Rio Papagaio	298 - 299
Ponte sobre o rio Papagaio	306 - 307
Entre os pequenos Kozarini	306 - 307
Chimberê. Índia Purú-Borá	358 - 359
Chimberê. Índio Purú-Borá	358 - 359
Tokelau. Indígena da Ilha Formosa	362 - 363
Endodermophyton roquettel. Cultura em maltose verdadeira de Chanut	362 - 363
Escama de chimberê (microfotografia)	362 - 363
Chimberê. Índio Purú-Borá	362 - 363

Índice das figuras no texto

1 — Plancha no rio Sipotuba (segundo croquis do autor) . . .	98
2 — Esquema dos diversos qualificativos de inclinação observados no perfil humano (Bertillon)	120
3 — Nomenclatura do pavilhão da orelha. A - origem da helix; B - Helix superior; C - Helix posterior; D - Fosseta digital; N - Fosseta navicular	121
4 — Colmeia dos Parecis. 1 - Orifício por onde entram as abelhas. 2 - Orifício por onde os índios extraem o mel	126
5 — Índio Pareci assoando-se	127
6 — <i>Hezo-hezo</i> . Instrumento Sagrado dos Parecis	132
7 — Tiriaman. Instrumento Sagrado dos Parecis	133
8 — Zoratealó. Instrumento Sagrado dos Parecis	135
9 — Hera-hera-hun. Instrumento Sagrado dos Parecis	137
10 — <i>Killa-Kocill</i> . Ornado nasal dos Índios Parecis	140
10a— Zaiakuti. Escudo venatorio dos índios Parecis	141
11 — Kuai. Abano dos Parecis	143
12 — Kamál. Diadema de penas. Índios Parecis	145
13 — Ualalocê. Instrumento Sagrado dos Parecis	146
14 — Báahêcêdütú. Primeira fase da dermatose. Índios da Serra do Norte (Esquema)	182
15 — Cortes histológicas de cabelos dos Índios da Serra do Norte. Inclusão em parafina. Oc. II. - Obj. D - Zeiss	203
16 — Arcabouço de uma palhoça dos Índios da Serra do Norte	219
17 — Tomarú - Ralador. Índios da Serra do Norte	220
18 — Pilão. Índios da Serra do Norte	221
19 — <i>Hikantl</i> . Faça de madeira, dos Índios Tautês. Serra do Norte	222
20 — Utensillo fabricado com um fragmento de ferro pelos Índios da Serra do Norte	224
21 — Machado feito com uma talhadreira de aço. Índios da Serra do Norte	225
22 — Machado de pedra. Índios da Serra do Norte	226
23 — Moquem dos Tagnanis e dos Tautês	229
24 — Panela de barro dos Índios da Serra do Norte	231

25 — Bolsa para proteger enfeites de penas. Indios da Serra do Norte	232
26 — <i>Haitzu</i> . Bastão Ignigeno dos Indios da Serra do Norte	233
27 — Modos de conservar fios de penas. Indios da Serra do Norte	234
28 — Cabaça com tabaco. Indios da Serra do Norte	235
29 — Bracelete de algodão. Indios da Serra do Norte	236
30 — <i>Etú</i> . Cigarros dos Indios da Serra do Norte	238
31 — Fruto de um <i>Solanum</i> , usado pelos Indios da Serra do Norte	239
32 — indio da Serra do Norte com o Enadjú, capacete de couro de onça	240
33 — Colar com as sementes de uma sapotacea. Indios da Serra do Norte	241
34 — Tubo de taquara com pó escuro. Paricá? Indios da Serra do Norte	242
35 — Colares de discos de nacar e de dentes de maçaco. Indios da Serra do Norte	243
36 — Flutuante de talos de buriti com que os Indios da Serra do Norte atravessam rios a nado. (Segundo um croquis do Sr. G. Kuhmann)	244
37 — Fiecha tridente para pesca. Indios da Serra do Norte	245
38 — <i>Halatzu</i> - Pente. Indios da Serra do Norte	247
39 — Bolsa de palha onde os Indios da Serra do Norte guardam sementes de cucurbitaceas (<i>Lagenaria?</i>). Indios da Serra do Norte	249
40 — Fio de algodão — <i>Kondzu</i> — envolto em folhas. Indios da Serra do Norte	250
41 — Instrumento cirurgico dos Indios da Serra do Norte	251
42 — Pingente de penas de tucano. Indios da Serra do Norte	252
43 — Dança (astrólatra?) dos Tagnanis. Serra do Norte (Esquema)	254
44 — Colar de conchas. Indios da Serra do Norte	255
45 — <i>Dodezê</i> . Colar com rostros de coleopteros. Indios da Serra do Norte	258
46 — Motivo ornamental. Indios da Serra do Norte	259
47 — Cabaça pintada. Indios da Serra do Norte	260
48 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte	261
49 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte	261
50 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte	263
51 — Motivo ornamental. Indios da Serra do Norte	264
52 — Motivo ornamental. Indios da Serra do Norte	265
53 — Motivo ornamental. Indios da Serra do Norte	266
54 — Arco e Secção transversal. Indios da Serra do Norte	267

55	— Anleecú - Flecha de ponta lisa e cilíndrica. Índios da Serra do Norte	268
56	— Uaeliçú - Flecha de ponta de taquara. Índios da Serra do Norte	270
57	— Afê-uinçú - Flecha dos Índios da Serra do Norte	271
58	— Emplumação das flechas. Índios da Serra do Norte	272
59	— Aiêraçú - Flecha para aves. Índios da Serra do Norte	272
60	— Flecha - Arukirikatçu - e bainha para proteger a respectiva ponta. Índios da Serra do Norte	273
61	— Clavas encontradas entre os Índios da Serra do Norte.	274
62	— Panela com breu. Índios da Serra do Norte	275
63	— Bastões ignígenos protegidos contra a chuva. Índios da Serra do Norte	278
64	— <i>Gdaretatú</i> - Fuso. Índios da Serra do Norte	279
65	— <i>Oradaikruzé</i> - Bracelete dos Índios da Serra do Norte	280
66	— Esquema de um <i>Ialaçú</i> . Índios da Serra do Norte	281
67	— <i>Hait-teataçú</i> - Flecha nasal. Índios da Serra do Norte	283
67a	— Índios da Serra do Norte tocando flauta nasal	284
68	— Imitação de um chapéu de palha feito por um índio do Juruena	286
69	— <i>Chupão</i> dos sertanejos meladores	294
69a	— Ornatos nasais dos Índios da Serra do Norte	308
70	— <i>Kalguétazu</i> - Flauta dupla. Índios da Serra do Norte	309
70a	— Piolho dos Índios da Serra do Norte	314



Índice alfabético

A

- Aarú, 236.
 Abano, 143, 283.
 Abcesso, 109.
 Abdomen, 177, 178.
 Abelha, 56, 107, 113, 125, (est.), 126, 160, 170, 231, 291, 294, 301.
 Abobora, 41.
 Abreu, Capistrano de, 14.
 Acampamento, 100.
 Acre, 55.
 Acultramento, 285.
 Acuña, Padre, 53.
 Acuri, 106.
 Adorno, 170, 223, 226, 240, 242, (Vide *cnfellu e ornato*).
 Aduana, 78, 81.
 "Affinités des Dialectes Otuké, Les", 204.
 "Afinidades parasitológicas entre o Tokelau da Asia e da Oceania e o Chimberê dos Indígenas de Mato-Grosso", 190, 355.
 Africa, 200, 314.
 Africano, 34, 152, 198, 200, 201, 203, 312, (Vide *negro e preto*).
 Agricultura, 41, 147, 228, 236, 246, 247, 250, 257, 275, 314.
 Agua Quente (Pouso), 157, 162.
 Agulha, 143.
 Ahopovo, 286.
 Aigrette, 91.
 Atri, 143.
 Akka, 206.
 Akuen, 208, 211.
 Alberto Torres, H. 11, 129, 263, 266, 277, 283, 287, 310.
 Albinismo, 186.
 Aldeia, 29, 31, 34, 35, 59, 126, 129, 130, 173, 218, 219, 220, 221, 223, 223 (est.), 237, 250, 256, 277, 286, 287, 289, 290, 291, 292.
 Aldeia Queimada, 23, 30, 56, 117, 125, 129, 162, 293, 301.
 Aldeias (ribeirão das), 172.
 Alemanha, 67.
 Alemão, 65, 199, 208, 224.
 Alfredo (Indio Aplaká), 52.
 Algibe, 95.
 Algodão, 41, 106, 128, 142, 147, 227, 238, 246, 249, 250, 257, 278, 279, 280.
 Alimentação, 180, 186, 228 ss., 277 ss., 296.
 Alincourt, Luiz d', 115.
 Almecega, 141, 243, 275.
 Alouatta caraya, Humb., 90.
 Atpinia nutans, 114.
 Alumen, 159.
 Aluxial, 84, 94.
 Amañentação, 122, 251.
 Amarante, Emanuel do, 115, 301 ss.
 Amaranth (ribeirão), 174.
 Amarela (raça), 213.
 Amaro, 159.
 Amarração dos arcos, 267.
 Amazonas (estado), 55, 185, 252.
 Amazonas (rio), 23.
 Amazonia, 83, 86, 96, 156, 159, 168, 185, 238, 246, 277, 279, 286, 287, 313.
 Amendoin, 41.
 America, 59, 228, 313, 314.
 America Central, 185, 270, 287.
 America do Norte, 65, 66, 179, 204, 268, 308, 310.
 America do Sul, 18, 49, 64, 65, 82, 183, 204, 265, 266, 287, 307, 310, 315.
 Americanistas (Congresso dos), 59, 202, 266.
 Americanistes de Paris (Societé des), 204, 216.
 Amilo, 231, 277.
 Amolar (pov.) 86, 93.
 Amuleto, 130.
 Amuri, 126, 127.
 Anacardiacea, 70.
 Anacardium giganteum, Hanc., A. nanum, St-Hil, e A. occidentale, L., 101.

- Anambé, 201.
 Ananás, 29, 173, 232, 234.
 Anatomia, 199, 314 (Vide *morfologia*).
 Andes, 25, 185, 279.
 Andrade, Alfredo de, 131, 243.
 Andropogon, 278.
 Andropogon leucostrachyas, 293.
 Aneil, 281.
 Aneis conjugados, 73.
 Angico, 93.
 Anhuma, 76, 88.
 Anhupoca, 76.
 Animais domesticos, 245, 246.
 Animus devorandi dos nambikuara, 235.
 Anodorhynchus hyacinthinus, Spix, 150.
 Anofelina, 85, 151, 160, 295.
 Anolis punctatus, 150.
 Anquilostomias, 109.
 Anta, 237, 244, 245, 272.
 "Anthropologie, L", 11.
 "Anthropologie Bolivienne", 119.
 "Anthropos", 264, 287.
 Antisiano, 185.
 Antonio (Pareci), 109.
 Antroz, 185.
 Antropofagia, 31, 51, 232, 315 (Vide *cannibalismo*).
 Antropogenia, 193.
 Antropologia, 14, 199, 308 (Vide *Nambikuara e Pareci*).
 Antropologia fisiologica e anatomica, 190.
 Antropologia indigena comparada, 191 a 214.
 Antropometria, 174, 197, 205, 209, 314, 319, 328.
 Anuzê, 20, 175, 216, 217, 225, 245, 252, 256, 258, 260, 263, 290, 322, 331.
 Anzol, 244.
 Apa (rio), 78.
 Aplaká, 50, 53.
 Apicultura, 126.
 Apinagê, 283.
 Apis melífica, 170.
 Apolo, 148.
 Apocuyva-Guarani 126 (est.)
 Aquifoliacea, 75.
 Ara chloroptera, Gray, 150.
 Arabe, 65, 83.
 Araguaya, 53, 59, 63, 111, 189, 201, 205, 208, 210, 266, 313.
 Aranha, 73.
 Arara (aves), 150, 241.
 Arara (ind.), 197, 198, 271.
 Araucario, 222 (est.)
 Araucaria brasiliana, 74.
 Araunas, 286.
 "Archives de Parasitologie", 187.
 Arco, 29, 56, 134, 147, 164, 253, 267, 269 ss.
 Arechavaleta, 64.
 Areguá, 76.
 Areia, 84, 116, 149, 150, 291, 301.
 Argentina, 64.
 Argila, 101, 112, 150, 277, 302.
 Arikemes, 286.
 Arinos (rio), 24, 32, 50, 216.
 Ariti 125, 132, 145, 341 (Vide *Pareci*).
 Arma de fogo, 18, 128.
 Armas parecis, 128, 147.
 Aroeira, 93.
 Aromatização, 243.
 Arpão, 274.
 Arqueologia e Antropologia Pre-historicas, Congresso de, 118.
 "Arquivo do Conselho Ultramarino", 33.
 "Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal", 252.
 Arraia, 108.
 Arraial, 33, 42, 47.
 Arriero, 97.
 Arrochamento de cabaça, 279.
 Arruda Camara, 147.
 Arte (Vide *desenho, musica e plumaria*).
 Arthrostylidium, 143.
 Artrite, 154, 210.
 Aruá, 186.
 Aruak, 147, 158, 206, 208, 212, 214, 263, 264, 279, 287, 312, 314, 316.
 Aruaqui, 197, 198.
 Arundo donax, L., 69.
 Asia, 355.
 Asiatico, 200.
 Aspidosperma, 106.
 Assal, 172.
 Assunção, 71, 72, 75, 76.
 Asteka, 126 (est.)
 Astrocarium, 142, 143.
 Astrolatria, 254, 258, 315.
 Astronomia, 259.
 Ataque (guerra), 253, 261.
 Ataruípe, 287.
 Ateles, 87.
 Aterrado, 89.
 Atiolo (personagem de lenda), 134.
 Atirador, 253.
 Atirar (modo de), 268.
 Atitude de repouso, 228.
 Atlantico, 23, 61, 115, 210, 224.
 "Atlas" (Martius), 178.
 Atravessar rio (modo de), 244.
 Atsahuaca, 129.
 Attaléa, 106, 116.

Auetó, 205, 207, 208, 209, 210.
 Australiano, 200, 311.
 Auto-chenille, 301.
 Autoctonismo americano, 310.
 Automovel, 300, 301, 302, 303.
 Avena, 30 (Vide *flauta*).
 Azevedo, João de Souza, 32.

B

Baanecçduté, 184, 189, 250, 314, 355.
 Bacaba, 143, 172, 222, 224, 232, 283, 287.
 Badarlotti, 51.
 Baelz, 207.
 Baena, 186.
 Bainha (estojo), 273.
 Baixios, 92.
 Bakairi, 117, 123, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 222 (est.)
 Balsa, 60, 163.
 Bambú, 69, 283 (Vide *taquara*).
 Bananeira, 114, 310.
 Bandeira, 26, 33, 36, s. s. 48, 108.
 Bandelrante, 28.
 Bandido, 90.
 Banho, 243, 278.
 Baptista, Caetano, 74, 267.
 Barba, 176, 243, 290.
 Barbaro, 25, 31, 227.
 Barboza Rodrigues, 51, 196, 197, 212.
 Barcaça, 84.
 Barco, 24, 60, 70, 81, 90 (Vide *canoas*).
 Barometria, 56.
 Barra dos Bugres, 154.
 Barracão, 154.
 Barracãozinho, 162.
 Barranca, 79, 163.
 Barranco, 108.
 Barreiro (corrego), 46, 162.
 Barrinha, 158, 162.
 Barro, 143, 287 (Vide *ceramica*).
 Bastão-fetiche, 127, 130.
 Bastão ignígeno, 233, 278.
 Bastão de plantar, 247, 278.
 Bastian, 18.
 Batata, 41, 147.
 Batedor, 55.
 Batizado, 35, 47, 50.
 Batismo, 43, 127, 148.
 Bauhinia, 275.
 Baurú, 98.
 Bebida fermentada, 131, 232, 234, 234, 237.
 Beljú, 210, 231, 236.

"Beitraege zur Ethnographie des Araguaya - Xingú Gebietes", 266.
 "Beitraege..." (Martius), 51, 114, 195.
 Belatrix, 260.
 Belo (salto), 300.
 Bem-te-vi, 76.
 Benedicto, 153, 156.
 Benoit, 274.
 Berl-berl, 109.
 Berlim, 89, 202, 281.
 Bertillon, 118, 120.
 Beteiguese, 260.
 Biblioteca Nacional, 180, 252, 261.
 Bicheira, 300.
 Bicho de pé, 314.
 Bignoniacea, 86.
 Bigode, 176, 243.
 Biguá, 70.
 Biguatinga, 70.
 Biologia, 120, 280.
 Birsonima verbascifolia, 116.
 Bixa orellana, 148.
 Blaringhem, 248.
 Boanerges, 98.
 Bol, 110, 111, 116, 134, 174, 245, 294, 296, 300.
 Bol-cavalo, 110.
 Boiada, 156.
 Boiui, 170; 294.
 Bola, 145.
 Bolinder, 222 (est.).
 Bolívia, 90, 119, 185, 266, 269, 309.
 Bolsa (folha e palha), 249, 278, 279.
 Borá, 294.
 Borboleta, 112, 277.
 Borna, 143, 165.
 Borôro, 113, 117, 142, 152, 194, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 243, 259, 270.
 Borracha, 95, 115, 128, 145, 147, 154, 156, 159.
 Borrachudo, 113, 160, 295, 296.
 Borrvalho, 229, 230, 231.
 Bossi, 51.
 Botanica, 75.
 Botocudo, 178, 193, 201, 266, 283, 308, 310, 313.
 Bracelete, 236, 280.
 Brachyskelia, 122, 179, 212.
 Branco (homem), 76, 126, 129, 159, 213, 311.
 Branco (rio), 36, 38, 40, 41.
 Brandão, Antonio, 45.
 Braquicefalla, 209.
 Brasileiro (homem), 60, 67, 70, 75, 82, 83, 106, 155.
 Brasileiro (língua), 136.

Brassolinæ, 277.
 Braúna, 70.
 Breu, 141, 273, 275.
 "Breve Notícia...", 32.
 Bribri, 287.
 Brincos, 240, 241, 281.
 Broca, 118, 201.
 Bromelia, 80, 113.
 Brosimops acutifolia, Hub., 87.
 Brosimum galactodendron, 171.
 Brotas (Vila de), 55.
 Buenos Aires, 64, 65, 79.
 Bugio, 90.
 Bugrinho, José, 107.
 Bulnesia sarmienti, Lor., 116.
 Buriti (palmeira), 106, 170, 244.
 Buriti (rio), 60, 162, 290, 295.
 Buritizinho (rio), 156, 162.
 Burro, 243, 296.
 Buzina, 30, 137.

C

Caá, 75.
 Caapucú, 77.
 Cabaça, 126, 131, 140, 146, 235, 237, 245, 260, 261, 263, 278, 283, 291.
 Cabaça-maracá, 146.
 Cabaçal (rio), 117, 125.
 Cabana, 29, 31, 50, 69, 79, 129, 219, 220, 221, 224, 291 (Vide *casa, choça, choupana, maloca, palhoça*).
 Cabeças (rua das), 94.
 Cabeça-troléu, 311.
 Cabeceira de rio, 32, 106, 149.
 Cabelo, 123, 175, 201, 211, 239, 245, 286.
 Cabixês, 40, 47.
 Cabo frio, 193.
 Caboclo, 28, 77, 92, 154, 155.
 Caboré, 34, 35, 39, 41, 42, 47.
 Cabral, Pascoal Moreira, 26.
 Caça, 41, 129, 163, 180, 222 (est.), 224, 227, 228, 237, 244, 250, 253, 272, 291, 306.
 Caçada, 29, 88, 129, 131, 244.
 Caçador, 88, 91, 220, 283.
 Caceres, João de Albuquerque Pereira de Mello e, 33, 36, 48.
 Caceres, São Luiz de, 81, 84, 80, 92, 94, 95, 101, 103, 147, 185.
 Cacete, 164, 253, 274.
 Cachimbo, 238, 310.
 Cachoeira, 38, 50, 112, 163, 293, 298, 299.
 Caciue, 132.
 Cactus, 80.
 Cadaver, 148, 286.
 Cafusa, 203.
 Caiman sclerops, 102.

Caing-gangs, 61.
 Cairina moschata, L, 230.
 Cajari, 287.
 Cajueiro, 101, 112.
 Cajul, 101.
 Calandro, 150, 229.
 Calcareo, 84, 94, 210.
 Calceus carpophagus, 163.
 Caldas, 50.
 Caldera (vale de), 126 (est.)
 Califórnia, 311.
 Calomelanos, 300.
 Calosidade, 176.
 Cama, 227.
 Camacan, 269.
 Camalote, 87.
 Camarada, 105.
 Camararé (ind.), 218.
 Camararé (rio), 51, 58, 168, 174, 215.
 Cambaiuva, 53.
 Caminhar (modo de), 246.
 Caminhoá, 269.
 Campa, 222 (est.)
 Campanha, 27 (Vide *campo*).
 Campeiro, 296.
 Campo, 23, 29, 68, 70, 86, 102, 105, 110, 111, 115, 116, 134, 156, 163, 170, 173, 220, 225, 247 (Vide *campanha*).
 Campo de cultura, 160, 247.
 Campos, Antonio Pires de, 26, 28, 29, 31, 32, 309.
 Campos Novos, 59, 108, 161, 168, 169, 171, 216, 242, (est.) 252, 256, 261, 290, 292.
 Cana brava, 69.
 Cana do reino, 69.
 Canal (de rio), 87, 93.
 Canastra, 30.
 Canção, 303 (Vide *canto*).
 Cancere, 234.
 Candolle, A. 114.
 Caneca, 299.
 Cangalha, 300.
 Canhão, 77, 80.
 Canibalismo, 232 (Vide *antropofagia*).
 Canis brasiliensis, 150.
 Canoá, 24, 37, 43, 47, 50, 53, 78, 88, 101, 244, 295 (Vide *barco*).
 Canoeiro, 50, 53, 54.
 Canon antropologico, 122, 213.
 Canon grego, 179.
 Canto, 127, 130, 131, 132, 253, 254 (Vide *canção*).
 Cão, 74, 245, 246, 293.
 Capacete de couro de onça, 240, 281, 310.
 Capataz, 45.
 Capim, 281.

- Capim (rio), 197.
 Capim membeça, 293.
 Capina dos nambikuaras, 249.
 Capivara, 230, 244, 272.
 Capoeira, 80, 94.
 Caquexia palúdica, 109.
 Cará, 41, 147.
 Carabina, 29.
 Caracará, (rio), 70.
 Caracarazinho (rio), 87.
 Caracteres físicos dos parecis,
 (Vide *parecis*).
 Caracteres físicos dos índios da
 Serra do Norte, (Vide *Nam-
 bikuara*).
 Características do salto Befo, 298.
 Caraíba, 206, 274.
 Carandá, 69, 74.
 Carandasal, 74.
 Carbo vigua, Viell., 70.
 Cardozo, Capitão, 113.
 Cargueiro, 110, 116, 149, 166,
 293, 300.
 Carica papaya, 114.
 Caricacea, 114.
 Carie dentária, 180, 210.
 Cariniana brasiliensis, 111.
 Carlota (Nova Aldeia), 35, 43,
 47.
 Carlyle, 67.
 Carnaúba, 69.
 Carne, 141, 180, 230, 232, 278.
 Carne de vento, 99.
 Carrapato, 96.
 Carta etnográfica, 217.
 Carta geográfica, 24, 34, 49, 59,
 86, 218.
 Carta regla, 27.
 Carvão, 67, 223.
 Caryocar brasiliensis, 145.
 Casa, 29, 31, 44, 52, 80, 95,
 104, 105, 129, 148, 161, 169,
 216 (est.) 219, 222 (est.) 223,
 224, 234, 261, 286, 308, 313
 (Vide *cabana, choça, choupa-
 na, maloca, palhoça*).
 Casa dos mortos, 286.
 Casa religiosa, 286.
 Casal, 82, 133, 134, 257.
 Casal, Padre Ayres, 48.
 Casamento, 127, 257.
 Castelhana, 24, 75.
 Castelnau, 52.
 Castelo, 80.
 Catarro, 210.
 Catecúmeno, 25.
 Catedral, 71.
 Catter-pillar, 302.
 Catharista atratus brasiliensis,
 Bonap., 245.
 Catingueiro, Pouso, 297.
 Catre, 227.
 Caucásico, 122, 195.
 Cauixana, 197, 198.
 Caule voluvel, 172.
 Cavagnac, 256, 257, 290.
 Cavalcante, João, 98, 105.
 Cavalieri, Pico, 119.
 Cavalo, 91, 133, 244, 294, 297.
 Caverna, 84 (Vide *espelunca*).
 Cavils, 31.
 Cavilha, 240, 242, 281, 286.
 Cazalvasco, 34.
 Cebideo, 90.
 Cebus, 87.
 Cedrela, 106.
 Cedro, 106.
 Cefalometria, 209, 245 (Vide
antropometria).
 Cegonha, 70.
 Ce-irritá, 131.
 Celeiro, 129, 236.
 Cellas, 295.
 Cera, 146, 275, 291.
 Cerâmica, 73, 140, 201, 231 279,
 287, 312, 313 (Vide *barro*).
 Ceramista, 140.
 Cerrado, 56, 63, 94, 100, 101, 129,
 134, 149, 161, 164, 219, 225,
 230, 237, 291, 301.
 Cerro, 80.
 Cervo, 102.
 Cesta, 56, 141, 237, 250, 258,
 259, 278, 282, 286.
 Chaco, 204, 206, 266, 270, 271,
 313.
 Chaifanjon, 222 (est.)
 Chaga, 234.
 Chainé sans fins, 301, 302.
 Chajá, 76.
 Chamacôco, 78, 117.
 Chamberlain, 266.
 Chamepeltus talpacoti, 245.
 Chandless, 51.
 Chané, 129.
 Chapada, 29, 30, 63, 220, 236,
 279, 293, 300, 301, 302.
 Chapada (Arraial da), 43.
 Chapadão, 23, 26, 28, 29, 30,
 115, 126, 149, 150, 153, 157.
 Chapeu, 239, 286.
 Citarvascal, 220, 225, 297.
 Charrua (ind.), 200.
 Charuto, 72.
 Crauna cristata, Sivains, 76.
 Chavarria, 76.
 Chaves, Nuno, 24, 25.
 Chefes indígenas, 126, 130, 148,
 256, 313.
 Cherente, 117, 207, 211, 269.
 Cervin, 118, 119.
 Chibcha, 288.
 Chictriabá, 269.

- Childé, Alberto, 15, 117, 216.
 Chileno, 64.
 Chim, 193, 315.
 Chimarrão, 116.
 Chimberê, 355.
 Chipaya, 222 (est.).
 Chiqueiro, 105.
 Chiquitlano, 109, 117.
 Chiriguano, 129.
 Chitemal, 126 (est.).
 Choça, 78, 222 (*Vide cabana, casa, choupana, maloca, palhoça*).
 Chocalho, 145.
 Choupana, 181, 222, (*Vide cabana, casa, choça, maloca, palhoça*).
 Chupão, 294, 295.
 Chuquimayo, 222 (est.).
 Chuva, 94, 151, 169, 225, 226, 233, 258, 278, 289, 292, 300.
 Cibilibis, Companhia, 90, 91.
 Cicatriz umbilical, 209, 213.
 Cidade, 63, 67, 68, 72, 79, 81, 82, 94, 101, 104, 156, 160, 294.
 Ciencia, 15, 17, 19, 24, 64.
 Científicas (Verificações e descobertas), 19.
 Cigarra, 87, 93, 157.
 Cigarro, 151, 165, 235, 237, 238, 279, 291, (*Vide fumo e tabaco*).
 Cinta, 128, 142.
 Cintra, Luiz, 127, 131, 304.
 Cinzas dos ossos do morto (*Bebida com*), 286.
 Ciperacea, 95, 105, 280.
 Cipó imbé, 274.
 Cipó titara, 277, 283, 293.
 Cipoal, 28.
 Circunferencia toracica, 122, 208, 212.
 "Civilisation Lacustre du Brésil, La", 288.
 "Civilisation Matérielle des Tupi Guarani, La", 277.
 Civilização, 24, 190.
 Civilização fossil, 18.
 Clareira, 249.
 Clava, 274.
 Clavina, 90.
 Cliché crú, 21.
 Clima (sua influencia sobre a cor da pele), 200.
 Cloridrato de heroína, 159.
 Cloridrato de quinina, 106, 295.
 Cobaia, 273.
 Cobra, 229, 252.
 Cocaina, 166.
 Cochliomya maceiaria, Fabr., 300.
 Cocho (Instrumento de musica), 92.
 Cocho (para comprimir borraça), 159.
 Coco, 161, 224, 232, 271, 280.
 Cocos comosa, 106.
 Codice, 33.
 Coelho, Duarte, 25.
 Coelho, Felipe José Nogueira, 27.
 Coelogenis paca, 230.
 Cogumelo, 181, 189, 233, 276, 277.
 Colaptes campestris, Vieill., 245.
 Colar, 240, 241, 243, 255, 276, 277.
 Coleoptero, 242.
 Colheita, 54, 236, 248.
 Colina, 38, 63, 86, 160, 164, 218.
 Collignon (altura essencial de), 122, 210.
 Collins, 284.
 Colmela, 54, 113, 126, 126 (est.).
 Colombia, 185, 187.
 Colonial (tempo), 82.
 Comandante, 33, 34, 80.
 Combate, 253.
 Combustivel, 93.
 Comemoração de Floriano, 172.
 Comida (restos de), 223.
 Comissão de Linhas Telegraficas, 50, 125.
 Comissario, 67.
 Companhia de Jesus, 25, 75, 78.
 "Comparative Ethnographical Studies", 129.
 Concha, 175, 239, 255, 280, 286.
 "Condição da Criança entre os Indios do Brasil, 235.
 Condição da mulher indigena, 128, 257.
 Condor (moeda), 64.
 "Conferencias" (Rondon), 219, 286.
 "Conferencias sobre a Rondonia", 19, 180.
 Conflitos com os indios, 60.
 Confraternização nambikuara-parecí, 299.
 Conglomerato, 95.
 Congresso Americano da Criança, 235.
 Congresso Medico Latino-Americano, 327.
 Conibo, 197.
 Constituição geologica do planalto dos parecis, 150.
 Constituição da Republica Brasileira, 67.
 Contaminação do purú-purú, 185, 186.
 Contas de vidro, 170, 241, 242.

"Contribuição ao Estudo do Tokelau", 189.
 Copernicia australis, 74.
 Corante, 278.
 Corda, 143.
 Cordão umbilical, 148, 251.
 Cordilheira do Norte (Vide *Serra do Norte*).
 Côro, 139 (Vide *musica*).
 Corografia, 58.
 Corpo de Engenharia Militar, 55.
 Corredeira, 163.
 Corrego, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 243.
 Coruja, 75, 150, 245.
 Corumbá, 67, 70, 79, 81, 83, 84, 85, 90, 91, 93, 94.
 Cosmético, 128.
 Cosmografo, 80.
 Costa Rica, 287.
 Costumes (usos e), 18, 21, 29, 30, 60, 81, 167, 186.
 Cotcho, 92.
 Coudreau, 51, 53, 222.
 Couro, 70, 88, 228, 239, 240, 281.
 Coutinho, Luiz Pinto Souza, 36.
 Couto de Magalhães, 50, 134, 196.
 Covo, 245, 247.
 Coxipó (rio), 26.
 Cozumel (Ilha), 126 (est.).
 Cranio de bovino, 96.
 Cranio humano, 180, 209, 239, 286, 308.
 Craniometria, 177, 178 (Vide *antropometria*).
 Crax pinima, Pelz., 148.
 Créqui Monfort, G., 204.
 Créqui Monfort — Sénéchal de la Orange, 119.
 Criança, 39, 106, 114 (est.), 122, 130, 135 (est.), 142, 148, 165, 167, 183, 185, 191, (est.), 199, (est.), 202, 225, 231 (est.), 235, 240, 245.
 Cristão, 49.
 Cristiano, El., 77.
 Cronista, 186.
 Cruz, Oswaldo, 187.
 Cruz Vermelha, 169.
 Cruzamento, 213.
 Cruzeiro (constelação), 68.
 Crypturus tataupa, Temn., 157.
 Cuia, 139, 245, 246, 251.
 Cuiabá, 26, 27, 28, 32, 52, 55, 56, 151, 158.
 Culabano, 86, 92, 109, 151, 158, 336, 337.
 Culicinas, 70, 160.
 Cullcoides, 149.
 Culto, 146, 258, 286.

Cultura espiritual, 125 ss., 248 ss.
 Cultura material, 125 ss., 218 ss.
 Cunha, Euclides da, 82.
 Cupini, 150, 258.
 Curare, 273.
 Eurub, 184.
 Curupira, 114.

D

Dactiloscopia, 123.
 Dally, 205.
 Damasceno, 165, 251, 256.
 Dansa, 128, 141, 146, 237, 252 ss.
 Dasypus gigas, 280.
 Dasypus tatusia novemcinctus, 217.
 Degeneração (física e psíquica), 122, 191, 210.
 Deniker, 207.
 Dente, 179, 210, 240, 251, 280, 286, 294.
 Depilação, 243.
 Dermatologia, Sociedade Brasileira de, 180.
 Dermatoze, 180 ss., 314.
 Dermocromia, 118, 175, 194, 200.
 Derrubada, 147, 247.
 Desafio, 92.
 Descalvado, 90.
 Desenho, 140, 251, 259, 260, 261, 263, 276, 315 (Vide *pin-tura*).
 Desmoncus, 278, 282.
 Destruição de florestas, 26.
 Diabase, 150, 169, 275.
 Diadema, 145, 240, 252, 284 ss. (Vide *ornato para a cabeça*).
 Dialeto, 32, 53 ss., 80, 215, 260, 309, (Vide *idioma, lingua*).
 Diamantino, 24, 56, 123, 147, 154, 158.
 Diferenciação étnica sul-americana, 316.
 Dinamometro, 268.
 Dinoponera grandis, 159.
 Dioscorea, 147.
 Diptero, 113, 149.
 Distribuição geográfica da criação de abelhas, 126 (est.).
 Distribuição do trabalho, 127.
 Divindade, 286.
 Dizimos, 27.
 Doce (rio), 283.
 "Documentos para o estudo da psicologia dos Índios do Brasil", 252.
 Doença (Vide *patologia*).
 Dogma, 258.
 Dollcocefalia, 209.

Domínguez, Manoel 74.
 Dorcetaphus bezoarticus, L., 29.
 Dorcetaphus dichotomus, Hl. 102.
 Doze de Outubro (rio), 57, 172, 215, 224, 290, 351.
 Ducke, 87.
 Duração dos postes da linha telegráfica, 163.
 Duvida (rio da), 216.

E

- Eclipse do sol, 260.
 Ectyma, 96.
 Educação, 127, 255.
 Ehrenreich, Paul, 122, 186, 188, 199, 201, 202, 205, 208, 209, 212, 244, 266, 269, 327.
 Eichornia, 87.
 Ema, 29, 129, 140, 150.
 Embira, 107, 153, 166, 231, 238, 275.
 Emboscada, 76.
 Embriaguez, 75.
 Emplumação, 269, 286.
 Encabamento de machado, 275.
 Encanecimento, 192, 202.
 Encangalhamento do boi chucro, 110.
 Enchente, 87 (Vide *enxurrada*).
 Encontro com os nambikuaras, 164.
 Encosto, 156.
 Endocanibalismo, 286.
 Enfeite, 128, 142, 241, 280, 309 (Vide *adorno e ornato*).
 Enfermaria, 80, 95.
 Enoré (ente supremo dos parecis), 133.
 Enterramento, 134, 148, 258, 286 (Vide *sepultura*).
 Envergadura, 122, 206.
 Enxame, 126.
 Enxundia, 243 (Vide *gordura*).
 Enxurrada, 89 (Vide *enchente*).
 Equino, 91.
 Erosão fluvial, 69.
 Escala musical, 138.
 Escravatura (escravidão), 47, 77.
 Escravização de índios, 25.
 Escravizão de sertanejos, 69, 153.
 Escravo, 25, 26, 33, 34, 41, 43, 44, 45, 46, 53, 76, 77.
 Escudo venatório, 128, 140, 147.
 Eskimó, 268, 274, 311.
 "Eskimo et Ouralien", 311.
 Espada, 29, 234.
 Espanha, 72, 76.
 Espanhol, 24, 25, 65, 72.
 Espeleologia, 84.
 Espelunca, 84 (Vide *caverna*).
 Esperança (plancha), 98.
 Espingarda, 134.
 Espinho de ouriço, 242.
 Espirro (morro), 174.
 Espumedor de mandioca (Vide *tipiti*), 276.
 Estabelecimento espanhol, 25.
 Estabelecimento europeu, 24.
 Estação telegráfica, 169, 297, 298.
 Estados Unidos, 307.
 Estafilococcus, 184.
 Estancia, 78.
 Estatística biológica, 190.
 Estatura, 178, 194, 195, 196, 197, 203, 205, 206, 211, 212, (Vide *nambikuará e pareci*).
 Esteatopigia, 177.
 Estearia, 287.
 Esteira, 226, 227.
 Estilização, 140, 146, 315.
 Estio, 94.
 Estrão, 36, 70.
 Estolice, 274, (Vide *propulsor de flechas*).
 Estrada, 19, 24, 111, 115, 157, 298, 300.
 Estrela, 68, 151, 258, (Vide *Cruzeiro*).
 Estrepe, 219.
 "Estudos antropológicos sobre os primitivos habitantes do Brasil", 199.
 "Ethnography of South America seen from Mojos in Bolivia", 252.
 Etíope, 214.
 Etnogenia, 77.
 "Etnografia indígena do Brasil", 327.
 Etnografia sertaneja, (regional), 92.
 Etnólogo, 114, 224.
 Etrúria, 81, 88, 92.
 Euchalaena perennis, 251.
 Eumectes murinus, 105.
 Europa, 62, 66, 68, 167, 307.
 Euterpe, 172.
 Evolução cultural, 297.
 Ewing, 315.
 Excitantes, 235, 237.
 Exorcismo, 30.
 Experiências (explorações), 27.
 Exploração geográfica, 59.
 Exposição Universal de Paris, 301.
 Expressão lusitana, 81, 82.
 Expressão mímica, 165, 257, 258.
 Expressão sertaneja, 151, 152, 153, 296.

P

Fabricius, 315.
 Faca, 222, 230, 234, 297, 304, 312.
 Face, 119 ss., 193, 194, 195, 196, 197 (Vide *parectis e nambikuaras*).
 Face humana estilizada, 140, 147.
 Fahrenheit, 315.
 Faixa, 142, 191, 279.
 Família, 127, 255.
 Fábabe, 221 (est.).
 Farinha, 41.
 Farmacêutico, 80.
 Fauna, 52, 75, 76, 102, 113, 148.
 Fava, 41, 250.
 Faveira, 106.
 Fazenda, 169.
 Fazenda Real, 33, 34.
 Fazendeiro, 90, 98.
 Febre, 295.
 Fecho dos Morros, 80.
 Feijão, 29, 41, 277.
 Feitoria, 24, 158.
 Felis onsa, 87.
 Feliz, Joaquim, 45.
 Ferida, 233.
 Ferida brava, 95, 96, 97, 185.
 Ferocidade indigena, 19, 31, 32, 57, 61, 290.
 Ferramenta, 43.
 Ferret, 123.
 Ferris, 315.
 Ferro (marca) 90.
 Ferro (metal), 170, 284, 299, 301.
 Ferrovia, 61, 62.
 Festa, 145, 239, 243.
 Festa agricola, 287.
 Festa da bandeira (rio), 173, 223, 224, 225 (est.), 348.
 Fetichismo, 21, 258, 315.
 Feto, 239, 251.
 Fiação, 143, 250, 257, 287, 307.
 Fibrã, 92, 142, 143, 271, 280.
 Fichas antropologicas, 118, 123, 304, (Vide *nambikuara e pareci*).
 Fidelidade conjugal, 257.
 Fidejuna manífera, 87.
 Filme, 167, 233, 252, 261, 302.
 Fino-ugriano, 312.
 Fio telegrafico (Vide *linha telegrafica*), 55.
 Físico dos habitantes das margens do rio Paraguai, 79.
 Fisiologia das raças, 190, 191, 192, 194, 199.
 Flageolet, 137.

Flauta, 137, 138, 283, 284, 286, 309, (Vide *avena*).
 Flecha, 29, 52, 56, 134, 147, 162, 164, 230, 244, 245, 253, 257, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 286.
 Flora, 74, 101.
 Floração, 86.
 Florence, Hercule, 50.
 Florestas, 19, 23, 27, 28, 62, 86, 88, 93, 103, 105, 107, 114, 115, 132, 150, 154, 158, 159, 162, 168, 172, 200, 225, 304.
 Flutuante, 244.
 Fogo 129, 156, 167, 224, 226, 231, 233, 247, 275, 278.
 Fogueira, 40., 129, 158, 164, 166, 224, 238, 254.
 Foceiro, 57.
 Fojo, 29.
 Fonética, 261 ss., 265, 266, 267.
 Fonografo, 130, 131, 132, 254.
 Fonograma, 130, 131, 132, 136, 138, 139, 252, 304, 328, 329, 330, 331, 332.
 Fonseca, Amaro, 109.
 Fonseca Filho, Olympio da, 11, 96, 189, 354.
 Fonseca, João Severiano da, 84.
 Fonseca, José Gonçalves, 28.
 Força dispendida para atrair com o arco, 267.
 Forgeot, 123, 124.
 Formiga, 107, 301.
 Formiga (rio), 162, 163, 292.
 Fornigueiro, 277.
 Formoso (rio), 114.
 Formula dactiloscópica, 123, 124.
 Formula de erupção dos dentes, 179.
 Fornoalha, 93.
 Fornecimento aos seringueiros, 155.
 Forragem, 168.
 Forte Coimbra, 80, 84.
 Forte Príncipe da Beira, 35.
 Fortificação, 219.
 Fosforo, 165, 170, 233, 256.
 Fossa, 95.
 Fotografia metrica, 118.
 Fotografias da Rondonia, 15, 167, 181, 299, 303.
 Fotografo, 57.
 Francia, José Gaspar de, 76.
 Franco de Almeida Serra, Ricardo, 34, 35, 80, 84.
 Freitas, Francisco José, 35.
 Fritsch, 202, 203.
 Fronteira, 35, 79, 90.
 Fruta de lobo, 159.
 Fruto medicinal, 277.

Fuegino, 208, 270, 313.
 Fuga de escravos, 33, 43, 44,
 45, 46, 47, 53.
 Fumo, 41, 141, 147, 158, 236,
 237, 238, 249, 279 (Vide *ci-
 garro e tabaco*).
 Fungo, 189.
 Furto de mulheres, 41.
 Furunculo, 96, 185.
 Fuso, 143, 270.
 Fuzilamento, 76.

Q

Gado, 82, 86, 156, 168, 243, 245.
 Gafanhoto, 229.
 Gaiva (lagoa), 83, 86.
 Galera (rio), 33, 35, 41.
 Galinha, 41, 43, 108.
 Gallinago paraguayae, Viell., 158.
 Galo da tarde, 168.
 Galton, 123.
 Ganzá, 92.
 Garapa, 106.
 Garça, 70, 90, 91.
 Garcia, Aleixo, 25.
 Garimpeiro, 66.
 Garimpo, 95.
 Gastropode, 184.
 Gavião, 298, 299.
 Gé, 207, 208, 214, 228, 263, 264,
 266, 270, 273, 310, 311, 312,
 315, 316.
 Generosa, 122 (est.).
 Genesio, 90, 109, 110, 151.
 Genetista, 248, 249.
 Geneve, 118.
 Gengiva, 180.
 Genipa americana, 147.
 Genipapo, 147, 200.
 Gentio, 34, 38, 39, 40 e 41.
 Geografia, 15, 48, 58.
 "Géographie Humaine", 129.
 Giovanni, De, 212.
 Qi-paraná, 215, 218, 219.
 Girau, 223, 225, 227.
 Glandula sebacea, 188.
 Globus, 49, 50.
 Goeje, 218 (est.).
 Golabeira do mato, 115.
 Goiaz, 63, 151, 157.
 Gomez, 147.
 Gordura, 278 (Vide *enxundia*).
 Gossypium, 106.
 Gotemburgo, 266.
 Gouveia, 237, 257, 289, 290.
 Governo e administração dos In-
 dios, 25.
 Governo do Brasil, 55, 71.
 Governo tribal (Vide *pareci e
 nambikuara*).
 Graebner, 312.

Gralhão, 162.
 Gramatica pareci, 135 ss.
 Graminea, 69, 78, 87, 95.
 Grande Guerra, 304.
 Granizo, 168.
 Grão, 43.
 Grassi, 297.
 Gravata, 147.
 Gravidez (Vide *nambikuara e
 pareci*).
 Grelha, 93.
 Grotta, 93.
 "Groupe Otuké, Le", 204.
 Gruta do Inferno, 83, 84.
 Guaiaki, 252, 310.
 Guairó, 106, 111.
 Guaniu-jaman, 73.
 Guaporé (rio), 31, 33, 34, 35,
 36, 38, 40, 117, 126, 215, 216,
 217, 222 (est.), 242, 290.
 Guarã, 92.
 Guaralo, 287.
 Guaraná, 158.
 Guarani, 71, 72, 74, 75, 76, 77,
 78, 117, 167, 287.
 Guarda da alfandega, 81.
 Guarda-mór, 27.
 Quariba, 89.
 Guariroba, 106.
 Quarnição, 60.
 Guató, 89.
 Guck, 264.
 Guerra civil, 72.
 Guerra (dos Indios), 253, 272.
 Guerreiro, 71.
 Guevara 222 (est.).
 Guia, 56.
 Gulana, 84, 147, 270, 271, 273,
 277, 281, 287.
 Guido (Coleção), 142.
 Guilherme (estrada do) 42.
 Guillelma insignis, Mart., 269.
 Guiné, 26.
 Guizo, 145.
 Gurupí, 132, 148, 252, 270, 273.
 Guttilera, 116.
 Gy (rio), 286.
 Gynierium parviflorum, Nees., 69.

H

Habitação, 224, 225 (Vide *casa*).
 Habitat dos Nambikuaras (vide
nambikuara).
 Hancornia speciosa, 147.
 Handbuch der Historisch-Geo-
 graphischen Pathologie", 187.
 Hartman, 123 (est.).
 Head-bail, 145.
 Heliconia, 114.

Heliotropismo, 93.
 Hematozoário, 295.
 Hemitero, 314.
 Herodias egretta, Cm., 70.
 Heroi, 64, 65.
 Heroi civilizador, 134, 286, 287.
 Herpes circinatus, 188, 189.
 Herva-mate, 75.
 Herbario, 183, 278.
 Hevea, 171.
 Hidromel, 231, 291.
 Higiene (más condições de), 79, 83, 95.
 Hirsch, 188.
 Hisipotuba (Vide *Sipotuba*).
 Historia, 18, 21, 26, 71.
 "Historia Naturalis Brasillae", 191.
 Hoehne, F. C., 249, 275.
 Hoka, 311.
 Homem overo, 186.
 Homem americano, (D'Orbigny), 193.
 Homem culto, 17, 18.
 Homem simio, 51.
 Horta Barbosa, Nicolau, 290.
 Hostilidade indigena, 25 (Vide *ferocidade*).
 Hrdlicka, Afes, 179.
 Huari, 222 (est.) 252, 311.
 Huguenote, 65, 66.
 Humaltá, 70, 71.
 Humanidade do futuro, 17.
 Humboldt, 287.
 Hydrochaerus Capihara, 230.
 Hymenea stignocarpa e H. stilbocarpa, 160, 275.

I

Iamaká, 29, 30.
 Iamamadi, 201, 203, 205, 209, 211, 211.
 Iatapú (rio), 197.
 Iatokê, 132.
 Iaulapiti, 204.
 Ictiose, 184.
 Idade (determinação da — pela formula dactiloscopica), 124.
 Idade litica, 17, 18, 52, 167, 246, 248, 307, 311.
 Identificação judiciaria, 118.
 Idioma, 64, 72, 75, 76, 77, 78, 167, 266, 310, 313, 316. (Vide *dialeto, lingua, nambikuara e pareci*).
 Idolo, 28, 287.
 Igapó, 158.
 Inaciano, 25.
 Ignorancia sobre o noroeste de Mato Grosso, 19.

Igreja, 77, 94.
 Ihering, (est.) 288.
 Ijca, 222 (est.)
 Ikê (rio), 173.
 Ilex paraguayensis, St.-Hil., 75.
 Ilha, 24, 36, 38, 87.
 Iliocê (rio), 149, 162.
 Imigração, 65, 66, 83.
 Imitação pelos nambikuaras de objetos estranhos á sua cultura, 284, 286, 287.
 Imiti, 128, 142.
 Imperata brasillense e I. caudata, 104.
 Importação de negros, 25.
 Imposto, 33.
 Impressões digitais, 123.
 Inajá, 171.
 Incisivo, 179 (Vide *dente*).
 Inconfidencia, 82.
 Indaiá do campo, 116.
 "Indianer Studien in Zentral Brasilien", 89.
 "Indians of Serra do Norte, Thê", 263.
 "Indiens Arikemes, Les", 286.
 "Índios Nambikuara do Brasil Central, Os", 59.
 Índio-negro, 200.
 Índice cefálico (Vide *nambikuara e pareci*).
 Índice facial (Vide *nambikuara e pareci*).
 Índice nasal (Vide *nambikuara e pareci*).
 Indonésia, 310.
 Inglaterra, 67.
 Inglês de Souza, Herculano, 283.
 Inhambú, 157, 168.
 Inimigo, 252, 253.
 Inseto, 115, 250.
 Instituto Historico e Geografico, 14, 27, 33, 50, 84, 195.
 Instrumento cirurgico, 251.
 Instrumento de musica, 30, 137, 138, 139, 140, 146.
 Instrumento sagrado, 30, 132, 133, 135, 137, 146.
 Invernada, (est.) 169, 215, 290, 296.
 Invernala, 102.
 Inverno, 63.
 Iôhóhó, 127, 130.
 Ipané, 77.
 Ipê, 86, 267, 294.
 Ipeca, 147.
 Iporanga, 84.
 Ipuriná, 201, 202, 206, 209.
 Irala, Domingo Martinez, 24, 25.
 Iriartea exorrhiza, 172.
 Isoptero, 150.

Itabirito, 94.
 Italiano, 65, 67.
 "Itinerário do Amazonas á Bo-
 lívia", 287.
 Iurucaré, 273.
 Izabel a Redentora, 78.

J

Jaboticaba, 149, 165.
 Jacaranda, 86.
 Jacaranda copaia, 86.
 Jacaré, 100, 210, 218.
 Jacarés (ind.), 52, 218.
 Jacarezinho (rio), 106.
 Jaci-paraná, 58.
 Jaguar, 286 (Vide *onça*).
 Jaguarí, 51.
 Jamarí, 32, 58, 286.
 Japonês, 78, 200, 315.
 Japurá (rio), 197.
 Jararaca (flauta), 127, 130.
 Jataí, 275.
 Jatí, 126, 294.
 Jatobá, 115, 160, 223, 226, 250,
 294.
 Jaurú (rio), 25, 27, 90, 93, 105,
 117, 125, 127.
 Javaé, 309.
 Jejum, 148.
 Jequitibá, 111.
 João Lucas, 183, 249.
 João de São José, 49.
 João II, D., 26.
 Joaquim, 89.
 José André, 158.
 José Bonifácio, 108, 174, 180,
 210.
 Juba, 105, 117, 125.
 Juberi, 184.
 Juína, 48, 51, 58, 59, 163, 164,
 174, 175, 175, (est.), 181,
 (est.) 215, 215 (est.) 218, 221
 (est.), 225, 250, 257 (est.),
 289, 290, 292, 348.
 Julio Caetano (ribeirão), 170.
 Juruá (rio), 55, 184.
 Juruena, 19, 24, 28, 30, 39, 35,
 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 57,
 58, 59, 97, 108, 109, 114, 115,
 126, 133, 148, 150, 153, 156,
 157, 158 (est.), 158, 161, 162,
 163, 164, 174, 173, 180, 181,
 215, 216, 219, 224, 221, 242,
 246, 290, 292, 299, 300, 310,
 319.
 Justiça pública, 66.

K

Kabixis, 31, 50, 126, 147, 217.
 Kaiabi, 251, 310.

Kalapó, 204, 205, 207, 208, 209,
 211, 212, 214, 274.
 Kaimaré (genio da lua pareci),
 148.
 Kamaluré, 204, 205, 207, 209,
 210.
 Kamaikoré (heroi Pareci), 133.
 Kamé, 270.
 Karajá, 50, 111, 200, 201, 204,
 205, 209, 211, 212, 212, 266,
 274, 313.
 Karajano (grupo linguistico), 266.
 Karéke, 116, 150.
 Karipuna, 287.
 Karumi (rio), 173, 222, (est.),
 348.
 Katuquina, 267.
 Kauomená (festa), 131.
 Kaxinauá, 117.
 Kaxinitti, 117, 126.
 Keller, 287.
 Kêterokó (Aldeia Queimada),
 130.
 Kielmeyera coriacea, Mart., 116.
 Kijeme, 308.
 Kip-keriat, 216, 286,
 Kiriri, 53, 266, 267, 313.
 Km, 53, 114 (est.), 115, 158.
 Kockgruenberg, 51, 52, 53, 126
 (est.), 187, 222, (est.), 286,
 311.
 Kogaba, 222 (est.)
 Kôko, 264.
 Kokoteró, (personagem lenda-
 rio), 135.
 Kokozú, 52, 175, 215, 215, (est.),
 217, 221, 225, 230, 236, 237,
 238 (est.) 246 (est.) 252, 255,
 256, 258, 259, 260, 261, 263,
 322, 348, 351.
 Kolb, João, 153, 154, 264.
 Koluizorocé, Libanio, 298, 299.
 Komos, Alfabeto, 264.
 Kozarini, 117, 126, 135 (est.),
 147, 217, 306 (est.) 319.
 Krause, Fritz, 189, 266, 309.
 Krickeberg, 266.
 Krikrickeberá, 251, 256, 260, 290.
 Kuhlmann, G., 275.
 Kutiseu (rio), 202.
 "Kulturkreise und Kulturschi-
 chten in Sued America", 129.
 Kustenua, 203.

L

Lablache, Vidal, 129.
 Laboratorio de química analíti-
 ca, 130.
 Labre, A. P. 287.
 Lacandon, 126 (est.).

Lacerda, J. B. de, 196.
 Lacustre (habitações), 287.
 Ladario, 67, 68, 69, 79, 81, 84.
 Lagarta, 277.
 Lagartixa, 229.
 Lagarto, 150.
 Lagenaria, 278, 279.
 Lagôa, 87, 102, 115.
 Lagôa Santa, 84, 178, 311.
 Lambe-olho, 301.
 Lamelibranquio, 176, 239.
 Lameré Luque, 77.
 Lancha, 81, 88, 92, 94.
 Langsdorff, 50.
 Laranjeira, 105.
 Laranjeira, Companhia, 79.
 Larva, 300.
 Latex, 87.
 Lavoura, 250, 307.
 "Lavoura. A", 158.
 Lavrador (de minas), 26.
 Lavras, 25, 53.
 Lavrinha, 41.
 Lebtzelter, 311.
 Leduc, 57.
 Leguminosa, 87, 115.
 Leishmaniose, 96, 98, 184, 185.
 Leite, 232.
 Leite de soveira, 171.
 Letto, 224, 225.
 Lenda, 19, 21, 76, 126, 127, 132, 133, 134, 287.
 Lenha, 93.
 Leopoldo Ambrosio, 98.
 Lepidoptero, 143.
 Leporinus copelandi, 163.
 Lepra, 103, 185.
 Léry, Jean de, 185.
 Lesão traumática, 210.
 Leucophoix candidissima, Gm., 70.
 Levantamento topografico, 55.
 Leverger, Augusto, 58.
 Lexico, 136, 262, 265 (Vide *vocabulario*).
 Liana, 62.
 Liber, 287.
 Libertos de la Republica del Paraguay, 76.
 Liga, 142, 145, 189, 191, 282.
 Lima, 299.
 Lima, Felix, 222 (est.).
 Lingua, 21, 49, 77, 78, 136, 235, 287, 309, 311 (Vide *dialecto, idioma, nambikuara e parecl*).
 Lingua de Mariano, 19.
 Linguística, 204, 264, 265, 266, 267, 319, 312, 313.
 Linhas estrategicas e telegraficas de Mato Grosso, 125, 302 (Vide *fto telegrafico e linha telegrafica*).

Linha telegrafica, 18, 28, 59, 113, 147, 150, 157, 160, 161, 162, 164, 165, 168, 169, 171, 185, 295, 299.
 Lissotrico, 175.
 Lobo, 150.
 Localização de trabalhadores, 62.
 Loeffgren, 70.
 Lohengrin, 70.
 Londres, 59.
 Longevidade, 192, 197.
 Lopes, Raimundo, 11, 74, 85, 101, 110, 148, 152, 252, 270, 273, 279, 286, 287, 307.
 Lopez, Carlos, 76.
 Lopez, Solano, 71.
 Lota, 185.
 Lua, 148, 258.
 Lucuna, 280.
 Luerssen, 248.
 Lund, 84, 180.
 Luz eletrica, 83.
 Lyra, Tenente, 57.

M

Maca, 130.
 Macaco, 87, 90, 90, 111, 232, 243, 245, 272, 280.
 Macedo, Victoriano Lopes, 35.
 Macerata, José Maria, 51.
 Machado de aço, 21, 58, 154, 170, 225, 239, 243, 257, 299.
 Machado de pedra, 21, 56, 159, 247, 275, 287, 307, 312.
 Machifero (rio), 222 (est.).
 Maciel, Jesuino, 297.
 Macroscelia, 179, 212, 213.
 Madeira, 93, 223, 230, 237, 242, 269 ss., 272, 286, 287, 312.
 Madeira (rio), 19, 47, 58, 59, 143, 197, 216, 286.
 Magalhães, Basilio, 14, 73, 204.
 Makirocê, 122 (est.).
 Makuna, 126 (est.).
 Mal dos caratês, 185, 187.
 Mal de Napoles, 186.
 Mal das pintas, 186.
 Malaio-polinesio, 311, 312.
 Malaria, 108 (Vide *paludismo*).
 Maloca, 59, 164, 173, 225, 236 (est.), 237, 256, 291 (Vide *cabana, casa, choça, choupana, palhoça*).
 Maloquinha de caça, 224.
 Malpighiacea, 116.
 Malutundú (ind.) 216.
 Mamangaba, 149.
 Mamão, 114.
 Mambicara, 49 (Vide *nambikuara*).

Mambyquara, 215 (Vide *nambikuara*).
 Mamona, 250.
 Mamoré (rio), 52.
 Manada, 23.
 Manãos, 123.
 Mancai, 301.
 Mandaguari, 170.
 Mandchuria, 78.
 Mandioca, 29, 41, 60, 134, 147, 164, 170, 180, 223, 231, 232, 236, 247, 248, 259, 274, 291, 298, 299.
 Manduca, 256.
 Manduri, 170.
 Mangaba, 149, 161, 231.
 Mangabeira, 128, 147, 149, 150, 175.
 Mani, 134.
 Manifestação de alegria e de descontentamento, 228.
 Manihot utilissima, 147, 249.
 Manoel Benedito, 108.
 Manouvrier, 122, 212.
 Manson, 296.
 Mantimentos, 43, 45, 46.
 Manto de fibras, 242, 280.
 Manuale di Polizia Giudiziaria, 119.
 Mão (Vide *nambikuara e pa-reci*).
 Mapa, 15, 19, 36.
 Mapuera (rio), 222 (est.).
 Maquinista, 68.
 Mar Mediterraneo, 301.
 Maracá (caverna), 84.
 Maracá (chocalho), 145, 146.
 Maracá (rio), 84.
 Marajo, 101.
 Maranhão, 87, 101, 152, 287.
 Marcgrave, 114, 191, 192.
 Maria de Molina, 173, 174, 216.
 Maribondo, 107.
 Marilla, 82.
 Marinheiro, 67.
 Markham, Clements, 51.
 Maronis (ribeirão), 172.
 Martin Garcia (ilha), 68.
 Martin, R., 121.
 Martius, 34, 51, 74, 108, 114, 156, 158, 178, 184, 185, 186, 195, 196, 247, 264, 269, 307, 310.
 Mascate, 83.
 Massachusetts, 66.
 Mastro, 67, 79.
 Mata, 38, 53, 54, 60, 69, 73, 88, 89, 93, 101, 103, 112, 113, 114, (est.), 130, 135, 150, 153, 154, 158, 162, 163, 170, 172, 220, 225, 244, 246, 247, 248, 279, 301, 304, 313.

Mata das Azeitas, 159, 162.
 Mata da Canga, 168.
 Mata da Poaia, 103 (est.).
 Mataco, 207, 270.
 Matadouro, 79.
 Mate, 79.
 Matematica (noções de), 259, s.
 Matiri, 107, 143.
 Mato, 40, 45, 93, 107 (Vide *mata*).
 Mato-Grosso, 18, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 33, 36, 49, 50, 51, 53, 56, 58, 61, 63, 67, 76, 79, 83, 90, 101, 107, 115, 118, 126, 126, 135, 142, 151, 157, 158, 169, 215, 217, 269, 300, 354.
 Mato virgem, 27, 28.
 Matraca, 92.
 Matrichã, 162.
 Matuto, 48, 104, 107, 287.
 Maué, 197, 199, 271, 283, 309.
 Maué-assú, (rio), 197.
 Mauritia flexuosa e M. vinifera, 106.
 Maximillana regia, 171.
 Mecanico, 301.
 Medicina, 84, 109, 250, 250.
 Medicinal, 87, 97.
 Mehinakú, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211.
 Mel, 56, 60, 126, 154, 163, 171, 170, 231, 231, 237, 251, 294, 304.
 Melador, 294, 295.
 Melanesia, 311.
 Melgaço, Barão de (rio), 58.
 Melipona duckei, 301.
 Melipona marginata, M. postica, M. tataira, 170.
 Mello, Francisco Pedro de, 34, 43, 48.
 Mello Leitão, C. F., 11, 275.
 Mello, Martinho, 36.
 Melodia, 139 (Vide *musica*).
 Membyuares, 215 (Vide *nambikuaras*).
 Mendes, Candido, 24.
 Menimehe, 126 (est.).
 Mercado, 72.
 Mercador, 83.
 Mercurio vegetal, 87.
 Merostachys, 272.
 Merozoito, 295.
 Mesatiskele, 212, 213.
 Mestico, 35, 126 (est.). (Vide *caboclo e cafuso*).
 Metchnikoff, 173.
 Metodo de pesquisa antropologica, 190.
 Métraux, A., 137, 277.
 Mexico, 126 (est.).

Meyer, Hermann, 269, ss., 270.
 Microdactylus cristatus, L., 129.
 Microscopia, 184, 189, 203, 203, 211.
 Migração, 316.
 Milho, 29, 41, 128, 134, 167, 167, 180, 223, 231, 232, 247, 248, 249, 259, 279, 298, 299.
 Millet de Saint-Adolphe, 50.
 Milvago chimachima, Vieill., 70.
 Mimetismo da palhoça nambikuara, 220, 291.
 Mina, 25, 26, 32, 33.
 Minas Gerais, 83, 151.
 Mineiro, 66, 94.
 Mineiro, João, 109.
 Mineração, 77.
 Minereo de ferro, 94.
 Mingau, 232.
 Ministerio da Agricultura, 187, 249.
 Miocardite beriberica, 109.
 Miranda Ribeiro, 278.
 Miranha, 197, 178.
 Mirtacea, 115, 149.
 Missão Citroen, 303.
 Mixtecas, 126 (etc.)
 Mlza, Joaquim Maria, 46.
 Mocambo, 53, 312.
 Mocetenes, 185.
 Mongolico, 122, 195, 202, 207, 213.
 Monogamia, 148.
 Montanha, 80, 86, 162, 172.
 Montessori, 212.
 Montevideo, 63, 64, 68, 69.
 Montoya y Flores, 187.
 Moquem, 230, 231, 296, 309, 313.
 Moracea, 87.
 Moraes, José, 87.
 Morféa (Vide lepra).
 Morfologia racial, 190, 191, 191, 197, 198, 314.
 Morrinho do Lyra, 172 174.
 Morse (metodo de atirar), 269.
 Morte, 132, 134, 142, 148, 154, 226.
 Mosca, 300.
 Mosquiteiro, 85, 91, 160, 295.
 Mosquito, 85, 96, 107, 149, 218, 229, 295.
 Motor, 88, 301.
 Mound, 310.
 Moure, Amédée, 50, 51.
 Mucuri (rio), 197.
 Mudança de domicilio, 225, 227.
 Mueller, Fritz, 113.
 Mugnier, 207.
 Mulatetra, 115.
 Mumia, 203.
 Mundurucú, 52, 107, 216, 267, 283, 309.

Munga, 184.
 Mura, 197.
 Muricé, 116, 150.
 Mururé, 87.
 Murury, 87.
 Musa paradisiaca e M. sapientum, L., 114.
 Musacea, 114.
 Museu, 64, 89, 289.
 Museu Historico, 71.
 Museu Nacional, 14, 15, 19, 30, 54, 57, 62, 71, 81, 84, 92, 101, 117, 118, 123, 125, 131, 137, 140, 141, 142, 142, 143, 145, 161, 175, 183, 216, 231, 239, 248, 252, 261, 267, 270, 273 ss., 283, 293, 298, 299, 303.
 Musica, 131, 137 ss., 146, 253 ss., 303, 315, 328 ss.
 Mutilação dos dentes, 311.
 Mutillidae, 301.
 Mutuca, (corrego) 45.
 Mutum, 148, 162.
 Mutum (pouso), 157, 161.
 Mutum-cavalo, (rio), 174.
 Myletes edulis, 141.
 Myrmecophaga, 140.

N

Nacar, 280, 281.
 Nacionalidade, 77, 157.
 Nacionalista (espírito), 78.
 Nado da bolada, 293.
 Nahukuá, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 309.
 Nambicoara, 49, 216, (Vide nambikuara).
 Nambikuara, 21, 30, 31, 32, 40, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 97, 111, 117, 157, 159, 160, 161, 169, 170, 184, (est.), 184, 185, 188, 198 (est.), 216, (est.), 230 (est.), 242 (est.), 248 (est.), 267 (est.), 290, 292, 296, 297, 299, 307, 309, 310, 312, 314, 315.
 Afetividade, 261, 262;
 Agricultura, 247 ss., 277;
 Aldeia, 218 ss.; Alegria, 228; Algodão, 249, 250, 279; Alimentação, 180, 228 ss., 276; Animais domesticos, 245 ss.; Antropometria, 322, 324; Arco, 267 ss.; Astronomia, 260; Atirar (modo de), 268; Atitude de repouso, 228; Avaliação numerica, 215; Bebida, 231 ss.; Breu, 275; Caba-

- ça, 278; Cabelo, 211, 239; Caça, 244; Calosidade, 176; Caminho, 241; Canto, 254, 333 ss.; Capacete, 239, 286, 287; Casa, 290 ss.; Casamento, 257 ss.; Chefes, 256; Clava, 273; Colheita, 236; Condição da mulher, 257; Corante, 278; Criança, 235, 240, 246, 255, 257; Dansa, 252 ss.; Dente, 179 ss.; Depilação, 243; Dermatose, 180 ss.; Descontentamento, 228; Desenho, 251; Distribuição geográfica, 215; Educação, 256; Estatura, 176, 211; Família, 255; Ferro (aproveitamento do), 284; Flecha, 244, 271 ss.; Fogo, 232 ss.; 278; Fonograma, 333 s.; Formula dactiloscópica, 326; Fumo, 325 ss.; 249, 279; Fuso, 279; Gravidez, 177, 239; Índice cefálico, 213; Índice facial, 213; Índice nasal, 213; Inteligência, 261 ss.; Língua, 260 ss.; Linguagem mimica, 256; Machado, 275 ss.; Manto, 242, 280; Marcha, 244; Medicina, 250, 278; Mobiliário, 223, 226, 227; Mudança, 226; Música, 255; Natação, 244; Navegação, 244; Noções de biologia, 260; Noções de matemática, 259 ss.; Nomes de hordas, 216 ss.; Nome nambikuara, 215; Organização social, 255; Ornatos, 239 ss.; 280 ss.; 285 ss.; Parto, 251 ss.; Pele, 178, 210; Pelvimetria, 176; Perfuração dos lábios e septo nasal, 246; Pesca, 244, 273; Pilião, 278; Plumaria, 252; Proporções do corpo, 176 ss.; 211 ss.; Religião, 258; Retrato falado, 323, 324, 325; Rito, 237 ss.; Trabalho, 257; Trançado, 281 ss.; Velho, 258 e 257; Vestuário, 238 ss.; Vocabulário, 347 ss.
- Nambikuaras (estação), 169.
Nambikuaras (rio), 174.
- Nambiquara, 215 (Vide *nambikuara*).
Namy-cuara, 51 (Vide *nambikuara*).
Namy-uara, 51 (Vide *nambikuara*).
Namon Suratiá, 122 (est.).
Napeocles jucunda, Hub., 112.
Narceja, 117.
Narina, 178.
Nascimento, 148.
Natação, 244.
Natterer, 51.
"Naturell, die Krankheitein, das Arzthum undl die Heilmitte des Uberwohner Brasiliens, Das, 195.
Navegação, 24, 37, 53, 67, 78, 92, 242, 311, 312.
Navio, 67, 68, 70.
Negrito, 211.
Negro, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 53, 76, 126 (est.), 197, 199, 200, 202, 213, 311, 315 (Vide *africano e preto*).
Negro, (rio) 187, 286.
Neo-brasileiro, 24.
Neolítico, 307.
Netto, Ladislau, 283.
Nhambiquara, 49, 215 (Vide *nambikuara*).
Nhanduti, 73.
Nicoláu Bueno (ribeirão), 172.
Nocotiana tabacum, 238, 249.
Nimuendajú, C., 126 (est.), 216, 283.
Ninho, 150.
Niño, El, 77.
Nokauixitá (grlto de), 130.
Nomade, 205, 246.
Nomenclatura de animais, lugares e plantas no Brasil, 75.
Nomes de hordas (Vide *nambikuara e parent*).
Nordenskjold E. 126 (est.), 222 (est.), 221, 252, 266, 273, 279, 311, 313.
Nordenskjold, Otto, 221 (est.).
Norte do Brasil, 14, 23, 29, 30, 68, 115, 116, 162, 169.
Nosologia, 210.
"Nota sobre o Nanduti do Paraguarí, 73.
Notações lexicas, 264.
"Notas antropológicas sobre os índios Urupás", 216.
"Notes sur les Caratés", 187.
"Notícia", 28.
Nova Guiné, 311.
Novo Mundo, 18, 66, 307, 311, 311.
Nozanimá, 331.
Nozes, 75.

Nudez, 238.
Nuleke, 20, 242 (est.), 251, 256,
260, 290.
Numeração, 258.

O

Oasis, 301.
Objetos historicos, 64, 71.
Ocarina, 146.
Oceania, 204, 355.
Occidental, 24.
Ocre vermelho, 278.
Oenocarpus bacaba e O. dis-
tichus, 143.
Oficina, 301.
Ofidio, 105, 211.
Oitava, 26.
Oleo canforado, 159.
Olho mongol, 179.
Oliveira, Apolinario, 27.
Oliveira, (cidade), 197.
Oloniti, 131.
Omagua, 197.
Ona, 311.
Onça, 87, 88, 105, 106, 140, 237,
272, 281 (Vide *jaguar*).
Oncinha, 301.
Opilio, José, 109.
Orbigny, Alcides d', 183, 193,
194.
Orbignya speciosa, 106, 280.
Oregon, 311.
Orelha, 32, 49, 178, 240, 286.
Orelha de pau, 277.
Orelhudos, 51.
Organização religiosa, 127, 128.
Organização social, 127, 128,
253, 313.
Orgulho nacional dos hispano-
americanos, 64, 65.
Orientação da porta da casa,
221, 223.
Orientação ritual, 148.
Origem do homem, 133.
Origem da mandioca, 134.
Origem do milho, 134.
Orion, 255, 260.
Ornato (Vide *adorno e enfeite*).
Ornato para a cabeça, 239, 252,
285, 286 (Vide *diadema*).
Ornato nasal, 145, 241, 281.
Ornato de penas, 145.
Ornithion cinerascens, Wied.,
107.
Ortiguera, 222 (est.).
Osso, 286, 287.
Otukê, 204.
Ouriço, 242.
Ouro, 25, 26, 36, 37, 39, 40,
47, 47, 48, 64, 73, 95, 108,
170.

Oviedo, 126 (est.).
Oyana (ind.), 222 (est.).
Ozorio de Almeida, Alvaro, 11,
183, 273.

P

Paca, 230.
Pacificação de indios, 61, 62.
Pacífico (espírito — dos pare-
cís), 29.
Pacífico (oceano), 311.
Pacova, 114, 236, 250, 291.
Pacová, 114.
Pacú, 141, 163.
Padre, 25, 75, 78.
Padre-medico, 148.
Paes Leme, C., 189.
"Paginas de Dor", 142.
Pai do mato, 132.
Palaguá, 74.
Paixão, 253, 291, 292.
Palamedea cornuta, 76.
Paleamericana (raça), 312.
Paleolitico, 307.
Palha, 143, 223, 224, 226, 227,
236, 237, 238, 246, 273, 278,
309.
Palhoça, 31, 80, 129, 218, 220,
222, 286 (Vide *cabana, casa,*
choça, choupana e maloca).
Palma, 106, 129, 222, 223, 224,
244, 279, 301.
Paimares, 75.
Palmeira, 62, 69, 74, 78, 91, 111,
112, 142, 145, 171, 172, 232,
242, 269, 277, 279, 283.
Palmito, 75, 154, 171, 234, e
233.
Palomino, 222 (est.).
Paludismo, 79, 85, 109, 122, 295,
296 (Vide *malaria*).
Pamaquiri, 187.
Paneiro, 143.
Panela, 223, 226, 231, 232, 275,
279.
Pano (ind.), 286.
Pantano, 23, 36, 40, 83, 90, 95,
101, 157 (Vide *alagado*).
Panteismo, 315.
Papagaio, 158.
Papagaio (rio), 56, 97, 125, 157,
215, 298, 298 (est.) 299 (est.).
Papagalos (rio dos), 74, 158.
Papua, 203.
Pará 39, 48, 87, 215.
Paraguaio, 70, 71, 73, 74, 75, 77,
80, 81, 84, 116, 310.
Paraguai (rio), 23, 24, 25, 27,
28, 61, 63, 67, 68, 78, 81, 81,
83, 85, 86, 87, 92, 93, 94, 95,
101, 104, 126, 154.

- Paraguai, 67, 69, 72, 73, 74, 78, 78.
- Paraná (rio), 69, 70, 70, 74, 77.
- Paranatinga (rio), 26, 202, 281, 310.
- Parapará, 86.
- Parasita, 314.
- Pareci, Antonio, 130.
- Parecis, 20, 28, 29, 30, 31, 32, 56, 105, 109, 111, 113 (est.), 115, 116, 126 (est.), 130 (est.) 134 (est.), 150, 157, 168, 181, 184, 201, 200, 205, 206, 207, 209, 211, 212, 214, 217, 222 (est.), 227, 236, 264 (est.), 283, 286, 287, 292, 298, 299, 300, 302, 304, 307, 308, 309, 314, 328, 329, 330, 331, 332.
- Aldeia, 130; Amamentação, 122; — Antropometria, 319, 320; Antropotipologia, 121 ss.; Armas, 128; Bebidas, 131; Canto, 130 ss.; 137 ss.; Casa, 128; Casamento, 127; Coleção etnográfica, 140 ss.; Comer (modo de), 127; Condição da mulher, 127; Criança, 122; Cultura (material, religiosa, social, Evolução da...) de Antonio Pires, até 1912; 147 ss.; Distribuição geográfica, 126; Família, 127; Festa, 131; Fogramma, 328 ss., 334 ss.; Gramática, 135; Impressesões digitais, 123; Lenda, 133 ss.; Língua, 135; Nome de hordas, 126; Nome nacional, 125; Organização religiosa, 126, 127, 138; Organização social, 126; Patologia, 122; Pele, 117, 123; Pélo, 118; Retrato falado, 118, 120, 124, 320, 321; Trabalho, 127; Utilidade (Instrução do), 127; Velho, 122; Vestuário, 128; Vocabulário, 125, 340 ss.
- Parecis (planalto), 26, 33, 35, 38, 51, 97, 150, 157, 301.
- Parecises, 27.
- Paricá, 242.
- Parição, 302.
- Pariqui, 197, 198.
- Paris, 134, 187.
- Parto, 251.
- Passageiros a bordo, 67, 79, 84, 94.
- Passo do Barranco, 101.
- Passo Presidente, 92.
- Pastagem, 102, 116, 156.
- Pastoril, (Industria), (Vide *Cibillis*).
- Patagão, 204, 311.
- Patologia, 122, 180, 181, 182, 183, 184, 185 (est.), 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 199, 203, 210, 314, 354.
- Patologia social, 154.
- Pato, 43, 169, 230.
- Pau caído, 172.
- Pau para plantação, (Vide *bastão*).
- Pau santo, 116, 150.
- Paula Castro, 280, 283.
- Paulina cupana, Kunth, 158, 156 (est.).
- Paulista, 25.
- Paumari, 186, 209.
- Pavilhão (bandeira), 67, 68.
- Pavilhão da orelha, 176.
- Pé, 176, 186, 208.
- Pediculus, 314, 315.
- Pedra canga, 95, 150.
- Pedra com covinhas, 224.
- Pedro II (premio), 14.
- Pedro II (sala) 71.
- Peixe, 40, 64, 108, 163.
- Peixe (rio do), 52.
- Péle 18, 53, 79, 97, 117, 154, 175, 178, 181, 194, 195, 196, 200, 201, 211, 243.
- Péle vermella, 200, 204, 268.
- Pélo, 118, 175, 188, 243.
- Pelvimetria, 176.
- Pelvis, 176.
- Penacho, 145, 241, 281, 309.
- Pena, 147, 148, 241, 242, 252, 271, 274, 281, 280, 285, 286, 287.
- Peneira, 143, 147.
- Península malala, 211.
- Pente, 128, 247, 274.
- Perdiz, 157.
- Pereb, 185.
- Perfuração do labio e septo nasal, 240, 241.
- Periquito (rio), 158.
- Perna, 176.
- Perneira, 109, 128, 238.
- Peroba, 106.
- Perola (ilha), 126 (est.).
- Perrot, 53.
- Perseguições religiosas, 65, 66.
- Perú, 25, 163, 185, 270, 271, 286, 315.
- Pesca, 227, 244, 246, 271, 272.
- Pescador, 244.
- Peschel, 204.
- Peste de cadeiras, 91.
- Pettermanns Mitteilungen, 49.

- Petroleo, 83.
 Phaseolus, 277.
 Philodendron imbé, Mart, 274.
 Piaba, 163.
 Pian, 184, 185.
 Piarôa, 222 (est.).
 Picada, 40.
 Picapau, 245.
 Pico, 80.
 Pigmeu, 206.
 Pigocentrus, 244.
 Pilião, 111, 221, 227, 230, 236, 254, 278.
 Piloto, 87, 93, 94.
 Pimenta Bueno, 51, 52.
 Pimenta Bueno, (rio), 58.
 Pimentel, G., 49.
 Pinard, 177.
 Pindaituba, (rio), 33, 43, 43, 47.
 Pindoba, 280.
 Pinga, 151.
 Pingente, 240, 241, 252, 278.
 Pinguela, 39, 43, 56, 236 (est.), 241.
 Pinhã, 184, 185.
 Pinheiral, 74.
 Pinheiro, 74.
 Pinto, João (pareci), 304.
 Pintura, 140, 261, 263 (Vide *desenho*).
 Pintura corporal, 128, 243, 278.
 Piolho, 229, 257, 314, 315.
 Piolho, (quilombo), 34, 40, 43.
 Piolho (rio), 33, 35, 38.
 Piorrea alveolar, 180.
 Piquí, 145.
 Piranha, 79.
 Pirará, 36.
 Piso, 191.
 Pissara, 36.
 Pistola, 90.
 Piston, 137, 145.
 Pitagaa, 76.
 Pitangus sulfuratus, L., 76.
 Pithecia satanas, 280.
 Pitogile, 76.
 Plum, 149.
 Pluva, 86, 267.
 Placenta, 251.
 Planalto, 23, 26, 94, 111, 113, 115, 126, 150, 157, 205, 211, 316.
 Plancha, 97, 103.
 Plancheiro, 97.
 Planeta (terra), 17.
 Planeta (lua), 147.
 Planície, 23, 69, 81.
 Plantação, 47.
 Ploss-Bartels, 177.
 Plotus anbinga, L., 70.
 Plumaria, 128, 252, 305.
 Pluma, 91.
 Pneumatose intestinal, 180.
 Poaia, 96, 104, 107.
 Poiaeiro (ave), 107.
 Podagra, 84.
 Podometro, 55.
 Poeira, 94.
 Poente, 27, 28.
 Polaco, 65.
 Policlínica geral, 180.
 Poligamia, 127.
 Polinesia, 311.
 Polinesio, 175.
 Polinevrite alimentar, 84.
 Polimevrite beriberica, 84.
 Polvora, 46.
 Polvora (mosquito), 149, 160, 295.
 Polyporus, 233, 273.
 Pomba, 245.
 Pontaria, 253.
 "Pontas de sílex lascado no Brasil", 307.
 Ponte levadiça, 80.
 Pope, 18.
 Porco, 43.
 Porta da casa, 31, 81, 105, 106, 129, 219, 220, 221.
 Porto dos Bugres, 97, 102, 103 (est.), 105, 106, 108.
 Porto do Campo, 101, 103, 108.
 Porto de Guató, 89.
 Porto Murinho, 79.
 Portugal, 82.
 Português, 24, 25, 47, 65, 67.
 Português (idioma), 43, 82, 136.
 Posnansky, 222 (est.).
 Posto Indígena, 60, 115, 160, 161, 173, 242 (est.).
 Pouso, 44, 54, 115 (est.), 115 (est.), 151, 153, 156, 157, 158, 160, 163, 168 (est.), 225, 227, 290.
 Povoação, 54, 69, 162, 298.
 Povoamento de Mato-Grosso, 27.
 Povoamento da America pelos Europeus, 65.
 Prado, João Leme do, 40.
 Praga, 160.
 Prata, (rio da), 23, 24, 62, 67, 68.
 Preço do couro de onça, 88.
 Preferencia de cores, 241.
 Prefixo possessivo característico de dialeto, 262, 264, 265.
 Prego, José Antonio Giz., 43.
 Preguiça, 256.
 Pre-historia, 18.
 Prenhez, 177, 178.
 Presidente da Provincia de Mato-Grosso, 142.

"Proceedings of the Second Pan American Scientific Congress".
 Negro, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 53, 77, 126, (est.), 197, 200, 202, 203, 213, 312, 313 (Vide *africano e preto*).
 Primavera (rio e pouso), 164, 166, 168 (est.), 167, 174, 229, 289.
 Profilaxia, 85, 108, 295.
 Progresso humano, 17.
 Pronome, 136.
 Propolis, 294.
 Proporções do corpo, 176, 177, 179.
 Proporções dos segmentos da face, 179.
 Propulsor de flechas, 311 (Vide *estolita*).
 Proteção aos indígenas, 62, 304.
 Protetor genital, 147.
 Protium, 141.
 Prova de ouro, 36, 37.
 Provedoria da fazenda real, 27.
 Província antropogeografica, 19.
 Psico-fisiologia das raças, 190.
 Puberdade, 186.
 Pubis, 177, 178.
 Pueblo, 68.
 Pujico, 286.
 Pulsação dos índios, 196.
 Pulseira, 128, 165, 238, 241, 280.
 Purl, 197, 198.
 Puritano, 65, 66.
 Purupurú (índio), 186.
 Purupurú (dermatose), 186, 187, 188, 314.
 Purús (rio), 55, 186, 201, 204, 206, 210, 267.
 Pus, 96.
 Puzzle, 73.
 Pygocentius pirlala, Cuv., 79.
 Pyreneus de Souza, 20, 63, 103, 109, 111, 143 (est.), 159, 261, 290, 291, 296 (est.), 306, 350, 351.

Q

Quadrilátero de Schmidt, 283.
 Quartzo, 163, 298.
 Quatorze de Abril (campos), 173, 216.
 Quetrefages, De, 311.
 Quebracho, 70, 75.
 Queimada, 150.
 Quetelet, 120.
 Quichua, 50.
 Quitombo, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47.
 Quilina, 108, 295.
 Quiquió, 77.

R

Rã, 270.
 Raça, 14; 83, 154, 180, 190, 191, 192, 204, 212, 213.
 Raça americana (von Martius), 194, 207.
 Raça brasileiro-guarani, 193, 194.
 Radde, 123, 201.
 Raiz, 278.
 Ralador, 220, 227.
 Ramos, Galdino, 123.
 Ramphastos toco e R. artel, 142.
 Rancho, 31, 41, 43, 45, 60, 89, 105, 106, 107, 115, 131, 158, 166, 169, 173, 224, 288, 301.
 Ração, 245.
 Rato, 236.
 Ravenala guianensis 114.
 Reco-reco, 92.
 Rêde, 32, 85, 93, 100, 101, 105, 130, 142, 143, 147, 166, 169, 184, 226, 227, 261, 277, 286, 302, 312, 319.
 "Recherches sur les Caratés de Colombie", 187.
 Regime de aguas, 78.
 Rego, Maria do Carmo Mello, 53, 142.
 Rei, 25.
 Reino dos parecís, 28, 29.
 "Reise in Brasilien" (Martius), 156.
 "Relatorio da Directoria Geral dos Índios de Culabá", 52.
 Relatorio sobre as condições medico-sanitarias do vale do Amazonas", 187.
 Religião, 43, 83, 127, 131, 254, 315.
 "Religion des Tupinambá, Lá", 134.
 Remo, 208, 311.
 Renda, 73.
 Rendeira, 73.
 Renealumea exaltata, 114.
 Reno (rio), 68.
 Resguardo, 148.
 Resina, 243, 250, 272, 275.
 Retrato falado, 210, 118 ss., 320, 321, 323.
 Reumatismo, 210.
 "Revista Americana", 74.
 "Revista do Brasil", 19.
 "Revista do Museu Paulista", 283.
 Rez, 293, 294.
 Rhea americana, L., 29.
 Rhinchtus rufescens, Temn., 157.
 Ribeira de Iguape, 84.
 Ribeira sorbillis, 147.

Ricinus communis, 250.
 Riegel, 260.
 Rim de boi, 278.
 Rio (regime de), 23, 24, 103.
 Ringworn, 188.
 Rio-grandense, 79.
 Rio de Janeiro, 55, 58, 62, 71, 125, 142, 175, 180, 187, 249, 290, 299.
 Ritmo da musica, 138.
 Rito, 30, 237, 258, 286.
 Rivet, Paul, 204, 266, 311.
 Roça, 134, 161, 164, 173, 247, 257, 291, 298, 299.
 Rocha, 83, 94, 150, 168, 300.
 Rodrigues Ferreira, Alexandre, 83, 84, 192.
 Rondon, C. M., 13, 14, 19, 20, 31, 28, 30, 31, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 98, 108, 109, 110, 113, 125, 127, 129, 133, 135, 140, 157, 159, 169, 173, 216, 219, 248, 286, 289, 299, 300, 303.
 Rondon (Comissão), 20, 50, 57, 59, 95, 101, 106, 109, 129, 159, 160, 164, 191, 219, 238, 244, 245, 296, 312.
 Rondon (estrada), 19, 156, 166, 168 (est.), 168, 172, 293.
 Rondon (Relatorio de), 125, 135.
 "Rondonia, A" (artigo de Roquette-Pinto), 19.
 Rondonia (livro), 11, 13, 14.
 Rondonia (região), 13, 14, 15, 19, 21, 34, 124, 191, 211, 247, 286, 287, 305.
 Roosevelt, 145, 216.
 Roquette-Childe, 175, 216.
 Roquette-Pinto, E. 11, 19, 126 (est.), 158, 175, 180, 216, 235, 252, 273, 286, 302, 327.
 Rosse, Ronald, 296.
 Rosto, 243.
 Roteiro, 32.
 Rozendo, 290.
 Rubiaceae, 107.

S

Sabiá, 107.
 Sacerdote, 30, 126, 298.
 Saco, 142, 287.
 Sacre (rio), 125, 149, 300, 301.
 Sacrilégio, 258.
 Safra de borracha, 154, 155.
 Sahara, 183, 301, 302.
 Saint-Hilaire, 193.
 Saiote, 128, 142.
 Sai, 234.
 Sai gama, 77.

Saladero, 79.
 Salgueiro, 69.
 Saliva, 183.
 Salto da Felicidade, 11, 112, 113, 114, 162.
 Salumá, 48, 216.
 Salvador, 94.
 Salvador, Frei Vicente do, 200.
 Sambaqui, 180, 210, 224, 310.
 Sampaio, Alberto José de, 11, 69, 70, 87, 101, 104, 116, 249, 275.
 Sampaio, Theodoro, 53, 73, 74, 75.
 San Miguel, 77.
 San Salvador, 126 (est.).
 Sangue (rio do), 149, 300.
 Sant'Ana (corrego), 40.
 Santa Cruz, 86.
 Santa Maria, 126 (est.).
 Santo Antonio do Madeira, 55, 154.
 São João (porto), 86, 91.
 São João (rio), 33, 35.
 São Paulo, 19, 24, 25, 27, 61, 149.
 São Pedro (corrego), 40.
 São Vicente, 41, 42.
 Sapê, 104, 150.
 Sapezal, 104, 105, 106.
 Sapezal (rio), 292, 295.
 Sapopemas, 114.
 Sapotacea, 241, 280.
 Sapper, 126 (est.).
 Sararé (rio), 33, 35, 41, 43, 44, 46, 47.
 Sarcorampus papa, 245.
 Sargento-mór, 27.
 Sariema, 129, 149.
 Sarumá, 48.
 Saubêinã, 56, 150, 153, 156, 162, 292, 293.
 Saurio, 230, 251.
 Sauvageot, 311.
 Scapteromys Gnambiquarae, Mir Rib., 236.
 Schinopsis, 70.
 Schizocerca, 149.
 Schmidt, Max, 56, 89, 222, (est.) 281, 283, 288.
 Schmidt, Padre W., 129, 264, 279, 311.
 Schueller, R. 49.
 Séca do tabaco, 279.
 Séca, 95, 102.
 Secção dos arcos, 267 ss.
 Selos, 128, 177.
 Seixo rolado, 168.
 "Selvagem, O", 134, 196.
 Semang, 211.
 Semente, 43, 183, 248, 278, 279, 280.

- Sepetuba (rio), 27 (Vide *Sipotuba*).
 Sepultura, 134, 258, 287 (Vide *enterramento*).
 Seringa, 155.
 Seringal, 153, 154, 155, 158.
 Seringueira, 95.
 Seringueiro, 59, 153, 156, 158, 158 (est.) 284, 304.
 Serpente, 220.
 Serra, 44, 169, 172, 215, 248.
 Serra do Norte 18, 19, 20, 21, 30, 31, 32, 48, 49, 59, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 113, 117, 118, 126, 150, 158, 168, 169, 172, 176 (est.) 179, 180, 181, 184 (est.), 187, 188, 188, 190 (est.), 191, 198 (est.), 206 (est.), 211, 214, 215, 217, 218, 221, 224, 226, (est.) 227, 231, 232, 233, 238, 242 (est.), 248, 254 (est.), 258, 259, 260, 261, 263, 264, 264 (est.), 265, 266, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 290, 296, 303, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 314, 314, 315, 316, 347, 350.
 Sertanejo, 14, 24, 27, 30, 31, 32, 61, 63, 77, 92, 104, 148, 150, 155, 156, 158, 210, 215, 279, 290, 294, 296, 301, 304, 305, 312, 336, 337.
 Sertanista, 20, 28, 30, 63, 113.
 Sertão, 26, 27, 28, 33, 34, 35, 40, 46, 48, 53, 62, 94, 97, 108, 111, 112, 115, 151, 164, 167, 300, 302.
 Serviço de Proteção aos Índios, 61.
 Sésta, 74, 81.
 Sexo (caracter diferencial), 176, 178, 198, 198, 206, 207, 212.
 Sezão, 158.
 Siete, ramales, 73.
 Sífilis, 196, 210.
 Sifonaptero, 314.
 Silica, 112, 168.
 Símbolo antropomorfo, 287.
 Simiologia, 177.
 Simon, 126 (est.)
 Simúida, 149.
 Síntese pubiana, 177.
 Sino, 77.
 Sipotuba (rio), 24, 28, 97, 98, 101, 102, 103, 103 (est.) 104, 107, 111, 112, 113, 114, 114 (est.) 302.
 Sirio, 83.
 Sistema fonético, 263.
 Sistemas fluviais, 24.
 Situação das aldeias nambikwaras, 218.
 Skinner, 287.
 Soares, 154.
 Soares, Gabriel, 233.
 Soares, Gastão, 173.
 Socorro, 59.
 Sol, 63, 69, 73, 81, 92, 94, 102, 103, 107, 145, 148.
 Solanum lycocarpum, 159.
 Solanum mammosum, 278.
 Solidariedade humana, 17.
 Solimões (rio), 197.
 Solis (teatro), 64.
 Sondagem do canal, 92.
 Sono, 81.
 Sorveira, 171.
 Soveira, 171.
 Speotito canicularia grallaria, Temm, 75.
 Spix, 186.
 Stanford, Universidade de, 315.
 Starr, 126 (est.)
 Steinen, Karl von den, 50, 51, 52, 122, 123, 147, 199, 201, 222 (est.) 269, 280, 313, 315.
 Sucuri, 105.
 Suiá (ind.), 53, 265, 266, 277, 280, 309, 313.
 Sukiú-Azaré, 127, 130 (est.)
 Sui do Brasil, 14, 115.
 Suiato de cobre, 96.
 Sumé, 134.
 Surinam, 287.
 Sutil, Miguel, 28.

T

- Taba, 301.
 Tabaco, 237, 279, 300 (Vide *ctigarro e fumo*).
 Tabapi, 76.
 Taboleiro, 172.
 Tacana, 183.
 Tagnani, 175, 176, 191 (est.), 199 (est.), 216, 218, 222, 224, 226, 230, 231, 233, 238, 243, 245, 249, 254, 255, 256, 259, 260, 263, 264, 309, 322, 347, 351, 368.
 Tañan, 88.
 Taiopa (ind.), 216.
 Tamanduá bandeira, 140, 278.
 Tamararé (ind.), 218.
 Tamarari (ind.), 218.
 Tamaré, 48.
 Tanico (material), 70.
 Tank, 299.
 Tapacura, 192.
 Tapai-muacua, 51.
 Tapaló (ind.), 53.
 Tapaluna (ind.), 312.

Tapajo (ind.) 53, 288.
 Tapajoz (rio). 35, 48, 49, 50,
 51, 59, 197, 215, 217, 283.
 Tapanhoacanga, 94.
 Tapanhuma (ind.), 50, 51, 52,
 53, 58, 217, 312 (Vide *tapa-
 niuna*).
 Tapaniuma, 47, 217.
 Tapirapoa, 97, 98, 101, 103
 (est.) 104, 108, 109, 111, 113,
 150, 156, 161, 168, 173, 261,
 289, 292, 300.
 Tapirus americanus, 237.
 Taquara, 52, 143, 223, 230, 239,
 272, 272, 273, 277, 283 (Vide
bambú).
 Taquarinha, 280, 281.
 Taquarussú, 146, 272.
 Tartaro emetico, 97.
 Taruma (ind.) (est.) 222.
 Tarumá (serra de), 43.
 Tarumã, 132.
 Tarutê, 216.
 Taschuitê, 216.
 Tatá, 170.
 Tatú, 216, 230, 236, 242, 280.
 Tatuagem, 147.
 Tauhitê, 218 (Vide *tauitê*).
 Tauitê, 176, 184 (est.), 216, 218,
 222, 224, 226, 231, 232, 233,
 238, 239, 255, 254 (est.), 256,
 260, 263, 264, 268, 348.
 Taulipang, (est.), 222.
 Taunay, 49.
 Tavares, Astolpho, 137, 255.
 Tavares de Lyra, Augusto, 15.
 Tchou, 311.
 Tecidos, 40, 143, 147, 252, 142.
 Técnica de tecido, 142.
 Tecoma ipê, Mart., e T. ochra-
 cea, Mart., 86.
 Tehuantepec, 311.
 Tefa, 73.
 Teirú, 131, 132, 132, 332.
 Teiú, 150.
 Teixeira, Pedro, 53.
 Tejo, 68.
 Telegrafista, 169, 173.
 Telles, Joaquim, 45.
 Temananga, 51.
 Tembê, 134, 197, 198.
 Tembetá, 286.
 Temperatura atmosférica, 86,
 103.
 Templo, 29, 71, 287.
 Tempo (contagem do), 259.
 Ten Kate, 311.
 Teogonia, 148.
 Tephrosia toxicaria, 275.
 Terapêutica, 127, 183, 300.
 Terçado, 154, 166.
 Terena, 117.

Termita, 150.
 Terra mineral, 33, 35.
 Terreiro (pateo), 134, 218, 219,
 291.
 Tesoura, 239.
 Teto, 129.
 Texto, 135.
 Thievet, 185.
 Tibre, 68.
 Ticuna, 197, 198.
 Tijuco, 94.
 Timalatá, 117, 125, 149, 162.
 Timalatiá (saio), 300.
 Tinea imbricata, 188, 189, 190,
 314.
 Tingul, 275.
 Tinunculus sparverius e T. ci-
 namominus, 298.
 Tintura, 142.
 Tiô Zaluçú, 122 (est.)
 Tipiti, 277 (Vide *espremedor de
 mandioca*).
 Tipos antropológicos fundamen-
 tais dos índios do Brasil, 189-ss.
 Tipos de escolha da humanida-
 de, 17.
 Tira abdominal, 238.
 Toba, 207.
 Tocanguira, 159, 300.
 Tocantins (rio), 201.
 Tokelau, 188, 189, 190, 355.
 Toldo, 164, 222 (est.) 224, 225,
 296, 308, 313.
 Toledo, Bento de, 248.
 Tolotri, Matias, 126, 298.
 Tomellini, Luigi, 119.
 Tonnard, 205, 311.
 Torax, 176, 177, 178.
 "Torção Maranhense, O", 110.
 Torres, 36.
 Totem, 52, 298.
 Tóxico, 273.
 Trabalhador rural, 61, 83, 97,
 164, 165.
 Trabalho indígena, 25.
 Trabalho rural, 156.
 Tradição, 20, 66.
 Traje feminino, 30.
 Trama, 142.
 Trançado, 143, 147, 227, 252,
 281, 282, 283, 287, 309.
 Transmissão do paludismo, 295.
 Transporte dos ossos do mor-
 to, 287.
 Tratados políticos, 67, 78.
 Traveseiro, 228.
 Trinta e tres, 67.
 Trenton, 307.
 Trepanação, 311.
 Tres Burlitis (Retro de), 172,
 173, 174 (est.), 216, 227, 230

(est.), 243, 249, 250, 252
(est.).
Tres Marias, 255.
Trichorrexia, 203.
Trigona, 170.
Trigona jati, 126.
Triilha, 43.
Triilho (caminho), 244.
Trindade, Joaquim, 109.
Trio (ind.), 222 (est.)
Tripa, 92.
Tripanosomíase, 91.
Triplíce aliança, 77.
Tripode, 287.
Trofeu de guerra, 274, 286.
Trombeta, 146.
Tropa, 156, 158, 159, 166, 169,
174, 261, 288, 292, 294.
Trapeiro, 63, 90, 97, 116, 130,
151, 153, 156, 162, 166, 224,
253, 290, 293, 294, 295, 300.
Tropidurus torquatos, 150.
Trumai, 204, 205, 206, 207, 209,
211, 212, 309.
Tuberculose, 210.
Tucano, 145, 252, 281.
Tucum, 142, 143, 147, 227, 267.
Tucuman.
Tucura, 149.
Tudocinus rubei, L., 93.
Tunantins (rio), 197.
Tunga penetrans, 314.
Tupí, 52, 53, 75, 87, 94, 114,
158, 170, 185, 201, 206, 208,
212, 216, 219, 244, 252, 267,
268, 286.
Tupí-guaraní, 53.
Tupinambá, 219.
Tupinambis tegulxin, 150.
Turco, 83.
Turi, 74, 287.
Tuxenura maguari, Gm., 70.
Tympanoterpes gigas, 87.

U

Uacuan, 112.
Uaidnirida, 175 (est.).
Uaikoá-korê, 32, 157, 162, 217.
Uaikoá-korê (pouso), 292.
Uaimaré, 117, 125, 298.
Uaindzú, 31, 52, 322.
Uaintaçú, 31, 52, 175, 216, 217,
218, 239, 242, 242 (est.) 252,
256.
Ualaicôcê, 131, 132, 146.
Ualutndú (ind.), 216.
Uapixana, 222 (est.)
Uatumã (rio), 197.
Uauassú, 106, 222, 224, 280.
Uazákuriri-gaçú (chefe pareci),

Ubá (gramínea), 69.
Ucaiale, 197, 271.
Ulcera, 96, 97, 98, 109, 165,
184, 185, 300.
Umbigo, 177, 178.
Umbrela, 81.
Unha, 181.
Upó (chefe arik.), 286.
Uragoga ipecacuanha, Baill, 104.
Urdidura, 142.
Urinenoá, Damasceno, 261.
Urna, 287.
Urticacea, 87, 171.
Urtiz de Camargo, Geraldo, 42,
43.
Urubamba, 147.
Urubú, 148, 245.
Urubú (índio), 252, 270.
Urubú (rio), 197.
Urucú, 83, 128, 134 (est.) 146,
148, 183, 201, 243, 249, 278.
Urucumacuan, 48, 58.
Urucureá, 75.
Uruguai, 64, 65.
Uruguaió, 67.
Urussú, 170.
Urutau, 60, 237, 239, 256, 257,
285, 290, 291.
Usos (Vide *costumes*).
Utensílio, 224, 227.
Utiariti (sacerdote), 126, 127,
148, 264 (est.).
Utiariti (salto), 298, 298 (est.)
299, 300.
Utiariti (povoação), 30, 117, 125,
145, 292, 297, 298, 299, 300.

V

Valor dos símbolos, 68.
Valorização de terras, 19.
Vapor, 63, 67, 70, 78, 80, 87, 93.
Vaqueano, 151.
Vaqueiro, 78, 82, 86, 90, 91, 110,
173, 249, 293.
Vara (medida), 92.
Varzea Comprida, 159, 162.
Varzea do Mutum, 168.
Vasante, 78, 92.
Vasos, 31, 140, 147.
Vaurá, 204, 210.
Vaurana, 185.
Vavilof, 248.
Veado, 29, 90, 102, 129, 131,
230.
Velha, 81.
Velhas (rio das), 84.
Velhice, 202.
Vellard, J. A., 252.
Veneno, 273, 275.
Veneração aos velhos, 257.

Ventre livre, 76.
 Verão, 171.
 Verde (rio), 24, 50, 117, 125,
 127, 149, 162.
 Vereador, 33.
 Vergões de gravidez, 178.
 Verneau, 311.
 Vestimenta, 128, 238, 287.
 Vianna, Gaspar, 96.
 Vicentista, 26.
 Vida anfíbia dos índios, 187.
 Vida em Assunción, 69 ss.
 Vidrilho, 128, 241.
 Vila Bela, 31, 33, 34, 35, 37,
 42, 43, 44.
 Vila Maria, 95.
 Villar, Luiz Rodolpho, 27, 28.
 Vilhena, 172, 174.
 Vinci, Leonardo Da, 119.
 Vinho, 29, 170, 234, 234.
 Vinte de Setembro (ribeirão),
 162.
 Viola, 92.
 Violão, 92.
 Vitex, 132.
 Vitiligo, 187.
 Viveres, 56, 154.
 Vocabulario, 59, 125, 135, 260,
 262, 263, 265, 338, 340 ss. (VI-
 de *lexico*).
 "Vocabulario da lingua dos Bo-
 rôro Coroados", 87.
 Voracidade, 79.
 "Voyage a Surinam", 274.
 Vucetich, 124.

W

Weiblichen habitus, 203.
 Weisbach, 206, 207, 208.

Werneck, Fabio Leoni, 315.
 Whiffen, 126 (est.), 222 (est.).
 Wied-Neuwied, Maximillano, 193.
 Wig-wam, 308.
 "Wiidnissen Brasiliens, In den",
 309.
 Winchester, 90.
 Windschirm, 224, 308.
 Windscreen, 129.

X

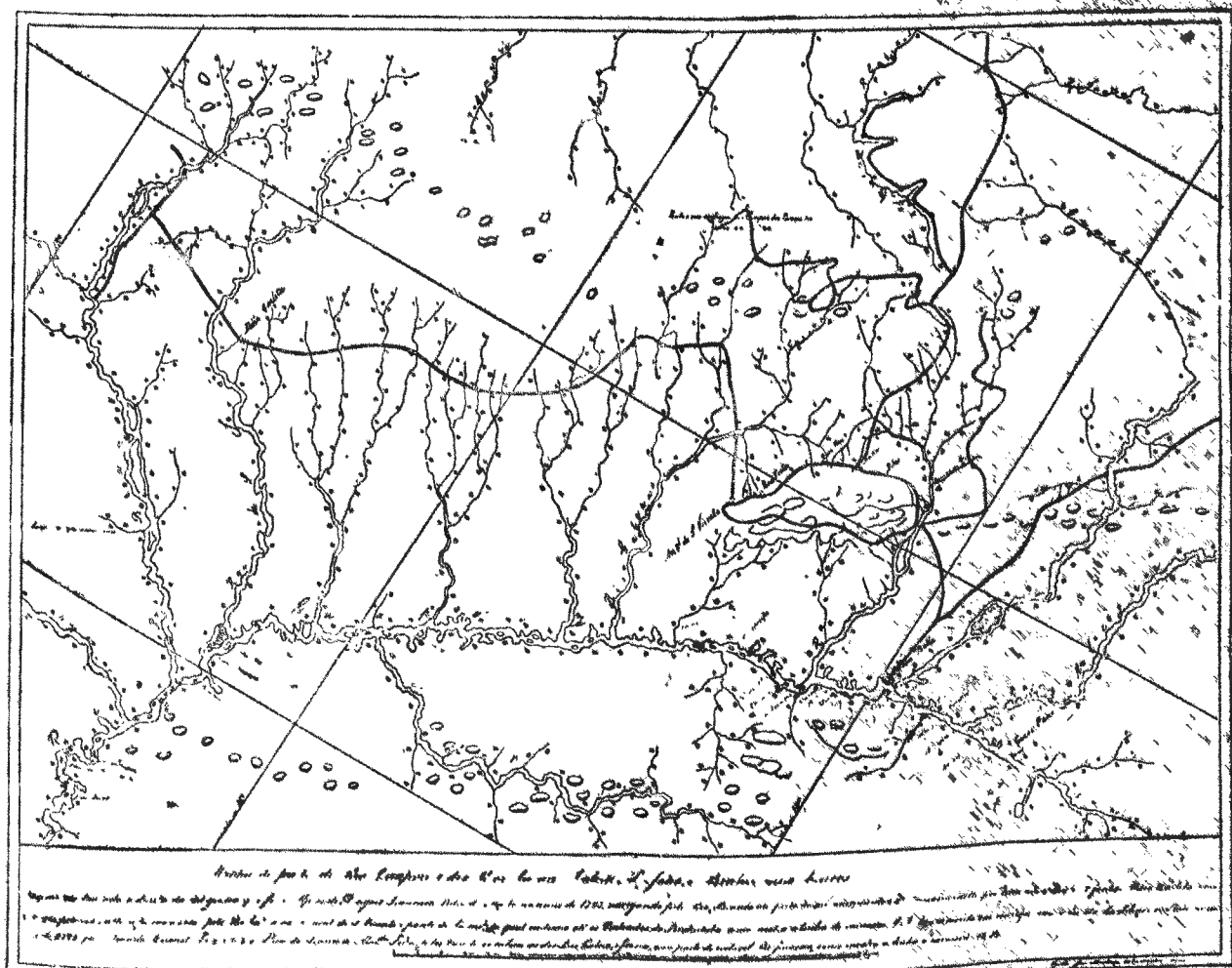
Xallsco, 126 (est.).
 Xoadi-koka (ind.), 216.
 Xarque, 98.
 Xarqueada, 79.
 Xavier Sampaio, 292.
 Xerodermia, 184.
 Xingú, 53, 59, 201, 204, 205,
 206, 207, 208, 209, 210, 265,
 266, 270, 271, 277, 280, 283,
 309, 313, 316.
 Xylocopa, 149.

Y

Yurucaré, 185.
 Yves d'Evreux, 185.

Z

Zea maïs tunicata, 249.
 "Zeitschrift für Ethnologie", 49.
 Zinga, 98, 99.
 Zingador, 99.
 Zingiberacea, 114.
 Zurich, 121.
 Zygophyllacea, 116.



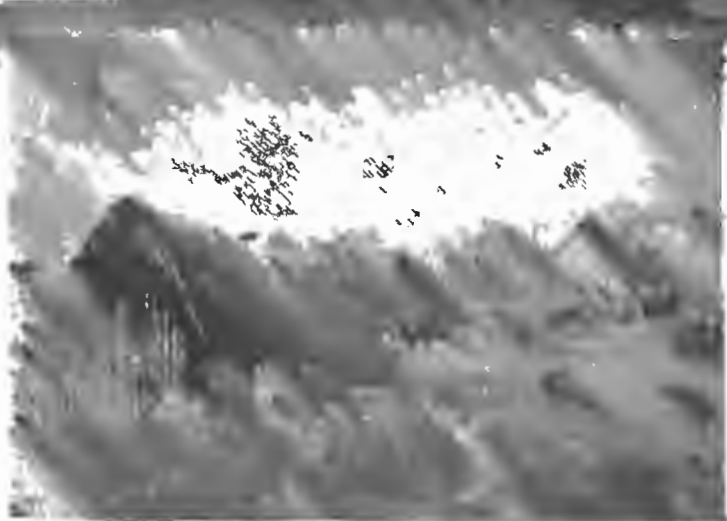
Carta dos territórios explorados pelo Tenente-coronel Ricardo Franco (1794) e Alferes Francisco Pedro de Mello (1795), nos limites da RONDONIA



Pouso à margem do Rio Sipotuba.



Restos da Mata da Poata — Entre Porto dos Bugres e Tapirapuan,



Ponso no km. 50 — Estrada do Sipotuba ao Juruena.



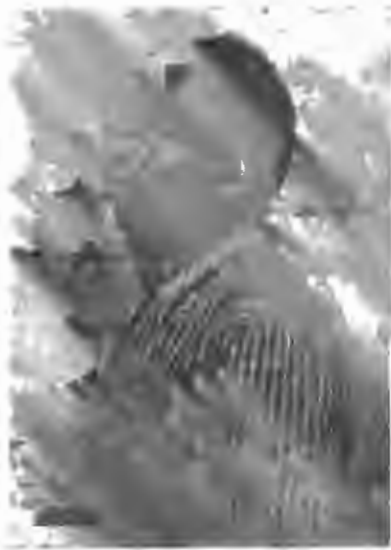
Cyrança Parecis — Aldeia Queimada,



**Makolracê (Generosa) — Pareci
Aldeia Queimada**



**Tiô Zaluçú — Índia Pareci
Aldeia Queimada**



**Namon Suratiá (João Pinto)
Pareci — Aldeia Queimada**



Distribuição geografica da criação de abelhas na America, segundo Nordenskjöld.

- Verdadeira criação de abelhas.
- Colmeias colhidas na mata e trazidas para a aldeia.



Sukitá-Azaré — Pareci.
Aldela Queimada



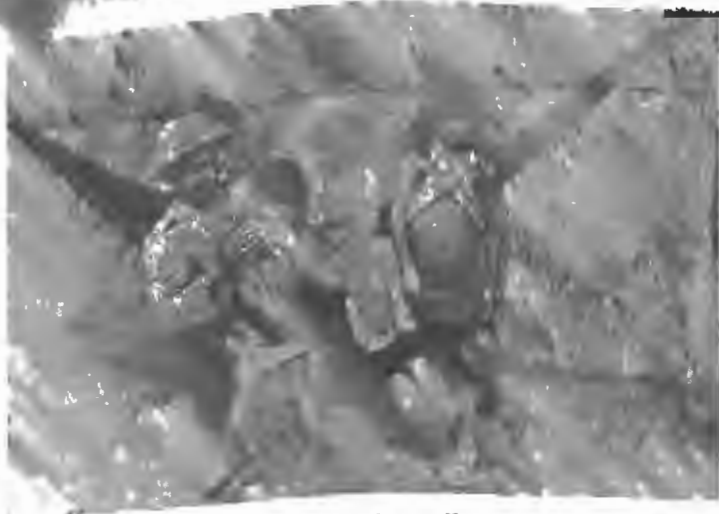
Sukitá-Azaré — Pareci
Aldela Queimada



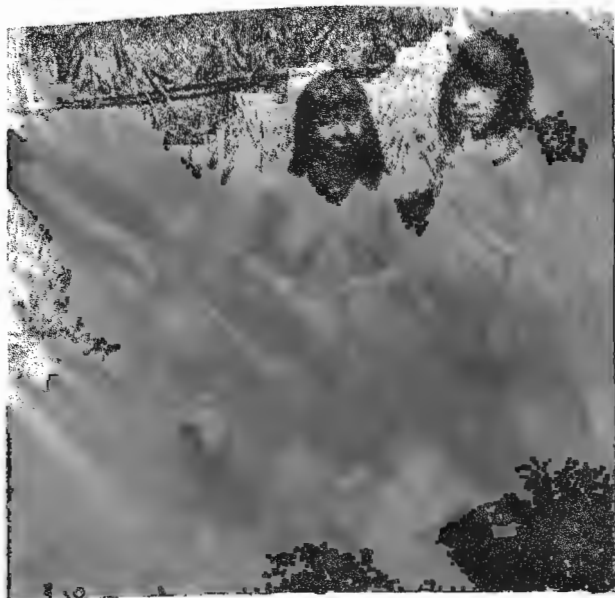
Pareci — Aldela Queimada



India Pareci



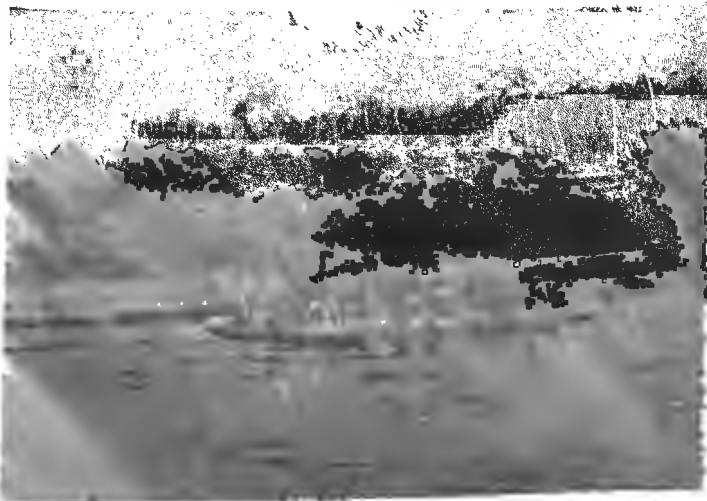
Pyreneus entre crianças Kozarini.



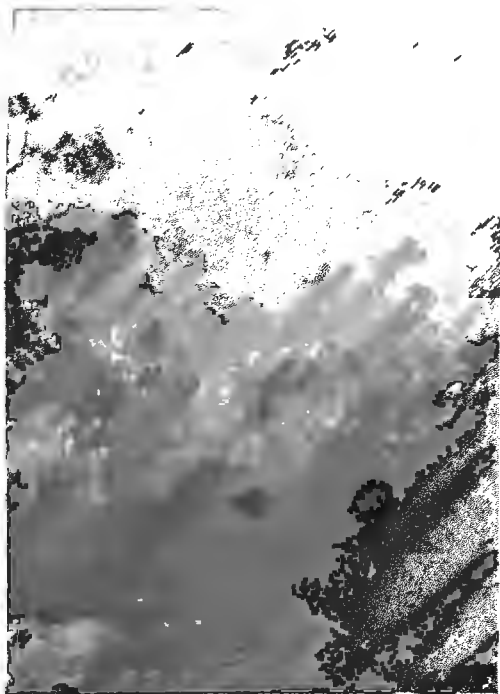
Parecis pintadas com Urucã.



Seringueiro comprimindo a
borracha no cocho.



Balsa atravessando o Juruena.



Pouso do Rio Primavera
(Estrada Rondon).



invernada de "Três Buritis".



Indio Nambikuára.



Ualdnirida — Indio do Juina.



Indio da Serra do Norte.



Indio Nambikuára.



Índia da Serra do Norte.

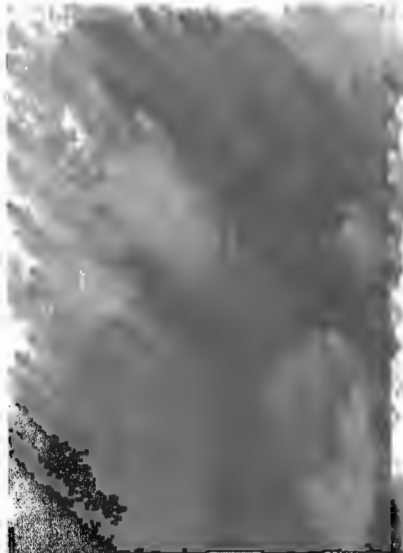


**Dermatose dos Índios da Serra
do Norte.**

(Cliché sem retoques).



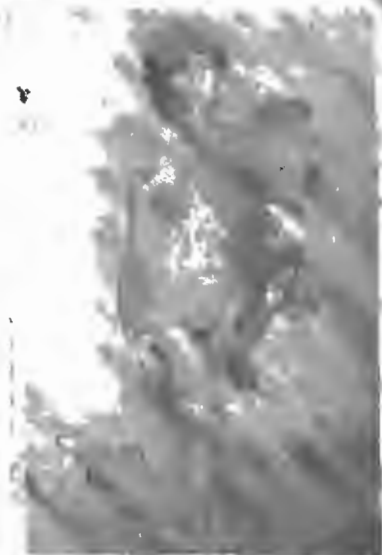
Índio Nambikuára.



Nambikuára Taitê.



Mãe e filha Tagnani.



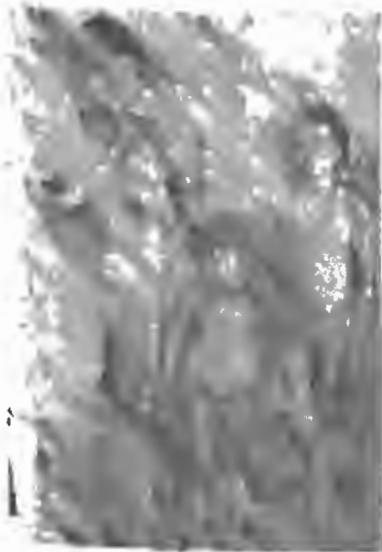
Mãe e filho Tagnani.



Índio Tagnani.



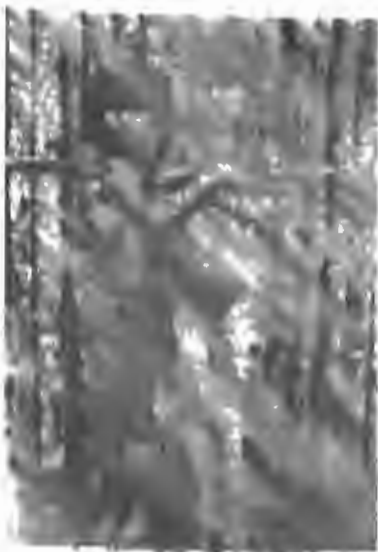
Índios da Serra do Norte.



Indias Nambikuára Tagnani.



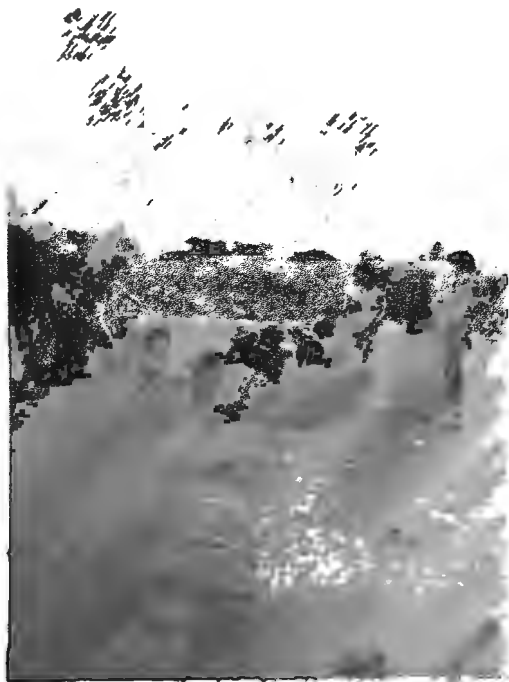
Indio Nambikuára.



Meninas Tagnani.



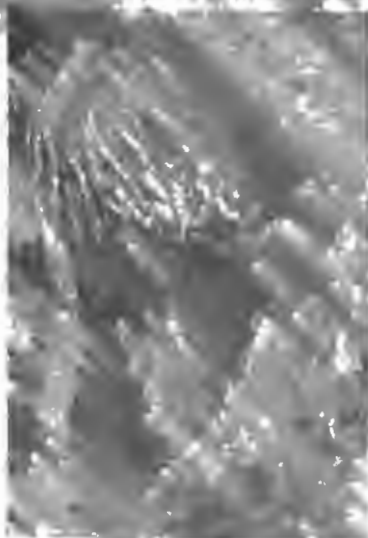
India da Serra do Norte.



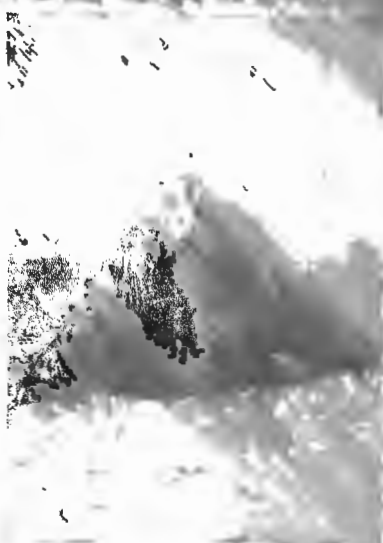
Distribuição de brindes — Aldeia do Iuua.



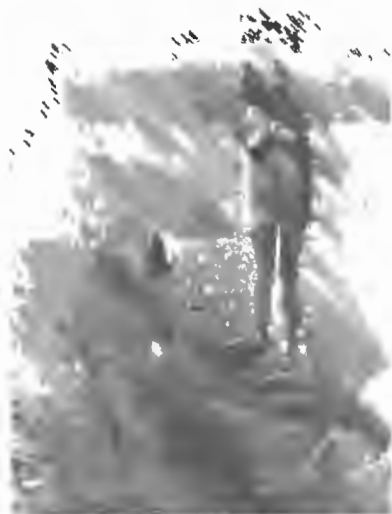
Indio da Serra do Norte flechando
por elevação.



Na porta da casa — Aldeia
do Rio Juina.



Kokozú á porta da casa
Rio Juina.



Aldeia de Nambikuáras.



Distribuição das casas de forma redonda e oval: (Segundo Nordenskjöld).

○ Redondas ou ovais, de caráter provisório.

Casas de caráter permanente:

● Cobertura que se prolonga em paredes (Casa em forma de colmeia).

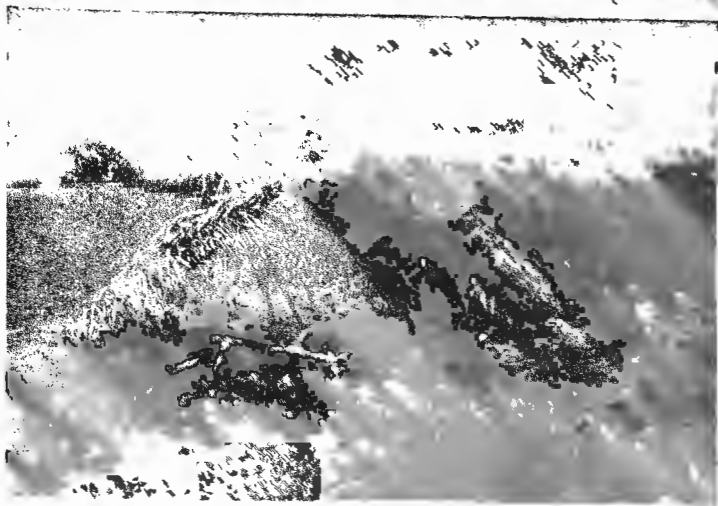
■ Distinção nitida entre cobertura e paredes.

▲ Paredes de pedra ou de tijolos secos ao sol.

10 — Araucanos. Cf. Guevara,
20 — Paressi. Cf. Max Schmidt.
28 — Bakairi. Cf. K. von den Steinen.
31 — Trio, Oyana. Cf. de Goeje.
33 — Campa. Cf. Otto Nordenskjöld.
36 — Ijca, Kögaba. Cf. Bolinder.

47 — Taulipang. Cf. Koch-Grüenberg.
61 — Tribus a NW do Amazonas. Cf. Whiffen.
64 — Huari. Cf. Nordenskjöld.
233 — Índios do Rio Mapuera. Cf. Condreau.
234 — Chipaya. Cf. Posnansky.
235 — Índios do Alto Guaporé. Cf. Feix de Lima.

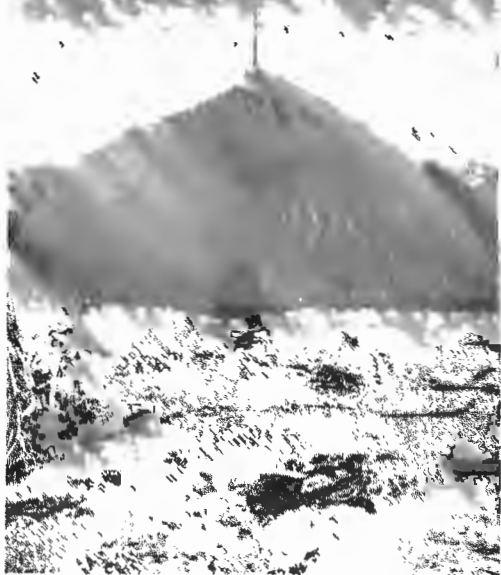
277 — Índios do Machifero (Alto Amazonas). Cf. Ortiguera.
278 — Índios Chuquimayo. Cf. Palomino.
2M — Uapixana, Taruma. Cf. Farabee.
5C — Nambikuara. Cf. Roquette-Pinto.
X3 — Piara. Cf. Chaffanjon.



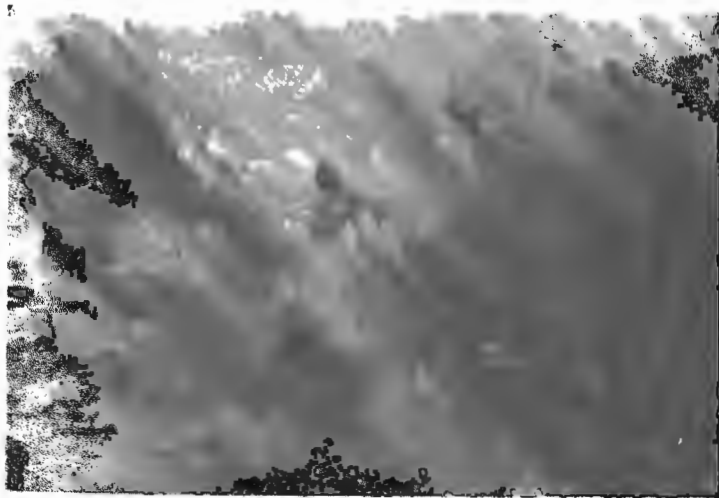
Toldos de caça — Índios do Rio Juna.



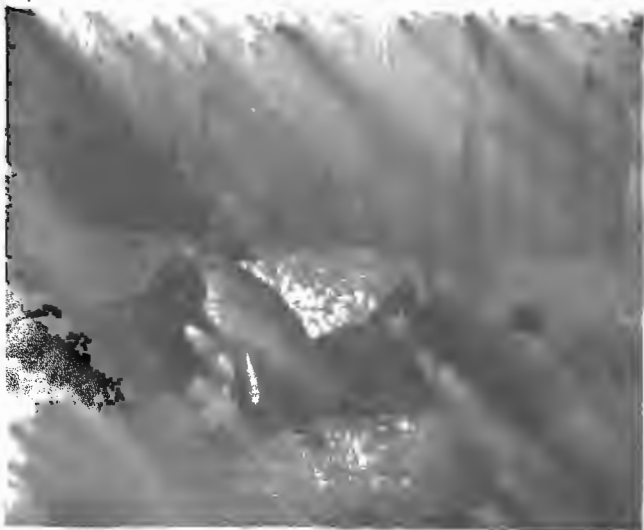
Índios da Serra do Norte.



Adeia Indigena.
Rio Festa da Bandeira (Karumi).



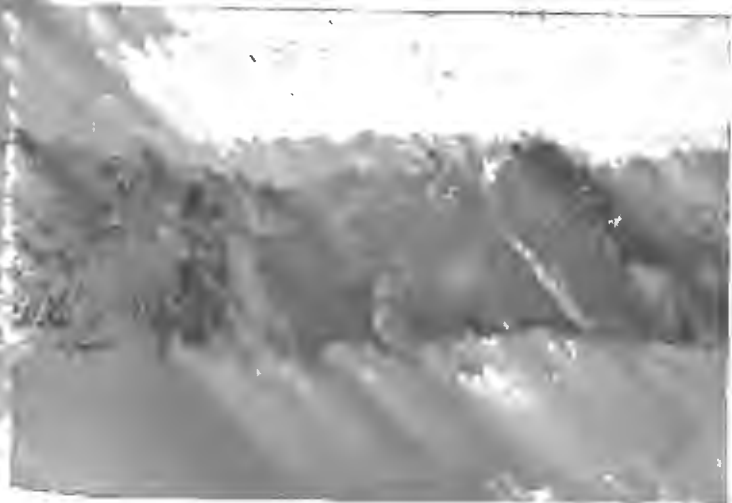
Adeia Nambikuara.



Nambikuáras — "Tres Buritis".



Crianças Nambikuáras.



Maloca — Río Juina.



Pingueta dos Indios — Río Juina.



Índios Uaiutaçá
Posto de Campos Novos.



Índio da Serra do Norte
Posto de Campos Novos.



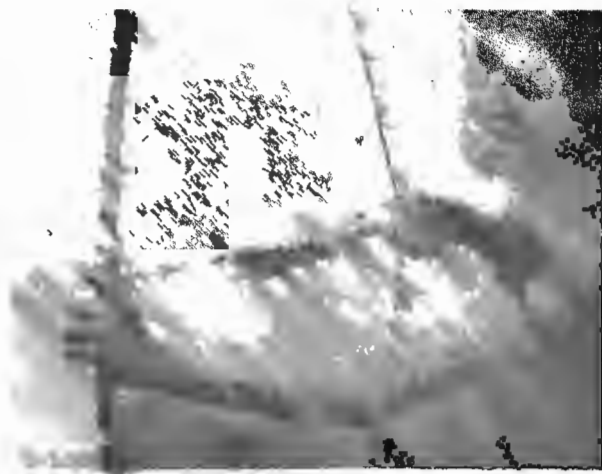
Casal de Kokuzús.



Nambikuára Anunzê (Pal de Nuleke)



Nambikuára — Kokoze.



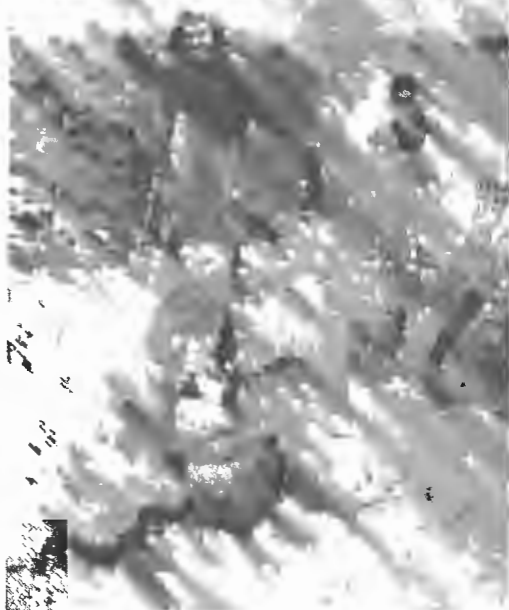
Indio Nambikuára flechando.



Mulheres Anunzê — Serra do Norte.



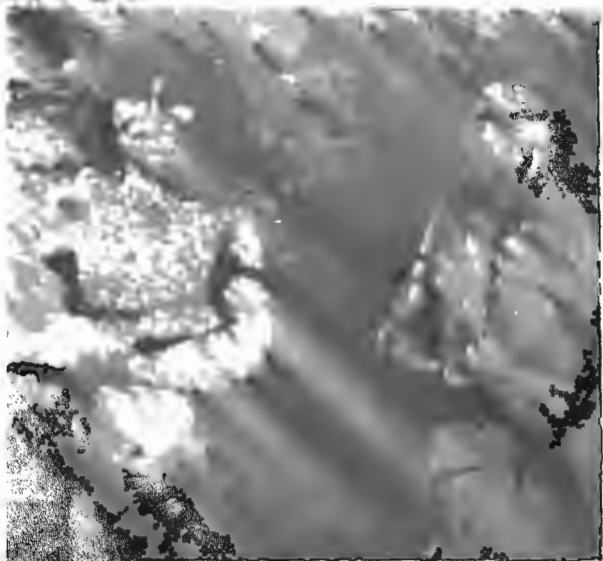
Acampamento dos Tautês — Em Tres Buritis.



Indios do Juina.



India do Juina.



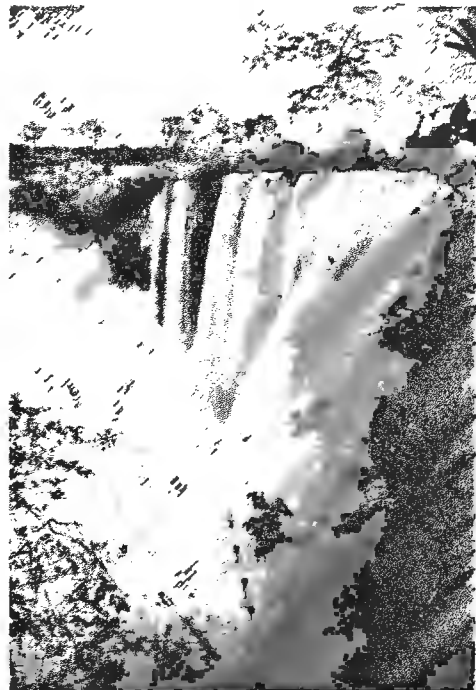
Indios da Serra do Norte
Estação de Utiariti.



Pareci e Nambikuára na Estação Telegrafica
de Utiariti.



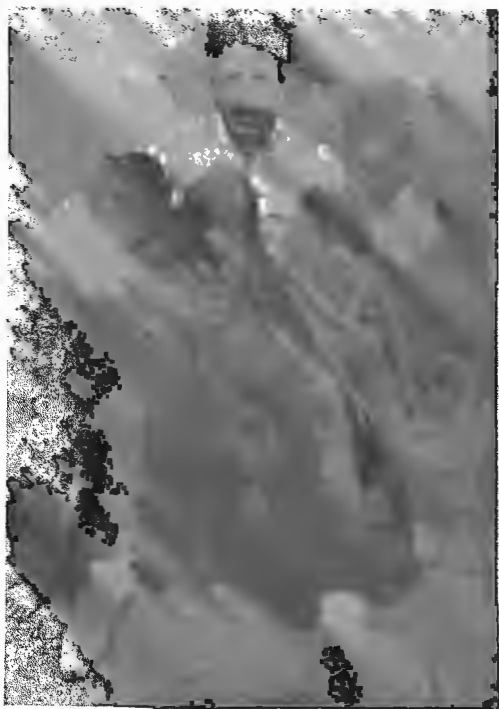
Rio Papagaio.



Salto de Utiariti, — Rio Papagaio.



Ponte sobre o Rio Papagalo.



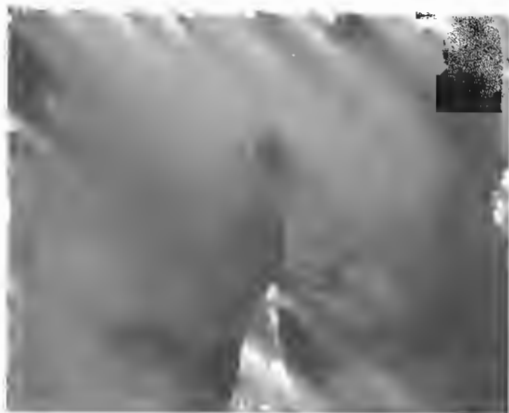
Entre os pequenos Kozarini (Foto Pyreneus).



"Chimbêre". Índia purú-borá do rio S. Mi-
guel. A coente tem lesões achromicas esca-
mosas do membro superior e do tronco.



Índio purú-borá mostrando na face e no
tronco lesões escamosas, circinadas, con-
fluentes de chimbêre, dermatose produ-
zida pelo "Epidemiochyton-raquettei" se-
da por J. B. de Brito e J. B. de Brito em London



"Tokelau" em indigena da Ilha de Formosa — Japão. (Photo Dr. A. Miabara).



"Endodermophyton roquetel". Cultura em malhose verdadeira de Chanut.



Filamento do "Endodermophyton roquetel": exame de uma escama de "chimbêrê" na solução aquosa de potassa a 40 %. Ocular 3. Obj. imm. 1/12.

Original de Olympio da Fonseca Filho.



"Chimbêrê". Indio purá-borá do rio S. Miguel. É o mesmo doente da fig. 2, visto alguns mezes depois, com extensa lesão achromica da parte superior do tronco, como si fôra um manto. (Photo B. Rondón).